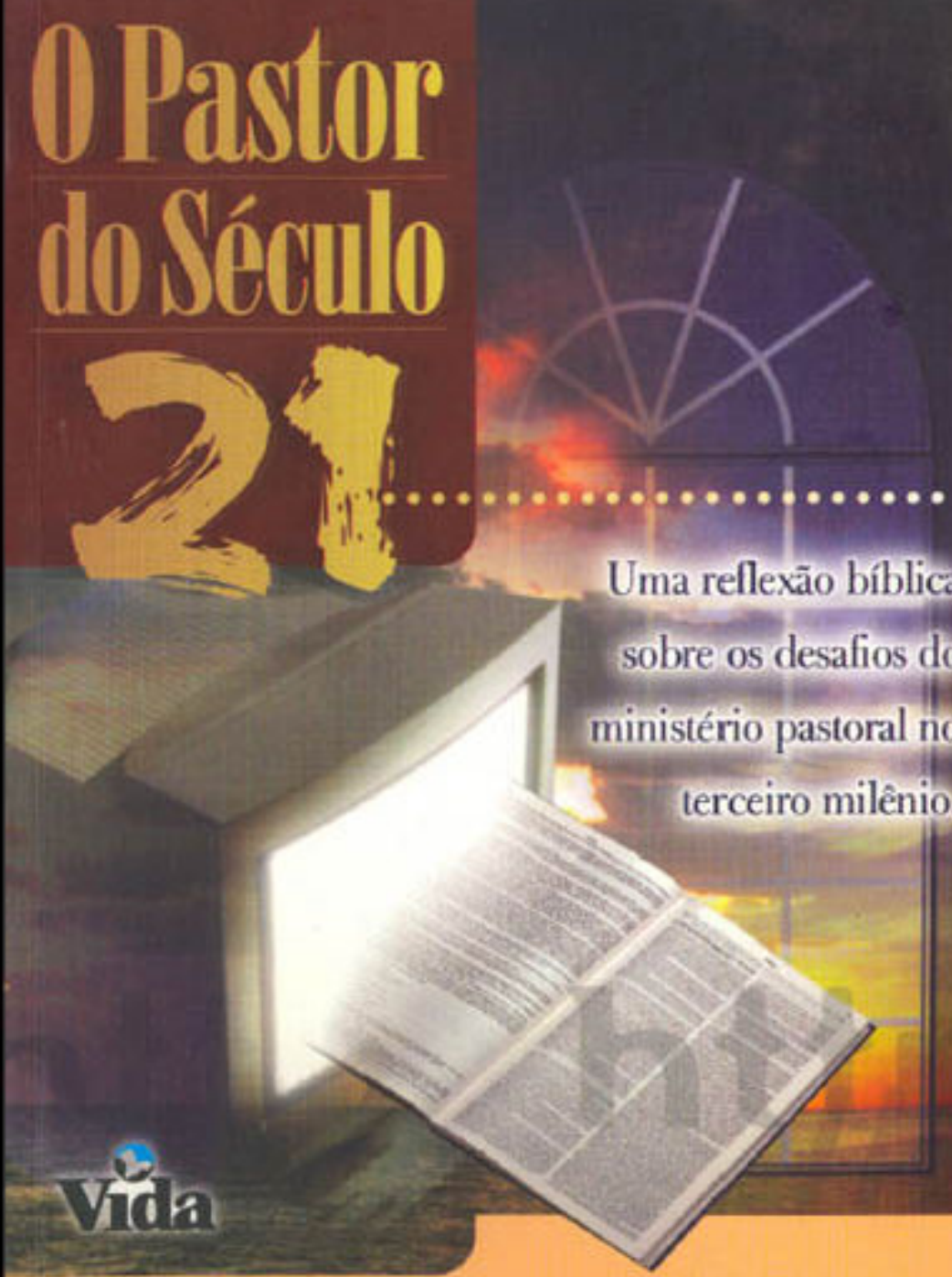
O Pastor do Século 21

Uma reflexão bíblica sobre os desafios do ministério pastoral no terceiro milênio.



Vida

DAVID FISHER

O PASTOR DO SÉCULO

21

.....

Uma reflexão bíblica sobre os desafios do ministério pastoral no próximo milênio

David Fisher

Digitalizado por Neuza
Enviado por id
Revisado por Neth

LANÇAMENTO
SEMEADORES DA PALAVRA

www.semeadoresdapalavra.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

SEMEADORES DA PALAVRA e-books evangélicos

ISBN 85-7367-368-0

Categoria: Ministério Pastoral

Este livro foi publicado em inglês com o título
The 21st Century Pastor por Zondervan Publishing House
©1996 por David Fisher
® 1999 por Editora Vida
Traduzido por Yolanda Mirsda Kríevin
1ª impressão, 1999 2ª impressão, 1999
Todos os direitos reservados na língua portuguesa por
Editora Vida, rua Júlio de Castilho, 280
03059-000 São Paulo, SP - Telefax: (0xx11) 6096-6833

As citações bíblicas foram extraídas da Edição Contemporânea da Tradução de João Ferreira de Almeida, publicada pela Editora Vida, salvo quando outra fonte for indicada.

Gerência editorial: Reginaldo de Souza
Preparação de texto: Mardônio Nogueira
Revisão de provas: Sérgio Pavarini e Rosa M. Ferreira
Capa: Nouveau Comunicação
Editoração eletrônica: Idéia Dois

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Introdução: Bem-vindos ao ministério.....5

PARTE 1 — QUATRO QUESTÕES CRUCIAIS PARA OS PASTORES
1. Quem sou eu? A questão da identidade pastoral.....11
2. Qual é o meu endereço? O significado da geografia 26
3. Que horas são? A questão da data.....42
4. De quem é esta Igreja? A questão da eclesiologia.....62

PARTE 2 — O RETRATO DE UM PASTOR
5. Prisioneiros de Cristo: A vocação do pastor.....80
6. Vasos de barro: O fardo do pastor.....101
7. Secretários de Deus: O impacto do pastor.....126
8. Ambos, mãe e pai: O coração do pastor.....142
9. Lavradores e edificadores: Zelando pela Igreja de Cristo 156
10. Servos e mordomos: O poder da integridade pastoral 184
11. Embaixador e pregador: A autoridade do pastor 208

Notas.....226

INTRODUÇÃO

BEM-VINDOS AO MINISTÉRIO

A CRISE PASTORAL

Ser pastor nos dias atuais é mais difícil do que em qualquer outra época de que se tem lembrança. Este século testemunhou o colapso do consenso cristão que manteve a cultura ocidental coesa durante séculos. A sua secularização empurrou as igrejas para as margens da consciência de nosso país. O relativismo moral, que acompanha uma visão secular da realidade, afeta profundamente a obra da Igreja e o seu ministério. De acordo com um levantamento da *Christianity Today* (Cristianismo Hoje),[1] 66% dos americanos crêem que não existe a verdade absoluta. De maneira significativa, entre os nossos jovens de dezoito a vinte e cinco anos de idade, o número é de 72%. A fé cristã prende-se a uma série de absolutos. Não nos causa admiração que o ministério inserido nessa cultura e a ela dirigido seja mais complexo do que nunca. Não nos causa admiração que os pastores e as igrejas sejam cada vez mais considerados curiosidades e até mesmo ameaças ao público.

O mundo experimenta uma transformação rápida e constante. Os terremotos e mudanças culturais encontram-se documentados nos livros *Racing Toward 2001* (Correndo para o Ano 2001), de Russell Chandler; *Church for the 21st Century* (A Igreja do Século 21), de Leith Anderson; e *Faith-Quakes* (Os Terremotos da Fé), de Leonard Sweet.[2] Basta dizer que cada um destes "terremotos" e mudanças afeta profundamente a Igreja e os pastores.

Como resultado dos '"abalos" e mudanças culturais, deparamo-nos com uma América cada vez menos cristã. George Hunter declara que 120 milhões de americanos são virtualmente seculares. Eles não têm mais influência, lembrança e vocabulário cristãos e nenhuma inclinação ou visão evangelística. Hunter acha que a América é o maior campo missionário do mundo ocidental. Ele destaca que a porcentagem de cristãos evangélicos praticantes em Uganda,

antes um campo missionário ocidental, é mais elevada que nos Estados Unidos.[3] O desafio para o ministério cristão é sem precedentes, e a oportunidade para a Igreja ser autêntica é assustadora —- mas apenas se mudarmos o modo de pensar a respeito da Noiva do Cordeiro e do ministério.

Hunter e outros desejam mudanças na maneira de exercer o pastorado. Temos de aceitar o fato de que trabalhamos em um campo missionário, para mudarmos o ministério e a Igreja a fim de atendermos à nova ordem. Loren Mead sugere que, no momento da passagem de um século para outro, experimentaremos uma reforma na Igreja e no ministério.[4]

Espero que sim. Contudo, uma imensa realidade impede a reforma: a evidência ampla indica que o ministério pastoral tem problemas. Greg Asimakoupoulos critica dois livros sobre a crise pastoral na revista *Leadership* (Liderança) com estas palavras: "Advertência: a lista das espécies ameaçadas cresce a cada dia. Junto às águias de cabeça branca, os coalas e as coalas pintadas, acrescentem outra: os pastores ordenados impulsionados pelo que fazem"? Ele declara que a maioria dos ministros americanos está em extinção.

Os dois livros a que Asimakoupoulos se referiu têm títulos sinistros: *Pastors ai Risk* (Pastores Ameaçados), de H. B. London e Neil Wiseman; e *Pastors off the Record* (Pastores Confidencialmente), de Stefan Ulstein. London e Wiseman citam um estudo que focaliza uma pesquisa na qual 70% dos pastores entrevistados disseram Não saber se permanecerão no ministério. A conclusão: "Os pastores sentem-se sem ânimo e freqüentemente ultrajados".[6]

Certo amigo me disse que abandonará o pastorado. Embora ame o ministério, ele se cansou de lidar com as mesquinharias que caracterizam a vida da igreja. Outro deixou as atividades pastorais porque, segundo suas palavras, "não agüentava mais a pressão". Por que tantos de nós começamos tão esperançosos e sonhadores e acabamos exaustos e desanimados?

O psiquiatra Louis McBumey diz que a falta, de auto-estima é o problema número um que os pastores enfrentam. Por quê? Exercemos uma profissão de muito trabalho e pouco reconhecimento, em uma cultura que não valoriza a

nossa área de atuação. Trabalhamos no meio de pessoas que têm expectativas nada realistas e, lá no fundo, esperamos muito mais de nós mesmos e da Igreja. Não nos causa admiração que o estudo de McBurney caracterize a depressão como o segundo problema pastoral mais identificado.[7]

O problema não é novo. Há cinqüenta anos os líderes da Igreja falam a respeito de uma "crise na atividade pastoral" e um "fermento no ministério". Em 1954, H. R. Niebuhr escreveu a respeito da Igreja e do ministério e chamou o pastorado de "profissão da perplexidade". Ele declarou corretamente que a crise no ministério é, antes de tudo, de identidade. As comunidades nas quais trabalhamos já não valorizam mais o nosso empenho como a sociedade respeitava a Igreja e o ministério antigamente. Prestamos um serviço para um mundo que já não o deseja mais. Os líderes religiosos são um anacronismo em uma cultura secular. Até as nossas congregações nos estranham. Os cristãos contemporâneos estão afetados pela natureza secular do nosso mundo mais do que podemos imaginar. Nós, pastores, somos diferentes por vocação, por treinamento e, com bastante freqüência, pela personalidade e pelos interesses. Trabalhamos e falamos das coisas divinas em um mundo que não reconhece o Senhor, em uma época em que não é politicamente correto falar abertamente de Deus. Cada vez mais somos empurrados para a marginalidade. O que é ser um pastor cristão em nossa sociedade? Quem somos nas igrejas neste final do século vinte?

O ÂMAGO DA CRISE

Após a publicação da obra de Niebuhr, mais livros saíram das gráficas em resposta a esta crise. Em 1960, James Smart observou corretamente que o problema vai além da tradicionalmente chamada "crise de identidade".[9] Isto é o sintoma de uma enfermidade eclesiástica sistêmica. Não existe uma teologia pastoral em nosso tempo. Pelo contrário, a prática do ministério transformou-se em teologia. A tarefa propriamente dita é o modelo. Seward Hiltner expõe a questão de outra forma. Ele escreveu que o pastorado não tem uma teoria unificadora pela qual se organize. O ministério já não se fundamenta sobre a teologia. O *Preface to Pastoral Theology* (Prefácio à Teologia Pastoral), de Hiltner

(1956),[10] foi a sua primeira tentativa de criar a nova teologia do ministério.

A antiga disciplina teológica chamada de "teologia pastoral" ficou perdida em algum ponto ao longo do caminho. Durante séculos cada tradição teológica tinha um texto pastoral clássico, e a teologia do pastor era a principal parte do currículo teológico. Na virada do século, a teologia pastoral desapareceu e foi substituída nos círculos conservadores pela "teologia prática" — "como" treinar pastores. Nas principais igrejas, o aconselhamento pastoral, no qual o pastor se tornava principalmente um conselheiro, era a nova disciplina. Na maior parte do protestantismo americano, a reflexão bíblica e teológica do pastorado acabou. A prática pastoral criou a teologia do ministério.

O *Preface to Pastoral Theology* mudou o aspecto do ministério na América. Ao protestar contra a falta de uma teologia pastoral, Hiltner propôs uma base psicológica e sociológica como teoria unificante para o ministério. O "cuidado pastoral" tornou-se cada vez mais terapêutico. "Pastorear", a antiga prática de cura das almas, tornou-se cada vez mais um aconselhamento. A educação pastoral clínica passou para o centro da educação ministerial.

Uma vez que a base era uma ciência social, e não teológica, a arte pastoral ficou reduzida à capacidade humana. A dimensão transcendente do ministério, seu fundamento no próprio Deus, foi retirada da teologia pastoral. Na verdade, a teologia pastoral propriamente dita desapareceu. Isso ocorreu quando o trabalho prático do ministério foi transferido dos departamentos dos seminários para uma divisão que tendia a descrever o ministério pastoral em termos humanos. A reflexão bíblica e teológica a respeito do ministério pastoral logo se desvaneceu. A reflexão a respeito da Igreja e seu ministério foi separada do corpo da teologia e agora é conduzida em um nível principalmente humano.

O mais curioso para mim é que os evangélicos abraçaram sem questionar os modelos de ministério não-teológico. Alguns os levam para a terapêutica e outros para os modelos gerenciais de ministério. Em ambos os casos, os evangélicos tendem a pensar na igreja e no ministério em termos humanos, uma forma de pensar nada reflexiva. É irônico que

a agenda teológica liberal, que se centralizava na antropologia, seja implicitamente defendida pelos conservadores. O resultado é, mais do que nunca, um fracasso da integração bíblico-teológica e, no seu âmago, uma base para o ministério que não é propriamente bíblica nem teológica.

Porém, um ministério pastoral equipado e fortalecido por esta geração deve ter um fundamento bíblico e teológico adequado. A metodologia sem uma base adequada é perigosa e, em última análise, sem poder. Em outras palavras, seria melhor que entendêssemos a nossa identidade, antes de começarmos a lidar com o trabalho da Igreja e do ministério no mundo atual. Não nos atrevemos a estabelecer funções pastorais fundamentadas em modelos humanos, pois realizaremos pouco para Deus. Observe como a identidade apostólica de Paulo descrita em Gálatas 1:11-24 forma o fundamento de sua exortação pastoral que vem a seguir.

A primeira parte deste livro apresenta questões críticas que habitam no âmago do ministério pastoral e fluem da verdadeira vida pastoral para o mundo moderno. Em ambos os casos, a resposta dada fundamenta-se na Cristologia e na Encarnaçàо. Essas respostas teológicas formam o alicerce para um ministério pastoral bíblico e ao mesmo tempo contemporâneo.

A segunda parte produz o retrato do pastor a partir de uma fonte bíblica ou apostólica. Enquanto *o fundamento* teológico para o ministério pastoral é a pessoa e a obra de Cristo, a *estrutura* para a vida sacerdotal encontra-se no ministério dos apóstolos, especialmente o de Paulo. Ele o descreve com uma variedade de metáforas, dez das quais desenvolvi nesta divisão do livro, a fim de reproduzir o retrato bíblico de um pastor. Cada metáfora está centralizada em Cristo e apresenta uma área diferente do ministério pastoral.

Uma compreensão bíblica e apostólica é a estrutura adequada para o ministério pastoral em tempos como estes e é o âmago de uma teologia para os dias atuais.

Parte 1

Quatro questões cruciais para os pastores

1. QUEM SOU EU?
A QUESTÃO DA IDENTIDADE PASTORAL

Como um raio, a verdade atingiu-me em cheio no último semestre do seminário: dentro de alguns meses eu seria um pastor evangélico. Assustado, comecei a estudar e orar de forma diferente. E, lá no fundo do coração, uma pergunta instigava-me constantemente: *o que eu faria todos os dias?* No princípio, a questão era muito prática. Logo se tornou mais básica e muito real.

SEJA BEM-VINDO, REVERENDO!

Em um dia de muito sol, no mês de julho, eu dirigia uma caminhonete com todos os pertences de minha família, através das montanhas, em direção a uma cidadezinha no Noroeste da Costa do Pacífico. Uma vez que me encontrava sozinho — minha esposa e meus filhos viriam depois — tive muito tempo para pensar e mais oportunidades para me preocupar. Quanto mais me aproximava da cidade, mais ansioso ficava. Algo indefinido e estranho me aguardava naquela localidade. Diminuí a marcha do carro para retardar o inevitável.

Porém, também estava emocionado. O seminário fora duro. Eu trabalhara em tempo integral para sustentar a família, mantendo ao mesmo tempo um rigoroso programa de estudo. Queria aprender tudo o que fosse necessário para sair, no poder do Espírito, e conquistar os principados e as potestades, em nome do Senhor. Um pequeno grupo de seminaristas reunia-se semanalmente para orar no último semestre. Como orávamos para que o fruto e o poder do Espírito Santo nos enchesse! Nós ansiávamos por fazer alguma coisa significativa para Cristo e sua Igreja.

Mas era assustador pensar que logo estaríamos nos púlpitos, para pregar em nome de Deus, e assentados em escritórios, a fim de aconselhar as pessoas pelas quais Cristo morrera. Eu estava profundamente consciente de que tinha 26 anos de idade e não possuía nenhuma experiência no trabalho que logo faria parte de minha vida. Tinha uma consciência crescente de que não estava preparado.

Entretanto, lã estava eu dirigindo montanha abaixo em direção ao meu campo missionário. Não podia parar a caminhonete nem o inevitável. Cedo demais, pareceu-me, entrei nos limites da cidade e dirigi-me à casa pastoral, que ficava ao lado de uma igreja branca, de madeira, com um século de existência. Eu me encontrava diante do cenário de uma pintura de Norman Rockwell.

O QUE ELES ESPERAVAM?

Lá, na paisagem entre as montanhas, eu era um seminarista recém-formado, um jovem com um compromisso. Agora, em um simples e misterioso momento, tornara-me um pastor evangélico. Três meses atrás, quando viera para ser entrevistado e preguei para a igreja, era um estudante. Em um ato de espantosa confiança, os membros elegeram-me o seu pastor. Eu era então um "pastor em treinamento", não o pastor real. Agora eu era alguém muito específico, um pastor - *o pastor deles.* A escola terminara; a realidade estava ali.

Quando atravessei os limites da cidade, entrei em um mundo de imagens e expectativas, nenhuma das quais escolhi e poucas das quais entendi imediatamente. Esperavam que eu desempenhasse um papel estabelecido pelos meus predecessores, os quais eu não conhecia. Mas eu sabia que eles haviam sido muito importantes para a comunidade. Falavam deles e os citavam. Alguns tinham uma reputação quase mítica. No entanto, queriam esquecer um deles. Eu vivia à sombra de meus antecessores e todos esperavam que vivesse à altura do melhor e fugisse dos caminhos daquele que ninguém queria lembrar.

Ouvi muito e prestei atenção para compreender e aplicar o significado de tudo. Algumas coisas eram muito boas. Meu predecessor imediato morrera um mês antes de eu chegar. Ele fora para ali a fim de concluir o seu ministério e jubilar-se. É triste dizer que ficou muito doente e seus

últimos anos foram difíceis para ele e a igreja. Mas a congregação o amava e aprendeu a cuidar de um pastor que estava para morrer. Um dia, ao ouvir alguém falar a respeito disso, tive o pensamento de que, se eles o amaram tanto, provavelmente me amariam também. E amaram.

Algumas das expectativas não eram tão boas assim. Uma senhora me disse: "Espero que o senhor nunca tire um dia de folga. Afinal, o reverendo Ketcham nunca tirou!". Os habitantes da cidade também tinham expectativas. Os cidadãos locais definiam-me segundo uma tradição comum de um século de existência. Eles esperavam certo tipo de comportamento de seus ministros. Essas expectativas raramente eram verbalizadas e, quando o eram, geralmente eu ficava surpreso. Uma vez, um membro de outra igreja me disse que o meu predecessor era um grande pastor, porque passava muito tempo com as pessoas de outras denominações. Tenho certeza de que criticava o pastor dele. De qualquer forma, de me recomendava que eu deveria passar menos tempo *com o* meu povo e mais com ele! Outro veio um dia me pedir para orar em um culto memorial da Legião Americana, no cemitério. Eu não o conhecia. Na opinião dele, os pastores deveriam orar pelos soldados mortos uma vez por ano.

Mas eu também tinha expectativas para com a minha igreja e comunidade. Meus antecedentes e treinamentos criaram todo um conjunto de fatores. Eu esperava que os evangélicos agissem como cristãos, os líderes liderassem e a congregação amasse a Deus e sua Palavra. Acima de tudo, deviam cuidar bem de mim! Afinal, eu lhes dava a minha vida. Uma vez que trabalhava para Deus e muitos deles achavam que esta era a vocação mais elevada do mundo, esperava que me respeitassem. Também achava que a cidade me devia o respeito que os ministros dedicados merecem.

Também tinha algumas expectativas vagas a meu respeito. Sabia que era professor e pregador da Bíblia. Em meu modo de pensar, isso era e é prioritário. Entendia que o ministério pastoral era mais do que sermões dominicais. Percebi durante o meu último ano no seminário que gastaria o restante dos meus dias na direção de igrejas. Na verdade, teria muito tempo para dirigir cultos públicos e pregar. Mas a adoração não fora ensinada em qualquer disciplina do

seminário que eu freqüentara. Por isso, rapidamente, matriculei-me em um curso particular, ministrado por um dinâmico pastor. Foi uma das melhores escolhas que fiz como seminarista.

Era necessário atuar como líder. Era uma parte implícita, mas muito real, de minha formação. Cresci ao lado de autênticos líderes, mas nada sabia a respeito de liderança, exceto a que presenciara. Tinha alguns poucos instintos ainda não manifestados. Meus professores no seminário nada falaram a respeito de liderança nas igrejas. Realmente não sabiam nada sobre isso, pois eram acadêmicos e a maioria deles não tinha experiência pastoral nem de liderança. Eles imaginavam que todo excelente pregador e professor era um líder. Mas rapidamente descobri que passaria o restante de minha vida na liderança do povo de Deus. Um experiente pastor me disse: "Tudo começa e acaba na liderança". Logo descobri que ele tinha razão.

Mais do que tudo, queria e esperava ser um sucesso, pela graça de Deus. Meu pai e seus amigos havia realizado alguma coisa importante para Cristo. Eles não pastoreavam igrejas grandes e conhecidas, mas sabiam o que o Senhor esperava deles. Viveram na firme confiança de que o Evangelho é o poder de Deus e de que o ministério pastoral fundamentado no Evangelho transforma vidas. Tanto naquele tempo como agora, o Senhor deseja que seus servos realizem grandes coisas para Ele. Eu desejava desesperadamente que Deus abençoasse o meu ministério com vidas transformadas e igrejas cheias de poder. Tudo isso parecia um fardo esmagador, enquanto eu entrava na cidade e estacionava a caminhonete em frente à casa pastoral. Desliguei o motor e aguardei os acontecimentos. Estava ansioso e excitado. Minha nova vida estava começando.

POR ONDE COMEÇAR?

Descarreguei a caminhonete com a ajuda de um oficial da igreja e de uma adolescente que apareceu e perguntou se podia colaborar. Retiramos as últimas caixas do carro e as levamos para o escritório que ficava ao lado da igreja. Elas continham meus preciosos e poucos livros. Fiquei ali, em meu novo escritório, entusiasmado com a vista da minha nova mesa e das estantes. Mas o entusiasmo foi logo vencido

pela ansiedade. No dia seguinte, começaria a minha vida pastoral. *O que faria?* Não tinha idéia, mas não conseguia esperar para começar.

Na manhã seguinte, logo cedo, fui ao escritório. Sentei-me e tentei imaginar o que fazer em primeiro lugar. Acho que faltei ã aula no dia em que ensinaram "como começar" na igreja. Por isso, na falta de uma idéia melhor, coloquei meus livros nas estantes, assentei-me e olhei atentamente para eles. *Por onde começar?* Fiquei pensativo durante um bom tempo. Sabia que o domingo aproximava-se e dois sermões eram esperados. Mas o que mais? O que dizer da direção, gerência ou liderança desta igreja? O que dizer das pessoas que eu pastorearia?

Achei que era conveniente descobrir uma lista dos membros da igreja, mas não sabia onde localizá-la. Enquanto procurava, uma secretária voluntária apareceu e explicou-me como trabalhar no mimeógrafo. Ela estaria de férias por um mês e os boletins agora seriam responsabilidade minha. Acho que também faltei no dia em que ensinaram a respeito de "mimeógrafos e matrizes". Esse não era o começo que eu imaginara. A secretária me disse que não existia lista de membros, mas era possível providenciar uma. Ela saiu. Fiquei sozinho dentro de um escritório, em uma cidade estranha. Era responsável por algumas centenas de pessoas, pela verdade divina e por um mimeógrafo.

Aprendi rapidamente as tarefas do ministério pastoral. Preguei mensagens, ensinei lições, visitei membros nos lares e no hospital, dei aconselhamento pastoral e conheci a cidade e os seus habitantes. O que esquecia de fazer ou não sabia como realizar, uma pessoa bondosa rapidamente me informava. Mas a pergunta atormentadora: "O que eu faço?", assumiu uma nova forma.

A QUESTÃO REAL

Conforme eu cumpria minhas obrigações — conhecer pessoas, cuidar da igreja, preparar os sermões e os estudos bíblicos e dirigir uma variedade de reuniões bem maior do que eu imaginava —, subitamente percebi que realmente não sabia *quem* eu era.

Porém, de uma coisa eu tinha consciência: era considerado diferente das pessoas comuns da cidade. No

hospital, era um dos "membros" do quadro de funcionários. No correio, não era simplesmente David Fisher, mas um dos pastores da cidade. Nos jogos esportivos, minha presença era notada e elogiada. Ao descer a rua principal, certo dia, imaginei que jamais seria considerado um homem "comum" — pelo menos não naquela cidade. Eu fora David Fisher por vinte e seis anos. Subitamente virei o "Reverendo Fisher". Uma nova identidade me fora dada e não seria apenas eu mesmo de novo. Acho que não gostei disso. Não me adaptei a alguns dos estereótipos que acompanhavam o título de *reverendo.*

Era convidado para os eventos cívicos simplesmente por ser um dos pastores da cidade. Participei de um café-da-manhã a convite do prefeito local. Até me sentei ao lado dele. Era um agradável benefício para minha atividade pastoral, pensei.

O administrador do cemitério deu-se ao luxo de providenciar um emprego para mim. Eu era muito jovem e o novo pastor na cidade. Possivelmente ele pensou que eu precisava de trabalho. "Para as 'balinhas' das crianças", disse ele. Ele precisava de mim também. Ele cria firmemente que ninguém devia ser sepultado sem um culto "cristão" adequado. Duas vezes, apenas três pessoas estiveram junto à sepultura: ele, o coveiro e eu. Eu não sabia se deva rir ou chorar.

Fiquei cada vez mais sem jeito, ao tornar-me "alguma coisa". Não gostava de ser definido por expectativas, cargos e títulos. Algumas pessoas me chamavam de "reverendo", outras de "pastor" e um homem sempre se referia a mim como "o pregador". Algumas pessoas perguntavam como deviam me chamar. Mas ainda me sentia como eu mesmo, apesar *dos títulos* e *funções* que me atribuíam.

As coisas iam muito bem. A igreja crescia e todos consideravam-me um sucesso. Muitas pessoas me admiravam. O papel de "reverendo" era bem executado, mas sabia que lã no fundo eu continuava o mesmo. A distância entre o que as pessoas pensavam e o que eu realmente era parecia aumentar. Às vezes é difícil ser ministro. Um dia, eu brincava com meus filhos no pátio entre a igreja e a casa pastoral. Um caminhão carregado de madeira passou em frente. O motorista buzinou e fez-me um gesto obsceno. Isso me perturbou profundamente. Quem eu era para aceitar esse

tipo de abuso? O indivíduo não me conhecia. Ele apenas viu um pastor e jogou em cima de mim sua carga de raiva e ressentimento. Em outra ocasião, quando eu realizava minha costumeira corrida matinal, parei para conversar com um fazendeiro que trabalhava com o seu trator. Ele era membro da igreja e tinha um papo interessante. Quando me afastei, ele gritou: "Se você tivesse um emprego de verdade, não precisava andar por aí correndo desse jeito!". Eu sabia que ele era brincalhão, mas por baixo de todo humor há sempre alguma verdade. *Quem sou eu para ele?,* Imaginei. Minha corrida diária até o correio assumiu outro significado.

Ter o título de *reverendo* certamente Não era tão ruim assim. Na verdade, a maior parte de minha vida pastoral era maravilhosa. A maioria da congregação me amava e gostava também da minha família simplesmente porque eu era o pastor deles. As pessoas queriam ser nossas amigas. Até mesmo passar uma tarde com um jovem casal, para que pudessem tornar-se nossos amigos, era afetada pelo fato de que eu era o seu pastor, algo "especial" para eles. Eu pensava de outra forma. Eles concordaram, mas acrescentaram "pastor". Eu me preocupei, porque eles não foram capazes de separar o cargo do homem. Além disso, tinha a insistente suspeita de que a maioria deles não me amaria tanto se eu fosse um pastor ruim. Havia mais coisas. Um senhor me telefonou e disse que sua esposa trancara-se no banheiro com uma arma, para se matar. Quando cheguei, ele já havia conseguido controlá-la e colocá-la na cama. Eu me sentei ao lado da mulher e ela se agarrou a mim com tanta força que me machucava. Disse-me que eu era o seu único elo com a vida. Quem realmente eu era? Esta questão de identidade tornou-se ainda mais nebulosa e um pouco assustadora. Eu realmente Não queria esse tipo de responsabilidade. Por causa disso, comecei a sentir-me intensamente desgostoso.

O administrador do cemitério me telefonou e disse que um ex-membro da igreja havia se suicidado. Era o meu primeiro funeral. Eu não conhecia ninguém no recinto, mas permaneci ali, para oferecer aos familiares uma palavra de conforto. Quem eu era agora? Uma coisa tinha como certa: para eles, era mais do que David Fisher, o seminarista recém-formado. Para essas pessoas eu era "alguma coisa", e

elas esperavam algo de mim. Mas eu não sabia o que eles necessitavam; e eles, provavelmente, também não.

Uma mulher com um passado comprometedor aceitou a Cristo e resolveu me contar seu estilo de vida pregresso. Ela desejava exorcizar algumas lembranças horríveis e hábitos destrutivos. Ela pensava que, por ser um homem de Deus, eu seria capaz, de ajudá-la a endireitar sua vida distorcida. Sua história de perversão sexual e violência era incrível e grandemente perturbadora; mas ela esperava que, mediante meu conselho, consertaria sua vida destroçada. Quem era eu para isso?

Até mesmo os deveres rotineiros estavam cheios da questão de identidade. Visitava as pessoas no hospital regularmente. Quem eu era? Um jovem simpático? Um vizinho e amigo? O pregador?

E, sem dúvida, havia a inevitável questão: quem eu era quando voltava para minha mulher e filhos? Eles conheciam o meu verdadeiro eu, e não o "reverendo". Eles não desejavam um pastor em casa; eles queriam a mim. Isto estava cada vez mais complicado. Eu me tornara uma porção de coisas para muitas pessoas. Como iria equilibrar todos esses papéis? Poderia assumir tantas posições com integridade?

E quem éramos nós, minha esposa e eu, quando estávamos juntos? As pessoas tinham tantas ou mais expectativas com relação a ela, a '"primeira-dama" da igreja. Ela não era simplesmente qualquer mulher, e nós não éramos uma família comum. Gostasse ou não, éramos modelos para a comunidade. A questão era: exemplos de quê?

Conversei com meus colegas de ministério e descobri que eles estavam tão incertos quanto eu. Cada um deles tinha uma função distinta e todos exerciam papéis diferentes em suas congregações. Um deles julgava-se evangelista. Outro, achava que era um reformador social. Outro visitava os lares e o hospital durante o dia. A autocompreensão de suas esposas era tão diversa quanto a deles. Algumas eram companheiras de ministério; outras, não. A participação delas na vida da igreja variava muito.

No retiro dos ministros de minha denominação, busquei orientação de meus colegas mais experientes, mas não obtive uma noção clara da identidade pastoral entre eles. O meu maior amigo queria desesperadamente deixar o

ministério. Ele procurava um meio para desvencilhar-se de sua "vocação". Preocupei-me muito com isso. Também fiquei cada vez mais insatisfeito com meus deveres e atribuições pastorais. Aprendi que há pouca satisfação na execução de tarefas sem uma identidade clara e fundamental. Nada no seminário me preparou para esta crise de identidade. Eu sabia quem eu era às 11 horas da manhã de domingo. Minhas raízes evangélicas e meu treinamento eram certos. No ato da pregação eu era o arauto do Senhor que proclamava a Palavra de Deus com poder. Mas quem eu era nas outras 167 horas da semana? Certamente *não* andava por aí como pregador o tempo todo!

Também ficava perturbado porque o desempenho e as expectativas na igreja e na comunidade não demonstravam ter nenhuma base bíblica ou teológica. Os pastores faziam determinadas coisas simplesmente porque era o que eles deviam fazer. Não eram muitas as pessoas que estavam interessadas em discutir o dever bíblico de um pastor, e poucas queriam lidar com a questão subjacente e fundamental: o que é um ministro do Evangelho?

Revi minhas anotações do seminário e nada encontrei que me ajudasse. Provavelmente eu também havia faltado nesse dia! Percebi que nunca tivera uma conversa a respeito da identidade pastoral que fosse além do "pregador". Procurei desesperadamente literatura contemporânea sobre o assunto. Não foi uma busca fácil. Eu tinha de partir do nada, uma vez que, curiosamente, meu curso ignorava o ensino nesse campo. Li a respeito de "agentes de mudança", "pastores-mestres", "teologia relacionai", "diretor pastoral", "pastor reformado", "treinadores" e "pastor como gerente" — todos modelos recentes para o pastorado. Eram alguns dos vinte e tantos modelos contemporâneos de ministério disponíveis no momento. Eu não me identifiquei com nenhum deles. Estavam muito longe da vida da igreja de uma pequena cidade e de minha experiência pastoral emergente. Meus colegas nas igrejas grandes e pequenas, rurais e urbanas, pareciam tão confusos quanto eu. A pergunta tomou vulto: "O que é um ministro do Evangelho no final do século vinte?".

A literatura a respeito do ministério pastoral contemporâneo é notavelmente diversificada. Mas tende a concluir que estamos no ápice da crise e que pelo menos

parte do problema é a identidade pastoral em nossa sociedade moderna. Minha luta pessoal era uma pequena parte da realidade maior do ministério em nosso tempo. A profunda ironia é que, embora seja uma questão fundamental no âmago do ministério, em três anos de seminário a questão nunca foi levantada.

Agora, eu estava a mais de 3.000 km do seminário e a quase 200 km da biblioteca teológica mais próxima, sentado em um pequeno escritório com meus cem livros. Os poucos que eu tinha a respeito do ministério pastoral apenas aguçaram minhas dúvidas. Meus colegas estavam tão confusos quanto eu. E minha maravilhosa congregação, por mais simpática que fosse, não podia caminhar comigo por essa estrada.

UMA RESPOSTA SURPREENDENTE

A ajuda veio de maneira inesperada. Certa manhã, eu lia 1 Tessalonicenses. Subitamente uma metáfora viva saltou da página bíblica e acenou-me, e minha vida nunca mais foi a mesma. Paulo disse à igreja em Tessalônica (2:7) que ele fora gentil como uma mãe que cuida de seus filhos. Eu fiquei perplexo. Nunca pensara em mim como mãe, e certamente não imaginara ser meu ministério semelhante a uma maternidade. A idéia simplesmente explodiu em minha cabeça.

Continuei a leitura. Paulo acrescentou algo à metáfora: ele também fora um pai para os tessalonicenses (1Ts 2:11). O apóstolo, além de mie, considerava-se um genitor pastoral. Eu nunca pensara em Paulo como pastor operante. Esta metáfora de dois lados indicava para mim que ele tinha uma profunda autoconsciência pastoral. Comecei a procurar outras metáforas nas obras do apóstolo que revelassem o seu senso de identidade pastoral. Encontrei-as por toda parte: lavrador, arquiteto, oleiro, general, mordomo, embaixador, escravo, edificador, arauto etc.

Então, concluí que Paulo estava fornecendo a identidade pastoral que eu tanto procurava. Será que a experiência dele seria o meio de eu iniciar minha busca de identidade e a estrutura de uma teologia pastoral? Conforme eu estudava, descobri que as metáforas de Paulo reunidas forneciam um

retrato competente e poderoso de um pastor. Ali estava a resposta que eu desejava.

Paulo e os demais apóstolos do primeiro século viveram em circunstâncias similares às nossas. Eles representavam uma fé na marginalidade da vida de seu mundo. Com mais freqüência do que nunca, sua mensagem era desprezada pela cultura mais ampla, tanto dos judeus como dos gentios. Paulo podia declarar que ele e seus companheiros eram *"o* lixo deste mundo,... a escória de todos" (1Co 4:13) e o Evangelho era "escândalo para os judeus, e loucura para os gregos" (1Co 1:23).

Imagine a primeira visita de Paulo à orgulhosa cidade de Corinto. Se a descrição a respeito do apóstolo estiver correta, ele era um homem de baixa estatura, curvo e calvo. Ele entrou em uma cidade que exibia estátuas de físicos perfeitos e glorificava o poder econômico e o valor filosófico. Além disso, a cidade era uma pocilga de perversão moral revestida de religiosidade. Paulo viera para lhes dizer que a espiritualidade deles era defeituosa e a resposta às necessidades deles estava em um homem do Oriente próximo, um judeu, para ser mais claro. Este Salvador era o Senhor que fora crucificado, a fim de pagar pelos pecados deles, ressuscitara dos mortos e exigia pureza moral de seus discípulos. Falou de uma mensagem alienante! Não foi a toa que Paulo confessou ter entrado em Corinto com temor, fraqueza e muito tremor (1Co 2:3).

Ele sabia tudo a respeito das expectativas nada realistas. A igreja em Corinto se excedia nesse sentido. Ela não gostava da aparência do apóstolo, de sua personalidade, nem de seu estilo. Eles diziam: "Pois as suas cartas... são graves e fortes, mas a presença pessoal é fraca, e a palavra desprezível" (2Co 10:10). Eles tornaram claro a Paulo que esperavam alguma coisa totalmente diferente dele como líder. Isso o machucou exatamente como fere a nós. A segunda carta que ele escreveu aos Coríntios é a mais autobiográfica de suas epístolas, e suas páginas tremem cheias de agonia e lágrimas, por causa da rejeição pessoal e pastoral.

Não penso que foi por acidente que a maioria das metáforas pastorais de Paulo encontra-se em suas cartas aos membros da igreja de Corinto. Ele lutava com a sua identidade pastoral contra todo tipo de pressões culturais e

eclesiásticas. O apóstolo não tenta esconder sua humanidade, mas nos inclui em sua luta enquanto nos fala a respeito de seus sentimentos como pastor. Paulo também foi atacado em Tessalônica. Alguns o acusavam de utilizar-se da bajulação e desonestidade, para tirar dinheiro dos cristãos. A primeira parte da carta é um lembrete do apóstolo que, quando ele estava em Tessalônica, era honesto e, acima de qualquer suspeita, seu discurso era marcado pela autenticidade e acompanhado do poder de Deus. Na verdade, Paulo lembra à igreja que foi gentil como uma mãe que cuida de seus filhinhos e os encorajou como um pai que orienta seus filhos. Esses são retratos poderosos de um pastor. Mas por trás das metáforas encontra-se uma verdade ainda mais poderosa. Paulo sofreu muito para que os cristãos de Tessalônica soubessem que, embora o seu amor por eles fosse profundo e sacrificial, ele recebia ordens de Deus, não deles. Sua motivação era agradar ao Senhor e o seu fim era ganhar o elogio *do* Salvador (1Ts 2:4).

Em outras palavras, a forte identidade pastoral de Paulo estava enraizada em Deus. O Senhor fez dele um pastor, equipou-o com as ferramentas de um apóstolo e enviou-o a Tessalônica. Jesus fez de Paulo a mãe e o pai na fé dos tessalonicenses. Todas as acusações do mundo jamais abalariam essa firme convicção. Até mesmo o louvor e a admiração das igrejas não alteravam o fato de que ele recebia as devidas orientações de Deus, e não do mundo ou da igreja.

A última parte de 1 Tessalonicenses 2:6 esclarece o senso inabalável da identidade de Paulo. Era "como apóstolo de Cristo" que ele foi mãe e pai para os cristãos de Tessalônica. Ele recebia ordens do Senhor da Igreja, e o conteúdo de sua obra pastoral vinha de seu Salvador. Ele era materna 1 como foi gentil o Cristo que o enviou. Era paternal como o seu Senhor ensinou e treinou os seus discípulos. A pessoa de Paulo e sua obra pastoral estavam enraizadas no Filho de Deus. O modelo do apóstolo para ser um pai na fé não veio de sua experiência humana, mas de Deus, conforme revelado em Jesus Cristo (para saber mais sobre isto, leia o capítulo 8).

Para um cristão, a questão da identidade é mais do que psicológica. Se a nossa luta é simplesmente contra uma perda de significado, a resposta será estritamente humana e

virá na forma de terapia ou algum senso de auto-estima mais elevado. Essa não é a resposta para as pessoas que foram criadas por Deus e renovadas por Cristo. Nossa identidade precisa encher-se do conteúdo cristão, isto é, deve estar enraizada em Deus, formada por Cristo, a fim de receber o poder do Espírito Santo.

Para os ministros do Evangelho, a questão de nossa identidade é muito mais profunda do que os modelos profissionais ou a adaptação cultural. Certamente, é mais do que recuperar um pouco de nosso respeito perdido no contexto da cultura ou da igreja. Nossa identidade, nosso senso de vocação e nossa missão devem estar fundamentadas nas Escrituras e cheias de integridade teológica.

É bom recebermos nossas orientações apenas de Deus, conforme Ele se revelou em Cristo. Embora a cultura contribua com uma parte muito significativa para a nossa formação e função como pastores, não devem vir dela as nossas principais orientações. E, embora as igrejas que servimos sejam subculturas com seus próprios estilos, formas, tradições e expectativas, elas não devem nos dar as ordens. Mesmo que a arte da administração tenha muito a oferecer à Igreja e aos pastores em um mundo que se transforma rapidamente, as técnicas de gerência não podem definir a obra dos servos de Deus.

Minha crise de identidade era, em parte, meu profundo anseio de significado em um mundo que não pode dar muitas orientações a um ministro de Deus. Instintivamente, adaptei-me à minha cultura e à subcultura da igreja, a fim de descobrir esse significado. Desconfio que minha fome de seminários e *livros é* alimentada pelo *mesmo* desejo. Ao longo da vida, aprendi a receber minhas orientações do próprio ambiente que me cercava. Porém, isso é um beco sem saída. Nosso meio pode até nos dar significado, mas é seriamente limitado. Este mundo não pode fornecer mais do que ele pode criar! Se nossa afirmação vem apenas de fontes terrenas, temos apenas um recurso humano deficiente. Se nossa cultura cada vez mais despreza a fé cristã, como podemos imaginar que ficaremos satisfeitos quando buscarmos nela a afirmação? A igreja pode dar aos seus ministros maravilhosa satisfação; mas, se o nosso trabalho ministerial é o que nos

dá as nossas orientações, essa é uma esperança realmente muito limitada. Os cristãos sabem amar; contudo, como somos humanos, amamos condicionalmente. Os melhores pastores devem compreender que, se ficarmos subitamente aleijados ou perdermos nossa capacidade de trabalhar, grande parte de nossa afirmação vai desaparecer.

Portanto, saibamos que nossas principais orientações vêm de Deus. Nossa identidade encontra-se em seu Filho, que nos chamou para o seu serviço. Aprendamos a viver sob o sorriso de Deus, cientes que a alegria humana não passa de glacê no bolo divino. Nosso senso de propósito e sucesso deve vir de nossa identidade como servos de Cristo. Nossa maior dificuldade é mantermos o delicado equilíbrio entre a descoberta de nossa identidade e as ordens de avançar em Cristo e amar a igreja com a sensibilidade adequada. A natureza humana tende a nos levar em uma destas direções. Podemos ficar tão cheios de nossa identidade como servos do Senhor, que nos tornaremos antipáticos e insensíveis. Ou reagimos com tal profundidade ao nosso povo e às necessidades dele (afinal, somos pastores!), que recebemos a nossa identidade e medimos nosso valor por ele. A maioria de nós fica insegura e procura agradar às pessoas, sendo facilmente manipulada para o bem ou o mal. Contudo, vivemos sob as ordens de Cristo. É uma situação difícil de ser compreendida.

Paulo combina os dois lados da equação pastoral no mesmo parágrafo de 1 Tessalonicenses 2. Ele não busca o louvor da igreja ou de alguém (v. 6). Mas foi brando entre eles "como a mãe que acaricia os seus próprios filhos".

Lã no fundo de seu coração, Paulo considerava-se propriedade de Cristo. Jesus, o Senhor da Igreja, o chamou para um ministério no qual ele permaneceu como pastor e apóstolo. Tudo o que fez fluía de seu profundo senso de estar sob as ordens de Cristo. Este é o fundamento da identidade pastoral cristã.

Ao mesmo tempo, Paulo podia dizer que se fez tudo para com todos (1Co 9:22). Ele era sensível ao seu ambiente e ajustava o seu ministério à igreja e à comunidade. Entretanto, esta formação cultural e eclesiástica, embora fosse crucial, era edificada sobre o sólido fundamento de sua identidade em Cristo.

Tenho um amigo que é um pastor de muito sucesso. Milhares de pessoas são arrebanhadas para ouvi-lo pregar. Sua igreja é um modelo de evangelismo e discipulado. Um dia, ele fez uma declaração assustadora. Ele disse: "Eu não recebo nenhuma retribuição do meu trabalho nesta igreja". Ele afirmou ainda que a sua satisfação vinha de sua comunhão com Cristo, seu casamento e seus filhos. Eu ainda não cheguei lá. Desconfio que a teologia do meu amigo é mais forte do que a sua experiência e aí é que está o segredo. É verdade que Deus chama os seus servos para um trabalho divino e maravilhoso. Também é certo que trabalhamos em um ambiente muito humano. Eu ainda convivo com estereótipos, papéis e expectativas. Ainda estou cheio de dúvidas e temores. Com freqüência não me sinto bem como pastor. Quero a ratificação humana e o respeito da comunidade. Às vezes, não gosto de ser pastor, especialmente quando existe algum abuso.

Mas sei que Paulo estava certo. Sou um servo de Cristo. Esse é o fundamento de minha vida. Lá no escritório daquela igreja rural, descobri que Jesus me chamou para este trabalho com o propósito de que eu pastoreasse aquela parte de seu povo. Tudo mais no meu ministério flui desta convicção fundamental. Quando lembro quem sou em Cristo e submeto-me a esse chamado, sinto-me livre e, desconfio, um pastor melhor.

2. QUAL É O MEU ENDEREÇO?

O SIGNIFICADO DA GEOGRAFIA

No final da década de 70, o Instituto Alban realizou um estudo para pastores em seus primeiros anos de atividade. Para surpresa dos organizadores, descobriram um grupo de pessoas cheio de problemas. O título do estudo resume bem isso: *Cruzando os Limites entre o Seminário e a Igreja.*[1] O estudo revelou que os limites entre o seminário e a igreja são vastos e que a viagem por esta grande lacuna gera ira, mágoa, perda, dúvidas e desilusão. Prejudica casamentos, questiona a identidade pessoal e até aumenta a vulnerabilidade às doenças.

A lacuna entre o seminário e o ministério na igreja é apenas uma das fronteiras que o pastor tem de atravessar. A geografia é outra. É um campo imenso feito de uma variedade de fronteiras menores. A travessia pode ser dolorosa, mas é crucial para que o ministério pastoral seja eficiente. Os pastores precisam conhecer o seu endereço.

410 WEST BROADWAY
GOLDENDALE, WASHINGTON 98620

A primeira etapa de meu pastorado deu-se no seguinte endereço: 410 West Broadway, Goldendale, Washington 98620. Cada parte dessa localidade deu grande significado ao meu ministério naquele lugar. Logo descobri que Washington, como todo o Pacífico Noroeste, reverencia a vida ao ar livre. O espírito dos pioneiros ainda vive. A declaração freqüentemente é esta: "Criamos este país sem Deus, c não precisamos de Deus agora". Washington tem uma das taxas mais baixas de membresia

eclesiástica do país. As igrejas na parte oeste de Washington, onde eu morava, eram pequenas, mas lutadoras, características comuns da vida religiosa naquele tempo. A sobrevivência era uma questão real.

A América das pequenas cidades

Eu morava e pastoreava em uma pequena cidade de três mil habitantes. Como muitos povoados, parecia estar em declínio — pelo menos as pessoas pensavam assim. O comércio tinha dificuldade para sobreviver, porque a cidade maior, a trinta milhas ao sul, vendia produtos mais baratos. A maior empregadora na cidade, uma serraria, mal conseguia sobreviver e o seu futuro era incerto. Os preços flutuantes dos cereais e os elevados custos de manutenção mantinham os fazendeiros sempre atentos. As pessoas tinham uma inclinação para desanimar a respeito de sua cidade, embora a amassem muito. Muitos se lembravam com saudade dos velhos tempos. Logo uma grande fábrica de alumínio mudou-se para perto e trouxe um fluxo de pessoas, muitas das quais nos pareciam muito diferentes e ameaçadoras para os valores de nossa comunidade. Havia rumores na cidade a respeito do tráfico de drogas e comportamento imoral. Esses acontecimentos mudaram o caráter da cidade, de maneira que muitos passaram a achá-lo pouco sadio e a considerar os velhos tempos ainda mais luminosos.

As mudanças são sempre difíceis de se realizar em uma igreja, mas são particularmente complicadas quando o ambiente cultural enche-se de desânimo e nostalgia. Descobri que a comunidade e os líderes da igreja eram muito cautelosos e até mesmo desconfiados. O futuro não lhes parecia favorável e este sentimento revelava-se em suas atitudes. Não era como a igreja do subúrbio em que eu havia crescido. Descobri o poder do endereço de uma igreja.

Ministério em uma igreja pequena

Meu endereço na West Broadway também servia como ponto de referência da igreja. Aquela rua era um dos principais logradouros da cidade e o local indicava que éramos uma das igrejas estabelecidas com um século de história e tradição. Alguns dos descendentes dos pioneiros que fundaram a cidade e a igreja eram seus membros. Nossa denominação, junto com os metodistas

e luteranos, ainda tinha alguma influência na cidade, ao contrário das igrejas mais novas.

Minha congregação era formada por um cativante grupo de filhos de Deus que representava uma parte significativa da comunidade. Tínhamos membros nas escolas, na prefeitura, na rua principal, na serraria e, mais tarde, na fábrica. Tínhamos condições de alcançar todos os seus moradores e influenciar a vida da cidade. O maior impedimento para a mobilização da igreja no sentido de criar impacto na comunidade era eu. Desde a adolescência, eu havia morado em uma grande cidade industrial do Centro-Oeste. Fui educado e formei-me no seminário em um próspero subúrbio de Chicago. Não sabia naquele tempo, mas havia trazido um mundo de idéias, pressuposições, atitudes, valores e expectativas do antigo para o meu novo endereço na América rural.

Mais paralisante era a minha conscientização de que o seminário não me preparara para nenhuma forma de expansão ou evangelismo. Fomos ensinados que a pregação expositiva e o ensinamento bíblico eram ferramentas suficientes para toda a obra ministerial. Ocasionalmente o cuidado pastoral era mencionado, mas parecia um adendo. O evangelismo não fazia parte do currículo nem das discussões em classe. Eu começava do nada em um endereço estranho.

O ministério pastoral
na América das cidades pequenas

Rapidamente aprendi que o meu novo endereço era um mundo bem diferente. Estava a duas mil milhas do meu seminário, porém, encontrava-me ainda mais distante da cultura de minha congregação. Era um estrangeiro em uma nova terra.

Eu via o mundo através das lentes manchadas utilizadas por cada uma das pessoas em meu novo endereço. A América das cidades pequenas era uma terra estrangeira para mim. Uma das fronteiras que eu tinha de transpor era a sociologia rural. Os únicos indivíduos com formação universitária na cidade eram os professores que, como os pastores locais, vinham de fora. As coisas eram feitas por caminhos já estabelecidos e novas modalidades não eram toleradas, especialmente se a sugestão vinha dos de fora. Por exemplo, quando os professores da escola pública entraram em greve, a junta executiva realizou diversos debates abertos. Fizeram isso provavelmente para mostrar aos professores, muitos dos quais

vinham de fora, como a paralisação não tinha o apoio da população. Em um dos debates, um membro da diretoria sugeriu que esses professores ingratos deviam pagar ã escola, para vir à nossa comunidade e respirar nosso ar puro das montanhas. Fiquei perplexo e também confuso. Eu fazia parte desse estranho endereço?

Lembro-me de que fiquei na fila, a fim de votar uma proposta para a edificação de um novo prédio escolar. Conversava com algumas pessoas veementemente contrárias a essa construção. Uma delas, membro de minha igreja, falou a respeito de como fora educada em uma escola de sala única, que era suficientemente boa para aqueles garotos. Mas o superintendente e muitos outros professores também eram membros de minha congregação. Descobri que nas cidadezinhas as pequenas coisas afetam fortemente as pessoas. Assim como a greve dos professores, o novo prédio dividiu a comunidade e a igreja.

Imaginei como fazer as coisas em um lugar como esse. *Como poderia alguém viver nesse endereço diferente e fazê-lo funcionar para o reino de Deus?* Desesperadamente, desejei realizar um curso de sociologia rural.

Também descobri que, embora essa congregação amasse profundamente a Bíblia e quisesse aprender mais sobre ela, eu precisava recuperar o meu vocabulário anterior ao curso no seminário e de alguma forma lembrar como pensava antes de meus estudos teológicos. Eu tinha de aprender a me comunicar em linguagem e formas de pensamento compatíveis com uma congregação de uma cidade pequena. Precisava entender como o dono da serraria e o maquinista da usina viam o mundo e compreendiam a fé cristã. Como uma colegial ou a sua professora me ouviam? Como uma dona de casa aprendia ou como um fazendeiro pensava? Descobri que todo trabalho de um pastor é uma experiência transcultural.

Eu desejava influenciar as pessoas por amor a Cristo, mas elas eram muito diferentes de mim. Seus interesses, antecedentes e ambições não me eram familiares. Elas ouviam e entendiam de acordo com modelos estabelecidos por suas próprias vidas, pela história de sua igreja, pelo caráter de sua comunidade e também pelos valores de sua cultura. Quando a fábrica de alumínio acrescentou seu conjunto de novas culturas às antigas, a cidade enfrentou um desafio cultural além de sua imaginação e a igreja foi

confrontada com uma oportunidade ministerial que nunca havia imaginado.

Fiz a única coisa possível: propus algumas questões e ouvi com muita atenção. Espelhei-me em um diácono mais velho da igreja. Ele era membro há muito tempo e era o tipo de homem que as pessoas ouviam e em quem confiavam. Sua paixão era caçar e pescar. Descobri que, se estivesse com ele, além de aprender muita coisa, também influenciaria indiretamente toda a igreja. Passei um bom tempo nos rios e nos campos ao lado dele. Grande parte dos negócios da igreja era resolvida enquanto pescávamos.

Aprendi que os meus ideais sobre as grandes cidades e a teologia complexa precisavam ser traduzidos na linguagem e nas formas de pensamento de minha nova comunidade. Eu ouvia as pessoas dentro e fora da igreja para estar ciente de como agiam e como as coisas funcionavam na comunidade. Era um curso educativo sem matrícula e também uma aventura transcultural fascinante. No seminário, aprendera a fazer a exegese dos textos; agora entendia como interpretar pessoas e comunidades.

Descobri que pregar e ensinar em um povoado da América, nesta pequena cidade em particular, era bem diferente do que eu aprendi na minha infância e adolescência, quando morei no subúrbio de Chicago. O conteúdo era o mesmo, uma vez que a Palavra de Deus Não tem idade, mas a apresentação precisava encaixar-se em meu novo endereço. A aplicação da mensagem e o ensino tinham de atingir específica e pastoralmente a vida daquelas pessoas. Eu precisava de ouvidos e olhos novos.

Meu ministério pastoral era intensamente particular e isso afetou minha visão do crescimento cristão de meu trabalho e minha congregação. Todos os dias eu lidava com a vida, a morte e todo tipo de coisas na estonteante variedade típica das igrejas nas cidades pequenas. Ajudava as pessoas a morrer, recebia crianças que vinham ao mundo, realizava casamentos e falava em formaturas do colégio. Passava boa parte do tempo nas fazendas e na serraria. Visitava os ricos e consolava os pobres. Adolescentes vinham falar comigo acompanhados de seus avós. Orava com todos eles. E, quando me levantei para dirigir o culto de adoração e pregar aos domingos, comecei a ver os habitantes de nossa cidade de maneira diferente.

O âmago do ministério pastoral

Descobri o mais importante princípio transcultural no ministério acidentalmente. Depois de três anos de seminário em um subúrbio movimentado de Chicago, eu amava este novo ambiente rural nas montanhas. Era sossegado, simples e agradável. Quase inconscientemente, eu e minha esposa nos adaptamos à nossa nova cultura.

Nossos novos amigos e vizinhos passavam muito tempo nas montanhas, acampados. Logo nos convidaram para nos juntarmos a eles. Gostamos tanto disso que compramos um *trailer* e fizemos várias viagens com os membros da igreja. Nós nos divertíamos mais do que podíamos imaginar.

No dia de Ação de Graças tivemos um culto especial durante o qual as pessoas testemunhavam à congregação as bênçãos recebidas naquele ano. No meio da programação, disse uma coisa que Não planejara falar, mas me pareceu adequado. Confessei que eu quase fizera o doutorado, em vez de aceitar o convite daquela igreja. Mas, eu acrescentei, sentia-me muito grato por estar naquela cidade e no meio deles. Eu lhes disse o quanto os amava.

Essa declaração espontânea de amor criou um reservatório de confiança e afeto que me deixou perplexo. Foi tão simples — eles amavam sua cidade e seu templo e queriam que eu demonstrasse o mesmo amor. Porque eu os amava e gostava de seu jeito de viver e lhes dissera isso, eles me ouviram atenciosamente.

Os pastores não deviam apenas conhecer o seu endereço, mas também amar os seus vizinhos. A adaptação e o respeito cultural têm muito mais que ver com o ministério pastoral eficiente do que muita gente pensa. Portanto, tornemo-nos técnicos na leitura e na compreensão dos mapas culturais.

LENDO MAPAS CULTURAIS

Como filho de um sábio pastor, tive a vantagem de ler vários mapas culturais. Quando era adolescente, meu pai dirigiu uma grande igreja no centro de uma cidade industrial do Centro Oeste. Aquela congregação tinha muitos imigrantes apalaches que vieram de suas aldeias à procura de trabalho. Eles possuíam uma cultura muito diferente de todas as que conhecíamos. Esta questão afetou cada departamento da igreja e todos os relacionamentos dentro dela. Freqüentemente minha família sentia-se desintegrada. Lembro-me de muitas conversas entre meus pais a respeito

daquela cultura. Eles estavam determinados a compreendê-la e encaixar-se nela. Mais importante era ti fato de que, embora não gostassem de algumas coisas dessa cultura, sempre a respeitaram. Seu respeito e afeto eram retribuídos com amor e lealdade.

Uma vez, voltei do seminário e queixei-me do estilo "rural" de culto na igreja de meu pai. Ele sorriu e concordou comigo que também preferia os grandes hinos e as grandes pregações. Contudo, explicou que o culto tradicional simplesmente não funcionaria em sua congregação. Disse que aceitava aquele estranho jeito de cultuar a Deus porque amava sua congregação e respeitava sua cultura, ainda que muita coisa fosse estranha para ele.

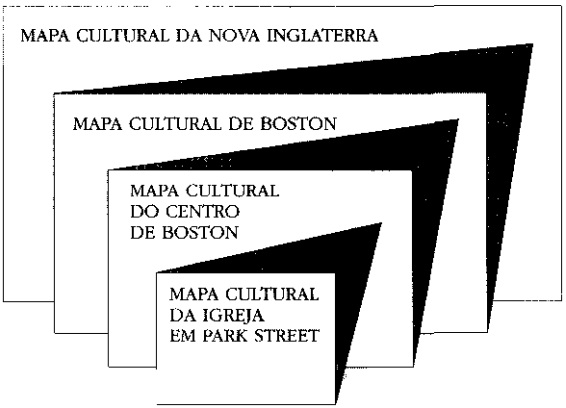
Ao longo dos anos, também assimilei o poder e a importância dos grupos étnicos na vida da igreja. Agora percebo que cada congregação constitui-se de diversas culturas, e cada uma delas deve ser entendida e interpretada em prol de um ministério eficiente. Não apreciar nem respeitar determinada cultura é a ruína de muitos pastores.

1 Park Street
Boston, Massachusetts 02108

Até recentemente, pastoreei uma igreja no centro de uma importante cidade da Costa Leste. Meu endereço era 1 Park Street, Boston, Massachusetts 02108. Eu estava a três mil milhas de 410 West Broadway em Goldendale, Washington. Meu mundo pastoral não podia ser mais diferente.

No entanto, a tarefa era exatamente a mesma. Eu era o homem de Deus enviado a esse local com o Evangelho de Cristo. Equipado com os dons do Espírito, estava comissionado para proclamar a Palavra de Deus, cuidar da Igreja de Jesus e expandir as fronteiras de seu reino.

Não obstante, o contexto no qual esse trabalho aconteceu deu forma à tarefa sob todos os aspectos. Quando cheguei a Boston, rapidamente percebi que tinha de decodificar uma variedade de culturas, para ministrar de maneira eficiente. Em outras palavras, tinha de aprender a ler diversos mapas culturais sobrepostos. A cidade faz parte de uma região formada de muitas culturas e a igreja constitui uma subcultura única, com várias subculturas dentro dela. Meus mapas ficaram assim:



MAPA CULTURAL DA NOVA INGLATERRA

- Tradição: mentalidade preservacionista - resistente a mudanças.
- Raízes européias: ianques reservados - difíceis de fazer amizades.
- Elitismo acadêmico - líderes altamente sistemáticos, às vezes cínicos.
- Democracia oposicionista: independência robusta -juntas e comissões tendem aos debates/discussões mais do que à ação.
- Provincianismo - desconfiança de experiências e idéias vindas de fora. Veja elitismo acadêmico.
- Tradição política liberal e libertária - polarização e oposição extrema ao consenso.
- Ciclos econômicos severos + raízes puritanas - pessimismo.

Naturalmente há algo mais, porém este é o ar espiritual e intelectual que o povo da Nova Inglaterra respira. Esta particularidade afeta a maneira do povo ouvir, compreender e agir. A região é o cenário de culturas específicas mais profundas que afetam a obra da Igreja.

MAPA CULTURAL DE BOSTON

- Provinciana: O apelido que dá a si mesma é "O eixo" (do Universo) - se não foi feito aqui, não conta.

• Economia acadêmica: Perto de trezentos mil estudantes universitários dão à cidade um perfil muito jovem. Ela também possui um "espírito" que se inclina para a arrogância intelectual.

• Diversidade étnica com realidade adversária: Atração para imigração, no último século e no presente. A política é tribal, a vida difícil, a raça tem significado e os nativos são desconfiados. Contudo, uma expansão cristã poderosa nos recentes grupos imigrantes criou uma "igreja emergente".

• Maioria católica com influência em declínio: Católicos irlandeses são a força política e religiosa dominante. Os protestantes são minoria e os evangélicos uma fração dessa minoria.

• Secularismo avançado: As universidades com os formadores de opinião criam um preconceito anti-religioso profundo. Massachusetts, no Oeste, e Boston, no Leste, têm uma tradição secular.

• População de jovens adultos no centro da cidade: Grandes grupos de jovens adultos ambiciosos moram peito do distrito financeiro.

• Decadência urbana: A realidade da cidade é obscurecida pela violência, pobreza e pelas drogas no centro da cidade.

• Economia de alta tecnologia: Pessoas muito brilhantes com necessidades profundas vivem na cidade.

MAPA CULTURAL DO CENTRO DE BOSTON:
NOSSA VIZINHANÇA

• *Distrito financeiro: Trezentas mil pessoas em altos* edifícios, quatro sedes do governo e uma universidade.

• Distrito residencial histórico: Cem mil vizinhos, principalmente jovens e secularizados.

• Altamente secularizada: Levantamentos indicam que nossos vizinhos quase não têm interesse na religião organizada. Contudo, metade deles viria à nossa igreja, se fossem convidados.

• Classe média branca: Mas com um toque asiático.

• População altamente transitória: Hoje aqui, amanhã ali.

MAPA CULTURAL DA IGREJA DE PARK STREET

• Histórica e tradicional: Orgulho enorme e mentalidade preservacionista nos antigos membros da igreja.

• Estabilidade: Quatro pastores neste século.

- Leigos transitórios: há uma mudança de 50% da congregação a cada dois anos.
- Maioria de jovens adultos: 67% da congregação estão abaixo de quarenta anos de idade e são solteiros.
- Tensão entre gerações: Liderança envelhecida com maioria jovem emergente que quer tomar o poder.
- Orientação acadêmica: Preocupação com processos torna difícil criar movimentos.
- Congregação internacional: Trinta nacionalidades representadas com 15% de descendentes asiáticos.

Esses mapas são diferentes de quaisquer outros onde já trabalhei antes. Talvez nenhuma outra igreja seja como essa. O ponto principal é este: cada congregação é única e tem o seu próprio cenário. Tive de me ajustar para pregar, ensinar e liderar. Meus instintos pastorais e de liderança apontam para uma nova direção. Deus colocou esta igreja neste lugar, para provocar determinado impacto.

No entanto, continuo a aprender, perguntar e ouvir. Recentemente, vi um título em um dos jornais de Boston: "Céticos locais". Recortei e coloquei o referido *slogan* em minha mesa de trabalho, para me lembrar de onde estou. Ler os múltiplos mapas culturais é uma disciplina que jamais acaba. Não devo me esquecer de meu endereço. O mais importante é que todos os dias eu me faça a pergunta fundamental: Gosto deste lugar? Aprendi a duras penas em outro pastorado que não posso servir a quem não amo.

Adaptar-se a outra cultura não é fácil, mas é isto que esperamos de cada um de nossos missionários. Nós os enviamos a outras etnias, onde aprendem a língua e ajustam-se à cultura, por amor a Cristo. O grau em que os missionários fazem essa transição - isto *é,* aprendem o seu novo endereço - determina grandemente o seu sucesso ali.

Um líder da Igreja americana me contou que, enquanto visitava o Haiti, perguntou a um nativo o que era ser um bom missionário. O velho respondeu: "Alguém que ama a Deus e os haitianos''. Ele lamentou que a maioria dos missionários que conhecera parecia amar a Deus, porém não gostava dos haitianos. Desconfio que esses missionários adquiriram a sua superioridade cultural nas igrejas americanas. Falamos muito de amar a Deus e ganhar o mundo mas, com freqüência, parecemos zangados com a

cultura americana à qual pertencemos. O cristão chega às vezes perto do ódio quando fala da cultura ou até mesmo daqueles a quem Deus nos chamou para servir. A Igreja não pode ganhar aqueles a quem não serve com amor.

O FUNDAMENTO DA TEOLOGIA PASTORAL

Seja qual for o nosso endereço, marchamos sob as ordens de um Senhor que ama os seus inimigos. Lembra-se da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, montado em um jumentinho? Kle estava na última semana de sua vida e dirigia-se para a sua morte. A cidade estava cheia de seus inimigos, comprometidos a matá-lo. A grande população simplesmente o ignorava. Ele era um estranho mestre da Galiléia e ninguém importante saíra dali (conforme o pensamento deles).

Lucas nos diz que, enquanto Jesus descia a colina em direção a Jerusalém, olhou para ela, chorou e disse: "'Ah! se tu conhecesses, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence..."' (Lc 19:42). Talvez fosse possível ele descer a colina cheio de ressentimento e raiva pela cultura que ignorava a Palavra de Deus, opunha-se e matava os profetas do Senhor, e ia assassiná-lo dentro de uma semana. Mas, pelo contrário, entrou na cidade com o coração partido. A igreja de Cristo e seus líderes precisam segui-lo naquela colina abaixo em direção a seus endereços. Um cristianismo que despedaça culturas não serve bem ao Cristo que subiu à cruz para morrer até pelos seus inimigos e adversários da Igreja.

Nós nos adaptamos à nossa cultura por uma questão de integridade teológica, não simplesmente porque funciona. O fundamento de um tipo de filosofia pastoral sociológico nada produz além do que o poder humano pode gerar. Os resultados de qualquer norma não podem ser maiores do que o método propriamente dito. Precisamos de algo mais.

Fundamentado na encarnação

O raciocínio pastoral está enraizado na *encarnação* de Cristo. A maneira como vemos toda a realidade, especialmente nosso trabalho como pastores, flui do padrão estabelecido quando Deus se tornou carne por nós. A encarnação é o exemplo mais espetacular de uma decisão missionária já tomada. Deus entregou a sua revelação final à raça humana, ao revestir-se de carne e entrar em uma cultura particular, em um momento específico.

Jesus conhecia o seu endereço — "Jesus de Nazaré", eles o chamavam. Ele falava a língua de seu *povo com* sotaque galileu. Compreendeu os mundos de Nazaré, da Galiléia e de toda a Judéia, e entrou na vida desses universos.

Jesus aprendeu a ler e escrever na escola da vila, na sinagoga de Nazaré. Aprendeu carpintaria ao lado de José e construiu e reformou casas para os seus vizinhos. Ele conheceu seus temores e esperanças, porque os ouviu. Na verdade, sentiu o que eles sentiram e pensou como eles pensavam. Ele era um judeu da Galiléia, parecia um judeu da Galiléia, e falava e agia como um galileu. Assim, foi possível pregar e ensinar de maneira que os seus contemporâneos o entendessem, ao utilizar exemplos do mundo deles.

O fato de Jesus transpor suas fronteiras culturais foi muito mais do que uma identificação. Ele veio para transformar pessoas e grupos étnicos. E, enquanto se identificava com a cultura deles, também a julgava. Os pastores precisam aprender a difícil e freqüentemente controvertida arte da identificação plena com as culturas, sem perder a sua identidade fundamental em Cristo.

A encarnação significa que Deus leva a sério as culturas humanas. Quando a Igreja de Cristo segue o padrão da encarnação, também leva a sério a sua cultura. Os pastores, como líderes do povo de Deus, dão o exemplo quando assimilam o *modus vivendi* de sua comunidade. Por isso, a Igreja deve mergulhar profundamente em sua cultura. Precisamos aprender a nos identificar com o povo ao qual Deus nos enviou para ganhar.

Padrão de encarnação da verdade

A encarnação é o padrão da revelação de Deus, que sempre transmite a sua verdade de maneira acessível a todas as culturas. Isso está exemplificado na maneira como as Escrituras trazem as marcas da antiga cultura judaica. Os profetas e os apóstolos que escreveram a Bíblia comunicaram a verdade de Deus em linguagem comum à cultura deles, e falaram de suas questões de maneira apropriada.

Paulo, por exemplo, conhecia o seu endereço e os de seus ouvintes. Seu discurso na Colina de Marte, em Atenas, é um exemplo clássico de sua adaptação cultural. Ele sabia exatamente para quem falava e modelou o seu discurso para que o compreendessem. Iniciou a sua mensagem no mundo deles e os levou ao do Evangelho. Na semana seguinte, ao falar aos judeus

em uma sinagoga de Corinto, usou padrões de pensamento e linguagem diferentes, para destacar o mesmo ponto.

Paulo fazia tendas para se sustentar em Corinto, a fim de não ofender os novos convertidos. Mais tarde, em Éfeso, alugou um salão onde ensinou a fé cristã durante três anos. Sua constante adaptação cultural encontra-se resumida na poderosa declaração que fez em 1 Coríntios 9:22,23: "Fiz-me tudo para com todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns. Faço tudo isto por causa do evangelho".

Igreja da encarnação

A encarnação de Cristo é o centro do ensino do Novo Testamento a respeito da Igreja. Paulo chama-a de "o Corpo de Cristo". Assim como Jesus foi a verdade de Deus em carne e sangue, a Igreja expressa o Evangelho de Cristo ao viver a mesma realidade. A Igreja existe para demonstrar o Evangelho e, mediante essa demonstração, propagá-lo. Por sua própria natureza, ela é chamada para viver dentro do mundo em que está inserida, a fim de transformá-lo.

É triste dizer que geralmente a igreja não realiza uma boa tarefa na sociedade. Muitas pessoas com as quais converso não fazem objeções a Jesus e seus ensinamentos, mas têm queixas a fazer da igreja. E também muitos de nós.

A hostilidade de muitos cristãos para com a cultura contemporânea é profundamente antiencarnacional. Existem alguns que sempre desejam que a igreja seja uma fortaleza segura contra as hostes da maldade que nos rodeiam, uma atitude distante da mente encarnativa de Jesus. Assim, uma perigosa tendência desencadeia-se sobre nós por meio dos membros, os quais desejam que transformemos a Igreja em um exército inclinado a destruir nossos vizinhos, pelos quais o Filho de Deus morreu. Nada disso estaria mais distante da mente de Cristo.

O líder de uma igreja me declarou explicitamente: "Espero que você lidere uma cruzada eclesiástica contra os homossexuais". A nova legislação, que estava pendente na Assembléia Legislativa, garantiria diversos direitos aos homossexuais. Enquanto conversávamos, ele se tornou cada vez mais agressivo. Disse que eu seria negligente em meus deveres pastorais se Não liderasse a oposição na Assembléia Legislativa, para impedir a aprovação daquela lei. Finalmente, quando minha paciência se esgotou, eu respondi; "Sabe de uma coisa? Eu amo os homossexuais. Mais do

que tudo, eles precisam de Deus. Eu procuro mantê-los afastados de cristãos como você, ou eles nunca ouvirão as boas novas de Cristo". Seja o que for que alguém pense a respeito de política e igreja, uma coisa está bem definida: a Noiva de Cristo foi chamada para pensar de maneira encarnacional. Isso, em última análise, é a compreensão de todas as subculturas do mundo no qual vivemos. Os padrões morais e as profundas convicções não exigem a alienação daqueles a quem somos chamados para servir em nome de Jesus. Não é possível falarmos das boas novas a pessoas que desprezamos.

Erancis Schaeffer sempre dizia que a igreja precisa anunciar uma palavra de julgamento sobre si mesma e o mundo que a observa. Mas, ele acrescentou, a mensagem deve ser acompanhada de lágrimas. Como agiu o Senhor Jesus, nossos corações precisam ser quebrantados por aqueles aos quais somos chamados a servir. Então, as duras palavras transmitirão a graça inerente ao Evangelho, que foi especialmente destinado a pessoas alienadas de Deus.

Gosto muito de pilotar uma moto. Todos os anos eu e alguns amigos pegamos nossas motocicletas e saímos de férias. Neste ano fomos ao 55º Encontro Anual de Black Hills, em Sturgis, Dakota do Sul. Alguns milhares de colegas juntam-se a nós no maior encontro de Harleys-Davidsons do mundo. Motoqueiros com roupas de couro sobre motos barulhentas chegam para ver, serem vistos e festejar. A multidão é barulhenta, rude, com freqüência irreverente e, às vezes, irritante.

Eu pensei muito a respeito do Evangelho e da encarnação de Cristo neste mundo tão distante de minha vida como pastor entre o povo de Deus. Às vezes, precisei lembrar-me de que o Senhor ama cada uma daquelas pessoas e que Jesus morreu por elas. Por isso, pensei em uma forma de lhes falar do amor de Deus. Eu me lembrei de uma igreja em Akron, Ohio, que desenvolve um eficiente ministério entre os motoqueiros. O trabalho é dirigido pelos que já se converteram, os quais evangelizam todos os demais colegas. Esses ministros não parecem membros de igrejas evangélicas, mas se assemelham aos outros companheiros. Andam pelos bares e freqüentam *os* encontros dos motoqueiros, onde *dão* testemunho do poder transformador de Cristo. Estavam lá em Sturgis, a fim de falar das boas novas de um modo que a multidão pudesse entender. Era o princípio da encarnação em evidência. A igreja Não pode servir a quem ela não abraça no amor de Cristo. Seja qual for

o endereço da denominação, ela é chamada a viver em sua vizinhança e em seu mundo, por amor ao Evangelho.

Um acontecimento marcou a minha vida, quando diversos de nós, estudantes do seminário, queixávamo-nos amargamente ao nosso deão a respeito dos fracassos e fraquezas da Igreja. Ele ouviu pacientemente. Quando terminamos a nossa lamúria, ele respondeu: "Se Cristo amou a Igreja o suficiente para morrer por ela, *vocês, rapazes, Não* podem amá-la o bastante para servi-la?". Ele estava certo. Meu problema não era a Igreja, nem a sua cultura. *Eu* sou o problema. Estou disposto a tomar a decisão missionária de servir ao mundo que Deus ama e à Igreja pela qual Cristo morreu?

Uma vez por mês, paro e faço estas perguntas missionárias: Amo este lugar? Amo esta igreja, apesar de suas muitas falhas? Amo esta cidade? Posso chorar com Jesus pela minha Jerusalém?

Ministério pastoral da encarnação

O ministério pastoral está enraizado na encarnação de Cristo. Somos servos daquele que entrou em nosso mundo e assumiu o fardo da humanidade, a fim de nos resgatar. A motivação central de um ministério da encarnação é o amor de Cristo, o qual Paulo confessou que o impelia ao pastorado, apesar das pessoas esquisitas de Corinto (2Co 5:14).

Somos chamados para endereços específicos onde a Igreja de Cristo mora e adora a Deus. Em seu ponto básico, nossa vocação exige que nos encarnemos em nossas igrejas e suas comunidades. Isso significa que devemos compreender nosso povo e sua cultura tão bem que possamos pensar os seus pensamentos e sentir os gritos de seus corações. Temos de nos juntar a Jesus em sua cavalgada sofredora na cidade de Jerusalém.

Mas viver a encarnação é uma coisa ainda mais profunda do que a identificação com as pessoas ou a compreensão profunda de seu mundo. Em seu âmago, a encarnação é sacrificial. Custou tudo a Jesus ser o nosso Salvador. Finalmente, custou-lhe a vida. O ministério pastoral custa-nos a vida também. Enquanto poucos de nós serão mártires, se é que serão, todos somos chamados para viver nossas vidas para Cristo e sua Igreja. Acho que por isso o ministério é inerentemente doloroso. O dom de uma vida é uma questão do coração. Damos nossas vidas e corações às pessoas, e esse dom é freqüentemente pouco apreciado ou até mesmo rejeitado. Isso dói. Também dói viver a vida dos outros. Ali estamos

entre o Senhor e alguém, a fim de levar a Palavra de Deus em uma das mãos, enquanto na outra levamos os fardos, os sofrimentos e as tristezas daquela pessoa. Essa terra-de-ninguém não pode ser confortável. Mas é a nossa vocação. Um dos textos mais surpreendentes do Novo Testamento é Romanos 9:3, no qual Paulo diz que estaria pronto a ser condenado, se fosse preciso, para a salvação de Israel. O apóstolo estava pronto a ir para o inferno, se isso significasse a salvação daqueles que ele amava. Paulo tomava a decisão missionária mais ousada, e esse é o centro de um ministério cristológico e apostólico.

A encarnação é o coração e a alma do nosso ministério, e é também a pedra fundamental da teologia pastoral. Nosso trabalho encontra o seu centro na Cristologia, que não é uma simples idéia teológica abstrata, mas uma realidade viva. Tal ministério encarnacional sempre tem um endereço específico. Isso é o que o transforma em ministério e o torna desafiador.

Encontro-me agora em um próspero subúrbio de Mineápolis, em uma igreja que tem sua própria história e cultura. Ouço com atenção e aprendo a me misturar com essa congregação e comunidade maravilhosas e complexas. É uma caminhada deliciosa e sem fim entre o povo de Deus.

3. QUE HORAS SÃO?

A QUESTÃO DA DATA

Saul deixou tudo desarrumado para Davi pôr em ordem. Este começou o seu reinado rodeado de inimigos porque, embora aquele lutasse freqüentemente contra os filisteus, adversários tradicionais e opressores dos israelitas, nunca os derrotou definitivamente. Moabe e Amom estavam sempre nos horizontes de Israel, em constante ameaça a sua paz e prosperidade.

Internamente, a nação encontrava-se enferma. Saul a liderou em uma guerra que solapou suas forças militares e espirituais. O país ficou dividido e desalentado. Jerusalém, a cidade-fortaleza no meio do país, desafiava o governo de Israel. Davi era o rei, mas partes da nação não se encontravam sob o seu governo. Por isso, ele começou a consolidação de seu poder. Governou da cidade de Hebrom, apoiado por aqueles que o livro de 1 Crônicas chama de seus "heróis" (11.11). A tarefa de Davi era imensa.

Ele precisou consolidar um reino decadente e derrotar os inimigos de Israel. Essa tarefa levou tempo. Na verdade, o rei tomaria Jerusalém apenas sete anos depois. Então começaria a atacar Amom, Filístia e Moabe.

Guerreiros de todas as tribos de Israel juntaram-se a Davi em Hebrom. Sua tarefa, diz o autor de 1 Crônicas 12, onde os guerreiros estão relacionados por tribos, era a de "transferir a ele (Davi) o reino de Saul, conforme a palavra do Senhor" (v. 23). Milhares deles ajudaram o novo rei a estabelecer o seu governo e soberania sobre o país. Benjamim, a tribo de Saul que resistira a Davi, enviou 3.000 guerreiros. A de Efraim mandou 20.800 guerreiros armados, prontos para a luta. Até a de Levi enviou

4.600 homens. Todos esses soldados, algumas centenas de milhares, 'Voluntariamente vieram a Hebrom para constituir a Davi rei sobre todo o Israel" (v. 38).

Saul nunca recebera esse tipo de apoio. Mas Davi era um general muito melhor do que o primeiro rei. Os guerreiros de Israel sabiam disso, porque muitos deles haviam servido com o filho de Jessé em diversas campanhas militares. Eles amavam o seu líder e alegremente se juntaram a ele e seu exército. O cronista registra que diversas tribos, até as mais distantes, enviaram alimento, vinho, roupas, animais e outros suprimentos a Hebrom (1Cr 12:40).

Contudo, o poder militar e o apoio do povo não foram suficientes. No meio dos nomes dos que vieram ajudar a Davi, encontra-se um profundo comentário. A tribo de Issacar enviou duzentos chefes ao novo rei *"entendidos na ciência dos tempos, para saberem o que Israel devia fazer"* (lCr 12:32, grifo acrescentado). A habilidade de um brilhante general e o poder de centenas de milhares de guerreiros treinados precisavam da informação e orientação de duzentos homens "entendidos na ciência dos tempos, para saberem o que Israel devia fazer".

Esta é a necessidade que existe entre o povo de Deus em todas as gerações. Nossa tarefa é a mesma de Israel: expandir o reino eterno na Terra. Jesus é o rei, mas estamos rodeados por uma cultura que não deseja reconhecer a sua soberania. É necessário que existam muitos cristãos e poderosas igrejas, mas isso não é o suficiente. Para derrotar os inimigos de Deus e estabelecer o seu reinado nas vidas das pessoas, precisamos ser liderados por pessoas que "entendam os tempos e saibam o que a igreja deve fazer". Isto é especialmente necessário em nossa cultura, que gradativamente perde toda consciência de Deus. A Igreja com freqüência parece ficar impotente contra o assalto aos valores e crenças cristãs. Embora haja grande quantidade de cristãos e centenas de milhares de igrejas, precisamos encontrar e alistar pessoas que entendam os tempos e saibam o que fazer.

O padrão da encarnação exige que entendamos as vidas, as mentes e os corações famintos de nossos vizinhos, se desejamos ganhá-los. Os líderes devem conhecer as tendências nacionais e a maneira de viver de cada etnia. O ministério eficiente depende de pastores que conheçam bem os dias em que vivemos e o que fazer diante de seus desafios.

NOSSO TEMPO

A maioria concorda que vivemos em um ponto decisivo da História. Tantas e tão maciças são as mudanças em nossos dias, que utiliza-se o termo *deriva paradigmática* para descrever esta mudança dos séculos. O escritor Tom Peters observa que a mudança ascendente sempre produz um caos na sociedade e no mercado. No seu recente livro, *Thriving on Chaos* (Sobrevivendo ao Caos), Peters diz que ele promove na atualidade uma revolução gerencial necessária. O antigo modo de gerenciar, diz ele, era baseado em "um ambiente relativamente previsível, agora inexistente".[1] Ele afirma que as coisas mudam com tanta rapidez que as únicas organizações que sobreviverão são as que podem gerenciar o caos que a mudança crescente estabelece.

O tempo dirá se a análise de Peters sobre as atividades mundiais está correta. A maior questão para os filhos de Deus é a posição da Igreja em um mundo de mudanças radicais. Uma coisa é certa: o mundo no qual a Noiva de Cristo vive e trabalha não apenas muda com rapidez. Ele é fundamentalmente diferente do mundo de uma geração atrás.

A nova realidade: a igreja marginalizada

Em séculos anteriores, o distanciamento entre a Igreja e a cultura não era tão notório como na atualidade. Acabou o consenso cristão antigo, o qual informava a nossa cultura e de certa forma a orientava. Durante séculos, a Igreja mantinha um lugar honroso e influente na sociedade ocidental. Na América, o senso moral da nação era formado pelas pressuposições morais cristãs. O governo e a sociedade respeitavam a Igreja e os seus líderes. As igrejas locais detinham grande influência na sociedade.

Por exemplo, no início deste século, A. Z. Conrad era o pastor da Igreja de Park Street, em Boston. Uma das lembranças que ele nos deixou foi a sua caminhada rápida rua acima em direção à assembléia, com as abas de seu paletó agitadas pelo vento. Ele constantemente visitava os líderes políticos locais, para falar de assuntos que interessavam à igreja e a comunidade. Ele esperava ser ouvido pelos legisladores, que, suponho, sempre o recebiam bem. Ele representava a velha instituição protestante, da mesma forma que o cardeal da Arquidiocese de Boston representava a nova instituição católica.

Assisti a uma reunião dos clérigos da cidade de Boston, quando cheguei àquela localidade. A parte devocional foi feita por

dois discípulos de Hare Krishna, que cantaram em sânscrito. Conheci membros de diversas religiões que freqüentemente participavam daquela programação. O propósito das reuniões destes ministros é o de ajudar uns aos outros a entender as religiões que pontilham a paisagem religiosa. A comunidade maior, especialmente a instituição política, não sabe que seus líderes se reúnem, nem parece se importar com isso. A porta do governador está fechada a toda influência cristã, exceto por um aceno ocasional para o cardeal católico. Em uma cidade fundada e dominada pelos puritanos durante séculos e, mais recentemente, influenciada pela instituição política católica, os evangélicos têm pouca influência. Boston, como muitas cidades americanas, é um lugar secularizado; a religião está posta de lado. Os crentes são apenas um dos diversos grupos religiosos que lutam pela sobrevivência em um ambiente que lhes é cada vez mais hostil.

Muitos de nós descobrem que vivem em um campo missionário. As muitas e crescentes mudanças de nosso tempo produziram uma sociedade com uma presença cristã cada vez menor. Loren Mead expõe diretamente o nosso desafio atual em seu pequeno e provocativo livro *The Once and Future Church {A igreja de Outrora e a Futura).*[2] *O* subtítulo, *Reinventing the Congregation for a New Mission Frontier* (Reinventando a Congregação para uma Nova Fronteira Missionária), sugere a grande quantidade de mudanças que ele e muitos observadores sérios crêem que nos aguarda.

Mead declara corretamente que a Igreja é definida por sua missão. Por isso, houve dois paradigmas lógicos na história da Igreja. Ele chama o primeiro de "Paradigma Apostólico". Na era apostólica, a Igreja entendia claramente a distância entre ela e a comunidade. Também compreendia que a sua vocação era a de ocupar o seu espaço. Sua missão era cruzar o limite missionário, a fim de definir a sua posição.

Ele chama o segundo de "Paradigma da Cristandade". O Imperador Constantino desfez a fronteira existente entre a Igreja e o ambiente em que ela se encontrava. Uma vez que o mundo era oficialmente cristão e o ambiente servia à Igreja, a missão dela naturalmente tornou-se um empreendimento afastado, algo praticado em terras distantes. Essa mentalidade domina a Igreja desde a Reforma até o presente. Em muitas igrejas, esperamos que nossos vizinhos venham até nós, aprendam nossos modos e hábitos e entrem em nossa subcultura.

A necessidade da hora

Mead defende que, quer gostemos ou não, o Paradigma da Cristandade está morto. Ele declara que vivemos em um período intermediário enquanto o terceiro paradigma se forma. A fronteira entre a Igreja e o seu ambiente distancia-se, e está claro que vivemos em pleno campo missionário. Portanto, faz-se necessária uma mudança correspondente em nosso entendimento da Igreja e seu ministério. Ela deve penetrar na cultura, aprender sua linguagem, entender seu jeito, descobrir seus padrões de pensamento, conhecer seu coração e dar um testemunho aceitável.

A Igreja de Park Street recentemente fez um levantamento de sua vizinhança próxima. Cerca de cem mil pessoas vivem ao seu redor e são a sua principal responsabilidade cristã, ou seja, a sua Jerusalém (At 1:8). Descobrimos que a maioria dos vizinhos de Park Street mal sabia que existia uma igreja evangélica e realmente Não se importava com isso. A religião organizada simplesmente não faz parte da consciência desses moradores. Suponho que Boston seja um caso à parte, mas essa é a direção que toma a nossa cultura. Deus parece fazer parte dela, mas não o Senhor da Bíblia. A Igreja, na melhor das hipóteses, está marginalizada.

Algumas igrejas não enxergam esta realidade e funcionam como se nada acontecesse de errado. Deixam de entender os tempos; apenas falam para si mesmas e, conseqüentemente, exercem uma influência cada vez menor em seu mundo. Elas simplesmente não entendem os dias em que vivemos e, assim, nada podem fazer a esse respeito. Outras igrejas amaldiçoam o fracasso moral e espiritual dos tempos modernos e trabalham ansiosamente para inverter a maré da atualidade. Mas os números explícitos dos incrédulos, com o jeito pluralista e tolerante dos tempos, parece transformar isso em uma batalha fútil. Mais ainda, como alguém vencerá uma batalha contra os principados e potestades com armas humanas que muitos tentam usar para substituir o poder do Evangelho de Cristo? Há uma diferença entre *conhecer e entender os tempos* e *saber o que fazer.*

Outras igrejas adotam uma postura defensiva no louvável esforço de proteger a verdade e a si mesmas da investida secular. Elas edificam paredes muito espessas e tornam o fosso mais profundo para, de alguma forma, manter do lado de fora os perigos mortais de nosso tempo e, dizem elas, afastados de suas vidas. Na

proteção do passado e do presente, elas se esquecem do futuro. O cristianismo defensivo é uma armadilha mortal que, além de Não nos engajar no mundo, o qual Cristo ordenou que ganhássemos, produz inevitavelmente cristãos deformados voltados para si mesmos, com pouca ou nenhuma visão para com seus vizinhos perdidos. Eles se recusam a entender os tempos. Isto é perigoso demais.

Uma nova estirpe de igreja e de pastor determinou que ser o sal da terra e a luz do mundo exige que o povo de Deus penetre na modernidade, a fim de transformá-la. Eles assumem a encarnação como modelo e crêem firmemente que, visto ser o Evangelho o poder de Deus, não precisam temer nenhum adversário. Esses filhos de Issacar entendem os tempos. Eles ouvem mais do que falam e levam a sério as dúvidas e os temores de seus vizinhos. Eles amam a cultura, apesar do pecado dela, porque Cristo também a ama. Eles sabem quem está assentado no trono e estão convencidos, portanto, de que toda a história está destinada à sua devida conclusão em Cristo. Acima de tudo, eles anseiam por expandir o reino de Deus aqui, ali e por todo lugar. Como os guerreiros de Davi e os sábios homens de Issacar, eles vivem para fazer de Cristo o Rei.

SINAIS DOS TEMPOS

Recentemente assisti a uma reunião de líderes da Igreja, na Nova Inglaterra. Reunimo-nos para discutir como poderíamos trabalhar juntos e criar um movimento de impacto maior para Cristo em nossa região. Fizemos uma lista das mudanças que observamos na sociedade; conseqüentemente, ela ficou parecida com a maioria das listas que descreve as mudanças na cultura moderna. Discutimos as dez seguintes transformações:

1. *Internacionalização.* Uma forma de internacionalização é a emergência da aldeia global, criada em parte pelos modernos sistemas de comunicação. Em um só instante, descobrimos o que acontece em todo o mundo.

Outra forma é a migração de imensas quantidades de pessoas. Muitos desses imigrantes vêm para a América e criam assim uma nova equação política. Alguns analistas projetam um padrão de imigração e crescimento populacional que, em torno do ano 2050, criará uma América na qual os euro-americanos serão uma minoria. Os latinos logo serão o segundo maior grupo minoritário na América. Em Boston, por exemplo, a população

latina cresceu 72% entre 1980 e 1990. Atualmente, existem quase tantos latinos quanto afro-americanos em Boston. As implicações para a Igreja e para a sociedade são enormes.

O cenário religioso está profundamente afetado pela internacionalização. Outras religiões assumem o seu lugar de destaque no mapa religioso americano. Se os atuais padrões de imigração continuarem, haverá mais muçulmanos do que judeus nos Estados Unidos no início do século XXI. Repito, as implicações políticas e religiosas são imensas.

As igrejas que não levam a sério as cidades, os grupos étnicos e as minorias ficarão cada vez menos relevantes. O cristianismo evangélico é assombrosamente branco e típico de classe média. Nossa força está na América rural e suburbana. Não vamos desaparecer nas próximas décadas, mas, se não mudarmos o modo de ver o mundo, vamos tornar-nos um movimento marginalizado, com pouca coisa a dizer para a sociedade. Precisamos de líderes que entendam os tempos e saibam o que fazer.

2. *Urbanização.* O mundo avança para as cidades. No princípio do século XXI, segundo as estimativas, 50% da população mundial habitarão nas cidades, entre as quais 17 terão mais de 10 milhões de habitantes, sendo sete delas no mundo muçulmano. A pobreza e a fome agora são maiores do que nunca na história da humanidade. Alguns sugerem que 900 milhões de pessoas serão pobres nesta época, 100 milhões das quais em pobreza absoluta. O desafio para o movimento missionário será tão esmagador que as missões terão de ser reinventadas.

De acordo com o recenseamento de 1990, mais da metade de todos os americanos vive nas trinta e nove áreas metropolitanas da América, com um milhão ou mais de pessoas. Noventa por cento de todo o crescimento na década de 80 ocorreu nas cidades. Uma vez que grande parte da explosão demográfica urbana deve-se às imigrações das minorias, as implicações sociais, políticas e religiosas são grandes. Bastam a pobreza e o crime para frustrar os esforços persistentes dos melhores corações e mentes disponíveis. Há poucas soluções para milhares de diagnósticos. O poder das drogas e do abuso do álcool, a violência e a decadência moral diferem apenas no estilo, e *não* na substância. A cidade parece extrair o melhor e o pior de qualquer cultura ao mesmo tempo. Precisamos de pastores que entendam os tempos e saibam o que fazer.

3. *Secularização.* A cultura moderna expulsou Deus de sua consciência. As pressuposições culturais sobre as quais os formadores de opinião operam começam e terminam com o humanismo. A mídia retrata a cultura vazia de qualquer conteúdo religioso. A ascendência da ciência e da tecnologia criou um povo que presume que o mundo empírico dos objetos palpáveis é a única realidade.

O companheiro da secularização da América é o relativismo, a convicção de que as verdades absolutas não existem; se a verdade existe, não pode ser conhecida. Nas universidades e na mídia, o único absoluto nestes dias é que não existem absolutos. A moral é radicalmente individual. As pessoas decidem autonomamente o que é certo ou errado, com pouca ou nenhuma referência fora de si mesmas. O resultado é uma moral difusa e uma apatia intelectual.

Não faz muito tempo, eu conversava com um grupo de professores universitários. Eles me disseram que já não podem trabalhar com as mesmas pressuposições que defendiam há alguns anos. Embora muitos estudantes estejam abertos às discussões a respeito de coisas espirituais, poucos se importam com elas. Um veterano mestre de um campus universitário lembrou que costumava arrumar uma mesa com literatura cristã, ao lado de uma mesa com livros marxistas. Os estudantes então debatiam as grandes "verdades" a respeito da vida e o seu significado. "Agora," ele disse, 'ninguém faz mais isso. Poucos se interessam com o que é a verdade; porque, mesmo se houver alguma verdade por aí, ninguém consegue encontrá-la".

O livro de John Stott *The Contemporary Cbristian* (O Cristão Contemporâneo) foi escrito nesse ambiente. O autor observa que a verdade do cristianismo raramente é assunto nos dias de hoje. Agora, as pessoas estão muito menos interessadas nas reivindicações da veracidade do cristianismo do que se esta religião antiga será ou não relevante no século XXI.

Se a igreja deseja ministrar a esta geração, precisa encontrar um jeito de se manter apegada à verdade que mantém a nossa fé coesa. Enquanto isso, deve criar maneiras de responder às perguntas levantadas por uma geração esvaziada de pressuposições e conteúdo cristãos. A demonstração de amor e do caráter transformador *6o* Evangelho é a necessidade gritante desta hora.

Algum tempo atrás, fui solicitado a fazer uma exposição introdutória do cristianismo diante de um grupo de pessoas adultas interessadas, mas céticas. Pesquisei bastante, a fim de preparar e apresentar uma palestra honestamente tradicional, com evidências de que Jesus demonstrou ser Deus e que a Bíblia diz a verdade. O auditório foi educado, mas muito contido e, aparentemente, não se impressionou muito. Na semana seguinte, falei sobre a Igreja e contei histórias do poder transformador do Evangelho, que testemunhei e experimentei através dos *anos.* A discussão em seguida foi eletrizante. Muitos se interessaram por uma comunidade de fé que demonstrava a graça e o poder de Deus. Minha própria igreja precisa de pastores que entendam os *tempos* e saibam exatamente o que fazer.

4. *Tecnologia.* Nosso mundo é impulsionado pela tecnologia. O coordenador de jovens da igreja em Park Street programou um retiro na floresta, com o seguinte tema: *Ser cristão em uma era tecnológica.* O assunto principal da discussão foi a solidão produzida por um mundo em que as máquinas são com freqüência mais valorizadas do que as pessoas. Muitos convivem mais tempo com os seus equipamentos de Trabalho do que com os entes queridos, pois ficam a maior parte de seus dias sozinhos com uma máquina. Cada vez mais pessoas preferem comunicar-se eletronicamente, porque é mais seguro e controlável. A vida tornou-se impessoal e vazia.

A tecnologia é um dom maravilhoso, mas será compatível com o Evangelho? O Verbo se fez carne e habitou entre nós, e a Igreja é composta por aqueles que foram transformados. A vida congregacional é composta por gente que se relaciona com Deus e as pessoas. Portanto, a igreja televisiva é um paradoxismo.

Quando telefonei para uma de minhas organizações cristãs preferidas, uma máquina atendeu. Depois de alguns minutos de espera e mais algum tempo perdido em um deserto de secretárias eletrônicas, desisti. Estou certo de que a motivação por trás do sistema de atendimento é boa — economizar o tempo da equipe e controlar as chamadas recebidas, mas o resultado é contrário à natureza do Evangelho. A Igreja é um lugar para pessoas. O som da voz humana e a presença física são o próprio conteúdo de nossa vida. A tecnologia deve estar subordinada aos interesses do povo de Deus.

5. *Individualismo.* Quando Alexis de Tocqueville descreveu a América no tempo da Revolução, precisou inventar um novo termo:

individualismo. O indivíduo, sua felicidade e seus direitos jaziam no âmago do caráter americano. *Habits of the Heart* (Hábitos do Coração),[4] de Robert Bellah, é uma poderosa crítica desta característica nacional. Ele afirma que o individualismo extremo destrói as pessoas e a cultura. Os americanos modernos, individualistas e egoístas, afastaram-se da comunidade, da família e dos sistemas tradicionais que alimentam o coração e a alma de toda a história humana.

O psicólogo Martin Seligman documenta as conseqüências do individualismo na população jovem, em seu "Boomer Blues" [5], citado com freqüência. Este autor e outros observam que a proporção da depressão clínica nos jovens é até dez vezes maior do que a média nas gerações de seus pais ou avós. Seu diagnóstico é surpreendente. A geração mais jovem ficou excluída dos ninhos de segurança que cuidaram das pessoas durante toda a história. Eles já não confiam mais no governo ou em qualquer outra instituição pública. Durante milênios, as pessoas acreditaram em suas tribos, no sistema que chamamos de "governo". Quando surgiam os problemas, recorriam aos seus líderes, para pedir ajuda. Agora não. Muitos jovens me contam que têm dificuldade com a igreja, pois simplesmente não confiam mais nas instituições.

Os jovens preocupam-se muito com a família. Cada um conhece alguém cujo lar foi desfeito, e diversos, se não a maioria, conhecem por experiência própria as conseqüências devastadoras do divórcio. Como uma pessoa pode acreditar que alguém vai amá-la para sempre? E quem pode confiar em Deus? Se há um Senhor, os jovens crêem, Ele não parece ser capaz de fazer muita coisa. E se Deus é pai, como pode uma geração de pais ausentes ou inoperantes entender esse Senhor?

Minha filha, agora já na faixa dos vinte anos, certo dia veio da escola, quando estava na terceira série, e nos disse que suas coleguinhas brincaram de "divórcio" no recreio. Até mesmo em nossa comunidade rural e muito ortodoxa, as famílias serem desfeitas era algo "normal". Anos depois, no colegial, ela nos perguntou se íamos divorciar-nos um dia. Sua amiga, "Vicki", estava arrasada por causa do divórcio de seus pais. Depois de acalmá-la e dizer-lhe que não havia nenhuma possibilidade, ela respondeu: "Claro, foi o que os pais de Vicki disseram a ela também''. Para a geração de minha filha, casamentos desfeitos e famílias dissolvidas fazem parte da estrutura das expectativas. O resultado, diz Seligman, é uma geração fechada em si mesma e

que tem uma esperança realmente muito frágil. O homem moderno sente-se sozinho diante de um universo hostil e abandonado moral e emocionalmente.[6]

Repito, as implicações para a Igreja são óbvias. Ela e os seus pastores devem sentir o sofrimento de uma geração machucada e providenciar comunidades de fé nas quais a cura seja parte integrante da estrutura das expectativas.

ó. *Materialismo/consumismo.* O materialismo assume muitas formas, mas por trás delas encontra-se a crença de que os bens tangíveis ao nosso redor são tudo o que existe. Coisas materiais têm o mais alto valor; portanto, elas geram satisfação, pois dão motivação e constituem uma medida de valor. Os que acumulam grande quantidade de bens materiais são um sucesso.

O consumismo surgiu naturalmente. É a grande máquina que impulsiona a nossa cultura. O sistema insiste conosco para comprarmos coisas de que realmente não precisamos, sugerindo que elas nos oferecem tudo de que necessitamos para viver bem. Na vida moderna, as coisas materiais freqüentemente substituem a Deus como fonte de vida e saúde. Embora os perigos do secularismo sejam mais óbvios, os do materialismo/consumismo podem ser os inimigos mais perigosos da Igreja, porque muitos aceitam os seus tentáculos em suas vidas sem pensar. A conseqüência inevitável é que Deus fica reduzido em importância, consignado ao reino dos assuntos invisíveis da alma. Julgamos nosso próprio valor e o dos outros pelos sinais do sucesso material. Nas igrejas, atribuímos a honra de acordo com o *status* financeiro e as posses materiais. O dinheiro fala — muito alto.

Certa senhora, que dava enorme valor aos sinais do sucesso, uma vez me disse que um dos problemas que a nossa igreja enfrentava era que não tínhamos número suficiente de membros com formação superior. Ela queria dizer que eles trariam o prestígio e o dinheiro necessários à nossa um tanto humilde comunidade evangélica.

Permitimos que os ricos atribuam sua grande sorte às "bênçãos" de Deus, sem perguntar se isso significa que os pobres de algum modo perderam as "dádivas" divinas. Os ensinamentos de Jesus a respeito das riquezas e da pobreza (Lc 6:20-26) estão invertidos nos dias de hoje. Será que nós, como os homens de Tssacar, entendemos realmente o nosso tempo?

7. *Falta de raízes.* Há muito tempo, Vance Packard chamou a América de "uma nação de estrangeiros".[7] Nossa mobilidade sem

precedentes destruiu o senso de comunidade que mantinha a sociedade coesa através da história. Acrescente a falta de raízes ao nosso individualismo e o resultado é um grande número de pessoas que estão totalmente sozinhas, diante de um vasto e letal universo que parece fora de controle. O senso de isolamento pesa sobre as almas dos homens e das mulheres em nossas congregações.

A congregação em Park Street tinha um grande número de jovens. Muitos deles viviam longe de casa e residiam temporariamente em nossa cidade. Um levantamento indicou que metade dos membros fazia parte de nossa igreja há menos de dois anos. Não nos causou admiração que as amizades fossem consideradas o valor mais alto para os jovens. Poucos deles saíram de casa por razões outras que não as econômicas. Eles ansiavam por raízes, lares e relacionamentos estáveis. A movimentação de pessoas em Park Street é, sem dúvida, excepcionalmente elevada, mas indica uma tendência crescente em nosso tempo.

As igrejas e os pastores que entendem que tempo é este sentirão a dor da solidão em seu povo e vizinhos e saberão o que fazer.

S. *Derrocada moral.* No mundo secular, não existem autoridades morais fora das pessoas. Dia após dia, ouvimos que somos autônomos e agentes morais livres. Recebemos também a mensagem de que não devemos julgar as escolhas dos outros, nem permitir que nossas decisões sejam orientadas por outra coisa que não o nosso próprio interesse.

As trágicas conseqüências sociais da liberdade de escolha nos cercam. Os pastores vêem os efeitos da derrocada moral todos os dias nas pessoas destruídas. Como no livro de Juizes, vivemos tempos em que cada um faz o que é correto aos seus próprios olhos, também com trágicos resultados. Todos os domingos, os bancos das igrejas ficam cheios de pessoas cujas vidas estão distorcidas pelas conseqüências de seu próprio pecado e pelas transgressões dos outros. É triste dizer, mas muitos cristãos justificam seu fracasso moral de maneiras variadas e criativas. Os pastores descobrem que muitos dos casais que vêm para se casar já vivem juntos ou estão sexualmente envolvidos. Inevitavelmente, eles ficam surpresos e geralmente se ofendem quando lhes informamos que a Bíblia fala claramente sobre a necessidade de se abster do sexo até o casamento.

Tragicamente, a crise moral ataca o coração da Igreja. O colapso moral dos pastores e líderes evangélicos é assustador. Enquanto ficamos devidamente chocados pela má conduta dos ministros, uma erosão moral mais insidiosa destrói o caráter dos membros da igreja. O próprio pragmatismo que torna vibrante o cristianismo evangélico ao mesmo tempo tende para uma perda de integridade. Alguns leigos aconselharam-me a brincar com a verdade, pois acham que dizer toda a verdade pode afetar negativamente toda congregação ou algumas das pessoas (geralmente as que têm dinheiro ou influência). Ironicamente, um dos melhores membros da igreja me disse que sou honesto demais para liderar uma comunidade evangélica. Se ao menos ele soubesse o profundo desejo que me tenta a ser brando, quando prego, e de manipular a verdade e as pessoas, quando lidero!

Em um mundo dirigido pelo dinheiro como o nosso, os pastores são continuamente tentados a representar para o auditório e dizer às pessoas o que elas desejam ouvir. Uma vez que os ministros são agentes da paz de Cristo, somos tentados a mantê-la a todo custo, até mesmo deixando de dizer a verdade; por isso, muitas vezes, deixamos o barco correr. Falhamos em distinguir a diferença entre *manter* e *fazer* a paz. A última é sempre cara, mas inevitavelmente melhor. Se os servos do Senhor são tentados a enfraquecer a verdade por amor a uma organização, não nos admira que os leigos estejam ansiosos por ajuda ética no mercado de trabalho. Quase todos os dias converso com homens e mulheres que vivem sob enormes pressões para mentir ou enganar em benefício de suas companhias ou para progredir nelas. Um dos maiores desafios do nosso tempo é viver a moral cristã autêntica no mercado de trabalho.

Precisamos de uma geração de pastores com visão clara, espinha moral ereta e uma profunda e empática compreensão dos tempos, para liderar a Igreja do século XXI.

9. *Conflitos/guerras culturais.* O livro *Culture Wars* (Guerras Culturais)[8] descreve a batalha pela alma da América. Essa guerra, contudo, é apenas uma pequena parte de uma queda maior para o caos. Em 1963, Daniel Patrick Moynihan e Nathan Glazer previram a atual crise. Seu ilustre mas ignorado livro *Beyond tbe Melting Pot* (*Além* da Mistura de Raças) declarava que as reivindicações marxistas de que este seria o século da "luta das classes" estavam completamente erradas. Seria, eles insistiam, um século de crescente tensão étnica e de recuperação da consciência tribal.[9]

Em 1993, Moynihan disse à revista *Newsweek,* talvez ironicamente, que seu próximo livro seria intitulado *Pandemonium* (Pandemônio). Ele lembrou na entrevista que no *Paradise Lost* (Paraíso Perdido), Pandemônio era a capital do inferno.[10] Se isso é o que os astutos observadores políticos prevêem, a Igreja precisa imediatamente de mais homens de Issacar, líderes sábios que entendam o que ela deve fazer na atual conjuntura.

O maior conflito cultural faz eco em uma variedade de outras tensões menores, mas muito reais. Batalhas raciais, étnicas, políticas, de gênero, gerações e família, pontilham o mapa cultural do nosso tempo. Este é um mundo muito antagônico, e todos nós levamos o conflito para casa e também para a igreja. Temos uma nova profissão para combinar com o espírito do século - gerência de "solução de conflitos".

Nossas igrejas estão cheias de pessoas que vivem em conflitos pessoais, morais e de relacionamento. As instituições religiosas, que deveriam ser a demonstração da paz de Deus, vivem em grandes conflitos. "Guerras santas" são levadas a efeito nas denominações, nos seminários e nas congregações locais. Atualmente, pode-se ganhar a vida com a realização de um ministério itinerante, a fim de dar *conselhos* para *a solução* de *conflitos e ensinar as igrejas a* evitá-los. O fato é que o conflito cristão é uma negação do poder da paz de Cristo. Contudo, ele está aumentando na sociedade e na Igreja. Portanto, a Noiva de Cristo precisa de líderes que entendam que tempo é este e o que fazer.

10. *Qualidade de vida decrescente.* A revista *Fortune* declara que vivemos quatro movimentos comerciais simultaneamente." Juntos, são maiores do que a Revolução Industrial que deu forma ao mundo moderno. Cortes, reengenharia e mão de obra obsoleta criam insegurança que leva muitos jovens americanos a pensar que passam *por um* período *cm que a qualidade de* vida está *numa* curva descendente.

Mães solteiras tornam-se uma nova classe de pobres marginalizados. A pobreza na América cresce assustadoramente e ninguém tem solução para este problema. Acrescente o aumento da violência, do crime, da instabilidade social, e o resultado é uma cultura pessimista. A edição de 75 anos da revista *Forbes* resume-se assim: "Por que nos sentimos tão mal".[12] É uma coleção de ensaios de americanos proeminentes liderados por um artigo intitulado "Oh, nossa angústia dolorosa". Os diagnósticos diferem,

mas todos concordam que o povo americano está cada vez mais pessimista, conforme a desintegração que há em nossa cultura.

Como pode uma cultura crescer, quando sua moralidade decresce, o conflito aumenta, os relacionamentos enfraquecem-se, a solidão intensifica-se, as famílias desintegram-se, o crime e a pobreza aumentam e a geração em formação tem poucas esperanças? Este século demonstrou que o governo pouco conseguiu fazer para inverter o declínio cultural. A Igreja permanece no meio desta cultura e oferece esperança, poder e um lar. Em tempos como estes, ela deve ser liderada por pastores que entendam esta cultura sob a perspectiva da encarnação e saibam como liderar oferecendo a possibilidade de redenção.

A NECESSIDADE DA HORA

Quando o grupo discutia o estado de nossa cultura, tive a idéia de que cada um daqueles dez marcos culturais está poderosamente representado no Evangelho. Na verdade, Israel e sua religião levantaram-se contra forças maiores do que estas e prevaleceram. A Igreja não deve ficar amedrontada, na defensiva ou escondida. Se o Evangelho é o poder de Deus, precisamos ficar na ofensiva com a mensagem da esperança — não desesperados, mas com uma palavra positiva; não com uma mensagem pessimista, mas com uma oferta redentora. Considere a lista novamente com a mensagem cristã acrescida.

1. *Internacionalização.* O Evangelho deve ser internacionalizado, a fim de que se dirija poderosamente a uma realidade mundial. O texto de Atos 13:1 descreve uma igreja internacional e multicultural que alcançou o mundo. Os nomes dos líderes cristãos indicam antecedentes romanos, gregos e judeus. Esta congregação diversificada enviou os primeiros missionários para o mundo de então. A grande declaração teológica do reino universal de Deus está em Efésios 2:11-22. Pelo poder da cruz, Cristo derrubou os muros que separavam o Criador da criatura e os humanos uns dos outros: "Pois ele é a nossa paz" (v. 14). O resultado da obra de Cristo é a Igreja, onde as diferenças humanas não mais importam e a paz de Cristo une a humanidade fragmentada. "Aqui não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, servo ou livre, mas Cristo é tudo em todos" (Cl 3:11).

Esta visão não é um simples idealismo. Até mesmo em Jesus as realidades humanas mancham a obra redentora de Cristo.

A Igreja primitiva lutou muito contra a divisão cultural, e a contemporânea prossegue na luta. Contudo, nenhuma organização na Terra está mais bem equipada para atender ao desafio de um mundo internacionalizado.

2. *Urbanização.* A Igreja primitiva não parecia intimidada pelo mal coletivo dos grandes centros urbanos do mundo romano. Na verdade, a estratégia missionária de Paulo planejou o ministério nas grandes cidades romanas. Localidades como Filipos e Éfeso tornaram-se centros estratégicos para alcançar regiões inteiras. Mais do que isso, as cidades são locais estratégicos para o ministério exercer influência em todo o mundo. O futuro do cristianismo está em nosso país, nas cidades. O cativeiro suburbano da Igreja deve dar lugar a uma parceria com as congregações urbanas, como uma demonstração da natureza do Evangelho que desafia a cultura. O cristianismo evangélico está especialmente equipado para o ministério na cidade. Cremos que Deus é maior do que as montanhas nos centros urbanos e as corrupções suburbanas. Estamos convencidos de que o Evangelho transforma as vidas de dentro para fora e as comunidades de pessoas transformadas alteram profundamente a natureza da sociedade.

3. *Secularizaçâo.* Os seres humanos anseiam por uma realidade espiritual, como indica o surgimento da Nova Era e outras exóticas religiões contemporâneas. A fé cristã declara que é a realidade final e que Deus pode ser conhecido. A Igreja oferece exatamente a realidade sobrenatural, negada por grande parte da modernidade. Somos um grupo de pessoas que vive na presença de Deus. Reunimo-nos todas as semanas na presença do Cristo transcendente que veio para transformar as pessoas. O amor de Deus, a realidade sobrenatural última, enche os nossos corações e dá forma aos nossos relacionamentos. Nossa vida em Cristo é uma demonstração de que a eternidade existe no tempo e no espaço.

Quanto mais secular a cultura se torna, maior a oportunidade para a Igreja demonstrar a realidade de um Deus transcendente que decidiu viver entre nós, para nos transformar. A Igreja deve saltar para a oportunidade, e não fugir dela. O mundo aguarda ansiosamente a efetiva ação do cristianismo.

4. *Tecnologia.* O caráter áspero, impessoal e solitário de um mundo tecnologicamente impulsionado encontra um Deus que ama o mundo, sabe os nossos nomes e conta os fios de cabelo de nossas cabeças. O Senhor deseja que saibamos o quanto somos

queridos por Ele. Deus nos coloca em uma nova comunidade que tem o seu caráter cheio de graça, amoroso. Na Igreja, o amor e a misericórdia do Senhor materializam-se, e seres humanos comuns podem conhecer e experimentar o calor do coração divino.

Na igreja, e em nenhum outro lugar do mundo, as pessoas valem alguma coisa. Cada cristão leva o nome de Deus e é aceito por isso. O que produzimos nada vale diante do Senhor, e a igreja que conhece a Deus trata as pessoas com *esse* tipo de graça.

Quanto mais a tecnologia se apossa de nosso mundo, mais a Igreja deve apresentar o caráter interpessoal e gracioso do Evangelho. As comunidades evangélicas e os pastores que entendem os tempos atuais e sabem o que fazer capitalizarão o poder ardente e pessoal do Evangelho, para tocar em vidas que ficaram frias e sozinhas, abandonadas por um mundo que não se importa com elas.

5. Individualismo. A igreja, por sua própria natureza, é comunitária — o oposto do individualismo. O próprio nome "corpo de Cristo", dado à Igreja no Novo Testamento, indica o seu caráter interdependente. É um lugar onde as pessoas se importam umas com as outras, vivem umas para as outras e partilham uma vida comum. Deus dispensa sua graça, seu amor e sua misericórdia por meio de pessoas com dons dentro da Igreja.

A Igreja do Novo Testamento é com certeza sacramentai. *É* um vaso que oferece a graça de Deus às pessoas. E estas, na comunidade evangélica, são igualmente sacramentos. Elas oferecem dons da graça umas para as outras. Eu sou um destes recipientes utilizados pelo povo da igreja. Grande parte do que conheço sobre a fé cristã me foi concedida mediante seres humanos que me ensinaram, me amaram, me desafiaram, me encorajaram e me ajudaram a crescer.

As igrejas que entendem que tempo é este tomarão a decisão de tornar o caráter comunitário da Igreja forte e vibrante. Nenhum pastor estilo "cavaleiro solitário" precisa candidatar-se!

6. *Materialismo/consumismo.* A Bíblia declara que a realidade final é espiritual, e não material, e o verdadeiro significado encontra-se nos assuntos do coração. Pessoas sadias são impelidas por uma paixão por Deus e um amor ao próximo — não pela aquisição das coisas materiais.

A Igreja precisa aprender essa lição rapidamente. Os cristãos a conhecem melhor, mas, com freqüência, agimos como se acreditássemos que os que acumularam mais coisas materiais têm

mais significado. Com freqüência, falamos como se essas pessoas recebessem um favor especial de Deus. A igreja do século XXI deve demonstrar o contrário. Devemos desenvolver uma espiritualidade que esteja em contato com este mundo, porém impulsionada pelos valores do Evangelho e da eternidade.

7. *Ausência de raízes.* Nosso Deus é o Senhor de Abraão, Isaque e Jacó. Portanto, homens e mulheres de Deus têm raízes tão antigas quanto o mundo. Além disso, nossas projeções vão até a eternidade, onde os santos, entre os quais os profetas e os apóstolos, adoram a Deus. E geograficamente pertencemos a uma comunidade que envolve o mundo. Contudo, mais significativamente, esta comunidade da fé é local. Por meio da participação em uma congregação local, faço parte de um corpo mundial que tem uma história que se estende até Abraão e Sara.

As igrejas que entendem a época presente encontrarão maneiras novas e criativas de ensinar e ajudar os outros a experimentar o enraizamento que é central à fé cristã. A educação bíblica nos ensina a respeito de nossos antepassados na fé, enquanto nos liga tanto à Igreja universal ao redor do mundo que nos une em cânticos e oração como também ã igreja eterna reunida diante do trono de Deus em louvor incessante.

8. *Derrocada moral.* O Evangelho oferece uma recuperação mais significativa do que qualquer movimento de restabelecimento humano. As Escrituras declaram que o Evangelho é o poder de Deus, e Jesus Cristo propõe-se a transformar todos os que vêm a Ele pela fé. A Igreja destina-se a ser um lugar de desenvolvimento moral, no meio da imoralidade do mundo.

Os cristãos contemporâneos não precisam temer a anarquia moral de nosso tempo. Jesus certamente não se intimidou com os espíritos malignos, as enfermidades, a hostilidade e a indiferença. Se o Evangelho é o poder de Deus e a Igreja é um centro redentor, que hora seria melhor para estar vivo do que agora? Para a Igreja, a atual crise é a maior de todas as oportunidades para a expansão de seu ministério.

As igrejas que sabem que hora é esta criarão ministérios poderosos para recuperar os que estão esmagados pelas conseqüências do pecado e do mal. Os pastores que sabem que hora é esta liderarão suas igrejas para o encontro autêntico com este mundo maligno, de todas as maneiras que sejam apropriadas ao exercício de seus dons e aproveitamento de oportunidades.

9. *Conflitos/guerras culturais.* No Antigo Testamento, a salvação encontra-se descrita pela maravilhosa e rica palavra hebraica para a paz sistemática: *shalom.* No Novo Testamento, Jesus, o Messias e Príncipe da Paz, veio para estabelecer a união entre as tribos, as raças e os povos (Ef 2:14). Paulo traça uma bela figura da paz de Deus que é maravilhosamente experimental: "E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e as vossas mentes em Cristo Jesus" (Fp 4:7). Isso também faz parte da maravilhosa graça de Deus.

Infelizmente, constitui uma terrível ironia que durante séculos os cristãos tenham declarado guerras de vários tipos em nome do Príncipe da Paz. É algo alienante que nos dias de hoje o povo de Deus tenha declarado guerra à nossa cultura em nome do Senhor. Chegou a hora do cessar fogo! A graça, a misericórdia e o amor, que formam o caráter central do Evangelho, também devem marcar o caráter da Igreja de Deus. Denominações evangélicas pacificadoras são necessárias agora. Quando os pastores que compreendem o nosso tempo conduzirem suas congregações para o *shalom* de Deus e o povo do Senhor encontrar resolução para os seus próprios conflitos, internos e externos, o mundo vai parar a fim de nos observar.

10. *Qualidade de vida decrescente.* A verdade e o poder do Evangelho e, portanto, a qualidade de vida para os cristãos não dependem de fatores econômicos, políticos ou sociais. O fato de alguns cristãos falarem que Deus parece vinculado ao "estilo americano", ou qualquer coisa semelhante a isso, destina-se a ser um desastre na obra do Senhor. Mas, na realidade, o destino do povo de Deus independe do sucesso ou fracasso nacional ou internacional. Além disso, a qualidade de vida para os cristãos é determinada por outros fatores. Na verdade, o sucesso pode ser a maior de todas as maldições, quando torna a pessoa orgulhosa e independente de Deus. Jesus expôs isso com autoridade: "Que aproveita ao homem ganhar o mundo todo, perdendo-se ou prejudicando-se a si mesmo?" (Lc 9:25).

A hora atual é propícia para a Igreja. Que momento melhor poderia haver para demonstrar à geração que surge o poder de nossas convicções? Nossa esperança está em Deus e não na América ou em sua sorte moral ou econômica. As igrejas e os pastores que sabem que hora é esta vão, em nome e no poder de Jesus, criar comunidades de fé onde os valores do Evangelho sejam abraçados, ensinados e vividos.

CONCLUSÃO

Precisamos de igrejas e líderes missionários. Necessitamos de pastores que entendam esta cultura com profunda empatia e conheçam o poder do Evangelho o suficiente para criar congregações redentoras.

Muitos cristãos rejeitarão esta visão para a Igreja e o seu ministério. Preferirão o conforto em lugar do compromisso com o nosso mundo. Há, contudo, um quadro crescente de pastores e líderes que desejam levar o tempo presente a sério, em nome de Cristo.

Alguns dos que se alistaram nesta nova força de Deus me surpreendem. Russell está em idade de se aposentar. Ele é o cristão mais tradicional que conheço, no melhor sentido deste termo. Recentemente, ele telefonou para me encorajar. Disse-me que se sentia feliz porque eu era o seu pastor e não permitia que ele se acomodasse. "Gostaria de me acomodar", disse ele, "mas você me forçou, e também à igreja, a agir efetivamente diante das necessidades dos anos noventa. Foi difícil para mim, mas obrigado".

Russell é um homem da tribo de Issacar. Ele entende os tempos e quer fazer alguma coisa nesse sentido.

4. DE QUEM É ESTA IGREJA?

A QUESTÃO DA ECLESIOLOGIA

Jamais vou esquecer minha primeira noite na "Sociedade dos Pais Solteiros" na Igreja Evangélica Livre de Crystal. Eles me convidaram, como seu novo pastor, para conhecê-los. Reuniam-se todas as quintas-feiras à noite para estudos bíblicos e debates, embora muitos deles não freqüentassem regularmente a nossa igreja. Muitos de seus membros conheceram a sociedade por meio de amigos. Tive conhecimento de que o grupo realizava um ministério poderoso, para atender a necessidades muito especiais. Também soube que muitos dos pais solteiros se converteram a Cristo, por intermédio do ministério dos grupos familiares. Conhecia seus líderes e estava ansioso por conhecer seus métodos de trabalho.

Quando entrei no recinto, imediatamente senti o sofrimento no ar. Nunca experimentei um sentimento semelhante. Aqueles pais solteiros, homens e mulheres, velhos e jovens, conheciam uma dor que não tem nome, tão forte que permeava o espaço. Senti-me esmagado.

Depois das apresentações, fiz um pequeno discurso e abri a reunião para as perguntas. Eles tinham apenas uma para me fazer, embora viesse em diferentes formas: "Esta igreja tem lugar para gente como nós?", "Vocês nos aceitam?", "Deus nos oferece alguma esperança?", "O senhor, como pastor, vai ajudar-nos a encontrar um futuro?", "Esta igreja pode ser um lugar seguro para sermos curados e crescermos?".

Um desses pais solteiros era pastor, outra era ex-esposa de um ministro evangélico de renome. As vidas de ambos estavam

arruinadas e seus ministérios, efetivamente destruídos. Como muitos outros naquela sala, não viam muita esperança no dia de hoje e no amanhã. Para alguns, a questão era se o seu cônjuge permitiria que vissem os filhos. Para outros, era a sobrevivência à margem da pobreza. Para todos eles, o maior empreendimento de suas vidas fora arruinado e sentiam-se totalmente falidos. Ali, em um ambiente cheio de misericórdia e amor, muitos aceitaram a Jesus e experimentaram a graça pura do Evangelho de Cristo.

Naquela noite, aprendi outra dimensão do poder do Evangelho. Quando a Igreja se estende compassivamente para os feridos, muitos vêm e encontram cura substancial no Corpo de Cristo. Gente quebrantada geralmente vê suas necessidades espirituais e volta-se para Deus ou para a Igreja em busca de ajuda. Quando sabem que o povo de Deus interessa-se genuinamente, quando os recebemos com as suas necessidades, quando eles vêem que realmente queremos amá-los e ajudá-los, eles vêm — eu sou testemunha. A notícia corre rapidamente. Durante algum tempo, conheci o poder da graça e do Evangelho entre o povo de Deus. Um domingo de manhã, eu observava a congregação durante o ofertório. Enquanto meus olhos passeavam sobre o povo, lembrei-me da profundidade das necessidades que as pessoas tinham partilhado comigo. Eu havia caminhado por águas profundas com quase todos eles. A oração pastoral veio a seguir, e mal consegui enunciá-la, enquanto os fardos acumulados desses queridos filhos de Deus repousavam sobre a minha alma.

Acho que nunca mais fui o mesmo. E tomei a decisão de que o culto também não mais seria o mesmo. Daquele dia em diante, percebi que o culto público era uma oportunidade dada por Deus para o poder do Evangelho fazer a sua obra. E foi o que aconteceu. Não apenas por meio da pregação c do ensino, mas também por intermédio do ministério mútuo do povo de Deus reunido para se encontrar com Ele. E, durante a semana, o trabalho prosseguiu. A vida foi partilhada, a graça e o Evangelho foram oferecidos, e muitas transformações aconteceram.

Mas naquela noite, na "Sociedade dos Pais Solteiros", aprendi que a Igreja deve ser um lugar de cura para os que não são evangélicos. Se o nosso padrão é a encarnação de Cristo e a busca dos perdidos é a missão, precisamos encontrar meios de levar a misericórdia e as boas novas aos perdidos e necessitados. Nosso amor pelas almas deve acompanhar nossa paixão pela verdade. É necessário que seja assim.

Recentemente, ouvi um capelão de um campus universitário falar de uma resposta que obteve em sua oração especial. Durante vários anos, ele orou para que Deus lhe desse compaixão pelos homossexuais. Foi uma grande batalha, ele confessou, ministrar a Palavra de Deus para este grupo tão rejeitado pela sociedade. Ele contou como Deus respondeu à sua oração e o alcance de seu ministério expandiu-se extraordinariamente. A Igreja do Século XXI fará isso também?

Cercam-nos dezenas de necessidades especiais. Cada uma delas é uma oportunidade de expandir o Evangelho e dispensar cuidados cristãos. A Igreja estará ali com as boas novas de Deus para pessoas que não têm esperanças aqui na Terra? Ela apresentará as ternas misericórdias de um Senhor que nunca criou uma pessoa que Ele não amasse com amor eterno? Grupos de apoio para uma quantidade assustadora de males criados por um mundo moderno e pós-moderno já brotam por aí, quando o povo de Deus começa a tomar posse desta época para o reino de Cristo. A imensa destruição que a modernidade certamente provocará deve ser enfrentada por uma Igreja cheia de graça, que se debruça sobre uma sociedade carente e cheia de necessidades.

A sensibilidade cultural e a mão estendida são essenciais em qualquer época, mas particularmente na nossa. Contudo, também existe um grave perigo em qualquer tempo e, mais especialmente, no nosso. Em nossa preocupação com os perdidos e nossa adaptação de métodos e estruturas para os de fora, arriscamo-nos a permitir que a modernidade defina a agenda da Igreja. Se não tomarmos cuidado, ela poderá criar a nossa identidade. Arriscamo-nos a correr em tantas direções de uma só vez, a ficarmos tão ocupados e a fazer o que pensamos ser a obra de Deus, que poderemos nos esquecer de quem somos, a quem servimos e qual é a nossa missão. Em outras palavras, permanecer no trilho estreito sobre o qual a Igreja deve andar é difícil. Como podemos ser tão sensíveis para com o nosso mundo e suas desgraças como Jesus foi e, ao mesmo tempo, permanecer fiéis à Igreja e ser como as Escrituras exigem que sejamos? Ou, se invertermos, podemos ser a Igreja - una, santa e apostólica, fundamentada nas Escrituras, com dois mil anos de sabedoria acumulada - sem perder o contato com os nossos vizinhos? Paul Tillich disse há muito tempo: "Nos dois últimos séculos, a questão constante para a teologia protestante é esta: a mensagem cristã pode ser adaptada para a mente moderna, sem perder o seu

caráter essencial e único?"[1] Tillich estava certo — esse é o problema da teologia e, o que é mais importante, da Igreja. Afinal, a Igreja está onde o cristão é mais freqüentemente visto pela modernidade. Como adaptamos a mensagem para o mundo pós-cristão, sem perdermos o nosso formato bíblico especial?

Não basta ser culturalmente sensível ou até mesmo ter compaixão avassaladora pelos perdidos. Necessitamos de pastores que entendam os tempos e as normas bíblicas. Particularmente, precisamos de líderes evangélicos com uma profunda compreensão da idéia bíblica sobre a Igreja. Ajustá-la a uma nova era não é um assunto tão fácil. É, na verdade, o seu problema contínuo. Certamente o Evangelho deve ser contextualizado; Paulo ensinou-nos assim. Ele se fez de tudo para todos, a fim de ganhar alguns. Mas, ao mesmo tempo, a Igreja é sempre Igreja. Ela dá testemunho da eternidade, é governada por valores diferentes deste mundo e distingue-se por seus membros serem semelhantes a Cristo, algo totalmente diferente da modernidade. Estamos no meio de uma reforma. Apesar do que podemos pensar disso, a Igreja é constantemente reinventada. Ou, mais especificamente, o cristianismo evangélico é redefinido por suas diversas denominações. Os centros de influência evangélicos mais antigos, tais como a Associação Nacional de Evangélicos, *Christianity Today* (O Cristianismo Hoje), a Associação Billy Graham e os seminários evangélicos simplesmente não dão mais forma ao movimento como antigamente. Ninguém com quem eu converso considera aqueles antigos centros cristãos como influentes em suas vidas ou ministérios.

Os centros de influência nesta geração são as grandes igrejas, milhares delas, a maioria das quais não existia há vinte anos. Posso me aventurar a dizer que Bill Hybels, o pastor da mais conhecida e maior dessas denominações, a Igreja da Comunidade de Willow Creek, em South Barrington, Illinois, é um dos líderes mais influentes no protestantismo americano. Não estive ainda em uma reunião de líderes cristãos nos últimos cinco anos na qual ele e sua igreja não fossem um tópico de discussão.

Associações de pastores e líderes, não organizações, são os maiores centros de influência. A Associação de Líderes, com escritório em Tyler, no Texas, é um desses casos. Ela foi fundada para fornecer um sistema informal de apoio aos pastores das grandes igrejas. Inicialmente, dez a quinze pastores reuniam-se durante vários dias, sem uma agenda pré-estabelecida,

simplesmente para se relacionarem e aprenderem uns com os outros. Mais recentemente, a associação tem oferecido novas formas de educação contínua chamadas "ápices". De maneira significativa, seus professores são práticos e não teóricos. Como participante de ambos, um fórum e diversos ápices, posso dizer que aprendi mais sobre como ser pastor e líder cristão ali do que em qualquer outro lugar, excetuando minha própria experiência. As associações e os seus debates exercem enorme influência nas grandes igrejas do nosso tempo e por meio delas.

Grandes igrejas são um fato na vida da América. Por favor, observe que este é um movimento que não começou com teoria, líderes e literatura a respeito do crescimento das denominações evangélicas. Na verdade, as grandes igrejas brotaram na América muito antes das teorias de crescimento serem ensinadas. Deus levantou uma nova geração de pastores empreendedores que criou um novo tipo de igreja. Eu me lembro do entusiasmo e admiração de meu pai e seus amigos, nos anos 50, quando discutiam algumas dessas primeiras grandes denominações. Até visitamos algumas para observação. Desde então, milhares delas, de tamanhos sem precedentes, pelo menos no protestantismo, surgiram para criar uma nova força no cristianismo americano. O *Guiness* sugere que o surgimento das grandes igrejas é o movimento eclesiástico mais significativo no século XX.[2] Parece que a tendência não se alterará no futuro próximo.

Seja o que for que disserem a respeito das grandes igrejas, uma coisa é certa: elas colocaram as missões de volta no centro do cristianismo. O resultado é que as grandes e pequenas denominações estão cada vez mais interessadas em alcançar seus vizinhos. O evangelismo está de volta nas igrejas.

Ocorre também um movimento resultante da consci-entização igualmente importante, se não mais significativo. Intencionalmente ou não, o aumento exponencial das grandes igrejas na América leva a eclesiologia para o primeiro lugar na consciência evangélica. O tamanho, a complexidade e o foco estratégico das grandes denominações forçam os pastores, os líderes das igrejas e os teólogos a pensar criativa e biblicamente sobre a natureza de cada uma delas, especialmente as locais.

Uma jovem estudante queixou-se a mim de que a sua faculdade de teologia tinha pontos de vista fundamentalmente opostos a respeito da Igreja. Eu confio que essas normas receberão

um exame completo dos teólogos e imploro-lhes que incluam os pastores em seus diálogos.

Todas estas mudanças representam um fundamental e necessário paradigma na eclesiologia e teologia pastoral. Ambos, a Igreja e o seu ministério, são repensados em termos de missão evangelística na sociedade pós-cristã. A noção de igreja como um porto seguro da modernidade e de ministério como uma preocupação parecida com a do capelão com a organização dão lugar a uma denominação com suas portas escancaradas, com o propósito de enviar o seu povo para transformar a modernidade.

O DESAFIO ECLESIÁSTICO

Em meu julgamento, a mudança que testemunhamos é um movimento nascido de Deus e um momento *oportuno* a ser captado. Minha principal preocupação é que este movimento recupere uma compreensão bíblica da Igreja, para acompanhar seu devido senso de missão.

O que é a Igreja?

Em algum ponto ao longo do caminho, a eclesiologia, a doutrina da Igreja, perdeu-se. Suponho que a luta pela integridade teológica logo no início deste século tenha forçado um interdenominacionalismo irrefletido que simplesmente não tinha tempo ou energia para o pensamento eclesiástico. As linhas denominacionais mesclaram-se na batalha, enquanto muitas organizações paraeclesiásticas assumiram partes da missão da Igreja. A eclesiologia foi colocada dentro da teologia.

contudo, esta doutrina é muito maior e mais profunda. A eclesiologia bíblica apresenta o *caráter* diferente do povo de Deus. Os debates mais longos das recentes eclesiologias são quase sempre questões de governo. A discussão teológica fica geralmente restrita à Igreja organizacional ou universal. Esta quebra entre as questões terrenas e práticas, pertinentes à comunidade evangélica, e as questões teológicas e eternas provocou enormes erros na Igreja. Falta a reflexão teológica ou, mais particularmente, o pensamento teológico integral a respeito da Igreja, especialmente na comunidade evangélica. A eclesiologia ficou marginalizada e destituída do aspecto teológico. Ela é menos "teológica" do que o próprio corpo da teologia.

Nos atuais círculos evangélicos, a mostragem teológica da Igreja virtualmente desapareceu. No pensamento popular, o próprio evangelismo ou alguma noção calvinista imprecisa tornou-se a Igreja universal. A comunidade cristã é uma questão de organização. Qualquer eclesiologia é, quando muito, uma abstração divorciada da função das denominações evangélicas, onde a real vida eclesiástica acontece. A recuperação da eclesiologia deve incluir um lado *funcional* poderoso, a vida e o ministério de uma congregação local na reflexão bíblica teológica.

A ausência do pensamento evangélico a respeito da Igreja já foi observado. O registro de maior destaque foi o artigo de Robert Patterson, "Em Busca da Igreja Visível", em *Christianity Today*.[3] Esse autor declara que os evangélicos enfraqueceram e abandonaram a eclesiologia. Ele observa a falta de artigos a respeito desta doutrina bíblica em *The Journal of tbe Evangélical Theological Society* (O Jornal da Sociedade Teológica Evangélica) e a notável ausência de declarações a respeito da eclesiologia em dois documentos teológicos importantes: "Afirmações Evangélicas" e "Manifesto de Manila". Poderia acrescentar a igualmente notável ausência de um artigo a respeito da eclesiologia na declaração de fé da Associação Nacional dos Evangélicos. O que os teólogos pensam a respeito de suas obras? Que valor tem a teologia, se não aponta de alguma forma para a igreja local, onde a fé e a vida acontecem? Será que alguém se lembra de que o Novo Testamento foi escrito para as comunidades evangélicas?

E a igreja local?

Semelhante negligência está patente na vida da igreja local, onde a fé e a teologia finalmente residem. Patterson detecta certa

mentalidade "McCristã" que introduz o consumismo na comunidade evangélica,[4] que geralmente é vista como o local que recebe bens e serviços, em vez de um corpo cujo propósito é o de servir. Ela é uma das opções na lanchonete da vida cristã. Os consumidores da religião decidem filiar-se a uma denominação, com base nos melhores serviços disponíveis. Raramente ouço alguém dizer que se filiou à nossa igreja porque sentiu que Deus o trouxe para nós. Muitos vêm porque um ou alguns dos nossos ministérios atendem às suas necessidades. Certamente isso não está errado, mas deixa fora grande parte da doutrina bíblica da Igreja.

O evangelismo moderno inclina-se a negligenciar as ordenanças de Jesus. Vivemos com o espectro de um grande número de cristãos não-batizados (um paradoxo histórico e teológico) e uma imensa quantidade de professos sem nenhum relacionamento com a igreja local, sem sentir que precisam tornar-se membros de uma denominação evangélica.

O significado central de eclesiologia

A perda da eclesiologia em qualquer nível não é uma questão sem importância. Poderia ser finalmente fatal. A eclesiologia é o lugar onde existe toda a teologia. Alguns até diriam que o elemento mais informativo e revelador de qualquer teologia é a sua eclesiologia. A teologia evangélica está cada vez mais afastada da vida da comunidade cristã, talvez em parte por negligenciar o local onde a própria teologia descansa - a igreja. Pelo contrário, nossos teólogos tendem a destinar sua obra para si mesmos e suas academias.

Por causa da negligência, a atividade da igreja se transformou em eclesiologia. Muitas palestras e a própria teologia eclesiológica são principalmente descritivas. Parece que não há um conjunto de reflexões bíblicas e teológicas a respeito da igreja local. O perigo é muito grande, especialmente se a eclesiologia em um sentido muito real é o local onde repousa toda teologia. As implicações para uma igreja e o seu ministério são enormes.

A separação entre a doutrina da igreja e o corpo da teologia inevitavelmente cria um pensamento eclesiástico, de acordo com as linhas organizacionais humanas. Nem é preciso dizer que o ministério cristão sofre em conseqüência disso. A prática do ministério, a obra humana dos pastores, é o ponto central. A atividade ministerial é agora a teologia do ministério. Os pastores

vivem com uma compreensão diminuída de si mesmos como ministros cristãos e realizam sua obra sem uma visão bíblica e teológica clara para a igreja e seu ministério.

Está patente que o ministério pastoral recebe o seu significado da eclesiologia. A igreja é a casa na qual esse ministério se realiza. Este aspecto dá forma ao caráter do ministério. Sem uma doutrina explícita da igreja, não existe um verdadeiro ministério cristão, mas apenas imitações. O ministério pastoral, portanto, deve começar de maneira adequada, com uma eclesiologia poderosa e transformadora. Como, então, deveria ser o retrato da igreja? Essa é a pergunta certa e exige o devido ponto de partida. A direção deste comentário é crítico e é uma questão de integridade teológica. Discussões e conclusões dependem de pontos de partida adequados. Nosso ambiente, este mundo, este tempo tumultuado é o local absolutamente errado para se começar. Inevitavelmente acabamos com uma eclesiologia descritiva que não é completa. A descrição é adequada, mas é dada no final. É uma conclusão, o final devido de uma discussão muito importante que deveria vir em primeiro lugar.

A QUESTÃO ECLESIÁSTICA

Míllard Erickson observa que a eclesiologia protestante não recebeu investigação teológica continuada.[5] Isso não

quer dizer que houve poucas obras escritas a respeito da Igreja. Desde 1960 muitas obras foram publicadas, mas quase todas elas foram descritivas.

O âmago da questão

Erickson destaca corretamente que a verdadeira questão eclesiológica é muito mais profunda. A eclesiologia deve começar com a essência da Igreja, pois o que ela é direciona todas as outras discussões. Ele observa corretamente que nossa cultura cada vez mais pragmática está impaciente com as discussões a respeito das essências.[6] Temos grande preferência pelas descrições. Gostamos de edificar a teologia desde as bases. Por isso, a reflexão teológica, especialmente no nível popular, é difícil. Mas a essência é exatamente onde devemos iniciar — na teologia e na igreja. Erramos em duas direções. É possível acusar a eclesiologia

evangélica de uma forma de docetismo.* Uma visão semicalvinista e bastante popularizada da "verdadeira" Igreja, como a universal e invisível, inclina-se nessa direção. Esse tipo de pensamento coloca a comunidade evangélica em uma posição secundária e mantém-nos afastados de uma eclesiologia real ou funcional — a natureza da igreja local. E é nas congregações que o cristianismo é vivenciado.

Ou, ao contrário, podemos ser igualmente ebionitas.**[7] Nossa preocupação com o cristianismo histórico, as questões pragmáticas, as coisas sem importância da igreja, o lado humano de grande parte do pensamento eclesial americano forçam a nossa eclesiologia *a* sofrer de uma falta de transcendência. A igreja é ou se torna estritamente humana. Em nosso tempo, esta eclesiologia mais ou menos ebionita é preponderante. À luz do Novo Testamento, uma eclesiologia assim é totalmente deficiente. Então, o que é a Igreja?

Hans Kung responde a esta pergunta. Na eclesiologia, "um fato precede a explicação... A Igreja é uma essência que assume forma histórica".[8] Se essa essência *não* for o ponto de partida de toda discussão eclesiológica e ministerial, a igreja fica mais prisioneira de suas próprias teorias do que sujeita ao seu Senhor.

A Igreja é definida pelo seu Senhor

O pensamento eclesiológico sadio começa com a idéia cristológica. Parece óbvio, mas é um ponto que os evangélicos modernos parecem esquecer. A Igreja com suas profundas raízes na doutrina de Cristo é teologia cristã fundamental. há um século, P. T. Forsyth, um teólogo congregacionalista, lamentou a perda do poder na Igreja de seu tempo. Era, ele dizia, o resultado da perda do poder e da presença de Cristo em sua denominação. A igreja deve ter, Forsyth dizia, um Senhor bastante grande, para se opor aos poderes demoníacos desencadeados pelo Século XX.[9] Ele

---

* N.R.: O docetismo, do verbo grego *dokeo,* que significa *parecer,* foi uma heresia gnóstica do primeiro século segundo a qual Jesus Cristo não seria realmente humano, apenas teria aparência humana. O gnosticismo partia da premissa de que o espírito é bom e a matéria é inerentemente má.

** N.R.: Partidários do movimento judeu-cristão dos primeiros séculos de nossa era que professavam a continuação, no cristianismo, das ordenanças e práticas da lei mosaica. Neste caso, o autor aplica o termo em referência às formas de seculariza-ção que descartam a transcendência na eclesiologia.

afirmou que, quando a eclesiologia é separada da cristologia, fica separada do poder de Cristo, e a Igreja inevitavelmente torna-se pouco mais do que um clube social, uma mera sociedade religiosa.

Karl Barth concorda: 'A eclesiologia recebe raízes firmes na obra reconciliadora de Deus em seu Filho".[10] Ele acrescenta que "a questão cristológica não pode ser evitada".[11] Jürgen Moltmann junta-se ao coro eclesial cristocêntrico: "Se Cristo é o fundamento da Igreja, a cristologia será o tema dominante da eclesiologia".[12]

Esta essência cristológica não é, entretanto, mera reflexão teológica, alguma pedra de toque doutrinário remoto. Thielicke diz melhor: "O fundamento da igreja é a presença de Cristo".[13] Isto não é simples mesquinharia teológica nem apenas uma pressuposição sobre a qual se edifica uma prática eclesiástica maior. O fundamento e o centro de uma doutrina transformadora da Igreja de Cristo é a própria e real presença do seu Senhor.

Nada poderia ser mais necessário (ou "relevante", eu diria) em uma época como esta. O fato e a experiência de Jesus Cristo, sua presença e senhorio *em* e *sobre* nossa vida e sua Igreja é o fundamento e o ser da Igreja do Senhor. Apenas isso garante transcendência, uma dimensão sobrenatural que é precisamente o que as pessoas em nosso mundo procuram em todos os lugares errados.

O Senhor está vivo em sua igreja

O Novo Testamento está edificado sobre uma poderosa pressuposição, que é, de fato, uma realidade viva. A poderosa palavra e obra da Igreja no Pentecostes, o impacto da missão paulina, a dinâmica vida espiritual das comunidades cristãs e a substância das epístolas - tudo isso pressupõe uma realidade viva. Kung diz que o fato histórico da Igreja assume uma essência anterior.[14] A eclesiologia do Novo Testamento não é uma reflexão sobre simples idéias, discussões de princípios abstratos ou a criação de uma teologia interessante. A Igreja primitiva estava em contato com a realidade que criava idéias, princípios e teologia.

Os cristãos primitivos estavam convencidos de que o Cristo ressuscitado e glorificado estava no meio deles. Para eles, essa presença era e é a essência da Igreja. Essa realidade fundamental, a presença poderosa de Cristo, criou o fato da Igreja e todas as descrições no Novo Testamento, que foi escrito a respeito dessa experiência cristológica. É esse miolo que deve ser *o* centro teológico, como também o fator definidor experimental na

eclesiologia. A transcendência, presença eterna, é o ponto de partida de uma eclesiologia bíblica- Ela se inicia na história empírica e contínua a viver no tempo regular. Mas sua essência é o Senhor eterno que se encarna novamente em sua Igreja. "Pois onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles" (Mt 18:20) não era um versículo das Escrituras para eles — era uma realidade. Eles conheciam a promessa de Cristo de que edificaria sua Igreja e as portas do inferno não prevaleceriam contra ela (Mt 16:18), em um contexto maior e transcendente.

Mateus apresenta em seu evangelho o "Emanuel", Deus conosco (1:23). Ele conclui com um resumo desta essência eclesiológica fundamental, quando Jesus diz: "É-me dado todo o poder no céu e na terra" (28:18). Pense nisso por um minuto: Cristo é o Senhor do tempo e da eternidade e, portanto, de sua Igreja na história. Então Ele a comissiona para fazer discípulos por toda parte e sempre. A Grande Comissão termina ainda mais magistralmente do que começou: "E certamente *estou convosco todos os dias,* até à consumação do século" (v. 20). Aqui está o ponto central de toda reflexão e atividade eclesiológica! Este é o começo de uma eclesiologia bastante significativa para a modernidade.

O Novo Testamento está cheio de imagens e metáforas para a Igreja. Cada uma delas a seu próprio modo destaca o mesmo ponto: a Igreja pertence a Cristo e é, portanto, definida por sua presença. Paulo fala freqüentemente de uma congregação local como o Corpo de Cristo (1Co 12:12-31). A Igreja também é descrita como a Noiva do Cordeiro (Ap 21:9), um quadro extraordinariamente poderoso de posse e participação. O senhorio de Cristo sobre a Igreja dificilmente poderia ser mais específico. Paulo lembrou à comunidade cristã em Corinto que ela (imagine!) era o templo de Deus (1Co 3'.l6), o lugar onde o Espírito Santo residia. Toda a Trindade está envolvida na propriedade, no senhorio e na participação em uma igreja local. Desde a Reforma, somos ensinados a pensar na Igreja em termos de Palavra e ordenança. Com demasiada freqüência, nivelamos ambas e as humanizamos, até mesmo quando agimos com reverência. Precisamos repensar a Palavra e a ordenança. A Palavra está no centro da vida e dos ensinamentos da Igreja. De maneira suprema, a Palavra é Jesus, a Palavra de Deus viva que habita entre nós (Jo 1:14). Paulo declara ousadamente que a proclamação da salvação em Jesus é a própria "Palavra de Deus" (1Ts 2:13). As Escrituras, a

Palavra escrita de Deus, são a sua mensagem e, portanto, a espada viva e ativa do Espírito, que nunca fracassa em realizar os seus propósitos (Hb 4:12).

As ordenanças são igualmente poderosas, porque elas também pertencem a Cristo e encontram a sua realidade e o seu significado nele. Paulo diz que a Ceia do Senhor é uma "participação" *(koinonia)* no corpo e no sangue de Cristo (1Co 10:16,17). Independentemente da compreensão das ordenanças, uma participação no corpo e sangue de Cristo é, sob todos os aspectos, uma presença poderosa do Cristo ressurreto.

De acordo com os apóstolos, a existência da Igreja é o resultado da ressurreição de Cristo. Jesus é agora o Senhor exaltado que vive em sua Igreja (Rm 1:4). A experiência eclesial da comunidade cristã primitiva está centralizada na presença do Senhor em sua Igreja.

O livro de 1 Coríntios contém duas referências à presença de Cristo na adoração corporativa, as quais indicam que a Igreja primitiva cria que Jesus realmente estava no meio dela. Na presença do Senhor, as coisas aconteciam. Na primeira passagem, Paulo explica o que acontecia em uma reunião: *"...o* que tal ato praticou, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, juntos vós e o meu espírito, *pelo poder de nosso Senhor Jesus Cristo,* seja entregue a Satanás..." (5:3-5, grifo acrescentado). Que presença e poder espantosos — e que responsabilidade!

A segunda referência está na discussão de Paulo sobre os dons espirituais. Seja como for que interpretemos alguns dos mais controvertidos dons e a sua expressão no culto público, uma coisa é certa: seu poder flui da presença de Cristo nas pessoas. A profecia, por exemplo, não parece ser um dom espetacular; ele é ordeiro e racional, usado por alguém que fala sob orientação divina. Mas os incrédulos ficarão tão convencidos pelas palavras de quem profetiza que cairão de joelhos em arrependimento e exclamarão: *"Deus está verdadeiramente entre vós!"* (1Co 14:24,25)- Esta é a essência e a definição da igreja cristã: "Deus está verdadeiramente entre vós".

A passagem de Hebreus 12:18-29 é um texto clássico do culto cristão. Ele compara a assustadora experiência do culto de Israel no monte Sinai com o alegre culto da Igreja no monte Sião. O autor confiantemente proclama que, quando adoramos, adentramos a própria eternidade e ligamos a nossa experiência

com os santos, os anjos e o trono de Deus, onde o próprio Jesus se encontra conosco.

Nossos puritanos pais eram mais sábios do que nós sob muitos aspectos. O sinal que distinguia a sua eclesiologia era notavelmente apostólico. Sua luta era contra a igreja episcopal, a qual reivindicava que a verdadeira comunidade cristã existia apenas onde residia um autêntico bispo, pois a presença dele validava e dava poder à igreja local. Outros reivindicavam que a verdadeira comunidade cristã existia onde havia um clero em pleno funcionamento. Este ponto de vista presbiteriano declarava que um ministro legitimamente ordenado validava e dava poder à Igreja.

Os puritanos pensavam de modo diferente. Eles ensinavam que a presença de Cristo criava uma igreja genuína o que a sua glória era tão real e poderosa que cada comunidade crista podia, portanto, tomar suas decisões de forma adequada e determinar o seu destino. Mas isto é muito mais do que uma forma de governo eclesiástico. Mais importante é a presença de Cristo dando poder à sua Igreja. Não nos admiramos de que a pregação dos puritanos fosse descrita como "quente". E não nos surpreendemos que a sua "religião experimental" fervesse e transbordasse em igrejas que transformavam vidas e alteravam a sociedade.

Uma Igreja autêntica para a modernidade

A Palavra é a verdade para edificação e vida. É o fundamento da eclesiologia, do pensamento eclesial e do planejamento de qualquer teologia pastoral aplicada. Nada pode ficar em maior contraste com a modernidade. Estamos diante de uma geração incrédula que não crê em nada, com base na premissa de que nada pode ser conhecido com certeza absoluta. Deus foí *colocado* de lado na geração anterior, e tudo o que ficou é a experiência humana imanente e categórica. É triste dizer que a Igreja tem. oferecido muito pouco, em parte em conseqüência do fracasso da eclesiologia. Stanley J. Grenz e Roger E. Olson. resumem a teologia do século XX como a luta pelo equilíbrio entre transcendência e imanência.[15] Isto certamente é verdade quando se trata do pensamento evangélico a respeito da Igreja. Infelizmente, em nossa preocupação pela transcendência em outros níveis, nós nos esquecemos dela na Igreja, onde os cristãos leigos vivem e aprendem. A batalha maior contra a modernidade acontece nas trincheiras, no centro eclesiológico, onde a luta é grande.

A eclesiologia é obviamente mais do que teologia sem encarnação. É a garantia de que as igrejas como a minha e a sua têm um centro sobrenatural. A essência da Igreja, o fato do qual ela depende, é a presença do Senhor transcendente. Todas as descrições da Igreja devem fluir dessa realidade.

É simples demais, até mesmo reducionista, presumir que a presença do Senhor transcendente em poder traduz-se em "sinais e maravilhas", como o termo é geralmente utilizado. Em sua forma mais simples, isso significaria que tudo o que Jesus fazia eram milagres, o que esvaziaria os seus ensinamentos de poder *e* tiraria a cruz de seu lugar como o evento definidor da história e da teologia. A presença e o poder de Cristo são muito mais amplos no Novo Testamento.

Uma fé encarnacional leva a encarnação de Cristo a sério. Cremos que a Palavra eterna tornou-se carne e habitou entre nós. O Senhor vivo da História introduziu a eternidade no tempo e no espaço. Quando Ele falava, aqueles que ouviam com fé nunca mais eram os mesmos; quando Ele tocava as pessoas com graça, elas eram transformadas; e, quando elas o seguiam, suas vidas eram eternamente reordenadas.

As epístolas neotestamentárias nos contam a experiência apostólica dessa transformação. O texto de Efésios 5 descreve os ladrões que deixaram de roubar, os mentirosos que começaram a falar a verdade, as palavras que começaram a edificar em vez de destruir, os casamentos que foram consertados e as famílias fundamentadas na fé. Descreve as comunidades evangélicas nas quais aconteceu a cura das feridas causadas pelo ódio, preconceito, abuso, dando lugar a outras coisas. Cremos que o Evangelho realmente é o poder de Deus. Ele é poderoso para derrubar principados e potestades, transformar vidas e curar mentes, almas e corpos. O Evangelho cria congregações que têm a eternidade em suas mãos. Ali, na comunidade evangélica, o poder da eternidade encarna de maneira transformadora. Jamais esquecerei o momento em que percebi esta verdade pela primeira vez. Aconteceu durante o culto no seminário, quando Clark Pinnock apresentava alguns aspectos teológicos da oração. Sua ênfase era que a oração é o lado experimental da realidade ontológiga de Deus. Brilhantemente, ele esboçou a transcendente realidade divina. Mais brilhante ainda foi a comparação dessa ontologia com a vida e a fé. Essa aplicação chamou a minha atenção. Ele disse que Deus tem uma maneira fácil de verificar em que realmente cremos.

Ele ouve nossas orações. O dr. Pinnock observou que os indivíduos ou uma igreja podem declarar que crêem estar Cristo presente, quando se reúnem para adorar, mas nunca ter nada além das experiências humanas. Ele falou da ironia de um movimento que reivindica a realidade transcendente, mas experimenta pouco dele. A eternidade não atinge o tempo, pelo menos às onze horas da manhã de domingo! É possível, ele disse, ser uma igreja reconhecidamente grande, mas ser pouco mais que uma fábrica humanística. Podemos gerenciar bem as coisas sem o Deus vivo. Afinal, temos os nossos métodos. Então o dr. Pinnock perguntou o que nós esperávamos em nossos ministérios pastorais. Esperávamos que as pessoas se convertessem? Realmente pensávamos que a Palavra de Deus curaria os enfermos e restabeleceria indivíduos e famílias derrotadas? Quando ele terminou, sentíamos que era preciso cair com o rosto em terra, para chorar e orar. Naturalmente *não* o fizemos - éramos evangélicos da classe média.

Eu não tinha um *slogan* para isso naquela ocasião. Agora possuo: *Igreja,* a viva realidade do Deus vivo. Eu também já contemplei isso. Certo domingo, retornei a uma igreja que pastoreei. Deus continuar a operar. Eles haviam derrubado uma parede para dar lugar às pessoas. O Senhor realizava maravilhas. Eu não conhecia metade do auditório, mas o homem que dirigia o culto era um colegial quando eu era pastor da comunidade. Deus o havia escolhido, e à jovem com quem se casara, entre as pessoas comuns e os transformara em filhos amados. Eles fizeram parte de um reavivamento entre os jovens da localidade. Agora eram líderes na igreja e um modelo de fé na comunidade.

Cantamos o hino que diz "...por essas lágrimas eu morri". O homem que cantava diante de mim era um antigo colega de ministério. Eu havia visto algumas de suas lágrimas, quando lutou contra os seus desejos homossexuais. Vi um dos primeiros homens que batizei. Seu casamento fora uma confusão total. Na verdade, nunca vi um enlace matrimonial mais confuso do que aquele. Eu me lembro de quanto me sentia desanimado ao tentar ministrar-lhes a Palavra. Mas ali estavam eles — juntos depois de todos aqueles anos.

Depois do culto, uma senhora, desenganada pelos médicos por causa do câncer, sussurrou-me ao ouvido: "Na vida e na morte, sou feliz com Jesus". Um senhor, presidente de minha primeira diretoria e conselheiro em muitos departamentos, agarrou-me,

chorou e disse que não imaginava ver-me outra vez. Outro senhor, um homem de negócios local que tinha uma reputação tão ruim que os fofoqueiros diziam que ele era capaz de roubar a própria mãe, disse-me que eu fora a pessoa que mais influenciara a sua vida. Ele se convertera a Cristo naqueles dias. Nós estudávamos as Escrituras, e ele pedira a Deus que transformasse o ,seu coração perverso. O Senhor o atendeu! Vi pessoas que conduzi à fé e para as quais realizei cerimônias de casamento. Agora tinham filhos e ainda cresciam em Cristo.

Por que esta congregação havia florescido tanto? Porque Cristo estava no meio dela. Eu me lembro de cultos onde a presença do Senhor era tão poderosa que eu mal conseguia respirar. De casa em casa, nós orávamos e estudávamos. Eu até levava Cristo comigo a alguns bares e surpreendia algumas pessoas que estavam dentro do recinto e também do lado de fora. Uma garçonete creu e foi salva.

Pessoas vinham para ver o que acontecera. Entravam em meu escritório e perguntavam-me como podiam achar esse Cristo. Vinham à igreja e ficavam atônitas com a presença majestosa do Filho de Deus. A cidade levantou-se e percebeu. Tudo isto aconteceu porque algumas pessoas simplesmente creram que Jesus prometera estar com elas em poder transcendente. Elas realmente concordaram que as conversões aconteceriam, os casamentos seriam salvos, as pessoas seriam transformadas e a cidade nunca mais seria a mesma. Cristo era igual à mensagem, dele. Tudo repousa sobre nós, se cremos na palavra ou simplesmente pensamos que ela é verdadeira.

O ministério pastoral em uma igreja suficientemente ativa para o século XXI será um ministério possuído, operado e habitado pelo Cristo vivo. Será um ministério que existe no poder sobrenatural e demonstra o poder do Evangelho para transformar vidas. Será o ministério que edifica a si mesmo a partir da eternidade. Toda forma de ministério receberá essa poderosa realidade onde quer que vá. Pessoas viciadas serão alcançadas pelo Cristo vivo. Desvios sexuais retrocederão diante da Palavra de Deus. Ministérios com que ainda não sonhamos surgirão e serão utilizados para transformar vidas. Tudo isto é possível porque o Cristo vivo está em sua Igreja, pronto para dar poder ao seu povo, capacitando-o a tocar o mundo com a sua presença e seu poder.

PARTE 2

O RETRATO DE UM PASTOR

5. PRISIONEIROS DE CRISTO:

A VOCAÇÃO DO PASTOR

Mas graças a Deus, que sempre nos faz triunfar em Cristo, e por meio de nós manifesta em todo lugar o cheiro do seu conhecimento.

2 Coríntios 2:14

Quando eu era estudante, eu e minha esposa passamos uma semana na praia, na Flórida. Éramos os únicos '"jovens" adultos em nosso hotel, e nos tornamos objeto da curiosidade e das conversas. Certo dia, um grupo de senhoras estava sentado sob um guarda-sol e uma delas me perguntou o que eu estudava. Ela ficou visivelmente assustada com a idéia de eu cursar teologia e me preparar para o ministério pastoral. "Por que você quer fazer isso?", ela perguntou bastante admirada. A forte implicação era-. "Você parece perfeitamente normal".

"A vocação"

Procurei uma resposta apropriada para que aquela senhora pudesse entender e fracassei completamente. Não lembro o que disse, mas não foi o motivo verdadeiro de eu estudar para ser ministro. A verdade é que eu estava no seminário porque me sentia "vocacionado'[1] para ser pastor. Entretanto, tinha um pressentimento de que ela não podia entender a minha idéia um tanto vaga de "vocação". Nem eu mesmo compreendia.

Não sei quando esse sentimento de vocação surgiu em mim. Provavelmente foi quando eu tinha vinte anos de idade. Eu havia trancado a matrícula na faculdade e trabalhava em uma fábrica.

Economizava dinheiro para financiar os estudos e depois descobrir o que fazer com a minha vida. Trabalhava sozinho das 16 horas até a meia-noite e passava grande parte desse tempo pensando em meu futuro e em minha fé. Não sei como eu tinha um profundo sentimento de que contendia com Deus na luta pela minha vida. Uma noite, eu puxava a chave nº 3 do monotrilho, quando desisti e disse: "Sim, Senhor". Eu sabia exatamente o que isso significava, embora não soubesse como isso aconteceu. Deus me queria no ministério cristão, e eu disse "sim".

Parte da minha luta era muito pessoal. Estava profundamente apaixonado e tinha certeza de que o amor de minha vida não queria ser esposa de um pastor. Com muita tristeza, mas com uma paz maior na minha alma, fui ao telefone de uma sala vazia. Liguei e lhe contei as más notícias. Para minha surpresa, ela não apenas aceitou a mensagem, mas me disse que me acompanharia por toda a minha vida, onde quer que o ministério me levasse. Agora eu estava assentado com ela em uma praia da Flórida e tentava colocar em prática aquela experiência que parecia tão vaga quando relembrada. Mais tarde, naquele dia, dei uma longa caminhada pela praia, pensando em minha resposta tão pobre para uma pergunta tão boa. Andei, andei, pensei e pensei: *Como alguém explica vislumbres de certezas espirituais? A vocação de Deus pode ser descrita? Por que eu entraria nessa profissão que parecia tão estranha a esses novos amigos?* Conforme eu andava, subitamente me pareceu como se uma luz aparecesse e Deus dissesse: "Se o evangelho é a verdade, então ele é a resposta para tudo na vida e na morte. Alguém deve contar ao mundo. E é você!".

Sentia-me compelido ao ministério cristão por duas questões sobrepostas e profundas. De um lado, estava convencido de que o Evangelho era o poder de Deus; e, de outro, sentia uma profunda preocupação pelas pessoas, para que conhecessem essa verdade transformadora. Desconfio que a vocação do Senhor para qualquer tipo de ministério vocacional é uma combinação de convicção a respeito da verdade de Deus e uma preocupação pelas pessoas. O grande evangelista do século XIX, Charles Finney, era advogado antes de entrar no ministério. Ele explicou a sua vocação desta maneira: "Eu tinha um pagamento adiantado de Cristo para defender a causa dele".

A vocação pastoral

O chamado para o ministério pastoral deve, contudo, ser ainda mais específico. Embora uma vaga vocação para o ministério cristão possa levar ao pastorado, não sustentará o pastor através das ásperas realidades da vida na igreja. Meu chamado ao ministério precisava ter conteúdo pastoral específico.

Atravessei os meus dois primeiros anos de seminário ciente de que fora chamado por Deus ao ministério, mas esperava desesperadamente que a minha vocação Não fosse pastoral. Eu queria ensinar, ser um missionário ou um capelão no campus universitário - tudo, menos pastor. Afinal, eu havia crescido em uma casa pastoral e sabia o que era! Meu terceiro e último ano no seminário levou-me à decisão. Determinei que devia formar-me e preparar-me para ser teólogo. Candidatei-me a diversas escolas e fui aceito. Mentalmente, sentia-me aliviado, mas minha alma estava inquieta.

Na seqüência dos cursos de teologia, a eclesiologia seria estudada durante o inverno daquele último ano. Deparei-me cara a cara com o testemunho bíblico a respeito da Igreja viva pela primeira vez em minha vida. Fiquei intrigado e perplexo. Nunca havia pensado nisso antes, mas pareceu-me que, na Bíblia, a Igreja está bem no centro do plano de Deus para o Universo. Comecei a ter uma incômoda suspeita de que meu futuro encontrava-se em uma direção diferente.

No mesmo trimestre, o dr. Hany Evans, diretor do seminário, pregou na capela, e pareceu-me que falava diretamente para mim. Ele admitiu que muitas formas de ministério parecem bastante atraentes, especialmente o trabalho acadêmico. "Mas", ele acrescentou, "se vocês quiserem estar onde há ação, entrem para o ministério pastoral". Ele ilustrou o ponto que defendia com a sua experiência pessoal. Falou de vidas transformadas, de casamentos restaurados, de pessoas curadas e de comunidades com a fé edificada. Eu sabia que ele tinha razão, e Deus tomou o meu coração. Entendi que devia abrir a minha vida e os meus dons para pastorear o povo de Deus em uma igreja local. Uma calma convicção penetrou em minha alma: *Deus me fizera para ser pastor.* Através dos anos, essa convicção tornou-se inevitável. Agora, estou convencido de que ser pastor é simplesmente o que Deus tinha para mim. Não posso me imaginar fazendo outra coisa.

Isso certamente não é dizer que não quero fazer outras coisas. O ministério pastoral pode ser difícil e todo pastor com quem tenho conversado fica imaginando se vale a pena ou se ele

ou ela deveriam fazer outra coisa. Esse tipo de dúvida faz parte do preço da atividade pastoral. Mas, a longo prazo, quando as dúvidas se desvanecem e a calma retorna ao meu coração, sei que isto é o que eu deveria fazer.

Timothy George, agora deão de seminário, fora criado no fundamentalismo bíblico. Ainda muito jovem, pregava no Sul, quando fez uma coisa impensável: decidiu cursar a Faculdade Teológica de Harvard. Ali, encontrou os frios ventos da teologia moderna que abalaram as profundezas de sua alma. Também era pastor de uma igreja no centro da cidade de Boston, com apenas um punhado de membros. Passava os seus dias estudando teologias estranhas e suas noites lutando com um opressivo desânimo. Ele diz que sua constante oração naquele tempo era o grito do profeta Jeremias: "...ó Senhor, e nós somos chamados pelo teu nome; não nos desampares!" (Jr 14:9).

Durante sete anos, George batalhou por sua alma e sua vocação como pastor de uma igreja de Cristo. Quase desistiu de ambas. Quando a guerra em sua alma atingiu o ápice, ministrou certa ocasião a ceia do Senhor num culto freqüentado principalmente por novos crentes. Ele disse que eram os cristãos sem-teto, os quais tinham a aparência e o cheiro mais das ruas do que da igreja. Foi um momento crítico. George escreve:

Sem cálice de prata, sem liturgia demorada, apenas as simples palavras da instituição: "Este é o meu corpo, este é o meu sangue". Mas em minha mente as palavras (do Credo de Nicéia) ressoavam como um repique de sinos que derrubam todas as cristologias revisionistas que eu aprendera. "Deus de Deus, Luz da luz, verdadeiro Deus do verdadeiro Deus... que por nós e por nossa salvação desceu e se encarnou." Naquele momento, eu conheci como nunca *o controle de uma vocação mais forte do que eu.*[2]

Vocação interior e exterior

Todos os pastores que conheço sentem esse "controle de uma vocação mais forte do que eu". Mas nosso chamado interior, esse controle divino de nossas almas, deve ser confirmado por uma "vocação exterior". No devido tempo, o controle divino da minha alma foi partilhado por uma congregação que me chamou para ser o pastor dela. Essa vocação exterior confirmou a minha vocação interior. Meu chamado para o ministério pastoral assumiu forma específica no convite de uma congregação. Eles ouviram a minha

pregação, reagiram ao meu trabalho pastoral, disseram-me que eu tinha os dons necessários para ser o pastor deles. Forneceram as evidências exteriores de que o controle divino de minha alma era genuíno. Com o passar do tempo, o chamado de uma congregação pode desvanecer-se ou ser substituído por outro convite para servirmos em uma congregação diferente. Eu fui "chamado" por cinco congregações. Mas essa vocação interior, a convicção inescapável de que fui separado por Deus para pastorear o seu povo, permanece. Com freqüência, o controle divino de minha alma assume a forma do clamor de Jeremias. Ele tentou fugir à vocação profética, mas não conseguiu. A palavra de Deus estava em seu coração como um fogo que ardia em seus ossos. Ela o forçou a transmitir a mensagem do Senhor e não iria embora (Jr 20:9).

O poder da vocação de Deus

Eu entendo esse fogo inescapável que vive em meu coração e se estabelece em meus ossos. Minha vocação, esse controle de minha alma, é o poder sustentador de meu ministério pastoral. Às vezes, duvido de todos os chamados exteriores que recebi. A pressão do ministério tende a deixar a alma surda, e às vezes imagino se Deus realmente me chamou para determinado trabalho. Quando a minha liderança é posta em dúvida ou o criticismo pinga como ácido sobre a minha alma, discuto com Deus a respeito de minha vocação exterior. Em determinadas ocasiões, rogo ao Senhor que me tire do lugar em que estou. O único motivo pelo qual permaneço no ministério é o chamado de Deus que controla a minha alma e não me deixa ir. Quando a vocação exterior é posta em dúvida, ele sustenta o meu coração e minha mente.

Fui convidado a apresentar um pastor em seu culto de posse. Recém-saído do seminário e ordenado, era seu primeiro pastorado. Depois daquela cerimônia, ele me disse: "Obrigado, eu precisava daquela palavra. Durante o culto, hoje de manhã, eu pensava que este realmente era um trabalho muito chato".

Ele não levou muito tempo para descobrir as realidades da vida congregacional. Geralmente, pastorear é um trabalho muito chato. Liderar não é fácil. Pregar pode ser uma tortura. Pastorear ovelhas relutantes é esmagador. Ser uma figura pública sob os olhares de todos e viver com expectativas nada específicas sacudirá o seu coração.

Um grande amigo meu e pastor era muito parecido com Jeremias. O pastorado era a sua segunda vocação, e a Igreja

Metodista local era a primeira igreja que pastoreava. Ele constantemente argumentava com Deus a respeito de sua vocação. Nós nos conhecíamos há apenas algumas semanas, quando ele me perguntou se era possível fugir à vocação divina. Ele havia pensado que o seu chamado era temporário! Como Jeremias, ele agonizava diante de Deus a respeito de sua vocação e implorava por sua liberdade. Mas também, como Jeremias, a palavra de Deus era como fogo em seus ossos, intenso e inescapável. Meu amigo tornou-se um poderoso evangelista e um líder eficiente. Sua igreja cresceu, e as pessoas junto com ela. Ele era muito bom em seu trabalho. O controle divino de sua alma nunca o deixou, e ele não desistiu.

Não sei se a vocação divina para o ministério pastoral é permanente para todos os pastores. Também não sei se Deus vai um dia afrouxar o seu controle em minha alma. Mas sei que, enquanto tiver a convicção de que ser pastor é o que Deus quer de mim e enquanto alguma congregação confirmar essa vocação com um chamado, estou ligado a Deus e a esta obra. E se esse sentimento vocacional algum dia me deixar, se a Palavra de Deus não for mais um fogo em meus ossos, abandonarei o meu trabalho e encontrarei outro.

A VOCAÇÃO DE PAULO PARA O MINISTÉRIO

Paulo era claramente controlado por uma vocação mais forte do que sua vontade. Ele começa a maioria de suas cartas declarando que *é* apóstolo pela vontade de Deus (1Co 1:1; 2Co 1:1; Gl 1:1; Ef 1:1; Cl 1:1; 1Tm 1:1; 2Tm 1:1; Tt 1:1). Sua apresentação no primeiro capítulo de Romanos é ainda mais específica: "Paulo, servo de Cristo Jesus, *chamado* para ser apóstolo, *separado* para o evangelho de Deus... pelo qual (Cristo) recebemos a graça e o apostolado, ...para a obediência da fé entre todos os gentios, entre os quais sois também vós chamados" (Rm 1:1,5,6, grifo acrescentado). O senso de identidade de Paulo fluía de uma profunda convicção de que ele foi chamado e separado por Deus para uma obra apostólica.

A introdução da epístola de Paulo aos Gálatas utiliza o mesmo vocabulário, com o fim de revelar o seu chamado apostólico. Observe o profundo senso de vocação e sua convicção firme de que o trabalho apostólico era o que Deus havia estabelecido para ele fazer: "Deus, que desde o ventre de minha mãe *me separou,* e *me chamou* pela sua graça" (Gl 1:15, grifo acrescentado). Paulo era

controlado por uma vocação fora dele mesmo, que envolvia toda a sua vida e o conduzia para o seu destino no ministério apostólico.

Esse senso de vocação aparece diretamente no chamado do profeta Jeremias: *Antes que eu te formasse no ventre, te conheci, e antes que saísses da madre, te santifiquei; às nações te dei por profeta (*Jr 1:5).

Em Romanos 1, Paulo une a sua vocação e o seu ministério apostólico à pessoa de Cristo. Igualmente, toda vocação crista deve ser centralizada em Jesus. O apóstolo dos gentios utiliza uma confissão cristã primitiva, talvez um antigo hino, para descrever o Cristo que chama as pessoas para o ministério. Ele é o "que nasceu da descendência de Davi segundo a carne, e foi declarado Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos" (Rm 1:3,4).

Foi por meio deste Cristo exaltado que Paulo recebeu o seu chamado (Rm 1:5). O apóstolo ficou aturdido quando viu Jesus pela primeira vez na estrada de Damasco. Cristo não era agora um profeta camponês da Galiléia; era o Senhor da glória. Aquela visão derrubou Saulo ao chão. Ele caiu de joelhos, como todos devem se prostrar — e permanecer — quando são vencidos pela glória de Deus. Ali, de joelhos, diante do Ressurreto, Paulo recebeu o seu chamado para pregar aos gentios. Foi o momento decisivo de sua vida. Ele repete a história duas vezes no livro de Atos e alude a ela em suas cartas, sempre que fala de seu ministério.

A pressão do ministério apostólico e pastoral pesava fortemente sobre Paulo, e ele se cansava e desanimava como todos nós. A segunda carta aos Coríntios registra momentos difíceis do ministério de Paulo. Mas ele prosseguiu, como podemos ler: "...pois o amor de Cristo nos constrange" (2Co 5:14).

PRISIONEIRO DE CRISTO: 2 CORÍNTIOS 2:14

Convicto, Paulo declarou ser um homem que vivia sob ordens. Sua conscientização de ser um vassalo era tão intensa que ele freqüentemente considerava-se um servo de Cristo (Rm 1:1). Tal trabalho era difícil e em nenhum lugar tão árduo como naquela igreja. A segunda carta aos Coríntios, particularmente, revela a angústia de Paulo por causa de si mesmo e desta comunidade evangélica. No início da epístola, ele confessa aos seus membros a profunda dor que sentia por causa do péssimo entendimento entre ele e aquela igreja.

Ministério pastoral em Corinto

A igreja rejeitou a liderança de Paulo, impugnou suas motivações, zombou de sua mensagem e recusou qualquer tentativa de reconciliação. Ele lhes escreveu duas cartas e fez diversas visitas. Nada parecia funcionar. Agora, ele escreve para lhes dizer que estava determinado a não fazer uma visita dolorosa que apenas aumentasse o seu sofrimento (2Co 2:1,2). Ele escrevera a eles uma carta "em muita tribulação, e angústia de coração... com muitas lágrimas", sem resultados (v. 4).

Finalmente, em uma derradeira tentativa de paz, Paulo enviou Tito a Corinto em seu nome e aguardou na Macedônia uma palavra daquele companheiro. A aflição de Paulo era intensa. Ele escreve que em seu corpo não havia descanso enquanto aguardava, e sentia-se atormentado a todo momento. A vida tornou-se "por fora combates; por dentro, temores" (2Co 7:5). Mas a igreja ouviu a Tito e arrependeu-se. A segunda carta aos Coríntios é a resposta às boas novas de seu companheiro. Ele escreveu para dizer que sua alegria não tinha limites (v. 4).

Paulo escreveu claramente em um contexto pastoral. Seu testemunho reflete os dois lados do ministério, a tristeza e a alegria. Ele envolve essa reflexão pastoral em uma metáfora no v. 2:14: "Mas graças a Deus, que sempre nos faz triunfar em Cristo". Sua vida pastoral era como o desfile do vencedor, mas a alegria da vitória estava entretecida com a tribulação que existe no ministério.

Desfile triunfal romano

As traduções mais recentes tornam claro o que a King James (Versão do Rei Tiago) não revela. Paulo não fala do mero triunfo; ele se refere aos desfiles triunfais do exército romano. Ser cristão é como marchar em uma daquelas grandes celebrações. Ao utilizar essa metáfora com referência ao seu ministério apostólico e pastoral, Paulo enfatiza que o ministério é uma maneira diferenciada de marchar no desfile triunfal de Cristo.

Os cidadãos de Roma não viam as batalhas das legiões que construíam um império. Portanto, os soldados realizavam os desfiles em Roma, para que os romanos pudessem partilhar das vitórias longínquas do exército. A palavra grega *thriambeus* (no latim, *triumphus)* era usada para descrever os desfiles da vitória. *É* um termo técnico que Paulo utiliza nesta metáfora.

O propósito dos desfiles triunfais era claro: a comunicação. O historiador romano Polybius resumiu os triunfos desta forma: "O Senado pode acrescentar glória aos próprios sucessos dos generais, quando apresenta suas realizações de forma tangível diante dos olhos dos cidadãos, nos que são chamados de *triunfos"*.[3] Esses desfiles triunfais eram momentos de alegre celebração e orgulho cívico. Os generais vitoriosos e suas tropas marchavam através da cidade, a fim de apresentar seus prisioneiros de guerra. O objetivo dessas procissões era o de mostrar os reis estrangeiros e os líderes militares derrotados. Com freqüência esses importantes prisioneiros de guerra eram mantidos confinados durante anos, até que o general romano retornasse a Roma para o seu desfile triunfal. Júlio César, por exemplo, manteve prisioneiro o derrotado chefe gaulês Vercingetorix por seis anos, antes de apresentá-lo em um esplêndido desfile.[4]

As procissões triunfais também tinham um aspecto profundamente religioso, pois homenageavam Júpiter pela vitória na guerra. O triunfante general entrava na cidade em uma carruagem especial puxada por quatro cavalos. Ele se vestia com uma toga vermelha decorada com símbolos deste deus, e o seu rosto era pintado de vermelho, para assemelhar-se a Júpiter. Os cidadãos gritavam "*io triumphe",* enquanto ele entrava na cidade com os seus prisioneiros.[5]

Toda a cena — soldados, armas, carruagens e prisioneiros — tornava o poder e o esplendor de Roma bem tangíveis aos cidadãos. Como todos os desfiles, criava uma alegre comunhão entre os romanos. Povos de todas as culturas impressionam-se com um desfile militar, e os romanos especializaram-se neles.

Um dos momentos mais comoventes de minha vida foi uma visita única que fiz ao Memorial do Vietnã, em Washington. Estive lã por um único motivo: tinha algo importante a fazer. Quando estava no seminário, servia como conselheiro dos jovens na zona norte de Chicago. O presidente desse grupo fora convocado e enviado ao Vietnã. Eu me formei e fui para o noroeste da costa do Pacífico. Quase dois anos depois, recebi a notícia de que Bill fora morto por um franco atirador na última semana de seu cumprimento do dever. Enviei meus sentimentos e condolências aos seus pais, mas fiquei com um vazio no coração. Bill era um ótimo rapaz, com muita coisa boa para conceder à humanidade. Sua vida e morte pareciam-me tão distantes, quase irreais.

Eu fui ao memorial para dizer adeus a Bill. Procurei o seu nome no livro e então o encontrei registrado no muro. Subitamente, a realidade de sua vida e morte esmagou a minha alma. O que parecia remoto tornou-se intensamente real. Então, chorei pelo meu amigo perdido.

Para mim, o Memorial do Vietnã é mais do que um monumento. É a tradução completa da realidade. Os triunfos de Roma tinham exatamente essa mesma função. Eles tornavam a guerra dramaticamente real. Para os cidadãos romanos, a experiência era o oposto de meu momento junto àquele muro. Os triunfos traziam as longínquas vitórias para as ruas de sua cidade. O poder de ferro de Roma marchava bem diante deles. Eles aclamavam seus generais, louvavam a Júpiter e sentiam a glória e o poder de fazer parte de um dos mais poderosos impérios da História.

Paulo sugere que o seu ministério pastoral é como um *desfile militar em Roma.* O *contexto toma claro que ele* celebra uma vitória. Ele começa: "Graças a Deus..." Tito trouxera boas notícias: O evangelho triunfara novamente. A batalha de Paulo com os coríntios chegara ao fim. O apóstolo levanta-se e aclama os coríntios, bendiz o Deus Todo-poderoso e regozija-se no poder transformador do Evangelho: "Grande é a ousadia da minha fala para convosco, e grande a minha jactância a respeito de vós; estou cheio de consolação, transbordo de gozo em todas as nossas tribulações... Deus, que consola os abatidos, consolou-nos com a vinda de Tito... contando-nos as vossas saudades, o vosso choro, o vosso zelo por mim, de maneira que muito me regozijei" (2Co 7:4-7).

Dor do ministério pastoral

Os triunfos também demonstravam outra realidade. Os prisioneiros das grandes batalhas faziam parte do desfile e eram levados para a sua execução. Scott Hafemann demonstra este lado cruel das vitórias romanas em sua interpretação cabal de 2 Coríntios 2:14 a 3:3.[6] Para os romanos, os triunfos eram uma celebração pródiga e feliz. Para os prisioneiros, as vitórias do inimigo eram a marcha da morte.

Hafemann destaca uma longa seção de Plutarco que descreve um dos triunfos, uma vitória sobre Perseu, em 167 a.C. Era uma demonstração ostentosa de três dias do poder romano, da religião pagã e da riqueza. No terceiro dia, o rei Perseu, sua família, seus escravos e ajudantes tinham de marchar pela cidade até o

local da execução. Plutarco observa que as crianças estendiam os braços e rogavam por misericórdia. Caminhavam, assustadas e abatidas, seguindo o rei para a morte. "Os romanos, movidos de compaixão, mantinham os olhos sobre as crianças, e muitos choravam, e para todos o prazer do espetáculo misturou-se à dor, até que as crianças passassem." [7]

Estes desfiles romanos apresentavam a vergonha e a humilhação da derrota que levava à execução. Ambos, a celebração alegre e o choro desalentado, misturavam-se no quadro dos triunfos. Paulo desejava que os seus leitores soubessem que o seu ministério continha a cruel realidade de uma marcha para a morte. A New English Bible (Nova Bíblia Inglesa) traduz 2 Coríntios 2:14, utilizando os dois lados da metáfora: "Mas graças a Deus, que continuamente nos conduz, *prisioneiros na procissão triunfal de Cristo"* (grifo acrescentado). A tradução de Victor Paul Furnish é ainda mais específica: "Graças a Deus, que em Cristo sempre nos coloca em exposição *(como se fôssemos prisioneiros em uma procissão triunfal)"* (grifo acrescentado).[8]

Obviamente a visão de Paulo sobre o ministério é paradoxal. Ele era prisioneiro de Cristo, e isso tornava-se motivo tanto de celebração com alegria como de angústia. Sua derrota nas mãos do Senhor Jesus era total. Ex-general dos inimigos de Cristo, Saulo esteve, como diz a versão da King James (Rei Tiago), "respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos" (At 9:1). Na estrada para Damasco, Cristo o capturou e o chamou para o ministério. Paulo, um prisioneiro de Jesus, juntou-se ao desfile vitorioso de Cristo, para alegria dos santos e dos anjos. O livro de 2 Coríntios é um longo grito da celebração vitoriosa. Paulo, o escravo de Jesus, é o instrumento por meio do qual os seres humanos são reconciliados com Deus e os coríntios, unidos uns com os outros e com ele. "Graças a Deus..." (2Co 2:14).

Mas entretecido na epístola encontra-se um profundo senso de angústia e sofrimento. O ministério apostólico machucava-o profundamente, e a igreja de Corinto gradativamente matava o apóstolo. Imediatamente após a metáfora do triunfo, Paulo acrescenta outra figura do ministério, o *aroma* de Cristo. É uma metáfora sacrificial que descreve o cheiro do animal oferecido ao Senhor sobre o altar: "Pois para Deus somos o bom cheiro de Cristo, tanto nos que se salvam, como nos que se perdem. Para estes certamente cheiro de morte para morte, mas para aqueles

cheiro de vida para vida. Mas para estas coisas quem é idôneo?" (2Co 2:15-16).

Paulo acabara de escapar do que ele chama de "tão grande morte" (2Co 1:10). Ele tinha consciência do perigo associado com o seu ministério apostólico. O tema da "morte" percorre toda a epístola. Porém, c mais do que morte física que caracteriza o seu ministério. O apóstolo faz uma notável declaração alguns capítulos depois (4:10-12): "Levando sempre por toda a parte o morrer do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também em nossos corpos; e assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também em nossa carne mortal. *De maneira que em nós opera a morte, mas em vós, a vida"* (grifo acrescentado).

A conclusão de Paulo é igualmente notável. O ministério cristão é uma luta de vida ou morte. Embora ele se desgaste, e, por assim dizer, morra gradativamente, o seu espírito está sendo constantemente renovado. Portanto, ele nunca desfalece (4:16). Paulo refere-se diversas vezes nesta epístola às dificuldades do ministério; porém, a passagem mais densa e conhecida é 4:8,9: "Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados; perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos".

O sofrimento físico era outro aspecto do ministério de Paulo. Ele apresenta uma lista de algumas dificuldades em 2 Coríntios 11:23-27. Mas também experimentava angústia psicológica, provocada pela pressão interna de seu ministério. No capítulo 6, depois de fazer uma lista de algumas de suas provações físicas (vv. 4,5), o apóstolo acrescenta o que também podia dizer de si mesmo, "por honra e por desonra, por má fama e por boa fama; como enganadores, porém verdadeiros; como desconhecidos, porém bem conhecidos; ...como entristecidos, porém sempre alegres" (vv. 8-10). Mais adiante, Paulo acrescenta à sua lista de dificuldades a angústia que cada pastor conhece: "Além das coisas exteriores, há o que diariamente pesa sobre mim, o cuidado de todas as igrejas. Quem enfraquece, que também eu não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu não me abrase?" (11:28,29).

O ministério pastoral, quer seja no primeiro quer no vigésimo primeiro século, exige de nós, que fomos capturados por Cristo para liderar o povo de Deus, que subamos ao altar como meio de vida, É um chamado para todo o povo de Deus, mas

apenas experimentado pelos líderes cristãos, especialmente os pastores. Nosso mestre nos chama para levar a sua cruz (Lc 9:23). Por meio do uso desta dupla metáfora sacrificial, Paulo indica que nosso ministério, como o seu, é especialmente sacrificial e, portanto, doloroso.

Jamais achei que a vocação divina fosse fácil. Sou regularmente tentado a deixar o lugar tortuoso do sacrifício. Mas Paulo diz que, quando observamos a vida sob a perspectiva da cruz, o sofrimento vale a pena. Tenho visto o dom do ministério pastoral que produz vida divina para outros. Machuca quando as pessoas rejeitam a nós, ao nosso ministério e ao Evangelho. Carrego cicatrizes em meu coração e nas profundezas de minha alma. O apóstolo faz uma pergunta retórica com a qual todos nós podemos nos identificar no trabalho diário: "Mas para estas coisas quem é idôneo?" (2:16). Ninguém. Mas há também um lado maravilhoso e divino. O povo de Deus deixa que penetremos em seus corações com o Evangelho. Nem nós nem eles continuamos a ser os mesmos. Enquanto escrevo estas palavras, vejo uma longa fila de homens, mulheres e crianças, que deixaram que eu penetrasse em suas vidas e partilhasse de seu sofrimento e sua alegria. Pela graça de Deus, foram transformados e, em troca, fui restaurado. Paulo está certo: "Pois quando estou fraco, então é que sou forte" (2Co 12:9,10).

VOCAÇÃO PASTORAL E A REALIDADE DA IGREJA

Meus professores do seminário nunca disseram que o ministério seria uma marcha de vida ou morte sobre o altar. Todos nós pensávamos que sairíamos do curso prontos para pregar, ensinar e pastorear igrejas, felizes para sempre. Afinal, eles nos diziam, a Bíblia tem todas as respostas. O problema é que meus mentores acadêmicos não sabiam quais eram as perguntas. Logo descobrimos a realidade da vida no exército triunfal de Jesus.

Nossa luta intensa

Como muitos pastores, minha vocação para o ministério incluía uma ardente convicção de que o Evangelho é a resposta para as necessidades de todos os pecadores. Eu acho que a intensidade dessa convicção é, de fato, minha vocação para o pastorado. Eu estava realmente tomado por um chamado mais forte do que eu. Essa vocação e a minha decisão de segui-la eram profundamente idealistas, além de imensamente reais. Minha

educação no seminário dava apoio ao idealismo dessa vocação, porque o meu treinamento aconteceu sob a tutela de homens tào idealistas quanto eu. Eles eram formados pela academia que vivia no mundo das idéias universais e passavam esse idealismo aos seus alunos. Eu aprendi teologia e ministério mediante métodos altamente teóricos. Ironicamente, aprendi a respeito da Igreja em uma sala de aula. Tudo era anticéptico, crítico, abstrato e muito idealístico. Eu me formei um idealista juramentado! O antigo fogo em meus ossos ainda queimava, mas com menos ardor.

Aprendi rapidamente que o ministério pastoral não é um conjunto de ideais, nem é puramente teológico. Em vez disso, as questões que enfrentei eram reais e pessoais. A teologia e a exegese tiveram de aprender a servir à realidade. Rapidamente, passei das discussões das salas de aula a respeito da ubiqüidade de Cristo e da *ordo salutis* para as reuniões de diretoria, os funerais e casamentos, as interrupções telefônicas, as pessoas perturbadas, necessidades mais profundas do que eu jamais teria imaginado — e, sim, *mimeógráfos.*

As verdadeiras questões surgiram rapidamente: oficiais da igreja licenciosos, membros da diretoria que não vinham aos cultos, um integrante do coro francamente imoral, reuniões de ministério em que eu era pessoalmente atacado, a indiferença para com a Palavra de Deus em um nível além da minha imaginação. Quase desmaiei.

Meus ideais foram rapidamente temperados pelas realidades da igreja e da comunidade, e minhas grandes idéias foram significativamente alteradas para se encaixar no contexto do ministério pastoral. Hoje, eu ainda luto. Proclamo e ensino os maiores ideais universalistas — que os homens e as mulheres podem ser significativamente modificados pelo Evangelho. Estou igualmente convencido de que Deus faz essa profunda obra na Igreja e que ela pode ser o genuíno corpo de Cristo. Se eu perdesse esse ideal, que é a substância de minha vocação, o ministério não teria nenhum poder transcendente e seria pouco mais do que a aceitação cínica deste *status quo.*

Mas o ministério pastoral acontece em um mundo pecador e dirige-se a pessoas que são inevitavelmente transgressoras, ensinadas e lideradas por outro pecador, eu mesmo, o que obscurece o ideal divino. A Igreja não é o que deveria ser, nem eu. Todos nós carecemos da glória de Deus.

Tenho uma teoria de como iniciar o ministério pastoral. Todos nós começamos com idéias elevadas e grandes expectativas. Foi preciso cerca de três anos para que eu desagradasse a todos (embora alguns pastores possam fazê-lo mais rapidamente). Nessa época, eu falhara em atender a todas as expectativas impossíveis e não enunciadas da congregação. Eles, por sua vez, me desapontaram e falharam em corresponder às minhas expectativas irreais. Finalmente o verdadeiro pastorado pôde começar, pois esse é o momento em que temos de decidir se vamos amar uns aos outros e crer no Evangelho. Mas, com demasiada freqüência, não podemos tomar essa decisão porque muitos naufragam na praia da dura realidade. Os pastores inevitavelmente armazenam um alto nível de frustrações em sua vocação. Ficamos frustrados com os conflitos na igreja, com a futilidade de nosso trabalho e com o fracasso de nosso povo. O ministério simplesmente nos machuca a maior parte do tempo. Estou cansado de rumores e de críticas incessantes de pessoas que deveriam saber melhor das coisas. Estou farto de acusações e de raiva mal-colocada. Às vezes fico imaginando se alguém ouve e obedece à Palavra de Deus, Tenho passado mais horas em reuniões improdutivas de diretorias c comissões do que posso enumerar. Estou consciente de que não sirvo para este trabalho, e estou cansado de ouvir as pessoas me dizer ou dar a entender isso. A verdade machuca. Quero desistir mais vezes do que quero admitir. Como Paulo, eu grito: "Quem é idôneo para essa tarefa?".

Além disso, vivemos em uma permanente guerra espiritual. Dardos inflamados vêm de direções visíveis e invisíveis, transformando o ministério pastoral em uma tarefa cansativa. Certa vez, quando Deus operava poderosamente em nossa congregação, diversas conversões dramáticas salvaram dois casamentos e a presença do Senhor foi sentida em nossa igreja. As pessoas começaram a freqüentar aos cultos, para ver o que Deus realizava. Foi um pequeno avivamento. E foi uma luta. O mal desiste relutantemente. Depois de um mês eu simplesmente desabei espiritual e fisicamente. Não conseguia agüentar mais. Minha esposa me encontrou na cama com um travesseiro sobre a cabeça. Era demasiadamente duro para uma alma mortal suportar. Agora nós rimos disso, mas naquela ocasião pensei que fosse morrer.

Quando eu disse sim ao chamado de Deus, não tinha idéia de que seria uma luta desta natureza. Contudo, considerando que

a humanidade é pecadora, que a igreja está cheia de seres humanos e é liderada por eles no trabalho de Deus, o ministério deverá ser uma guerra espiritual. Essa é a minha vocação. Eu sou prisioneiro de Cristo no meio de uma batalha cósmica. Naturalmente ela é intensa!

Viver a nossa vocação de maneira responsável significa aceitar ambos, o ideal e o real, e abraçá-los alegremente. A luta e o sofrimento são reais. Afinal, estamos em uma guerra espiritual. Mas, de acordo com Paulo, é exatamente nela que encontramos o poder de Deus. A alegria do ministério pastoral está no meio da luta em nossas próprias almas e na igreja de Cristo. Realmente, a batalha em nossas almas demonstra que Deus opera em nós e por meio de nós. Como seria trágico se o nosso ministério não provocasse encontros divino-humanos!

O Evangelho garante o triunfo no ministério pastoral

Paulo possuía uma vocação mais forte do que ele próprio, como ocorre com todos os ministros de Cristo. Nós marchamos como prisioneiros de Jesus em seu desfile da vitória. Ser prisioneiro de Cristo é consolador, porque o progresso do Evangelho e o nosso sucesso são, em última análise, responsabilidades do Senhor. Se o meu ministério pastoral faz parte do desfile de Cristo, tem de ser vitorioso, mesmo quando as aparências dão a entender o contrário. Deus é soberano e Jesus é o Senhor da História. O Evangelho é o poder de Deus e sempre vai prevalecer. Conseqüentemente, Paulo recebeu grande confirmação em Corinto, quando Cristo lhe disse: "Tenho muito povo nesta cidade" (At 18:10). O apóstolo não sabia quem era o povo, mas ele pregou confiantemente, ciente de que o Evangelho faria a sua parte. Além de Deus ser soberano, a vitória *do* Evangelho está garantida porque a cruz e a ressurreição de Cristo decisivamente vencem as forças demoníacas que oprimem o nosso mundo caído. A figura que Paulo traça em Colossenses 2:15 é dramática. Cristo derrota os principados e as potestades na batalha cósmica com o poder de sua cruz. Do ponto de vista de Deus, a guerra já está ganha. Cristo é o vitorioso. Somos simplesmente obreiros para o Senhor dos senhores. Ele nos deu armas divinamente poderosas (2Co 10:4-6) com as quais derrubamos a ordem existente (1Co 1:18). Conseqüentemente, trabalhamos com confiança, porque o resultado está garantido.

Trancada no tempo e no espaço, nossa percepção fica facilmente anuviada, e não percebemos a realidade sob o ponto de vista de Deus. O pecado parece reinar dentro e fora da Igreja. O povo de Deus fica moldado pelos valores deste mundo e freqüentemente parece indistinguível dos seus vizinhos pagãos. A pressão do tempo e as necessidades eclesiásticas — reuniões, administração, diversos deveres pastorais — nos roubam e à igreja de nossos mais preciosos componentes, e nos desesperamos com a falta de progresso. Porém, a imagem da marcha triunfal de Cristo relembra-nos a verdade. O desfile e nós, os prisioneiros nele, somos liderados pelo eterno Filho de Deus que brande uma cruz santa. A batalha é dele, não nossa.

As Escrituras dizem que o justo viverá da fé — e isso inclui os ministros. A fé é a dependência das realidades e promessas divinas, apesar das aparências humanas contrárias. No ministério é fácil, até mesmo natural, vivermos pelas obras que podem ser vistas. Mas Paulo declara explicitamente em Romanos 1:16,17 que a salvação (e o ministério pastoral) é uma questão de fé do começo ao fim. Os prisioneiros de Cristo vivem dos recursos mais fortes do que nós mesmos.

Ocasionalmente temos vislumbres do lado divino de nosso trabalho, embora isso possa significar resultados muito tempo depois de termos ministrado a alguém. Recentemente, voltei a uma igreja para celebrar um aniversário. Fiquei atônito com o que algumas pessoas me contaram. Um jovem me disse que o ano no qual estivera no meu grupo de estudo de liderança foi o principal acontecimento de sua vida cristã. Eu esqueci que ele participara do grupo! Uma adolescente lembrou-se de um sermão para crianças de que eu não me recordava mais. Fia disse que ele mudara sua vida. E as histórias prosseguiram. O que freqüentemente pareciam atos vazios do ministério foram, na verdade, o poder de Deus transformando vidas diante dos meus próprios olhos. Eu simplesmente não pude vê-los. Se pudéssemos observá-los e realmente contemplar o que a obra do Evangelho faz nas pessoas que amamos, teríamos menos queixas e nos alegraríamos mais.

O ministério é trabalho alegre

Aqui está a ironia de Deus: ser prisioneiro de Cristo é tornar-se verdadeiramente livre. Participar da marcha da morte de Jesus é, de fato, participar da própria vida divina. Uma metáfora

que parece enfatizar a dor e o sofrimento é na verdade uma figura de alegria. A segunda carta aos Coríntios, escrita por causa do intenso sofrimento pastoral de Paulo, é um prolongado grito de triunfo do Evangelho.

Filipenses, uma carta escrita pelo apóstolo na prisão, apresenta a alegria do ministério pastoral nas piores circunstâncias. A mente do apóstolo enche-se de recordações nostálgicas de diversos irmãos que ele amou em Filipos, muitos dos quais foram seus companheiros de ministério (1:7; 4:14). Há muito tempo ele havia agasalhado uma longa lista de pessoas bem lá no fundo do seu coração, onde as nutria e cuidava delas. Agora, sob a pressão da prisão e possível morte, seu coração dilata-se com o mesmo amor, que fica mais forte na adversidade.

Os pastores identificam-se com os sentimentos de satisfação de Paulo por serem prisioneiros de Jesus e verem a obra de Cristo progredir. O que produz mais alegria do que ver algum progresso espiritual naqueles que somos chamados para amar e servir? O que oferece mais confiança aos pastores abalados do que a certeza de que o Senhor opera em nosso meio? Silenciosamente, com certeza num ritmo mais lento do que gostaríamos, mas sempre com poder, Deus modifica as pessoas por meio de nosso trabalho. Fico aturdido por essa verdade conhecida e experimentada muitas e muitas vezes.

Lembro-me da primeira reação pública à minha pregação. Fiz o apelo e, para minha surpresa, as pessoas reagiram favoravelmente. Fiquei tão perplexo que mal sabia o que dizer. Igualmente agradáveis foram as muitas vezes em que o meu ministério pastoral transformou vidas. Lembro-me da primeira vez em que um casal me contou que o meu aconselhamento salvou o casamento deles. Em outra ocasião, um líder na igreja, homem fone, mas calmo, confessou que eu fora o pastor mais significativo em toda a sua vida. Fiquei, tomando emprestada uma frase de C. S. Lewis, "surpreendido pela alegria". Essa conversa ajudou-me a suportar um mês de coisas corriqueiras terríveis. Anos de ministério e contínua repetição de trabalhos tendem a anuviar nossa visão. A gerência institucional, as rotinas eclesiásticas, a agenda pessoal e milhares de outras coisas cotidianas prejudicam nossa percepção. Deixamos de ver o que Deus faz por nós e até mesmo exigimos dele mais do que vemos. E, naturalmente, queremos que a batalha seja menor do que a guerra. Os prisioneiros de Cristo não podem fugir à dura verdade de que

lutamos contra principados e potestades. Mas a profunda alegria de Paulo em 2 Coríntios é o resultado de sua grande angústia por causa dos coríntios. A alegria opera dessa maneira. Quanto maior o perigo para a vida ou para o ministério pastoral, maior o entusiasmo pela vitória.

E será uma grande luta. Uma função importante da Palavra de Deus e, portanto, do ministério pastoral, é a crítica. A pregação bíblica e o conselho vão perturbar a muitos. Somos chamados para liderar o povo de Deus, conforme ele segue a Cristo, mas muitos preferem permanecer confortavelmente onde estão. A liderança, por sua própria natureza, aliena algumas pessoas, e nós competiremos com os nossos predecessores e também com os nossos vizinhos. O espírito partidário é um fato infeliz na vida da igreja, e entender mal é tão natural quanto ouvir.

Há alguns anos, a luta ministerial tornou-se particularmente intensa para mim. Eu era jovem e inexperiente, e a situação era desesperadora. Vidas, famílias e a congregação estavam em jogo, sem falar de meu equilíbrio emocional. Dois membros da igreja tinham um caso amoroso. Isso acontecia havia quase um ano, e todos na cidade sabiam disso, menos eu. Descobri tudo, eles se arrependeram, confessaram publicamente e pediram perdão. Foi um momento glorioso para a igreja e a comunidade. As pessoas olharam e perceberam. Deus operava em nosso meio. Pensamos que duas famílias seriam restauradas e a ordem na igreja também. E quase foi verdade. Um dos casamentos foi transformado, mas o outro era mais frágil.

O marido da mulher culpada não queria saber de nada. Ele mesmo, um líder da igreja, estava ferido demais para perdoar tão depressa. Ele sabia do caso e fizera de tudo para impedi-lo, inclusive com ameaças físicas ao namorado de sua esposa. Na verdade, a reconciliação parecia mais tê-lo amargurado do que aliviado.

Sua esposa e filhos foram despedaçados por sua amargura. A igreja, também. O que poderíamos fazer? De um lado, Deus utilizava essa reconciliação poderosamente. Pessoas de toda a cidade falavam disso, e diversas delas vieram conversar comigo a respeito de sua condição espiritual. Por outro lado, a congregação foi profundamente afetada pela ferida deste homem que amávamos tanto. Sua raiva lançou uma penumbra sobre a igreja. Eu não sabia o que fazer. Amava os quatro envolvidos, mas entendia a ira dele contra o que lhe roubara a esposa.

As duas senhoras mais idosas da igreja resolveram orar por mim e pelas quatro pessoas envolvidas. Nada disseram a alguém, a não ser para mim. Oraram dia e noite.

Um domingo à noite, os quatro *envolvidos* no escândalo vieram à igreja. O casal reconciliado sentou-se atrás. O homem zangado e sua esposa entraram no último minuto antes de iniciarmos o culto. Eu estava de pé na porta da entrada e ele passou por mim, com o rosto tomado pela ira, sem dizer uma palavra. Ele e sua esposa sentaram-se na frente. Desde a confissão e a reconciliação, a congregação tivera momentos poderosos de testemunhos pessoais nos domingos à noite. Deus operava em todas as vidas, e queríamos falar disso. Naquele dia, contamos o que Deus realizava em nós e por nosso intermédio. Eu observava o homem irado com o canto do olho. Ele mantinha a cabeça baixa e estava carrancudo. Mas ouvia atentamente.

Depois de quase uma hora de testemunhos, ele subitamente ficou de pé e falou. Seu discurso foi interrompido pelas lágrimas que vieram das profundezas de sua alma. Nunca me esquecerei de suas palavras: "Entrei aqui esta noite com ódio de meu inimigo (o homem que amara sua esposa). Eu queria matá-lo. Mas quero que vocês saibam de uma coisa. Deus mudou minha mente". Ele se voltou e disse ao seu ofensor: "Eu o amo e o perdôo".

Os dois homens saíram de seus lugares e encontraram-se no meio da nave da igreja. Abraçaram-se e choraram. Nós nos unimos a eles! Contemplávamos a graça de Deus em operação. Desfrutávamos de uma alegria além de palavras. Meu coração de pastor nunca mais foi o mesmo. É uma ilustração muito forte do que vi uma centena de vezes em escala menor. Tenho um enorme arquivo que contém as cartas e os cartões que recebi, quando deixei a igreja em Park Street. Cada item é um testemunho da maneira como Deus me usou para ser seu instrumento na vida de seus filhos, membros daquela congregação. É uma maravilha — algo além de simples palavras.

Com mais freqüência, a luta torna-se cada vez mais sutil e o inimigo mais esperto. Às vezes, a indiferença declarada pode destruir o coração de um pastor. Um amigo meu pastoreia uma igreja que nunca aprendeu a dizer-lhe "obrigado". Posso ver o progresso do Evangelho ali, mas ele geralmente fica subjugado pela depressão porque, no meio da batalha, sua visão fica bloqueada pela luta. Ele sempre me pergunta se a sua presença afinal faz

alguma diferença. Sempre lhe digo que sim, mas sei de seu sofrimento.

Ouvi um pastor dizer certa vez que todos os servos de Deus têm uma "experiência no deserto", como Moisés e os filhos de Israel. Há ocasiões em que nosso ministério parece vazio e estéril. As pessoas não respondem aos nossos apelos e, às vezes, tornam-se hostis. Nossas palavras e trabalho caem em solo endurecido e nada acontece de novo. Nessas experiências no deserto, nossas almas também ficam estéreis e vazias.

Tive a minha experiência no deserto. Na verdade, possuí mais de uma. Porém, uma delas durou quase cinco anos. A igreja não crescia. As pessoas pareciam desinteressadas e distantes. O "espírito" da congregação estava morto. Parecia que eu pregava através de um denso nevoeiro. Meus relacionamentos pareciam superficiais e raramente tocavam as almas. Pensei que fosse morrer.

Certo domingo, eu e minha esposa voltamos da igreja, sentamos em nossa sala-de-estar e choramos. E assim continuou. Dias desertos e noites estéreis, almas mortas e relacionamentos vazios. Abrimos nossos corações para um colega pastor e sua esposa. Eles logo contaram a um casal de nossa igreja, que ficou muito zangado conosco. Sentimo-nos traídos e mal-entendidos, além de vazios e estéreis.

Sei que Deus operou em algumas vidas durante aqueles anos — algumas poucas pessoas me disseram. Mas isso não acabou com o sentimento de futilidade e o vazio de minha alma. E, às vezes, é assim que o ministério pastoral atua. Agora entendo que a experiência no deserto era parte da jornada e valia a pena. O meu próprio coração de pastor tomou nova forma e minha compreensão do ministério pastoral foi reformada. E Deus estava em tudo isso.

Em qualquer caso, lidar com corações humanos, inclusive o próprio, é difícil. Mas, quanto mais profunda a luta, mais doce a vitória. Somos prisioneiros de Cristo, o Senhor da vida e de sua Igreja. Marchamos em seu desfile, e sabemos para onde Ele vai. E, de vez em quando, temos um vislumbre por cima do ombro e vemos companheiros prisioneiros que também nos seguem na marcha da vitória. Então, vale a pena.

6. VASOS DE BARRO:

O FARDO DO PASTOR

Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós.

2 Coríntios 4:7

Recentemente, conversei com um amigo pastor. Ele serviu à mesma congregação por 28 anos e estava aposentado há dois. Disse-me que pensava em trabalhar além dos 65 anos, mas chegou à conclusão de que a vida pastoral é demasiadamente intensa. Ele acrescentou que a maior parte do tempo ele se sentia como o Ursinho Puff, arrastado pelas escadas abaixo, com a cabeça batendo em cada degrau. "É pesado demais. Não dá para agüentar mais", ele concluiu.

FARDOS ALEGRES

O fardo do ministério pastoral

Todo pastor pode identificar-se com os sentimentos de meu amigo. A atividade de cuidar das almas eternas é desgastante, assim como o trabalho da liderança pastoral em um mundo e uma igreja em que os líderes estão sob suspeita e a religião institucional, sob ataques diversos.

No seminário, meu pastor era um dos meus modelos para o ministério. Bem-sucedido e habilidoso, foi meu mentor e conselheiro. Tinha uma maneira amistosa e ria com facilidade. Mas havia nele certa seriedade, e até mesmo tristeza. Um dia, quando conversávamos, entendi o seu coração. Estava profundamente preocupado com suas ovelhas. Suas vidas, sua fé e suas lutas pesavam muito sobre a alma dele. Afadigava-se em benefício delas e lutava em oração por elas. Trabalhava duro na liderança de uma igreja relutante em avançar para o seu destino e

encontrava resistência por toda parte. Na verdade, a diretoria finalmente o forçou a renunciar, Nunca me esquecerei de seu rosto no domingo de manhã, quando anunciou a sua saída. Tenho certeza de que há mais detalhes do que conheço naquela história. Mas eu observava um homem que respeitava e amava viver um sofrimento profundo. Levou muito tempo para a igreja se recuperar. Não tenho certeza se o meu pastor se recuperou um dia. Ele havia experimentado o fardo *do* ministério.

Como todos os pastores cristãos, rapidamente percebi o peso desse fardo. Ele chegou de variadas formas e aspectos. Parte dele foi a crescente conscientização da responsabilidade de falar e agir em nome de Deus. Eu era mordomo do Senhor, a quem foram confiadas as Escrituras e a Igreja de Cristo, o povo de Deus. Um dia prestaria contas de mim mesmo ao Senhor. Experimentei outra parte do fardo quando aprendi a liderar o povo de Deus na caminhada de onde estava para onde devia estar. Muitas vezes, as igrejas resistem em sair da zona de conforto. O líder sente-se solitário.

Qualquer conscientização teológica e teórica pode tornar-se enfadonha com o tempo e a rotina. É fácil esquecer o peso que acompanha o cuidado das almas. Às vezes, penso na liderança pastoral com muita leviandade. Mas há alguma coisa a respeito da experiência diária de cuidar das almas das pessoas que é poderosamente intensa. Desde o primeiro dia do meu ministério, fui tomado pelas vidas e pela fé do povo de Deus. Suas alegrias e seus sofrimentos tornaram-se meus. Eles me incluíram em suas vidas e olharam para mim em busca de uma palavra do Senhor para explicar as coisas. Mesmo quando resistiam às mudanças que minha liderança trazia, ainda me buscavam para cuidar de suas almas e da igreja.

Certa manhã, durante o meu primeiro ano de ministério, subi por uma colina da cidade, para contemplar a paisagem espetacular das montanhas Cascade, cobertas de neve do lado de nosso município. Como sempre, fiquei perplexo com a obra criativa de Deus. O sol, ao nascer, lançava um brilho nos lados dos montes Adams, Hood e Sta. Helena. Foi um momento inesquecível.

Quando voltei à cidade, olhei para os telhados e pensei em meu trabalho na Igreja de Cristo naquela cidade cheia de pessoas necessitadas. Que contraste entre a beleza da criação de Deus e a bagunça que nós, humanos, fizemos. Eu estivera na cidade o suficiente para saber o que acontecia sob cada um daqueles

telhados. Eu vira o poder do mal de perto. Aprendera que a vida não fica mais fácil com o tempo; pelo contrário, fica mais complicada. O plácido exterior da vida da cidade era, de fato, um conjunto de pessoas muito humanas que viviam suas experiências com todo o seu sofrimento e glória.

A alegria do ministério pastoral

Por cima das árvores, no lado oeste da cidade, levantava-se a torre da igreja que eu pastoreava. A cruz no alto daquele edifício lançava sua sombra sobre a cidade. Sob a torre batia o coração de uma igreja cristã. Em muitos aspectos, ela refletia a vida comum de nossa comunidade. Éramos um conjunto de seres humanos com todos os pecados e falhas dos nossos vizinhos. O sofrimento da vida em um mundo pecador pressionava cada um de nós tanto quanto os outros. Subitamente, senti o peso coletivo dessa experiência humana com uma nova intensidade. Porém, Deus operava maravilhas sob aquela torre e nesta cidade. Os rostos do povo de Deus destacaram-se em minha lembrança enquanto eu recordava como realmente o Evangelho transformava-se em boas novas para aqueles filhos do Senhor. Tomei consciência da vocação de Deus para o ministério cristão nessa cidade. Meu coração elevou-se com alegria e, ao mesmo tempo, sentiu o fardo dessa vocação.

A tensão daquele momento foi resumida no quadro que Paulo traçou de seu próprio ministério, em 2 Coríntios 4:7: "Temos, porém, este tesouro em vasos de barro". Nossa vocação oferece-nos a glória de trabalhar com o tesouro inestimável do Evangelho e pessoas de infinito valor por quem Cristo morreu. Isso basta para fazer um apóstolo — ou um pastor cristão — gritar de alegria!

O PESO DA GLÓRIA: DEUS CONFIA EM MIM!

Rick Warren, pastor da Igreja Saddleback, na Califórnia, tem uma maravilhosa definição da graça concedida aos pastores: "Deus conhece cada coisa iníqua e estúpida que eu posso fazer e mesmo assim me escolheu". É uma realidade assustadora muitas vezes esquecida na premência do ministério e com o passar do tempo. Do outro lado dessa graça está a igualmente assustadora verdade de que nenhum de nós é suficientemente apto para a tarefa nem digno da confiança que nos foi concedida.

Uma jovem colega de ministério me perguntou como se evita o cinismo. Suponho que essa pergunta veio por causa da reflexão

sobre o lado ministerial feito de barro. Ela se sentia traída pela igreja, usada pelas pessoas e carente dos recursos necessários para dar continuidade à obra de Deus. Na verdade, sua crise vocacional era também uma profunda crise de fé. Como pode qualquer um de nós evitar a sobrecarga do nosso próprio caráter humano, além de agüentar a coletiva inclinação ao pecado de nossas congregações?

A glória do ministério

Não há respostas simples para esta pergunta. O ministério é um fardo inescapável e pode ser letal para a nossa fé e alegria. Uma maneira de lidar com o nosso "lado de barro" é focalizar o tesouro dentro de todos os vasos de barro de Deus. C. S. Lewis afirmou que todos os seres humanos carregam ''o peso da glória". Os cristãos, em particular, conduzem essa estranha dignidade, pois o próprio Senhor Jesus vive em nós. Os pastores evangélicos não carregam apenas esse peso, mas a própria moeda corrente do nosso trabalho é esse fardo de glória, o tesouro do Evangelho e da graça que nos foi confiado.

Conheço a glória do ministério. Estudei a respeito dela, cri nela e observei-a no lar de um pastor, meu pai. Mas jamais esquecerei minha primeira experiência com ela. A lembrança permanece bem no centro de minha formação pastoral. Foi em um culto matinal de domingo, no qual Deus atuava poderosamente. Do hino de abertura até a bênção apostólica, cada ato de adoração carregava o "peso da eternidade'[1]. Dirigi o culto e fiquei tomado pela experiência. Senti ambos, a presença de Deus e o fardo de fazer parte de um grupo de pessoas pecadoras ao mesmo tempo. O sermão parecia vir de uma fonte mais profunda de minha alma, que eu não sabia existir. Disse o que havia planejado falar, mas com uma energia e fluência que não eram minhas. Lembro-me do entusiasmo quando escrevi ao meu pai e contei-lhe que havia pregado ''no Espírito" pela primeira vez. A força de Deus elevou-me além de minha capacidade e minhas palavras humanas atingiram os corações com o poder divino.

Diversas pessoas que ocupavam cargos de responsabilidade foram transformadas naquela hora. Nenhum de nós continuou o mesmo. Tudo o que podíamos dizer era "aleluia!". O Senhor ocupou seu espaço em nossa reunião e transformou aquela hora e grande parte dos presentes. A eternidade penetrou no tempo. O reino de Deus encontrou a realidade humana, e tudo se transformou. E,

maravilha das maravilhas, Deus permitiu que eu fosse parte dessa ocasião especial.

Nunca me recuperei desse momento. Nenhum de nós mereceu esse instante de graça, muito menos eu, um jovem inexperiente e ignorante. A igreja era antiga, cansada e necessitada de misericórdia. Juntos, éramos carentes de méritos. Mas a glória de Deus veio até essa bagunça mista de humanidade. Tudo o que podíamos fazer era permanecer diante desse mistério e dar graças. Através dos anos, conheci momentos maiores e menores desse peso de glória. Cada um confirma a mensagem original. Nós, pastores, somos privilegiados em permanecer no centro da obra de Deus na Terra. É puro dom pelo qual me sinto profundamente grato. E essa graça tem outro lado de igual importância. Ser um instrumento da graça entre o povo de Deus também é profundamente humilhante. Conheço a diferença entre o meu poder e o de Deus. Meus recursos humanos simplesmente Não podem tocar na eternidade. Quando o Senhor toma meus atos e palavras e transforma vidas e forma a sua Igreja, o melhor que posso fazer é permanecer humildemente atrás e clamar: "Glória a Deus nas maiores alturas!".

Um tema bíblico

Esta glória do ministério encontra-se entretecida em todas as cartas de Paulo. As introduções às suas epístolas transbordam dessa alegria profunda de que Deus operava em seu ministério. Ele inicia 1 Tessalonicenses lembrando a igreja de que o seu ministério entre eles foi marcado "em poder, e no Espírito Santo, e em plena convicção" (1:4,5). O amor de Paulo pelos tessalonicenses e sua perplexidade de que o Evangelho lhe "fosse confiado" (2:4) permeia toda a epístola.

Apesar do desânimo e sofrimento de seu ministério em Corinto, as cartas de Paulo a essa igreja rebelde refletem sua admiração de que Deus o usasse como pastor e apóstolo. A metáfora do vaso de barro de 2 Coríntios 4 é um exemplo disso. Nós, vasos de barro pastorais, guardamos um tesouro imperecível. É irônico e até humilhante entender que o ministério nos foi dado independentemente de qualquer façanha ou valor que nos sejam inerentes. Deus simplesmente nos escolhe por seus próprios motivos. Embora sejamos vasos de barro que racham e quebram, o Senhor nos escolhe, para nos transformar em instrumentos por meio dos quais o tesouro do Evangelho faz a sua obra. A. T.

Robertson ficou tão tocado por esse tema recorrente na primeira parte de 2 Coríntios, que intitulou o seu livro a respeito dessa seção de *lhe Glory of the Ministry* {A Glória do Ministério). O fato de Deus usar vasos de barro como *nós é* uma realidade de tirar o fôlego que deveria endireitar a espinha dorsal curva do mais desanimado dos ministros do Evangelho.

Apesar disso, sempre há o perigo de esquecer o privilégio de trabalhar para Deus e a inerente dignidade que acompanha os servos do Senhor. Isso é certamente verdade em nosso mundo secular, em que a Igreja e o seu ministério foram empurrados para a marginalidade da cultura. Até mesmo o povo de Deus tende a trivializar a obra dos pastores evangélicos.

A antiga nação de Israel, um povo que experimentara o Êxodo e as poderosas obras de Deus, também precisava ser lembrada da glória do ministério. Por isso, o Senhor instruiu que os sacerdotes em seus ofícios usassem vestes elaboradas para lhes dar "glória e ornamento" (Êx 28:2,40). Uma vez que o ministério deles no altar era obra divina, sua aparência tinha de dar testemunho da eternidade. Os servos de Deus usavam uma dignidade diferente que falava *da glória do* Senhor. Suas vestes *não* permitiam que eles ou o povo se esquecessem disso.

Uma realidade histórica

A história cristã dá testemunho do peso da glória experimentado pelos ministros do Evangelho. Durante séculos, os pastores foram chamados de "curas".* Sua tarefa era "curar as almas'' (do latim, *cura animaram),* ou, quando transferido para o inglês, "care of souls'' (cuidado das almas). Seu papel de "curas" era o de médicos da alma.

Poucas denominações levaram mais a sério o cuidado das almas do que os puritanos. Seus ministros recebiam a incumbência da saúde espiritual de toda a comunidade, e sua tarefa era curar todas as enfermidades da alma, da mente e do coração. Eles assumiam o seu papel de médicos da alma com muita seriedade - e alguns até com excesso. Apesar disso, eles sabiam quem eram e para o que haviam sido chamados. A clássica teologia pastoral do erudito puritano do século dezessete Richard Baxter, *The Reformed Pastor* (O Pastor Reformado), descreve todo o trabalho do ministério como o diagnóstico e a cura das enfermidades espirituais dos membros da congregação.[1]

Até pouco tempo, o respeito dado aos "curas" era semelhante ao que hoje damos aos médicos. Ainda estou para conhecer um médico que não tenha um firme senso de identidade e, muitas vezes, de senso de dignidade até mais firme. Até recentemente, a obra do cura das almas possuía ainda mais dignidade, pois o clero lida com almas vivas, a saúde definitiva, o céu e o inferno.

* N.R : Fm língua portuguesa, o termo "cura", usado mais em Portugal que no Brasil, ocorre exclusivamente no catolicismo romano, referindo-se ao vigário de aldeia ou povoação (cf. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa).*

Uma arte perdida

Uma das grandes teologias pastorais do século passado é a *Homiletics and Pastoral Theology* (Homillética e Teologia Pastoral), de W. G. T. Shedd, publicada pela primeira vez em 1867. Para ele, o fundamento da teologia pastoral é o caráter moral e religioso do ministro. Ele argumenta que o pastor, "por sua própria vocação, é o 'homem sagrado' na sociedade". Ele é o "pároco", um termo derivado do vocábulo latino *persona.* O título significa que o pastor é "a principal pessoa" na comunidade.[2]

Embora os dias do "pároco" já tenham passado, a verdade interior permanece. Até mesmo em um mundo que marginaliza a Igreja e desvaloriza o ministro cristão, a congregação acredita, ou pelo menos deveria acreditar, que seus ministros são responsáveis pelas boas novas e carregam em suas próprias pessoas o glorioso Evangelho de Cristo. Os pastores são depositários da verdade divina. Nossa obra é a interseção do tempo e da eternidade. Mantemos em nossas mãos o poder transformador da fé cristã.

Uma verdade transformadora

É fácil esquecer a glória do ministério na barreira das tarefas que enfrentamos todos os dias. Às vezes, no meio de todos os negócios, mal consigo ter um vislumbre da eternidade. Receitas, reuniões, comissões, deveres e problemas, junto com a crítica destrutiva, as pessoas negativas e a pura humanidade de todo o empreendimento disfarçam a realidade do que servimos. Até mesmo as coisas santas tendem a se tornar comuns com o passar do tempo.

Fico horrorizado com a minha capacidade de trivializar a glória de Deus. Recentemente, um novo membro da congregação me levou para jantar fora. Durante a refeição, ele partilhou comigo

a narrativa de sua peregrinação até a fé cristã. Era uma história notável — um exemplo que os pregadores gostam de utilizar como ilustração da graça de Deus. Este homem é o tipo de líder leigo que os pastores desejam ter. Mas, no meio de sua maravilhosa história, percebi que eu divagava enquanto oscilava à beira do tédio. Eu já ouvira toda ela antes, de outra forma — a mesma canção, com palavras diferentes. Em meu caminho para casa, arrependi-me amargamente e com lágrimas, pois menosprezara um dos filhos amados de Deus. Eu olhara bem no rosto da graça de Deus e bocejara.

Gostaria de ter algumas das vestes de Arão para me lembrar — e aos outros, também, suponho — da "dignidade e honra" inerentes à minha vocação. Em vez disso, aceito os enfeites e símbolos do poder humano, para me dar mais significado. Com demasiada freqüência, levo-me mais a sério do que o Evangelho me autoriza.

Com saudades, lembro-me da maravilha daqueles primeiros dias do ministério, quando cada experiência era nova. Como os cristãos primitivos, eu dependia de Deus para quase tudo, porque não tinha para onde me voltar. Eu não possuía experiência, tinha pouquíssima sabedoria e uma igreja cheia de pessoas famintas da realidade do Senhor. Era estimulante! Eu via Deus operar por toda parte, mesmo quando essa visão não passava de esperança. Vivia admirado da tarefa para a qual fora chamado e do Senhor que me havia vocacionado para o ministério.

Enquanto escrevo este livro, completo meus 25 anos de pastorado. Parece que foi ontem que me coloquei por trás de um púlpito pela primeira vez. Era um brilhante e ensolarado domingo de julho e, como Paulo, estava "em fraqueza, e em temor, e em grande tremor" (1Co 2:3). Eu sabia que aquele local, como todos os outros na Terra, era exatamente o que os meus antepassados chamavam de "mesa sagrada'[1]. Fiquei ali aquele dia, débil, mas também confiantemente, e anunciei a mensagem *do* Senhor. Penetrei no milagre da Palavra liberada entre o povo de Deus.

Os dias *correram,* enquanto visitava os lares das famílias evangélicas; ouvi histórias de fé e fracassos; estudei muito; aprendi bastante; e, domingo após domingo, coloquei-me por trás daquele velho púlpito e observei Deus operar. Estava marcado para a vida. Agora me parece que os anos se fundiram, enquanto recordo esse quarto de século de minha vida. É difícil acreditar que já se passou metade de meu ministério.

Nunca me recuperei o suficiente daquele primeiro domingo por trás da mesa sagrada. Ainda me sinto um tanto assustado, porque Deus me confia a sua Palavra, as ordenanças e a igreja. Meu pulso ainda bate depressa, enquanto escrevo os sermões. Meu coração dispara, quando eu me coloco diante do povo de Deus, para falar em nome do Senhor da Igreja. Sinto-me profundamente honrado porque o povo de Deus ouve, segue minha liderança e me convida para entrar em sua existência. Minha vida ainda é uma história que está em plena desenvolvimento, escrita em um dia — um domingo — de cada vez.

O FARDO INTOLERÁVEL: TODOS NÓS SOMOS VASOS DE BARRO

Eu não sei porque Deus resolveu abençoar aqueles primeiros dias. Certamente não foi como recompensa pelos meus bons esforços ou por causa do bom crescimento da igreja. Mesmo assim, o Senhor nos visitou notavelmente. Parecia que cada domingo era um outro momento transformador. A congregação tornou-se vibrante com o poder de Deus. As pessoas nos visitavam para ver o que o Senhor realizava e muitas aceitaram a fé cristã. Não creio que alguém fosse mais transformado do que eu mesmo. Ali estava eu, uma criança que lidava com o poder da eternidade. Eu imaginava que isso deveria ser sempre assim — e seria.

O mistério da graça

Naturalmente, não foi o que aconteceu. Os movimentos do Espírito brotam e fluem fora do controle humano. Conheci mais refluxos que fluxos através destes 25 anos passados. Não obstante, Deus tem abençoado tudo, em cada dia simples.

Não entendo como sobrevivi, quando tantos dos meus contemporâneos não suportaram a pressão. Não tenho certeza, porque tive o inestimável privilégio de servir a congregações maravilhosas. E ainda fico surpreso quando Deus usa o que eu digo e transforma vidas e toca em almas. É um mistério profundo e maravilhoso. Apenas queria que o meu coração e a minha alma tomassem consciência da glória do ministério como a minha cabeça faz — então, talvez, ser um vaso de barro não fosse tão difícil.

A inevitável realidade pastoral

Nos gloriosos dias do passado, a realidade estabeleceu-se rapidamente. Lembro com a mesma intensidade a primeira mordida da crítica. Deus abençoava, as pessoas aceitavam a Cristo, a igreja crescia e todos pareciam felizes — mas nós ainda éramos muito humanos. Em uma tarde de quarta-feira, pouco antes do culto, recebi um telefonema frenético. Â pessoa me pediu que fosse a igreja imediatamente. Havia rumores de que eu entregaria a igreja a outra denominação. Fiquei perplexo. Nada estava mais longe de minha mente. Na verdade, eu argumentava com algumas pessoas para nos mantermos dentro dos costumes de nossa denominação. Havia pouca coisa que eu pudesse fazer. Os rumores têm vida própria e muitas tentativas para impedi-los simplesmente servem para avivar o fogo.

Os rumores desapareceram, mas a dor ficou. Eu estava muito triste., porém mais sábio, Algumas pessoas na igreja gostam de espalhar boatos, e mais gente ainda adora ouvir más notícias, quer sejam verdadeiras quer não. Mais boatos se seguiram, alguns tolos e outros danosos. Sempre havia alguém que acreditava nos rumores e os passava adiante. Meu diário daqueles dias transborda autopiedade enquanto imaginava por que algumas pessoas preferiam o lado negro da humanidade em vez da glória de Deus.

Algumas críticas machucam muito porque são parcialmente reais. A viúva de meu predecessor era membro dessa mesma congregação. Era uma mulher muito dedicada, que incessantemente me dava apoio. Contudo, aborreceu-se com o volume de minha voz nas pregações. Ela achava que eu devia falar com um pouco menos de entusiasmo. Bendita seja, ela veio, contou-me isso e não partilhou suas críticas com mais ninguém.

Eu sabia que ela ainda sentia a falta cie seu marido, que morrera há apenas um ano. Compreendi que ele fora um homem gentil e calmo e que fora seu pastor por quarenta anos. Eu era jovem, impetuoso e barulhento. Precisava aquietar-me e diminuir o volume da voz. Ainda posso lembrar sua crítica como um momento bom, mas doloroso.

Desejo saber por que a crítica machuca os pastores, mesmo quando é construtiva. Provavelmente porque somos pessoas de convicções profundas, apaixonadas mesmo, e tenhamos corações sensíveis. Conseqüentemente, não gostamos de errar e não agüentamos a rejeição. A crítica, na melhor das hipóteses, ameaça as nossas convicções ou o nosso coração pastoral.

Nós, pastores, e nossas congregações somos inexoravelmente humanos. Paulo diz o que é viver com um tesouro celestial em vaso de barro. Isso perturba e quase nos enlouquece. Tenho tentado imaginar que não é assim, oro para que não seja e fujo disso quando possível. Mas é um fato fundamental na vida de um pastor.

Nunca me canso de ler sobre a vida e o ministério de C. H. Spurgeon, o grande pregador de Londres, no século passado. Sua enorme autobiografia de dois volumes é uma caixa de tesouros de sabedoria pastoral. Este "herdeiro dos puritanos" certamente entendia a glória do ministério cristão. Na verdade, ele estava tão consciente do peso de sua responsabilidade, que vacilava sob o estupendo peso de um ministério sempre crescente de milhares de ouvintes. As reflexões dele a respeito de seu próprio chamado pastoral ressaltam a glória do ministério cristão.

Um jornalista americano visitou o Tabernáculo Metropolitano, a igreja de Spurgeon em Londres. O visitante sentou-se na parte superlotada do recinto, de onde não conseguia ver o púlpito. Contudo, ficava perto da porta do gabinete pastoral. Quando o culto começou, ele viu Spurgeon e alguns dos diáconos saírem do gabinete para subir ao púlpito. Mais tarde, ele disse que o pregador estava tão assustado com o tamanho da multidão e o peso do seu ministério, que desfaleceu nos braços dos companheiros. Apenas depois de oração e confiança renovada da parte de seus auxiliares, Spurgeon subiu ao púlpito para enfrentar aquele desafio em nome de Deus.

A respeito de seu fenomenal sucesso, Spurgeon escreveu: "Meu sucesso me assustava; e a idéia da carreira que parecia abrir-se diante de mim, longe de me ensoberbecer, lançava-me no mais profundo abismo, do qual eu saía para anunciar o meu *miserere* e Não encontrava lugar para um *gloria in excelsis.* Quem eu era para continuar como líder de tão grande multidão? Eu queria retornar para a minha obscuridade no interior, emigrar para a América e encontrar um ninho solitário na floresta, onde pudesse ser suficiente para as coisas exigidas de mim" [3]

O *grande* homem de Deus era um vaso de barro incapaz de suportar o peso do fardo ministerial. Ele estava consciente de sua incapacidade humana. Em seu *Lectures to My Students* (Palestras para os Meus Alunos), ele conta como se sentia oprimido por ocasionais períodos de depressão. Sua autobiografia revela um homem consciente de sua queda para o orgulho e a vaidade, junto

com um corpo fraco que o ajudava a manter-se humilde. Parece que ele nunca perdeu o senso de perplexidade por Deus ter-lhe confiado uma imensa igreja e um ministério para o mundo. Esse espírito é a glória e o peso do ministério cristão.

REALIDADE PASTORAL: SOMOS VASOS RACHADOS

Paulo usa uma metáfora para descrever como os pregadores de Deus carregam a sua glória: "Temos, porém, este tesouro em vasos de barro" (2Co 4:7). Para colocar isso em uma linguagem mais contemporânea, somos vasos rachados que carregam o peso da glória. Deus faz a sua obra por meio de instrumentos humanos decaídos, falíveis e pecadores. Ele coloca o Evangelho em vasos de barro que racham e quebram.

Suponho que todos os pastores desejam, se possível, ultrapassar a sua própria humanidade. Alguns até mesmo agem como se o tivessem feito. E as congregações gostam disso! Acredito que muitos desejam colocar-nos sobre pedestais, na esperança de que a nossa perfeição pastoral de alguma forma negue a realidade do pecado em algum lugar da Terra. Todos nós gostamos de pedestais, porque eles nos fazem sentir diferenciados. Mas eles disfarçam a humanidade e, finalmente, todos desmoronam.

Uma realidade bíblica

Do começo ao fim a Bíblia destaca a humanidade dos líderes de Deus. Moisés, um dos maiores deles, estava cheio de dúvidas e rogou ao Senhor que o dispensasse da responsabilidade de liderar o êxodo do Egito. Mais tarde, ele pensou que fosse indispensável como juiz, e o seu sogro precisou dizer-lhe como devia delegar tais responsabilidades. Em outra ocasião, quando ficou zangado, desobedeceu a Deus e bateu na rocha em vez de lhe falar, como o Senhor lhe instruíra. Por causa desse pecado, Deus o proibiu de liderar o povo na entrada da Terra Prometida. Ele não foi diferente da última pessoa que cruzou o mar Vermelho — apenas outro ser humano. Mas Deus o escolheu para realizar uma das mais importantes tarefas na face da Terra. A triste história de Davi não precisa ser repetida. Basta dizer que este grande rei, "um homem segundo o coração de Deus" e um dos grandes líderes da História, teve um lado muito sombrio. Sua má conduta sexual e subseqüente disfarce criminoso manchou sua brilhante liderança em Israel. Seu pecado lhe custou caro. Sua humanidade destruiu

sua família e dividiu o seu reino. O glorioso rei de Israel era um vaso de barro em nada diferente de qualquer homem de seu reino.

Pedro, um dos pastores da Igreja primitiva, apóstolo e mártir, líder e provavelmente notável bispo, não foi apenas impetuoso e muitas vezes estúpido. Ele próprio negou a Jesus, quando o seu Mestre mais precisou dele. Mais tarde, em Antioquia, quando era uma "coluna da igreja", afastou-se da verdade que conhecia e foi repreendido por Paulo. Até mesmo os grandes são feitos do mesmo material que todos nós. Somos vasos de barro rachados e com manchas, e às vezes quebrados.

Paulo também foi limitado por sua humanidade. Seu "espinho na carne", provavelmente uma enfermidade física ou psicológica, atacava-o repetidas vezes. Durante esses tristes momentos, ele aprendeu uma importante lição: sua fraqueza humana era exatamente onde se manifestava o poder e a graça de Deus. Paulo sabia que era um vaso de barro rachado.

A experiência humana confirma a verdade bíblica

A experiência confirma o testemunho bíblico. Apesar da aparência que tenhamos diante de nossa congregação e do mundo, lá no fundo sabemos como somos realmente. Deus nos conhece até mesmo quando enganamos a nós mesmos. Somos pecadores comuns como todos os outros, embora nós e nossas igrejas desejássemos que fosse diferente. Não sabemos tudo. Na verdade, não sabemos muitas coisas. Apesar do sucesso que alcançamos em nossos momentos de maior honestidade, sabemos que tudo isso acontece, apesar de nossa humanidade.

Acrescente as complexidades do nosso mundo moderno e a crise da Igreja de hoje à nossa inerente ineficiência. O resultado pode ser devastador. Exposto de maneira simples, concluímos que os pastores contemporâneos não foram devidamente treinados para exercer o ministério em um mundo como este. Leonard Sweet considera que um dos problemas do ministério cristão em nosso tempo é que fomos treinados como "técnicos de máquinas de escrever em uma era de computadores".[4] Nesta virada do século, a Igreja está, como afirma Sweet, "abalada", e o ministério cristão encontra-se sobre a falha geológica da história e da eternidade. E nenhum de nós é suficiente para a nossa tarefa.

Um dos melhores líderes cristãos que conheço disse-me certa vez: "Se alcancei o sucesso, por que me sinto tão incapaz?". Então ele acrescentou-. "E se tenho tanto sucesso, por que isso

destrói a minha alma?". Essas também são as minhas dúvidas. Na verdade, quanto mais experimento o que é comumente chamado de "sucesso", mais incapaz me sinto para a tarefa. Esse sentimento de fracasso freqüentemente vem acompanhado de uma profunda sensação de que, de alguma forma, aparei os cantos e neutralizei a verdade em benefício de expedientes políticos e progressos pessoais. Se for verdade, como alguém já sugeriu, que um sentimento crônico de incapacidade é direito hereditário de todo macho americano, então o clero dominado pelos homens tem um grande problema. E se, segundo o que as Escrituras e a experiência nos ensinam, somos todos fracassos morais, como nos atrevemos a liderar o povo de Deus ou a falar em seu nome? Isso significa que somos vasos rachados neste século.

A fim de observar de outro ângulo, perguntei a um amigo meu, pastor de sucesso de acordo com qualquer padrão, se nunca se sentia fracassado e se um dia o sucesso recuaria diante da realidade. Ele sorriu e disse: "Todos os dias da minha vida". Nós temos este tesouro em vasos rachados.

Acho que muitos pastores Não querem arriscar-se como um amigo que conheço. Ele declara francamente aos membros de sua congregação que todas as coisas horríveis que possam imaginar a respeito dele nem sequer descrevem o mal que se oculta em sua alma. Se eles realmente soubessem o que há em seu coração, ficariam horrorizados." [5] O que ele quer dizer com isso? Que precisamos retirar os ministros de cima de seus pedestais e admitir que a glória do ministério firma-se no meio de servos humanos cheios de falhas.

Esperança para vasos de barro

Portanto, percebamos que um dos vislumbres que temos do pastor operante no Novo Testamento é uma poderosa descrição de um vaso de barro. No final de sua vida, Paulo escreveu a Timóteo duas cartas cheias de preocupação pelo seu jovem amigo que se enfraquecia na saúde e na coragem. Ao longo destas epístolas, o apóstolo menciona a timidez de Timóteo (2Tm 1:7) e o incentiva a permanecer firme no Senhor, para não desistir nem se desesperar. Paulo o desafia a ser corajoso, a pensar em sua vocação, a se lembrar de sua ordenação e a continuar firme. Interessante é que o apóstolo não argumenta que as falhas de Timóteo invalidariam o seu ministério ou deveriam ser eliminadas de sua personalidade.

Como muitos de nós, Timóteo não precisava ser lembrado de que era um vaso rachado em perigo de se partir em mil pedaços. Antes, ele precisava do encorajamento de um mentor que o recordasse de que a glória do ministério encontra o seu contexto e o seu poder nos servos humanos que são por sua própria natureza inadequados para a tarefa. Paulo disse a Timóteo que, apesar das falhas pessoais dele, devia continuar sua tarefa divina.

Assim como os gigantes da fé do Antigo e do Novo Testamentos eram falhos, também o foram os valentes da história cristã. Spurgeon e Lutero sofriam de depressão. As enfermidades físicas de Calvino eram muitíssimas e esmagadoras. Uma vez, ele disse que cada dia era uma luta mortal.

Os gigantes da fé não foram os únicos que se tornaram prisioneiros de sua própria humanidade. A história deles é também a nossa. Todos nós somos vasos de barro, lascados, rachados e passíveis de quebrar.

Recentemente um jovem colega deixou nossa equipe para assumir o seu primeiro pastorado. Quando falei com ele no ano passado, disse-me que estava cansado, solitário e desanimado. Ele descobrira fraquezas em si mesmo e falhas em sua igreja. Se duvidamos de nossa humanidade, nossas congregações vão confirmá-la. Não importa quem somos ou o que realizamos, algumas pessoas não vão gostar de nós, não nos seguirão, e vão até mesmo rejeitar o nosso ministério. Nenhum de nós é exceção à regra. E, nesse meio tempo, há pessoas e igrejas que não apreciamos, não respeitamos e gostaríamos de abandonar. Na tentativa de servi-las, cometemos erros, pecamos gravemente, falhamos e, sob outros aspectos, fracassamos em nossa vocação divina. Se o admitíssemos, grande parte do conflito entre a igreja e os ministros seria resolvido.

INEVITÁVEL TENSÃO

Cada pastor cristão vive com a inevitável tensão inerente a uma existência vivida entre o céu e a terra. Trabalhamos para Deus e lidamos com questões santas e eternas todos os dias de nossas vidas, conscientes de que somos vasos humanos, pecadores e falíveis. Nossa identidade pastoral inclui os dois lados do que é, na realidade, um paradoxo. Deus faz a obra infinita do céu por meio de criaturas terrenas finitas. É um mistério, uma maravilha, uma glória — e um fardo quase insuportável. E, como

diz Paulo, nenhum de nós é idôneo. Ele não foi, nem Timóteo, nem nós.

Tensão divinamente produtiva

Há alguns anos o conhecido teólogo inglês e pastor John Stott pregou no culto vespertino para os estudantes da Universidade e os jovens profissionais da Igreja em Park Street. Ficamos entusiasmados em tê-lo conosco, porque ele havia falado nas missões universitárias toda a sua vida. Nossos estudantes e jovens adultos convidaram seus amigos e o santuário superlotou.

Eu havia dito ao dr. Stott quem estaria no auditório: jovens universitários cristãos e seus amigos. Ele comentou que tal auditório era intimidador. Fiquei um pouco surpreso, uma vez que ele havia falado muitas vezes em reuniões semelhantes. Deixei o dr. Stott em meu escritório antes do culto, para que ele pudesse reunir seus pensamentos e preparar-se. Voltei ao escritório e encontrei-o de joelhos, com o rosto prostrado, rogando a Deus graça suficiente para aquela hora. Aquela imagem ficou para sempre gravada em minha mente.

Depois que apresentei o dr. Stott a multidão, nossos caminhos se cruzaram quando ele se dirigiu ao púlpito. Ele agarrou meu braço e sussurrou: "Por favor, ore por mim, querido irmão!". Ele pregou com confiança e poder, nascidos de uma profunda e humilde dependência de Deus. Seu jovem auditório gostou dele e aceitou a sua mensagem. Foi uma grande noite e muitas vidas foram transformadas pelo poder do Evangelho.

O exemplo do dr. Stott foi um vivo lembrete de que não importa o quanto possamos ser qualificados ou experientes. Em última análise, o ministério cristão é obra de Deus. Nenhum de nós merece a nossa vocação nem é adequado para a tarefa. Como a *New English Bible* (A Nova Bíblia Inglesa) traduz 2 Coríntios 4.7: "Não somos mais que vasos de barro para conter este tesouro".

Pastores de barro em um mundo que esmaga potes

Os pastores evangélicos neste final de século enfrentam um mundo ministerial com fatores intimidantes gigantescos, acrescido do já intolerável fardo de carregar a verdade divina em nossos invólucros humanos. O Ocidente pós-moderno criou um mundo que é hostil para a fé cristã, e isso fez com que surgisse uma igreja, sob muitos aspectos, à sua própria imagem. Quando terminei minha tese de doutorado, meu supervisor alertou-me com

veemência quanto ao ministério pastoral. "Estes são tempos difíceis", ele disse. "A igreja vai destruí-lo." Ele achava que o magistério e a administração de seminários eram alternativas mais seguras.

Talvez fosse verdade. Certamente os tempos expõem os "vasos de barro" do ministério de maneira não experimentada há séculos. Os pastores abandonam o ministério e igrejas os mandam embora em quantidades sem precedentes. O fracasso moral entre os ministros parece epidêmico. A revista *Leadership* (Liderança) achou necessário dedicar uma edição toda à infidelidade conjugai de pessoas ligadas ao ministério, [6] que caíram de todos os pedestais que antes ocupavam. Já não há mais como fugir da óbvia verdade: somos exatamente tão humanos e pecadores como o povo a quem servimos!

Por toda parte os ministros evangélicos estão, segundo se diz, desanimados, deprimidos ou frustrados. O consultor Peter Drucker afirma que os pastores estão na "profissão mais frustrante da nação".[7] Em março de 1995, no *Clergy Journal* (Jornal do Ministério), o conselheiro pastoral Lloyd Rediger resume seu estudo de vinte anos de ministério. Ele diz que "elevados níveis de estresse" estão difundidos junto com um "nível crescente de depressão", acompanhados da crescente "ira internalizada". Talvez mais significativamente, a igreja parece não ouvir os clamores dos seus ministros, e todas as denominações evangélicas são consideradas cada vez mais parte do problema do que a solução.[8]

Recentemente outro jovem colega também deixou nossa equipe para exercer o seu primeiro pastorado. Eu o convidei a dizer algo a respeito de sua experiência aos alunos do seminário. Ele falou sobre as alegrias do ministério, mas gastou muito mais tempo para partilhar o seu sentimento de solidão, isolamento e frustração. Ele disse que há pouco tempo havia assistido a uma reunião dos ministros de sua denominação e não conseguiu encontrar sequer um pastor feliz.

Leva tempo, mas a maioria de nós aprende que não há grama pastoral mais verde no outro lado da cerca. O ministério sempre e em todos os lugares é uma combinação de alegria ascendente e sofrimento excruciante. "Não somos melhores do que vasos de barro para conter este tesouro."

RESOLUÇÃO

Para o apóstolo Paulo, entretanto, a humanidade árida que o tornou inadequado para a sua vocação não era uma coisa a ser lamentada. Na verdade, a metáfora do vaso de barro é uma expressão de exaltação e ação de graças. A conclusão a ser tirada da imagem dos vasos de barro, diz Paulo, é profunda e transformadora: "... para mostrar que o poder supremo pertence a Deus e não a nós" (2Co 4:7, BHL).

Eis uma visão que transforma todo o ministério pastoral, inclusive os seus ministros. Embora os nossos dons e nossa vocação exijam que trabalhemos e demos o melhor que temos para oferecer a Deus e à igreja de Cristo, em última análise todo o nosso ministério pertence ao Senhor e é fortalecido por Ele.

Vasos de barro são oportunidades de Deus

Nossa incapacidade é a oportunidade de atuação do poder divino. Paulo aprendeu isso duramente, e nós também. Seu espinho na carne, seja qual for essa enfermidade, era um lembrete doloroso para o apóstolo de que "o meu poder (de Deus) se aperfeiçoa na fraqueza" (2Co 12:9), e, quando somos fracos, estamos de fato fortes. No momento em que Paulo dependia de Deus em sua incapacidade, a graça do Senhor invadia e transformava a humanidade do apóstolo. Paulo assim resume esse momento cheio de graça: "Portanto, eu me sinto mais alegre ainda por estar orgulhoso pelas minhas fraquezas, para assim ter a proteção do poder de Cristo em mim. Alegro-me com essas fraquezas, insultos, necessidades, perseguições e dificuldades por causa de Cristo. Porque, quando estou fraco, aí sim é que sou forte" (2Co 12:9,10, BLH).

Oportunidades perdidas

Se nossa conversa pastoral revela o estado de nossos corações, não são muitos de nós que compreendem o profundo poder de serem vasos de barro. A maior parte de nossas conversas focaliza a nossa frustração e geralmente está atrelada ao cinismo e à autopiedade. Não me recordo de uma conversa pastoral que apresentasse a vitória de alguém estar contente com as fraquezas, as dificuldades, a frustração e o desprezo. Tampouco me lembro de um colega ter falado da graça de Deus nas dificuldades e nos fardos do pastorado. Na verdade, desconfio que a maior parte da frustração profissional é o resultado direto da dependência de mim mesmo e minhas próprias habilidades para executar esta tarefa.

Também desconfio que, quanto melhor nos saímos ou quanto mais sucesso temos, mais dificuldades enfrentaremos para viver na dependência do poder de Deus. Se, por outro lado, Paulo está certo e Deus confia a seres humanos como nós a execução de sua obra, "para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós" (2Co 4:7), as implicações do ministério são realmente profundas e transformadoras.

Uma palavra para a igreja e o seu ministério, em tempos como estes

O ministério cristão e a Noiva do Cordeiro devem repousar sobre um fundamento teológico. Este século testemunhou a presença de uma doutrina da Igreja e uma prática do ministério que são antropológicas. O pragmatismo ocidental capturou a eclesiologia, e a prática da Igreja e do ministério se transformaram no fundamento teológico. Por natureza, tal idéia está centralizada na engenhosidade e capacidade humanas. Observe a difusão dos livros e seminários "como-fazer". O sucesso, tal como os seres humanos o medem, tornou-se o alvo implícito e, com freqüência, explícito da Igreja e dos pastores. Nosso pensamento sobre a Igreja ou o ministério centraliza-se na realização de grandes coisas para o Senhor, porém facilmente substituímos o poder de Deus por técnicas e programas.

Um dos meus cunhados é membro de uma igreja muito conservadora que chamou um novo pastor. Ele garantiu que, se todos acompanhassem o programa que ele instituíra em seus outros pastorados, a congregação dobraria o número de membros em cinco anos. Eles obedeceram ao programa, mas o crescimento não veio. A desilusão foi grande e o futuro do pastor tornou-se incerto.

Um dos momentos que definiu meu primeiro ministério foi a súbita percepção de que eu não era o Espírito Santo. Minha tarefa de pastor não era convencer as pessoas do pecado, nem transformar suas vidas. Eu não precisava lutar contra alguém, nem manipulá-lo para fazer a coisa certa. Meu papel era ser testemunha fiel da verdade do Evangelho e deixar os resultados para a operação do Espírito de Deus.

Lembro-me do alívio que senti no momento dessa descoberta. Subitamente a pressão acabou. Era obra de Deus, não minha. Era a Igreja de Cristo, não minha. O Espírito Santo é soberano, não eu. Sou responsável, pois Deus confiou sua Igreja e

verdade a mim, um vaso de barro. Mas, se alguma coisa divina tinha de acontecer, seria pela atividade cheia da graça de Deus.

Esqueci ao longo dos anos o que deveria constituir uma realidade inesquecível. Descubro-me na dependência de meu próprio trabalho e energia, em vez de confiar no Senhor da Igreja. Toda vez que o Evangelho funciona, trata-se de um milagre. Eu *não* passo de um vaso de barro por designação divina, no devido lugar e no momento certo.

Em uma época de superigrejas e megalíderes, precisamos de um chamado para o despertar de Deus. Talvez a crise do ministério e da Igreja em nosso tempo seja exatamente esse grito para o despertar. O desespero do momento pode ser uma convocação para a Igreja e o ministério baseada radicalmente no poder soberano de Deus. "Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, *para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós*" (2Co 4:7, grifo acrescentado).

Uma palavra para igrejas e pastores orgulhosos

Crer em nossa própria capacidade é muito fácil para nós, vasos de barro. Dentro de pouco tempo, passamos a acreditar em nós mesmos em vez de confiar em Deus. Aqueles a quem o Senhor entrega seus dons e ministérios são os mais propensos à autoconfiança fatal. Quando um bom número de pessoas se reúne para nos ouvir, seguir nossa liderança, doar seu dinheiro e confiar suas almas aos nossos cuidados, tendemos a inchar de vaidade. O sucesso é intoxicante — ficamos cheios de nós mesmos. As técnicas e os programas para o sucesso podem constituir idolatria — dependemos dos bezerros de ouro que erigimos e até assumimos o crédito da adoração do povo de Deus.

Aprendi essa lição com muita dificuldade. Minha primeira igreja foi uma deliciosa série de sucessos. Eu era amado, obedecido e confiavam em mim. O poder de Deus fazia parte de nossa vida corporativa. Quase tudo que eu desejava fazer dava certo. O ministério era divertido do nascer ao pôr-do-sol o ano inteiro.

Passei para a próxima igreja cheio de mim mesmo. Naturalmente não percebia isso. O orgulho é sutil demais para ser notado. Eu dizia que todo esse sucesso vinha de Deus e realmente acreditava nisso. Mas tinha igualmente certeza de que tudo o que devia fazer era repetir o que realizara antes e as mesmas boas coisas aconteceriam novamente.

Eu estava totalmente errado. Eu era a mesma pessoa, pregava o mesmo tipo de sermão e dirigia da mesma forma. Em troca, ninguém ouvia nem me seguia. Eles realmente não gostavam muito de mim, e dentro de pouco tempo eu lhes devolvi esse sentimento. Foi horrível! Um dia, acordei e percebi que, sem a mão de Deus em meu ministério, eu estava totalmente desamparado. Então, aprendi a levar com maior seriedade a verdade de Deus, e não a mim mesmo. Os antigos gregos tinham um ditado que se adapta muito bem ao ministério cristão: "Aqueles a quem os deuses vão destruir, primeiro eles os tornam loucos". Peter Drucker fez uma versão moderna dessa antiga sabedoria: "Aqueles a quem os deuses vão destruir, primeiro lhes dão dez anos de sucesso". A Bíblia também está cheia de advertências poderosas contra o orgulho.

Uma das advertências mais pungentes contra o orgulho é a história do rei Uzias, narrada em 2 Crônicas. Esse rei bom e piedoso reinou durante 52 anos. Levantou a nação, construiu grandes prédios, derrotou os inimigos de Judá e estabeleceu o culto a Deus. Apesar disso, o cronista resume o final do reinado dele com estas poderosas palavras: "Voou a sua fama até muito longe, pois foi maravilhosamente ajudado até que se tornou poderoso. Mas, havendo-se fortificado, exaltou-se o seu coração até se corromper" (26:15,16). Para não esquecermos a lição, alguns capítulos depois o cronista conta a respeito de um dos maiores de todos os reis, o grande Ezequias: "Deus foi bondoso com Ezequias, mas ele não lhe agradeceu, pois era orgulhoso. Por isso Deus ficou irado com ele, com o povo de Judá e *com* os moradores de Jerusalém" (32:25, BLH).

Vivemos em uma época de pastores excepcionalmente talentosos. Na verdade, a liderança no mundo evangélico passou das organizações e instituições cristãs para os pastores das grandes igrejas. O espírito empresarial que uma vez construiu grandes escolas e organizações paraeclesiásticas parece agora repousar sobre pastores talentosos que redefinem a doutrina e o trabalho da Igreja. Desconfio de que este é um movimento do Espírito que não vai apenas criar um novo evangelismo, mas também forçar os teólogos e pastores a focalizar novamente a negligenciada doutrina da Igreja.

Temo que as pretensas grandes igrejas do nosso tempo sejam demasiadamente dependentes dos grandes homens que as dirigem. Pastores extraordinários geram grandes multidões. Quer

pretendamos quer não, as igrejas tornam-se muito dependentes dos bons ou grandes líderes. Inevitavelmente, os pastores e o povo esquecem que todos somos apenas vasos de barro e que o verdadeiro sucesso (e temos poucas dúvidas de que precisamos redefinir o sucesso de acordo com a Bíblia) depende de Deus. Na verdade, é possível que aquilo que passa por sucesso eclesiástico seja pouco mais do que engenhosidade humana e técnicas organizacionais aplicadas à vida eclesial.

Quando as igrejas precisam fazer apólices de seguro para os seus pastores, porque são imprescindíveis, é porque elas perderam o seu devido foco. Quando os sucessores dos grandes líderes são geralmente "intervalos involuntários", está claro que essas igrejas são mais dependentes de pessoas do que de Deus. Quando pensamos que o nosso sucesso pode ser clonado e oferecemos seminários que garantem sucesso semelhante a quem pagar a taxa, perdemos de vista o fato mais fundamental do ministério cristão. Todo o ministério é um dom de Deus, e tudo depende dele. Na verdade, provavelmente estamos namorando uma idolatria de técnicas.

Não podemos imaginar Paulo e os outros apóstolos ministrando seminários de crescimento de igreja, a fim de ganhar dinheiro para ensinar às pessoas as técnicas apostólicas da expansão eclesiástica. Não sou contra estes eventos. Aprendi mais neles a respeito do ministério pastoral do que no instituto bíblico. Contudo, eles tendem para a mesma enfermidade que aflige a educação religiosa: o orgulho. A teologia marcha para uma dependência do conhecimento, enquanto os seminários nas igrejas caminham para a submissão às técnicas humanas.

Todos nós, os chamados pastores de sucesso, precisamos de uma boa dose de humildade. Talvez a decadência moral de tantos dos nossos colegas seja uma advertência para nós. Uma vez que nada é tão repelente para os incrédulos como o orgulho espiritual, especialmente nos líderes cristãos, nossos ministros não serão eficientes se parecerem altivos. Nossas igrejas também precisam aprender a humildade. O orgulho na congregação é devastador para o ministério e gera certa arrogância que é óbvia tanto para as pessoas de outras igrejas como também para os incrédulos. Mas algumas pessoas nas igrejas não conseguem deixar de exibir sua importância por serem membros de uma denominação tradicional. O resultado é a incapacidade de avaliar a vida e o ministério da Igreja.

Grandes igrejas naturalmente geram programas bem-sucedidos, que facilmente se transformam em bezerros de ouro. Subitamente, o que era antes um meio de melhorar as coisas transforma-se em um fim em si mesmo. Bezerros de ouro, pastorais ou de outro tipo, geram orgulho no ministério e nos líderes leigos. Alguns de meus momentos pastorais mais dolorosos aconteceram quando desafiei os bezerros de ouro. Mesmo quando o programa já não mais funciona, alguns de seus devotos simplesmente não conseguem parar de adorar o "túmulo do santo". Minha primeira igreja congregava um grupo da União das Mulheres Cristãs para a Temperança (WCTV). No seu apogeu, a WCTV funcionava poderosamente, mas esse tempo passou. Esse grupo consistia em oito mulheres idosas — todas nos seus oitenta anos — que ainda cantavam os antigos hinos e até marchavam ao redor de uma mesa, enquanto colocavam suas ofertas em um pequeno cesto. Elas não exerciam nenhum efeito sobre a igreja ou a comunidade e não conseguiam entender por quê. Peter Drucker afirma: "Quando o cavalo morre, enterre-o".[9] Isso é mais fácil de dizer do que fazer. Eu sei.

É mais do que interessante que Paulo inicie a maioria de suas cartas com um elogio aos destinatários. Esses destaques são dignos de nota, pois definem uma grande igreja. O tema comum que perpassa pelos elogios de Paulo é "fé, esperança e amor". Nem é preciso dizer que o apóstolo acrescenta em uma das cartas que o maior desses três é o amor. Imagine como seria bom para as grandes igrejas de hoje serem assim designadas, independentemente do tamanho, do orçamento e de outros sinais de grandeza eclesiástica do nosso tempo. Antes, uma grande igreja deveria ser uma congregação notável por sua fé, esperança e especialmente o amor. Afinal, tudo o mais é apenas passageiro.

Uma palavra para os pastores desanimados

Trabalhar para Deus nunca foi fácil. Os profetas, os apóstolos e os mártires deram testemunho desta dolorosa realidade. Hoje não é diferente. O ministério é difícil nas igrejas, tanto grandes como pequenas.

Os pastores das igrejas grandes ou crescentes sabem que, quanto maior seu campo de trabalho, mais difícil ele se torna. Às vezes parece que tudo o que fazemos é negociar entre os grupos de interesse, inclusive a nossa própria equipe. Por outro lado, os pastores de poucos talentos ou pequenas igrejas sofrem da terrível

tendência da comparação. Sua congregação o compara com os líderes das grandes igrejas, e provavelmente você também.

Um amigo meu é superintendente distrital de sua denominação. Ele passou uma manhã de domingo com um leigo, a fim de distribuir o jornal dominical em uma perua. Enquanto trabalharam durante toda a parte da manhã, ouviram John MacArthur, Chuck Swindoll e Chuck Smith no rádio. Mais tarde, chegaram à pequena igreja do leigo. O pastor daquela localidade não tinha uma fração dos talentos e da capacidade dos pregadores radiofônicos que sua congregação ouvia diariamente. E, ao considerar que muitos evangélicos se arrumavam para se dirigir à igreja, a fim de ouvir o mesmo trio de comunicadores maravilhosamente talentosos, seu pobre pastor não teria uma chance naquela manhã. Na verdade, ele perdia a batalha da comparação toda vez em que subia ao púlpito. Provavelmente ele ficava imaginando o porquê de Deus tê-lo chamado para o ministério.

Passei uma década em igrejas pequenas de cidadezinhas e conheço o poder da comparação, da inveja que se esconde por trás da insegurança e do sentimento de que os grandes pastores não se importam muito conosco. Também conheço a sedução do desejo não realizado e como ele pode nos cegar. Para minha vergonha eterna, também sei como o ministério aparentemente pequeno pode destruir a necessária excelência da obra do Evangelho. É fácil ser preguiçoso, quando os riscos são pequenos.

Todo pastor de igreja pequena conhece o poder das grandes famílias e suas tradições. A liderança nestas comunidades é geralmente impossível de ser exercida. O evangelismo é dolorosamente lento, porque todo mundo se conhece e as cidadezinhas têm poucos segredos. Não se pode ocultar a vida da igreja por trás do anonimato.

Paulo não fazia diferença entre o seu chamado e o do restante dos pastores cristãos. Todos nós somos vasos de barro que recebemos exatamente o mesmo tesouro. Não há diferença entre os vasos; todos fomos feitos exatamente do mesmo material. Nós rachamos, lascamos e quebramos. E todo pastor trabalha com o mesmíssimo material: o povo de Deus, a Igreja de Cristo. E em cada caso particular somos incapazes, mas o Senhor opera por meio de nossos frágeis esforços assim mesmo.

Se você está desanimado e cansado, lembre-se de que o céu inteiro explode em cânticos quando um pecador se arrepende. O seu trabalho, seja ele grande ou pequeno, contém o peso eterno da

glória. Se o seu ministério produz apenas uma vida transformada, a luta vale a pena, e o céu canta e se alegra.

Uma palavra final a todos os ministros de Deus

O ser humano sofre e tornar-se pastor dói intensamente, pois carregamos o peso das vidas e do destino eterno das pessoas. Uma vez que seguimos Àquele que nos chamou para carregar uma cruz, não deveríamos esperar nada diferente. Paulo certamente não esperava. Com honestidade comovente, ele desnuda a sua alma e revela a sua dor em 2 Coríntios.

O apóstolo, porém, nunca fala das dificuldades sem relatar outra grande verdade. Nos versículos que se seguem à sua metáfora do vaso de barro, ele mostra que esta tem um significado para o trabalho diário dos ministros de Deus: "Em tudo somos atribulados, ma;s não angustiados; perplexos, mas Não desanimados; perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; levando sempre por toda a parte o morrer do Senhor Jesus no nosso corpo... De maneira que em nós opera a morte, mas em vós, a vida" (2Co 4:8-12). O triunfo do Evangelho é garantido a todos os que trabalham para o Senhor da Igreja — isto é, se cremos que o Evangelho é realmente o poder de Deus para a Igreja e o mundo.

7. SECRETÁRIOS DE DEUS:

O IMPACTO DO PASTOR

Começamos outra vez a louvar-nos a nós mesmos? Ou necessitamos, como alguns, de cartas de recomendação para vós, ou de recomendação de vós? Vós sois a nossa carta, escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos os homens. Já é manifesto que vós sois a carta de Cristo, ministrada por nós, e escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração.

2Coríntios 3:1-3

Certo domingo, o telefone tocou durante o café da manhã. Sabia que não eram boas notícias. Eu já aprendera que esses telefonemas em horas incomuns geralmente significavam acontecimentos ruins. Neste caso, foram as piores possíveis. Uma moça da congregação, piedosa e talentosa, morrera em um acidente de carro. Seu namorado, outro membro da igreja, ficou seriamente ferido e estava no hospital. A família da jovem freqüentava a nossa igreja há anos e servia ao Senhor em diversos grupos.

Eu também aprendera, através dos anos, a falar pouco e ouvir muito diante das tragédias. Falei tudo o que era necessário dizer: "Sinto muito... Deus ama vocês... Estou aqui". Então corri à igreja, para um longo dia de cultos, ministração e reuniões.

Não lembro exatamente o que disse naquela manha quando anunciei a tragédia à congregação. Eu estava quase sufocado por minhas próprias emoções. O que recordo bem é que pronunciei as

palavras com muito cuidado. Momentos públicos como esse são profundas oportunidades para o pastor e a igreja vivenciarem a graça de Deus, e queria que minhas palavras e o jeito de transmitir fossem cheios dos cuidados pastorais. O povo de Deus ali reunido ficou atônito diante da notícia.

Eu não sabia que a família escutava no rádio o nosso segundo culto matinal. Telefonei depois dos cultos, para saber como os familiares da jovem estavam. Tudo o que a mãe dela queria dizer era que minhas palavras à congregação foram cheias da graça de Deus para eles.

No dia seguinte, falei com a família pessoalmente e por telefone e fiz o funeral. Cada conversa era outro momento cheio de poder para todos nós. O Deus que compreende a morte de um filho muito querido surgiu nesta tragédia com espantosa graça.

Durante a semana, recebi esta nota de agradecimento daquela mãe:

Meras palavras jamais expressariam nossa apreciação pelo seu jeito de passar pelo fogo conosco durante estes dias... O seu amor e apoio, sua preocupação e suas orações nos tocaram profundamente e nos ajudaram a começar a cura em nosso coração. Obrigada por dirigir o culto fúnebre... Foi exatamente o que desejávamos. Suas palavras, a passagem bíblica escolhida e as orações nos comoveram.

Enquanto viver, me sentirei preso a cada membro dessa família com laços de amor. Os momentos difíceis do ministério pastoral criam esses tipos de ligação. Mas os momentos comuns também fazem parte desses laços.

No final do meu primeiro pastorado, fiz um pequeno cálculo. Preguei ou ensinei perto de oitocentas vezes. Assisti a aproximadamente 250 reuniões de diretoria e de comissões. Visitei todos os lares e fui ao hospital e ao lar dos idosos quase todas as semanas. Também participei dos grandes momentos de nossa vida cotidiana: batismos, casamentos e funerais. Eu estive ali no meio de tudo. E nisso — quase em cada minuto — sempre preguei a Palavra de Deus! Percebi que meu ministério havia sido uma tempestade de palavras. Os pastores falam o tempo todo. Para isso somos treinados e, com freqüência, o fazemos muito bem. Parece que sempre temos alguma coisa a dizer.

No final dos meus cálculos, outro pensamento me ocorreu. Depois que fosse transferido, ninguém se lembraria muito do que

eu disse durante aqueles anos. Tenho certeza de que não mais de uma ou duas pessoas mencionariam o esboço de um sermão meu. Duvido de que alguém fosse capaz agora de se lembrar do tema de qualquer uma daquelas cuidadosamente harmonizadas mensagens, nas quais trabalhei tanto e com tanto amor. Mas eles nunca se esqueceriam de que estive lã. Eu os ajudei a escrever um capítulo da vida daquela igreja. Então imaginei o que eles lembrariam.

Dessa forma gloriosa, minha primeira igreja escreveu um capítulo em minha vida de pastor. Foi lã que aprendi quase tudo o que sei sobre o ministério pastoral e foi lã que formei minha identidade e compreensão de uma igreja cristã. Não me lembro muito do que alguém me disse naqueles anos, mas me recordo de uma congregação que me amou, me ouviu e me seguiu. Eles ainda vivem em meu ser, falam e ministram à minha alma.

UM SECRETÁRIO APOSTÓLICO

Paulo usou uma metáfora para descrever este relacionamento. Ele disse à igreja em Corinto: "Vós sois a nossa carta, escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos os homens. Já é manifesto que vós sois a carta de Cristo, *ministrada por nós,* e escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração" (2Co 3:2,3, grifo acrescentado).

O secretário de Deus em Corinto

Como em qualquer igreja, havia desconfiança e suspeitas em Corinto. Isso prejudicava o relacionamento entre Paulo e aquela comunidade cristã. Alguns desconfiavam das motivações do apóstolo e duvidavam de sua sinceridade. Assim, a igreja aparentemente queria algumas referências do caráter de Paulo em cartas de recomendação para ela. Sua resposta foi um lindo quadro apresentado em uma metáfora: a igreja em Corinto era sua carta de recomendação. Poderiam os outros apóstolos acrescentar alguma palavra a essa epístola? Que recomendação mais gloriosa haveria do que a vida dessa igreja? Afinal, ele escreve, essa carta-igreja era [1]"a nossa (dele) carta" (2Co 3:2). Paulo era o secretário de Deus que, com a tinta do Espírito Santo, escrevera linhas nos corações de cada um deles e, ao mesmo tempo, registrara o primeiro capítulo da vida dessa igreja.

Paulo afirma que ser secretário de Deus é um ministério "glorioso" (v. 9). Cada epístola escrita, seja pessoal ou

congregacional, avança rapidamente para o alvo, sob o poder do Espírito. A conclusão de cada epístola é, na realidade, uma bênção. Todos nós "somos transformados... na mesma imagem (de Cristo)" (v. 18).

Pastor, pena e tinta

Cada ato pastoral, cada palavra enunciada, cada dia do Senhor, cada dia da semana, cada relacionamento, cada conversa, cada reunião ou encontro por acaso é a oportunidade de o pastor escrever a história do propósito de Deus para o mundo. Paulo escreve em outra epístola que no final dos tempos, quando o Senhor resumir toda a história humana em Cristo, ele (o apóstolo) virá à presença de Deus, para apresentar cada uma de suas ovelhas "perfeita em Cristo". Por isso, ele trabalhava e pregava diligentemente, "admoestando... e ensinando... combatendo segundo a sua eficácia (de Cristo), que opera em mim (em Paulo) poderosamente" (Cl 1:28,29). Muita coisa estava em jogo em Corinto. A heresia, as divisões e o rancor que destruíam a igreja, tudo cooperava para apagar as linhas que o apóstolo cuidadosamente traçara em seus corações. As cartas e as viagens de Paulo a Corinto, cada uma delas serviu para reescrever a história dessa igreja errante. E em toda a sua obra o apóstolo tinha consciência de que, embora segurasse a pena e traçasse as linhas, lã no fundo da alma era o Espírito Santo que escrevia com tinta permanente.

SECRETARIO PASTORAL

A metáfora da epístola/secretário perde grande parte de sua força no mundo moderno, uma vez que não se leva muito a sério o trabalho do secretário ou a autoria das cartas. Porém, em grande parte da História, as pessoas levaram ambos muito a sério. O trabalho do secretário foi uma espécie de arte durante séculos, e a escritura das cartas servia como o meio principal de comunicação até recentemente.

Minha esposa tem uma caixa de correspondências enviadas à sua bisavó, de 1890 a 1900. Grande parte delas é de suas irmãs que viviam longe de casa e de um irmão que estava na faculdade. Essas cartas são autênticas obras de arte. O estilo é fluente e fácil de ler. Algumas das letras maiúsculas têm enfeites que se destacam nas páginas. É óbvio que as palavras foram escolhidas

com cuidado e as frases, compostas com precisão. Até mesmo as cartas escritas com pressa contêm sinais de cuidadosa composição.

O conteúdo das cartas é a própria essência da vida, desde o tempo das colheitas até o acerto do casamento e o nascimento dos primeiros filhos. Uma irmã escreve a respeito das provações do início de um negócio da família. A outra conta o arrependimento de sua mãe por morar tão longe da irmã que nunca pode visitá-los. O irmão escreve a respeito da aula de matemática, sobre uma nova namorada e de um colega que morreu subitamente. As cartas também transmitem notícias de outras tragédias. Em um inverno, quatro primos morreram de difteria. Outra carta estava cheia de sofrimento. O pai morreu e uma das irmãs estava impossibilitada de ir ao funeral. Até humor religioso entra às vezes sorrateiramente em brincadeiras a respeito de outra denominação.

Ouvi falar desses parentes durante anos. Mas, depois de ler suas correspondências, senti como se os tivesse conhecido pessoalmente. Aquelas cartas são epístolas do coração e revelam o conteúdo da vida e do caráter dos autores. As cartas do coração são reveladoras.

É isso que Paulo queria dizer. A obra pastoral é uma forma de escrever cartas que revelam a natureza de nosso trabalho e caráter. As correspondências que escrevemos nos corações das pessoas, os capítulos que criamos nas vidas das igrejas são muito mais do que bate-papos ociosos. Quando escrevemos com a tinta do Espírito Santo, revelamos o caráter do Evangelho e da Igreja de Cristo. Nossa obra leva as marcas e o peso da eternidade. Fazemos registros com tinta permanente — para sempre.

A escrita de cartas pastorais contém certa beleza quando realizada com cuidado e assumida com poder divino. Jamais fiquemos satisfeitos com menos que o melhor em qualquer realização pastoral, pois formamos o povo de Deus para a vida e a eternidade. Não devemos satisfazer-nos com a mera excelência humana em nosso trabalho. Qualquer empenho pastoral, excelente ou não, se não for acompanhado do poder divino, vai apagar-se muito depressa da página. A obra pastoral, por sua própria natureza, é feita mediante a graça do Senhor; portanto, deve ser realizada com todo o caráter e beleza da bondade de Deus.

Prosa pastoral

Muitos textos de homilética dão a entender que os *sermões deveriam ser escritos por extenso, sejam eles* transmitidos por meio

de um manuscrito ou de memória. A composição força a exatidão do pensamento, a concisão da linguagem e o vocabulário exato que não se encontram no discurso extemporâneo. Escrever é um ato de disciplina mental e verbal que se reflete em nossa pregação, nossos pensamentos, nossas conversas e em toda a nossa obra.

A obra de um pastor no púlpito, no estudo ou na vizinhança, é uma questão de palavras e linguagem. Desde nossas orações até nossa pregação, fazemos o nosso trabalho com pensamentos e palavras. A pregação e a obra pastoral sem disciplina são uma ofensa contra a própria natureza de nosso trabalho e contra Aquele que nos chamou para o ministério. Não existem substitutos para a clareza de pensamento e de palavras na obra pastoral.

A metáfora do secretário/carta de Paulo destaca o significado da comunicação adequadamente estruturada em um nível mais elevado. Toda a nossa obra com palavras nas conversações e no ensino faz parte de um ato maior de comunicação: escrevemos vidas e igrejas. Nosso trabalho inclui todos os elementos da composição. De modo geral, devemos trabalhar para ser claros, precisos e corretos. Particularmente, estamos ocupados em escrever a história da fé. Por menores que sejam, os relatos que escrevemos fazem parte de uma história maior que Deus está escrevendo no universo.

Como qualquer história, nossa composição inclui personagens, trama e movimento. O seu elenco é diverso e, como bons escritores, nosso ministério é parcialmente o desenvolvimento desses personagens na direção de tudo aquilo que Deus deseja que eles sejam. A trama é infinitamente complexa, uma vez que é a história coletiva de uma humanidade composta de criaturas decaídas. Todas as tramas são conduzidas pela tensão que aumenta até deparar com uma solução no final. As histórias que escrevemos transbordam de expectativa. Apenas o elenco dos caracteres, pessoas decaídas inclinadas a prosseguir em direções erradas, cria tensão suficiente em nosso ministério para fornecer garantia de trabalho até o fim dos tempos. Acrescente ao elenco dos personagens o antagonístico perturbador da trama, Satanás, e a sua horda infernal, e a trama certamente fica ainda maior.

A tensão seria insuportável se não fosse a tinta do Espírito Santo. Deus fornece graça suficiente ao Evangelho para resolver as tramas mais confusas e curar o caráter mais desequilibrado. Exatamente quando a tensão nos leva ao ponto de explodir, a graça e o Evangelho entram em cena, as vidas são transformadas e

a paz de Deus guarda nossas existências e a igreja. Nosso trabalho não termina com "e viveram felizes para sempre". Nós, cristãos, estamos no período "intermediário", entre o começo da fé e o seu final, na eternidade. A graça de Deus fornece tudo que é necessário para esses momentos de nossa vida. Nem todos podem escrever um romance e nem todo cristão pode redigir epístolas. Deus chama e equipa alguns de nós para sermos seus escritores-pastores segundo a vontade dele. Nem todos os escritores — ou pastores — têm talentos ou capacidades iguais, mas Deus espera que desenvolvamos os dons que Ele nos deu. Reescrever, editar e derramar suor e lágrimas fazem parte da obra de um bom escritor. Escrever envolve o aprimoramento dos talentos. Os escritores trabalham duro para encontrar a palavra certa. Eles vivem a vida de seus personagens. Procuram continuamente idéias e tramas. Até mesmo escrevem quando não sentem vontade. Seu alvo é manter sempre sua prosa nos mais poderosos veículos de comunicação.

Os pastores trabalham da mesma forma. Nós planejamos o nosso ministério especialmente para esta igreja e aquela pessoa. Continuamente analisamos nosso trabalho e nossa comunidade, a fim de melhor desenvolver os caracteres e conduzir a trama. Vivemos nós mesmos nas pessoas e na comunidade, a fim de compreendê-las e melhor lhes ministrar a Palavra. É a atitude da *encarnação.* Toda esta atividade faz parte do movimento de Deus no mundo. Nossos pequenos relatos fazem parte de uma grande história que o Senhor escreve na atualidade.

Susana tinha apenas 15 anos quando escrevi a primeira linha em sua alma. Ela e seu futuro marido, David, estavam entre os 50 colegiais que se converteram em um trabalho evangelístico com os jovens de nossa cidade. Muitos desses cristãos recém-convertidos renovaram nossa igreja, composta por muitas pessoas idosas, com sua fé em Cristo e seu entusiasmo. Estavam incrivelmente ávidos por aprender e dispostos a fazer tudo o que Deus queria deles — Susana, talvez, mais do que os outros.

Só tomei conhecimento disso anos depois, mas parece que cada palavra do que eu dizia ela lembrava e anotava. Mantive contato com Dave e Sue durante anos. Sempre que nos encontramos, ela me conta mais alguma coisa que eu disse (não me lembro de ter dito) e que mudou a vida dela. Eles são líderes em sua igreja. em uma comunidade distante de onde a sua caminhada cristã começou há muitos anos. Mas as linhas escritas

nessas duas existências em uma pequena igreja rural introduziram a vida divina, e agora eles escrevem suas próprias linhas em outra igreja — e em mim.

Ralph e Kathy eram outros dois adolescentes da primeira igreja que dirigi. Enquanto estavam no colegial, apaixonaram-se. Um dia, a campainha da porta da casa pastoral tocou, e lã estavam os dois. Entraram, e Ralph foi logo perguntando: "Como podemos controlar nossos impulsos sexuais? Estamos quase malucos!". Eu não consigo me lembrar, por mais que tente, de tudo que disse. Recordo-me apenas da profunda gratidão por sua honestidade e desejo de obedecer a Cristo. Mas temos dado muita risada desde então, quando nos lembramos de sua paixão da juventude.

Hoje eles estão casados e são líderes em sua igreja e comunidade. Vemo-nos ocasionalmente e falamos da vida cristã e da fé. Neste ano Ralph juntou-se a Dave e a mim em nossa viagem anual dos motoqueiros. Nós três conversamos muito a respeito daqueles dias passados. Constantemente ouço-os falar daqueles momentos felizes e agradeço a Deus pelas linhas que tive permissão de escrever em suas vidas naquele tempo e pelo ministério da escrita que exercemos agora uns na vida dos outros. Escrever para Deus é uma tarefa assustadora e maravilhosa. Quando Sue me lembra de algo que eu disse, sinto-me grato a Deus. Estou consciente de que minhas necessidades pastorais de autoria, editorando e reescrevendo desde então, ainda estão muito aquém do caráter do Evangelho que proclamo. Ainda estou na escola divina da arte de escrever!

O pastor como poeta

A arte inerente à metáfora do secretário/carta estende-se um pouco em Efésios 2:10, onde Paulo diz: "Pois somos feitura sua, criados em Cristo Jesus". O termo traduzido por "feitura" é *poiema,* do qual tiramos o vocábulo *poema.* Deus é o poeta, nós somos seus poemas.

Exatamente como Deus pegou o mundo primevo, que era "sem forma e vazio", e criou um universo de beleza espetacular, infinita e intrincada, Ele está no processo de transformar esta bagunça distorcida e decaída da humanidade em belos poemas. A Igreja de Cristo é uma coleção de poesias em processo e os pastores são cooperadores de Deus nesta grande tarefa criativa.

Eu não compreendia nem apreciava poesia até conhecer um poeta. Sempre andei apressado demais para ouvir um poema. Gosto de ficção agitada e não tenho a paciência necessária para apreciar as figuras e imagens formadas por uma poesia. Recentemente, entretanto, ouvi bastante o meu amigo poeta. Tive consciência de que tenho perdido muita coisa. Diminuí o passo e comecei a apreciar o trabalho e a arte necessários para se fazer um poema. Os poetas trabalham durante semanas para encontrar o termo exatamente adequado. As palavras e as frases não precisam ser apenas exatas, elas também devem ter o som apropriado. A correta combinação de sons e significados pinta o quadro desejado. Na verdade, a poesia deve ser ouvida, não lida. No final, a graça e a beleza da obra completa ocultam o longo trabalho necessário para criá-la.

Muitas vezes a poesia nasce do sofrimento e das trevas. O poeta talentoso pode criar uma obra de beleza da mais profunda tragédia. O ouvinte, além de penetrar no mundo do sofrimento do poeta, também permanece a seu lado, a fim de contemplar a beleza criada das trevas. De igual modo, os pastores ajudam a criar a beleza das cinzas da vida. A obra do Evangelho é sempre transformadora, e somos os servos do poder criativo de Deus.

Por se tratar de uma obra de arte, nosso trabalho deve refletir o cuidado e as características do artesanato dos artistas. A textura, a forma e a beleza devem caracterizar nossas palavras e nosso ministério. E, muito mais importante, nosso trabalho deve refletir a beleza do Evangelho de Cristo.

Isto é muito mais que uma lição a respeito da pregação, embora o estado lamentável do ministério no púlpito certamente dê a idéia do que os pregadores possam aprender com a metáfora de Paulo. Antes, ela fala poderosamente a toda a nossa obra no ministério, que deveria ser tão finamente trabalhada como a melhor literatura do mundo. Tudo o que fazemos precisa ser um processo contínuo de tornar a nossa tarefa de escrever bela, a trama fascinante e bem desenvolvidos os personagens. Nossa obra como autores de Deus, que utilizam a tinta do Espírito Santo, deveria sempre exibir o caráter daquele que nos comissionou a executá-la.

CARTAS NO CORAÇÃO: A OBRA DE UM PASTOR

A primeira vez em que pensei em mim mesmo como secretário de Deus foi em minha ordenação. Meu pai era o

pregador e a sua mensagem baseou-se em 2 Coríntios. Não me lembro do que ele disse, mas me recordo vivamente daquela imagem. Afinal, eu estava sentado diante de minha congregação, quando ele pregou. Visualizei minha *mão* estendida para *escrever* as frases divinas em seus corações. Ela tremia, enquanto eu a dirigia em direção ao povo de Deus. Sabia que era um escritor sem talento e temia que uma escorregadela da pena prejudicasse uma daquelas pessoas na congregação ou interpretasse mal a verdade que me fora confiada.

No decorrer dos anos, nunca esqueci aquele momento e aquela imagem. Desde então, tenho refletido sobre ela e continuo a ver minha mão estendida para o povo de Deus. Ela ainda tremula diante da tarefa. Acho que sempre vai tremer. A figura de Paulo do ministério pastoral formou a minha própria identidade e compreensão do trabalho cristão. Dois princípios teológicos junto com dois de prática pastoral emergem da metáfora do secretário/carta.

Princípios teológicos

1. *O ministério pastoral é um sacramento.* Um sacramento é um vaso terreno que contém a graça divina. Deus destacou o batismo e a Ceia do Senhor como ordenanças oficiais da Igreja. Embora as diversas denominações difiram (com freqüência) a respeito da natureza e quantidade desses dons da graça divina, a Igreja como um todo concorda a respeito deste princípio. As dádivas de Deus vêm a nós em pacotes terrenos. A encarnação de Cristo é o grande modelo da principal ordenança. Deus se fez carne e habitou entre nós, para nos buscar e salvar. Ele foi, como diz João, "cheio de graça e de verdade" (Jo 1:14). Jesus, mais adiante, disse: "Mas eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim" (12:32). Ele nos atrai porque é cheio de graça e de verdade.

A Igreja é uma extensão da encarnação de Cristo, pois formamos o seu Corpo. Não inteiramente divina como o nosso Senhor, mas totalmente humana, ela tem a graça e a verdade de Deus em suas mãos e em seu coração. De vez em quando, em vislumbres de brilhantismo, somos até "cheios de graça e de verdade". Estamos no processo de nos tornar como Cristo.

Os pastores são chamados por Deus e dotados pelo Espírito Santo para dirigir a vida da Igreja. Nós mesmos, em formação e no processo de sermos cheios de graça e de verdade, somos edificados,

e Deus também faz isso com e a Igreja mediante nosso trabalho. Nós transmitimos a graça do Senhor ao povo de Deus. Não somos os sacramentos, mas o nosso trabalho é sacramental.

A metáfora da epístola/secretário descreve bem nosso trabalho sacramentai. Somos instrumentos cujas vidas e palavras marcam divinamente as almas, enquanto agimos e enunciamos a mensagem de Deus. Embora nossas mãos possam tremer quando pegamos a pena da obra pastoral, trabalhamos com a certeza de que nossos traços frágeis transformam-se na gravação do próprio Deus sobre a alma. Como artistas do Senhor, e por ser o nosso trabalho uma arte divina, precisamos tomar muito cuidado em nosso ministério.

Diz-se que o grande pregador escocês, Arthur Gossip, quando descia do púlpito, na conclusão de um dos seus magistrais sermões, teve a impressão de que Deus lhe dizia: "Arthur, isso é o máximo que você pode me oferecer?". O máximo que oferecemos carece do padrão divino estabelecido pela graça e pela verdade de Cristo. Não nos atrevemos a ficar satisfeitos com o nosso trabalho, pois ele leva o nome de Deus.

Mas, ao mesmo tempo, não nos atrevemos a tornar-nos rabugentos por causa da nossa inadequação. Deus nos ama infinitamente, apesar de nossa atuação, e Ele abençoará nosso ministério porque é o trabalho de seu Filho. Nossa satisfação repousa no que o Senhor tem feito e não no que realizamos ou em como fazemos. Um santo descontentamento é inerente ao ministério pastoral. Somos orgulhosos e ficamos satisfeitos porque Deus nos usa, mas nos sentimos humilhados e impacientes porque o nosso melhor jamais pode ficar cheio da graça e da verdade. Tudo isso dá a entender que assumimos a nossa tarefa pastoral com seriedade divina, sem nos levarmos muito a sério. Onde quer que vamos, seja o que for que façamos, transmitimos a graça de Deus de maneira especial. Escrevemos epístolas com tinta divina, mas continuamos o tempo todo como instrumentos humanos. Isso deve fazer-nos sorrir diante da ironia e rir alegremente diante da beleza das linhas que escrevemos.

2. *O ministério pastoral é revelador.* Desde o início, Deus se revelou em formas e linguagem humanas. Os profetas e os apóstolos foram vozes que falaram em linguagem inteligível para homens comuns de um tempo comum. Toda a humanidade é a forma de apresentação do Senhor. Jesus Cristo é a Palavra de Deus final e completa (Hb 1:1-4). A Igreja e o seu ministério dão

testemunho de seu Senhor. Embora a Igreja não seja a revelação, ela é reveladora, porque é empírica e revela a graça e a verdade encontradas em Jesus. Como corpo de Cristo, nossa mensagem é a Palavra de Deus, e às vezes nossas formas muito humanas abençoam a comunicação do Evangelho. Em outras ocasiões, a inibem. A Igreja por vezes é uma ofensa para o seu Senhor e afasta muitos de ouvirem claramente e aceitarem a mensagem do Evangelho. Mas a própria humanidade do povo de Deus atrai as pessoas a Cristo. Quase todo cristão aceita a fé por meio do testemunho de outro ser humano falível. A voz da verdade que nos atrai a Cristo é a evidência do Evangelho em outra pessoa.

Uma vez que o nosso trabalho traça linhas divinas nos corações do povo de Deus, o ministério pastoral é revelador. As cartas que escrevemos são cheias de graça e de verdade e demonstram o poder do Evangelho. A Igreja, como o grande sinal do reino de Deus na Terra, deve dar testemunho dos valores do Evangelho. A tarefa pastoral é alinhar os valores humanos das denominações evangélicas com o caráter do reino de Deus. Quanto mais íntima a correspondência, mais reveladora é a igreja local.

Portanto, nunca é demais salientar a importância da integridade e do caráter dos ministros cristãos. A fim de escrever linhas retas para Deus, nossa alma tem de ser íntegra com Ele. Nossa obra, em si mesma, é reveladora. Os pastores precisam ser formados muito mais pelos valores do reino do que pelos valores do mundo. O sucesso no governo de Deus é medido de maneira bem diferente da que se evidencia na concepção da sociedade moderna. A quantidade de organizações, prédios e orçamentos não são os destaques de Deus. A grande questão ministerial apresentada por Jesus a Pedro, depois da ressurreição, não é ouvida com freqüência nas reuniões pastorais da atualidade. "Pedro, tu me amas?". Três vezes ele fez a mesma pergunta (Jo 21:15-17). Em última análise, isso era o que realmente importava. Pedro respondeu "sim" todas as três vezes. Então, Jesus disse ao seu apóstolo-pastor: "Apascenta as minhas ovelhas".

O valor central do reino de Deus e, portanto, da Igreja, é o amor de Cristo. É o padrão em relação ao qual nosso caráter é avaliado. Se o nosso trabalho de escrever cartas para Jesus não flui de um coração ardentemente apaixonado por Ele e pelo povo de Deus, não é muito mais do que um címbalo que retine ou o som do bronze que desaparece gradualmente.

Recentemente, acrescentei outra imagem à minha trêmula mão estendida para o povo de Deus. De pé diante da congregação, está o Cristo ressurreto, que olha bem nos meus olhos e na minha alma e me pergunta: "David, você me ama?". Antes que eu me atreva a responder, lembro-me de que não posso alimentar suas ovelhas se não amar a Ele e a elas com o mesmo amor. Com voz cheia de arrependimento, respondo: "Sim, Senhor, eu te amo". Ele sorri e diz: "Apascenta minhas ovelhas".

Quando descobri que todas as minhas palavras, até mesmo as mensagens que achava que haviam sido brilhantemente concebidas, eram ou seriam esquecidas, tropecei em outra verdade mais profunda. Se eles não puderem esquecer que estive lã, de que se lembrariam? Esperava que eles se recordassem de que fiz o melhor que pude, disse a verdade e os respeitei. Acima de tudo, desejava que eles lembrassem que os amei. Se tudo o que eles recordarem forem minhas aptidões e meu conhecimento teológico, por mais importantes que sejam, meu ministério será um desperdício do tempo e da tinta de Deus. Se eles se lembrarem de que os amei por amor a Cristo, tudo terá valido a pena.

Suponho que aprendi esta lição como um pai deles. No final de minha vida, quando tudo estiver feito e meus filhos se reunirem em meu funeral para se lembrar de mim, sua caminhada pelo campo das recordações não será por causa de minha fama, fortuna e sucesso. Eles irão lembrar-se das questões do coração. Saberão que fui um homem de caráter cristão e irão recordar-se de como os amei e cuidei deles. Na verdade, espero que eles escrevam alguma coisa a respeito do meu coração no meu túmulo.

Apenas o amor a Cristo que nos amou primeiro tornará nossas cartas sacramentais e reveladoras. Na profundidade, na largura, na altura e na amplitude do amor de Cristo, a Igreja e os seus pastores tornam-se cheios de graça e de verdade.

A prática pastoral da autoria das cartas

1. *Cartas são escritas com a linguagem do afeto.* Se o caráter e a integridade do Evangelho exigem um ministério que flua com amor divino, conclui-se que a prática do ministério é, de fato, escrever uma carta de amor. Escrevemos as linhas de Deus porque começamos a captar a magnitude do amor do Senhor, e escrevemos com amor porque o povo de Deus é a menina dos olhos dele e dos nossos também.

Admiro-me com o afeto de Paulo pela igreja em Corinto. Eles o irritaram, exasperaram-no e até mesmo o deprimiram, mas o apóstolo nunca deixou de amá-los e de lhes dizer isso. Depois de lhes falar como provaram sua alma, Paulo escreve: "Ó coríntios, a nossa boca está aberta para vós, o nosso coração está dilatado. Não estamos retirando o nosso afeto de vós, mas vós estais retirando o vosso afeto de nós. Ora, em recompensa disto (falo como a filhos), abri também o vosso coração" (2Co 6:11-13).

Acho o amor pastoral de Paulo bastante estranho. Minha irritação com a igreja rapidamente se transforma em ira e em sua irmã gêmea sofisticada, o cinismo. Inclino-me a fechar o meu coração às pessoas que me feriram ou usaram-me injuriosamente. Quero que meus inimigos eclesiásticos desapareçam. Desejo mais vencer do que fazer a coisa certa.

Então, lembro-me de Filipenses 1:7, onde Paulo diz à igreja deles: "Porque vos retenho em meu coração". O romancista Frederick Beuchner diz que todos nós precisamos de "um quarto chamado *lembranças*" [1] em *nossos* corações. É um lugar separado para as pessoas que amamos muito. Ali dependuramos quadros nas paredes e pensamos em nossos entes queridos. Paulo tinha um lugar em seu coração para a igreja em Filipos. As paredes estavam cheias de quadros: o carcereiro filipense e sua família, provavelmente alguns companheiros de prisão, Lídia, Evódia, Síntique, Epafrodito, Clemente e outros companheiros leais. Nos momentos difíceis da prisão de Paulo, ele andava pelo quarto chamado "Filipos", perdido em recordações, amor e louvor.

Lembro-me de agasalhar todo o povo de minha igreja no fundo desse quarto no meu coração chamado *lembranças.* Alguns sempre escapam e vêm à tona em meus pensamentos, onde discutem comigo e me perturbam. Mas tenho de pô-los de volta. Agasalho-os de novo em meu coração, onde, pela graça de Deus, eu os amo com o afeto de Cristo, pois não posso servir àqueles a quem não amo.

2. O *ministério de um pastor é pessoal.* Nem é preciso dizer (ou é?) que o ministério na Igreja de Cristo é, em última análise, trabalhar com pessoas e não com edifícios, orçamentos e outras questões institucionais. Afinal, a Igreja não é nada mais nem menos que pessoas organizadas para servir ao Evangelho. Paulo e outros pastores escreveram no coração dos crentes capítulos da vida corporativa de uma igreja.

A verdade é fácil de ser esquecida, especialmente em uma grande denominação tradicional, onde os valores institucionais avultam no ministério. As grandes igrejas são organismos sociais incrivelmente complexos que podem marginalizar o ministério com as pessoas. Minha vida às vezes parece uma série de reuniões que resultam em pouca coisa, exceto servir aos valores da instituição. O ato de pregar fica reduzido à comunicação às massas, na esperança de que alguma palavra encontre as almas anônimas reunidas para ouvir a mensagem do Senhor.

Mas também me lembro da natureza complicada das pequenas igrejas que pastoreei. Ali, eu olhava cada pessoa nos olhos todos os domingos. Conhecia a todos muito bem — talvez além da conta. Sabia das relações familiares frustrantes, até mesmo doentias; das brigas pessoais que desafiavam o tempo; dos antigos pecados que machucavam a igreja; e sabia das fofocas o suficiente para uma vida inteira. Tudo isso impedia o progresso do Evangelho e a obra da Igreja. Também me lembro da intolerância das pequenas cidades, reuniões sem os líderes, falta de excelência e tradições enraizadas. Lembro-me de ficar pensando se Deus conseguiria atravessar toda aquela sucata humana.

Então, passeio pela minha mente até aquele quarto cheio dos que foram enviados à minha vida. Nesse momento sorrio, lembro-me e agradeço a Deus por todos eles. Alguns o Senhor transformou; outros me modificaram por meio da frustração. Mas todos eles são filhos amados de Deus.

Lembro-me do culto em ação de graças, quando todos nos revezamos e falamos por que nos sentíamos gratos. Subitamente, percebi que tipo de presente essa igreja significava para mim. Eu viera antes, em vez de continuar os estudos para me doutorar. Imaginava o que sempre acontecia quando as realidades da vida pastoral me abatiam. Mas, como uma luz que acendia e apagava em meu coração, sabia que amava essas pessoas e que elas haviam iniciado a reforma do meu coração. Ele se encolhera por excesso de educação e essas pessoas simples e pecadoras tinham-no estendido em todas as direções. Eu estava diante delas e disse-lhes que as amava e sentia-me grato a Deus, por me ter enviado para lá. Elas abriram os seus corações, como seus sorrisos abertos me revelaram. Tínhamos descoberto juntos o coração e a alma do ministério cristão na Igreja de Cristo.

Talvez a linha fundamental do ministério pastoral e da escritura de cartas seja o meu coração. Afinal, Paulo introduz a

metáfora, quando diz que os coríntios eram uma "carta escrita em (seu) coração". As igrejas que tenho pastoreado deram-me tanto ou mais do que eu lhes concedi. Cada uma delas a seu próprio modo forçou, formou e ampliou meu coração, encheu-o de amor e graça e concedeu-me a bênção de Deus. Alcancei a grande oportunidade de ser secretário de Deus. Algumas das marcas que tive o privilégio de deixar são realmente notáveis. Uma adolescente me disse que um sermão para crianças que transmiti, quando ela tinha nove anos de idade, foi o pequeno junco ao qual ela se agarrou durante os anos de abuso sexual que sofreu de seu pai. Agora ela está em plena recuperação, pela graça de Deus. Minhas marcas sobre a vida dela são a obra do Senhor. Puxa! Mas quando ela me contou essa história, em troca escreveu uma linha profunda e permanente em meu coração.

Tenho um arquivo no qual guardo as cartas e os bilhetes dos membros das igrejas que dirigi. Cada um deles é testemunha da natureza de composição de epístolas do meu ministério cristão. Cada carta conta uma linha que Deus traçou em um de seus filhos, por meio de minhas palavras ou atos pastorais. Ocasionalmente percorro esse arquivo para me lembrar do poder da atuação do meu ministério. Esse acervo é suplementado por um cofre-forte em minha mente onde guardo conversas pastorais. Lembro-me de palavras e atos nos quais fui secretário de Deus e marquei um de seus filhos com a graça.

Minha oração é que os escorregões da pena em minha mão trêmula sejam cada vez menores e mais espaçados. Peço ao Senhor que me torne um autor mais habilidoso e mais criativo, até mesmo um poeta divino, para que minha vida pastoral encha cada vez mais de graça e de verdade o povo de Deus, a fim de que o mundo veja a beleza das boas novas que proclamo.

8. AMBOS, MÃE E PAI:

O CORAÇÃO DO PASTOR

Antes fomos brandos entre vós, como a mãe que acaricia seus próprios filhos. Assim nós, sendo-vos tão afeiçoados, de boa vontade quiséramos comunicar-vos, não somente o evangelho de Deus, mas também as nossas próprias almas, porque nos éreis muito queridos. Certamente vos lembrais, irmãos, do nosso trabalho e fadiga; trabalhamos noite e dia para não sermos pesados a nenhum de vós, enquanto vos pregamos o evangelho de Deus.
Vós e Deus sois testemunhas de quão santa, e justa, e irrepreensivelmente procedemos para convosco, os que credes. Assim como bem sabeis de que modo vos exortávamos e consolávamos, a cada um de vós, como o pai a seus filhos, para que andásseis de um modo digno de Deus, que vos chama para o seu reino e glória.

1 Tessalonicenses 2:7-12

Malcolm Cronk, um veterano pastor, ministrou uma palestra ao nosso grupo de estudantes casados, no seminário. Eu estava trabalhando em três empregos enquanto estudava em período integral. Mas, como ele era um preletor que tocara em minha alma, como pastor, eu e minha esposa fomos à reunião.

Não tenho certeza do que esperava ouvir, mas ouvi o que precisava. No final da palestra, o dr. Cronk advertiu: *"Se vocês não amam as pessoas, fiquem fora do pastorado!"*. Fiquei aturdido. Dentro de minha alma, sabia que ele estava certo, mas minha cabeça argumentava violentamente contra esse pensamento. Eu estava apaixonado pelas idéias. Diariamente voava pela estratosfera dos conceitos sem corpo, firmemente embrulhados em livros e codificados pelos mestres. Era um mundo muito seguro. Amava cada minuto dele. Mas pessoas! Era uma história diferente.

Cresci ao lado de meu pai, pastor, e conhecia muita gente. Sabia da amarga experiência de que certas pessoas da *igreja* costumavam *ser* tão cruéis e danosas quanto as do mundo. Eu vi o sofrimento de meus pais e, como resultado disso, carregava um fardo de ira e ressentimentos não resolvidos. Realmente eu não queria amar as pessoas. Desejava ensiná-las, adverti-las, transformá-las, talvez até mesmo machucá-las, mas não queria amá-las.

Mas, lã no fundo, sabia que Cronk estava certo. Quando aterrissei em uma igrejinha do interior, rodeado por pessoas comuns, cheias de alegrias, dificuldades e sofrimentos, o instinto pastoral de amá-las recebeu carne e sangue. No processo, esse instinto transformou-se em profunda convicção. Descobri o coração de um pastor. Elas amaram a mim e a minha família. Entregaram-nos suas vidas e também suas almas. A experiência foi avassaladora e transformadora. Apaixonei-me por essa igreja e o seu povo.

As Escrituras receberam vida de maneira nunca imaginada. Primeiro viveram em mim e, então, eu as transmiti ao meu povo com entusiasmo. Todos fomos transformados — a maioria. Como muitos novatos, lutava com minha nova identidade de pastor. Ansiava por descobrir quem eu era nesse novo papel. Certa manhã, eu lia 1 Tessalonicenses. Enquanto meditava, subitamente uma metáfora saltou do texto e tomou conta de minha alma, e minha vida nunca mais foi a mesma. Eu li: 'Antes fomos brandos entre vós, *como a mãe que acaricia seus próprios filhos.* Assim nós, sendo-vos tão afeiçoados, de boa vontade quiséramos comunicar-vos, não somente o evangelho de Deus, mas também as nossas próprias almas, porque nos éreis muito queridos" (2:7,8, grifo acrescentado). Em toda a minha vida, nunca havia pensado em mim mesmo como se fosse uma mãe. Mas Paulo sim! Minha identidade pastoral tomou uma nova forma surpreendente e radical. Eu era mãe de uma igreja!

Mas o texto não termina aí. Continuei a leitura. Outra metáfora no v. 11 saltou sobre mim. 'Assim como bem sabeis de que modo vos exortávamos e consolávamos, a cada um de vós, *como o pai a seus filhos,* para que andásseis de um modo digno de Deus" (grifo acrescentado). Por certo, esta era uma metáfora mais fácil de entender como homem, mas era igualmente transformadora. Eu também era pai dos filhos de Deus!

Lembrei-me de levantar os olhos do texto bíblico com as luzes que piscavam em minha mente. Ali estava um modelo para a identidade pastoral. Eu era pai e mãe na casa de Deus, e sabia que tinha algumas mudanças a efetuar. Precisava desenvolver meu lado feminino que nunca considerara — uma mãe gentil. E tinha também de ser um pai para a Igreja. Os dois papéis seriam difíceis. Um homem ser mãe não é uma façanha pequena! E ser pai de pessoas que tinham mais que o dobro da minha idade seria um desafio. Mas estava ali um modelo estratégico para a identidade pastoral em metáfora dupla, um modelo que era bíblico, apostólico, teologicamente fértil e profundamente enraizado na experiência humana.

Percebi as grandes implicações. Se o pastor é como um pai e uma mãe, a igreja é uma família. É um lugar de excelente convívio, onde as pessoas o amam simplesmente porque você lhes pertence. Ali, somos sempre bem-vindos, cuidados e guardados do mal. O amor familiar é fundamental e tão profundo em nós que desafia qualquer descrição. Mas certamente o conhecemos quando o temos! Se há alguma coisa certa neste planeta pecador, cheio de incertezas e promessas desfeitas, é que minha mãe e meu pai me amam.

É triste e trágico dizer que certas famílias evangélicas também podem ser muito perigosas. Às vezes elas conseguem desfigurar a alma, atormentar a mente e arruinar vidas. Todos nós temos visto o perigo, e alguns já o experimentaram. Até mesmo igrejas podem ser perigosas, especialmente quando elas pervertem as boas novas e transformam-nas em más notícias na vida das pessoas. Uma congregação pode transformar a graça libertadora de Deus em tirania da alma. Os pastores, portanto, como pais na casa de Deus, assumem uma profunda responsabilidade paternal. O Senhor nos confia o cuidado de seus filhos em sua casa.

Como pais na casa do Senhor, existimos para fazer os filhos de Deus alcançar a maturidade. A liderança é fundamental na orientação paternal. Na casa do Senhor, os pastores são chamados para mover o céu e a terra na vida dos filhos de Deus que se encontram em crescimento. Fomos convocados para liderar o povo e a organização por ele formada, na direção dos alvos e objetivos de Deus. Como Moisés conduziu os hebreus à Terra Prometida, devemos ser fortes e sábios para liderar os filhos de Deus em direção ao lar celestial.

Porém, mais do que qualquer coisa, a metáfora de mãe-e-pai descreve o coração de um pastor. Ser mãe e pai para os filhos de Deus exige um coração adequado, mas, ao mesmo tempo, molda contínua e poderosamente o coração para a forma exata.

UM CORAÇÃO DE MÃE: GRAÇA BENÉVOLA

Como todos pastores, Paulo enfrentou falsas acusações. As pessoas tendem a julgar os atos de seu líder sem evidências suficientes, especialmente quando outro líder sugere que ele é desonesto. Alguns dos cristãos em Tessalônica deram ouvidos a falsas acusações contra Paulo. Ele escreveu 1 Tessalonicenses, em parte, para se defender contra rumores de que não dizia a verdade, que era motivado por dinheiro e glória, que se utilizava de trapaças para enganá-los e que provavelmente nunca mais voltaria a Tessalônica (2:1-6,17,18).

O pastor como mãe

Naturalmente nada estava tão longe da verdade. Contudo, observe como Paulo se defende. De maneira significativa, ele introduz o seu argumento com a poderosa imagem do coração de uma mãe. Na verdade, a metáfora deveria ser traduzida por "mãe que amamenta". O apóstolo queria que se lembrassem de seu profundo afeto por eles. A figura de uma mãe e o filho sugere inequivocamente ternura. Poucos retratos de um coração de mãe são mais misteriosamente belos do que o de uma mãe que amamenta o seu filho. Ao afagá-lo, aconchegá-lo e falar-lhe suavemente, uma mãe segura carinhosamente o seu filho e dá a ele seu corpo e alma em amor. Este é o sentimento personificado. E é isso que Paulo exemplificava em Tessalônica.

A substância da imagem define o coração do pastor. O que Paulo destaca é a gentileza que caracteriza a maternidade e o seu ministério pastoral. Ele continua no v. 8 a dizer que os amava tanto que desejava comunicar-lhes "não somente o evangelho de Deus, mas também as nossas (dele) próprias almas". O coração de uma mãe está pronto a dar o seu corpo, a fim de trocar a sua vida pela do filho. O auditório de Paulo sabia bem que naquele tempo a gravidez e o parto muitas vezes custavam a vida da mãe.

O quadro da mãe e filho jaz no fundo da alma humana. Nossa arte, música, literatura e cultura estão cheias dele. É um retrato que capta tudo o que é nobre e bom na experiência humana. Durante meus estudos no seminário, servi como

coordenador dos jovens em uma igreja metropolitana de Chicago. Entre os pastores, havia um que estava aposentado. Um dia, uma criança começou a chorar na igreja. A mãe tentou aquietá-la, mas nada deu certo. Ela chorava, enquanto as pessoas à volta ficavam cada vez mais inquietas. Finalmente, o idoso pastor interrompeu o seu sermão e disse: "O que poderia ser mais belo no mundo inteiro do que uma mãe com o seu filho?". A tensão foi desfeita pela poderosa figura da maternidade. (Arquivei a expressão para usada futuramente e a tenho utilizado de vez em quando com eficácia!)

A figura de uma mãe é mais do que bela: é puro poder. Em Yad Vashim, o museu do Holocausto fora de Jerusalém, há um terrível quadro que capta o horror da morte e o poder da maternidade. É a figura de uma mãe e seus filhos diante de uma trincheira, no momento de serem fuzilados pelos soldados nazistas. Todos estão nus. A mãe pede que os algozes tirem a sua vida e poupem a de seus filhos. Chorando, ela estende uma mão e pede misericórdia, enquanto com a outra cobre os olhos de seu filho menor. Paulo escreve que ele deu aos tessalonicenses a sua própria vida. As mães e os pastores fazem isso.

Acho que entendo esse tipo de amor. Sei que minha mãe daria a sua vida por mim. Minha esposa concederia a sua existência pelos nossos filhos, e eu também. Mas devo confessar que não compreendo a profundeza do coração pastoral de Paulo em Romanos 9:3, onde ele diz que estaria disposto a ser condenado, se com isso Israel pudesse ser salvo. Como o seu Salvador, Paulo estava pronto a subir ao altar, a fim de morrer por amor de outros. Teríamos a coragem de orar e pedir a Deus que nos conceda um coração no formato de uma cruz?

Sei por que Paulo pensava dessa maneira. A estrutura de um coração sacrificial é a graça atuante de Deus. Em 1 Tessalonicenses 2:4, o apóstolo diz que ele é um homem aprovado por Deus "para que o evangelho nos fosse confiado". As Escrituras declaram que nenhum ser humano atreve-se a reivindicar a bênção de Deus fora da pura graça. A aprovação e aceitação divinas vêm apenas mediante a obra de Cristo (Ef 2:8,9). E quem se atreve a sugerir que alguém merece que o Evangelho lhe seja confiado? Muitos de nós já temos bastante problemas para equilibrar nossas contas bancárias. Mesmo assim, Deus nos confia sua reputação, sua igreja e sua verdade. Isso é pura graça.

A graça necessária do ministério maternal

A graça de Deus forma o caráter do pastor. Somos distribuidores desta dádiva porque a recebemos. Mas, com freqüência, falhamos em perceber o seu poder e que somos capazes de transmiti-la.

Aprendi essa lição no calor da batalha pastoral. Vicki, a filha de 15 anos de idade de um casal membro de nossa igreja, estava grávida e era solteira. Sua mãe adotiva a obrigou a falar comigo. Ela entrou em meu escritório, envergonhada, e não desejava conversar. Tentei tudo que imaginei para que me contasse o que sentia ou pensava. Nada funcionou. Ela ficou sentada, muda como uma pedra. Finalmente, no que sei agora que foi uma inspiração divina, eu disse: "Vicki, por amor a esta igreja e em nome de Jesus, eu a perdôo". Ela se derreteu como gelo ao sol do verão. Lágrimas brotaram de seus olhos, enquanto Deus destrancava o seu coração.

Eu não lhe dei o perdão de Deus. Esse veio mais tarde. Mas lhe concedi a graça que está personificada em uma congregação do povo de Deus. Essa palavra perdoadora abriu a porta para o perdão do Senhor. E, finalmente, essa congregação deu-lhe muitas graças junto com a de Deus.

A mesma graça forma a igreja. Ninguém merece fazer parte da família de Deus. Somos aceitos por causa da morte de Cristo em nosso benefício. Esse tipo de graça deve formar o caráter da congregação e ser distribuído prodigamente pelos ministros e pelos membros da Igreja de Cristo.

As mães conhecem o poder gentil da graça. Quando descobri a metáfora paulina relacionada à maternidade, passei a ouvi-las com atenção. Encontrei um cordão umbilical misterioso que liga mães e filhos.

Uma senhora de 75 anos de idade me procurou, em busca de um conselho pastoral. Ela se assentou e, aos prantos, contou a triste história de seu filho. Agora com 50 anos de idade, ele lutara em uma guerra perdida contra o álcool durante toda a sua vida adulta, e a última batalha o lançou na prisão. Ela parou no meio de sua história e me perguntou se eu achava estranho uma mulher idosa chorar por um filho de meia idade. Então, enunciou palavras que ficaram impressas cm minha mente: "O coração de uma mãe nunca pára de bater e não pode parar de se preocupar". Isto é graça em forma humana.

A graça materna mantém constantemente a porta aberta. Ela está sempre pronta para ouvir e tem sempre um abraço caloroso e uma palavra encorajadora para conceder. Sua aceitação

não possui limites e o seu perdão não tem fronteiras. Ela não pode rejeitar seu próprio filho. Seu coração não tem apagador que possa eliminar o seu amor, conforme está descrito em 1 Coríntios 13:4-7: "O amor é paciente, é benigno. O amor não inveja, não se vangloria, não se ensoberbece. Não se porta inconvenientemente, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal. O amor não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta". Por ser tão gentil e envolto em faixas de amor, o coração materno quebra-se facilmente. Lembro-me de uma mãe que me falou de seu coração partido. Seu filho era universitário e deleitava-se em menosprezá-la. Suponho que eram os primeiros sinais de sua independência, mas o preço era excessivamente alto. Ele apontava para suas deficiências intelectuais e falhas pessoais. Ele a fazia sentir-se pequena, tola e depreciada. Acima de tudo, ela não se sentia amada por aquele a quem dera a vida.

Todos os pastores também possuem um coração partido. Dividimos com os outros o que temos de melhor — nossas vidas. Os anos gastos em qualquer igreja são um tempo que jamais recuperamos. Por isso, quando esse dom é rejeitado, equivale ao partir do coração. Paulo sabia disso. A igreja em Corinto rejeitou sua liderança, desprezou sua aparência e zombou de sua pregação. A segunda carta aos coríntios é, em parte, o testemunho do coração partido do apóstolo. Mas, no meio da epístola, há uma notável declaração: "Ó coríntios, a nossa boca *está* aberta para vós, o nosso coração está dilatado. Não estamos retirando o nosso afeto de vós, mas vós estais retirando o vosso afeto de nós. Ora, em recompensa disto *(falo como a filhos),* abri também o vosso coração" (6:11-13, grifo acrescentado).

Meu coração partiu-se bem cedo. O sofrimento foi intenso, porque meu amor era forte. Uma pequena congregação me ensinou sobre a graça e me amou muito. Surpreenderam-me com o seu afeto. Mais do que qualquer outra coisa, eles me tornaram um pastor e me ensinaram a amar. Apaixonei-me por eles rápida, intensa e irrevogavelmente. Eu lhes disse isso. Por isso, constituem o meu primeiro amor, com um lugar especial em meu coração. Mas, no meio dessa maravilhosa história de amor daqueles primeiros anos, surge um outro acontecimento: eles me feriram profundamente. É natural. Aqueles que amamos têm a capacidade de nos ferir mais. Imaginava que, como demonstração de seu mais profundo amor por mim, jamais me criticariam. Suas

críticas me machucaram muito. Alguns achavam que eu passava muito tempo com um casal no gabinete. Outros pensavam que um membro da igreja, que era rico, me controlava. Alguns achavam que eu desprezava as mulheres. Outros não apreciavam a minha voz. Não fazia diferença que apenas alguns se queixassem, nem amenizava o sofrimento saber que eu também era pecador e crítico e merecia algumas das críticas. Tudo parecia mais do que eu conseguiria agüentar. Manchei meu diário com lágrimas amargas, enquanto registrava cada incidente. Chorei porque me importava, e a verdadeira surpresa foi que não deixei de amá-los. Quando saí daquela igreja, pensei que meu coração se dividiria em dois. Eu ainda os amava duas décadas depois com o amor de um coração de mãe.

Nada disso deveria me surpreender. Afinal, Deus é freqüentemente descrito no Antigo Testamento como a mãe de Israel. Um dos quadros mais comoventes é a descrição de Sofonias, que cantou uma cantiga de ninar para Israel, a fim de consolá-lo com amor (3:17). Isaías descreve Deus como um pai que segura a mão de Israel e ensina-o a andar (Is 66:12,13). No Novo Testamento, Jesus chorou por Jerusalém e disse que gostaria de ser como uma mãe para o seu povo, a fim de protegê-lo como uma galinha que esconde os seus filhotes sob suas asas (Mt 23:37). Algumas congregações são mais fáceis de se amar que outras. Desconfio que, quanto mais tempo alguém permanece no ministério, mais difícil é apaixonar-se pelo povo e permanecer neste estado. Lembranças antigas e cicatrizes acumuladas criam cautela, até mesmo medo. Mas o amor é a vocação do pastor. Deus amou o mundo de tal maneira que enviou o seu Filho. E o Senhor nos envia em nome de Jesus, para trazer o seu infinito amor ao mundo, inclusive às pessoas menos amáveis. Se fôssemos mães biológicas, entenderíamos isso muito melhor. Por esta razão, peço a Deus um coração de mãe.

UM CORAÇÃO DE PAI: MISERICÓRDIA URGENTE

Provavelmente ninguém se surpreende que um pastor seja como um pai. Contudo, seria surpreendente notar que o trabalho do pai-pastor é "encorajar, consolar e insistir". Essa não é exatamente a imagem que fazemos de um pai. Ela está muito longe do estereótipo de pai severo, distante e arredio.

Nosso Pai celestial

Cristo nos ensinou a chamar Deus de *Aba,* termo familiar para pai, talvez mais bem traduzido por "papai". É um vocábulo terno, carinhoso e gentil. Jesus deu a definição de *aba* em sua história a respeito do pai que aguardava a volta de seu filho pródigo, uma narração da maravilhosa e espantosa graça. O *aba* da história esperou pacientemente o retorno de seu filho desviado. Quando o viu à distância, correu para ele, com os braços estendidos e lágrimas que corriam pela face. Ele deu as boas-vindas ao rapaz sem qualquer palavra de recriminação — sem nenhum "eu lhe disse", "já estava na hora", ou "veja o que você fez à sua mãe". Cada palavra e gesto traduzia aceitação, afirmação, perdão e restauração incondicional. Para provar isso, concedeu-lhe uma festa, para acabar com a desavença. Que motivação para o filho perdido! Como foi encorajador e motivador, quando o que ele esperava era a servidão. Que diferença de muitas famílias e igrejas onde a aceitação é feita de acordo com o merecimento, e a confirmação tem de ser conquistada. O pai que esperava é a descrição do próprio Deus, dos pais e dos pastores.

O coração de um pai

Mesmo que não ajamos como o pai paciente, lá no fundo conhecemos a graça. Quando meu filho mais velho era calouro na faculdade, tinha um alvo ambicioso. Queria participar da primeira corrida universitária. Procurou o treinador e perguntou o que devia fazer. O técnico lhe disse que, se conseguisse correr uma milha em cinco minutos, obteria o lugar.

Por ter sido corredor na faculdade, ajudei meu filho a estabelecer a sua meta. Fui a todos os treinos e torci por ele. O tempo passou, e ele se preparou muito bem. Logo chegou a última prova do ano, sua grande oportunidade. Ele estava pronto para correr, e eu fui para ajudá-lo.

Durante a corrida, fiquei na linha de chegada com o cronômetro. A cada volta, eu gritava o tempo e dizia-lhe que estava perto do critério estipulado. Ele estava dentro do horário nas três primeiras voltas. Quando entrou na última volta, percebi que se cansara. Sabia que estava bem próximo do fim. No último trecho, ele começou a diminuir o passo, mas ainda estava bem. Quando se aproximou da linha de chegada, começou a lutar. Enquanto ele saía da pista, todo o meu mundo reduziu-se à figura de meu filho. Subitamente, para surpresa minha, emiti um som primevo que

vinha lã do fundo e eu não sabia que existia. Sua agonia era a minha, e tudo o que eu podia fazer era gemer.

Ele conseguiu e obteve o lugar, e aprendi uma grande lição naquele dia. Ser pai dos filhos de Deus inclui encorajamento e insistência que vêm lã do fundo da alma, não sei de onde. Esse gemido por eles encontra sua fonte em um amor que vem diretamente do coração de Deus. É um dom concedido aos pastores que pedem um coração novo. Já gastei 25 anos gemendo pelos meus filhos espirituais na corrida da fé cristã. Às vezes a intensidade de meus gemidos me surpreende e me faz lembrar esta vocação divina que toma conta de minha alma e não me larga.

Mas minha educação pastoral não estava completa no dia daquela corrida. Minha filha também era atleta amadora. O basquete era sua grande paixão. Em cada dia de jogo, eu a levava para tomar café e discutíamos a estratégia para a vitória. Logo percebi que ela era diferente de seu irmão. Para cada crítica, eu precisava dar-lhe pelo menos dez encorajamentos. Ela reagia positivamente às palavras de incentivo, mas as críticas faziam-lhe mal. Meus gemidos por ela vinham do mesmo lugar, mas a técnica precisava ser alterada. Sei que obtive sucesso quando, em um Dia dos Pais, ela me disse algo que me caracterizou como pai "encorajador". Graças a Deus.

O papel pastoral do pai inclui uma grande medida de encorajamento. Nós assessoramos o Grande Encorajador, o Espírito Santo, que dá o dom do encorajamento à Igreja. Somos, em parte, os torcedores de Deus para os seus filhos. Sofremos pelo sucesso deles e, quando suas vidas recebem o caráter do Evangelho, não temos alegria maior.

Meu filho caçula cresceu à sombra desses dois vencedores. Ele competia por não competir. Queria ganhar seu próprio espaço e fazer o que lhe dava na cabeça. Uma noite, na hora do jantar, discutíamos como de costume sobre atividades e realizações esportivas. Subitamente, ele deixou o garfo sobre a mesa e disse: "Para fazer parte desta família é preciso ser atleta?". Fiquei perplexo; então comecei outro capítulo no aprendizado de ser pai.

Mais tarde, naquela mesma noite, depois de pensar um pouco, sentei-me com ele e pedi que me olhasse nos olhos. Falei-lhe o que deveria ter dito todos os dias de sua vida: "Filho, seu valor nesta família não vem de alguma coisa que você faça ou deixe de fazer. Seu valor habita no nome que você carrega. Você tem o meu nome! Você nada pode fazer para que eu deixe de amá-lo".

O pastor como pai

Essa experiência com meu filho caçula me ajudou a perceber quanto da vida eclesiástica centraliza-se nos vencedores que ganham o nosso respeito e afeto por suas realizações. Enquanto isso, muitos filhos de Deus imaginam que não têm um lugar na família espiritual. Pastores sábios sabem como distribuir encorajamento por onde passam.

Na verdade, uma das lições mais difíceis de aprender é dizer a todas as congregações muitas e muitas vezes que eu as amo. Desconfio que muitos pastores do sexo masculino privam suas igrejas dessas palavras pelo mesmo motivo por que raramente expressamos o nosso amor àqueles que mais amamos. Dizer "eu te amo'[1] é muito íntimo. Faz surgir a grande vulnerabilidade e submissão voluntária do poder. Despimos a mais profunda parte de nosso ser, mas ganhamos a experiência mais valiosa da vida: o amor.

Sugeri a alguns pastores amigos que devemos dizer mais vezes ao nosso povo que o amamos. Nenhum deles concordou comigo. Um deles até admitiu que não sentia muito afeto por sua congregação. Outro disse que uma conversa dessas lhe roubaria o poder necessário para liderar. Estou convencido de que nada poderia estar mais longe da verdade. A verdadeira liderança flui do evangelho centralizado em afeto carinhoso. E um pastor com pouco amor por sua congregação precisa de uma boa avaliação vocacional.

Todos nós conhecemos o poder de uma palavra amorosa, encorajadora e reconfortante. Quando me preparava para o ministério, fiquei intimamente preocupado com a perspectiva de ser pastor. As exigências pareciam muito elevadas e as tarefas, incrivelmente difíceis. Uma vez que fui criado na casa de um pastor, conhecia alguns dos desafios e sofrimentos. Voltei do seminário e, desesperado, disse a meu pai que não possuía as qualificações necessárias para ser pastor. Eu esperava que ele concordasse comigo. Afinal, ele me conhecia, a mim e às minhas inadequações, melhor do que eu.

Ele rapidamente respondeu: "Ah, sim, você tem!". Aquela foi a palavra de Deus para mim naquele momento. Eu acreditei nele porque era meu pai e um pastor, porque me conhecia e, o mais importante, porque me amava. O poder dessa palavra encorajadora

ainda me sustenta. Na qualidade de pastores, devemos encorajar as pessoas exatamente da mesma forma.

Hoje distribuo freqüentemente palavras encorajadoras a indivíduos e à igreja. Pela graça de Deus, esses conselhos carregam poder divino e, às vezes, nem percebo em que medida. Mas constantemente as pessoas me dizem que uma simples palavra dita de relance fez uma enorme diferença em suas vidas.

Certa vez, fui capaz de encorajar a congregação, quando se tornou necessário construir um novo templo. A igreja não era grande e não tinha muitos recursos financeiros. Os membros imaginaram se os seus magros recursos seriam capazes de atender ao desafio de milhares de dólares. A igreja jamais tivera uma opinião formada, nunca esperara muito além do corriqueiro. Um dos principais líderes da igreja achava que provavelmente poderíamos levantar duzentos mil dólares.

Eu cria que conseguiríamos, apesar de todas as nossas expectativas, por amor ao reino de Deus. Gastei muito tempo no púlpito, a fim de levar a congregação a acreditar que o Senhor é suficientemente grande para fazer grandes coisas. Encorajei a liderança a pensar grande, porque o desafio diante de nós era imenso. Esforcei-me para dizer às pessoas duvidosas: "Ah, sim, podemos fazê-lo com a graça de Deus". Eu as conhecia e as amava. Estava convencido de que realizariam muito mais pela fé do que imaginavam.

Pela graça, elas creram que o Senhor o faria. Foi um dia de celebração, quando anunciei que a congregação assumira compromissos financeiros de mais de meio milhão de dólares! Encorajar as pessoas no poder de Deus alcança coisas espantosas. Pais sábios também entendem que alguns filhos precisam de amor resistente e palavras duras. Um casal em nossa igreja quase passou para uma seita religiosa. Os dois não precisavam de encorajamento ou consolo, mas de uma poderosa advertência. Fiz uma coisa que raramente faço. Mandei que se sentassem e disse: "Com a minha autoridade de pastor de suas almas, ordeno que vocês abandonem esse caminho tolo, saiam desse grupo perigoso e voltem à Igreja de Cristo". Para meu espanto, eles se arrependeram e voltaram! Às vezes ser pai é difícil e desconfortável; mas a graça de Deus transcende os esforços humanos na realização da obra divina.

Com mais freqüência, entretanto, precisamos transmitir palavras de consolo aos membros da igreja. Recentemente, falei

com um jovem lutador de boxe, que estava no início de sua carreira. Ele conversou com seu pai a respeito disso. Segundo ele, seu genitor imediatamente começou a falar-lhe que seus problemas não eram nada comparados com os dele — nada de consolo e certamente pouco incentivo.

Em outra ocasião, o telefone tocou no meio da noite. A voz no outro lado me disse que o jovem Darrell fora morto em um acidente de carro e sua mãe precisava de mim. Trêmulo, vesti-me e fui pelas ruas escuras até a casa daquela família. *O que diria em um momento como esse?,* imaginei. Mal entrei na casa, aquela mãe aflita agarrou-me, em prantos. Pensei que nunca mais me soltaria. Finalmente, em palavras que achei vindas da providência divina, disse-lhe: "Eu não sei o que dizer, exceto o seguinte: Deus compreende sua dor. Ele também perdeu um filho". Esta foi a mensagem para aquele momento. Os pais espirituais consolam os filhos de Deus. Admiro-me com o poder das palavras pastorais. A mensagem de Deus pregada com convicção encoraja, consola e adverte. As pessoas realmente se lembram, e essas palavras introduzem a eternidade em suas almas. Certo jovem está hoje no ministério porque eu lhe disse que era vocacionado. Uma senhora recebeu o perdão porque em um culto de Ceia declarei-lhe: "Eu também não a condeno. Vã e não peque mais".

Recentemente, preguei em uma igreja no qual, durante várias décadas, seus membros fizeram do amor de Deus o centro de suas vidas. O pastor titular e o restante dos membros da diretoria falavam e viviam o espantoso amor divino. Uma das pastoras auxiliares era minha anfitriã naquele dia. Onde quer que fosse, ela me apresentava às pessoas e me contava como eram maravilhosas. Ela também dava uma palavra encorajadora, quando saíamos. Era admirável como aquela atmosfera da congregação transbordava de amor encorajador. Toda esta reação em cadeia de encorajamento começou com o amor de um pastor pelo seu povo. Ele foi bastante ousado para dizer aos membros daquela igreja que os amava e era capaz de transmitir poder com suas palavras de afeto.

A graça do Senhor dá forma à Igreja e ao ministério. Jamais a entenderemos completamente ou a manifestaremos como Deus faz, mas muitas informações sobre ela encontram-se nas profundezas dos corações das mães e dos pais. Talvez por isso Paulo diga que um pastor assemelha-se a um pai e uma mãe. Sei

de uma coisa: ser um pastor cristão é ter, em um nível elementar, um coração formado pela graça de Deus.

A responsabilidade é grande. Não é por menos que Paulo pergunta: "Mas para estas coisas quem é idôneo?" (2Co 2:16). Deus nos confia seus filhos. Somos pais adotivos em lugar do Senhor. Esses filhos têm infinito valor e são objeto do incompreensível amor divino. Por amor ao Senhor, nós os amamos com todo o nosso coração.

9. LAVRADORES E EDIFICADORES:

ZELANDO PELA IGREJA DE CRISTO

Afinal de contas, quem é Paulo, e quem é Apoio, senão ministros pelos quais crestes, e isto conforme o que o Senhor deu a cada um? Eu plantei, Apoio regou, mas Deus deu o crescimento. Pelo que, nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento. Ora, o que planta e o que rega são um, e cada um receberá o seu galardão segundo o seu trabalho. Pois nós somos cooperadores de Deus; vós sois lavoura de Deus e edifício de Deus.
1 Coríntios 3:5-9

Não tenho muita intimidade com médicos, doenças e hospitais. Por isso, quando a comissão examinadora da primeira congregação que dirigi me levou ao hospital para visitar o pastor que provavelmente eu substituiria, fiquei mais do que ansioso. Quando me disseram que ele estava prestes a morrer, me assustei. Nunca falara com uma pessoa moribunda antes e, naturalmente, nunca conversara com um antecessor. Ele desejava muito me conhecer.

Eu não estava preparado para o cenário, o som e o cheiro que encontrei quando entrei naquele quarto. Os efeitos de um derrame cerebral paralisaram metade do corpo daquele homem de Deus. Sua respiração era difícil e ajudada por um tubo de oxigênio no nariz. Conversamos pouco, uma vez que sua boca retorcida mal conseguia pronunciar as palavras.

Ele foi diretamente ao assunto. Na verdade, seu problema era uma de minhas preocupações. Ele planejava aposentar-se no mês seguinte e alugara uma pequena casa ao lado da igreja para

ele e a esposa. Com grande esforço, disse-me que nada faria para prejudicar o meu ministério. Tenho certeza de que suas palavras eram verdadeiras.

Mesmo assim, eu estava preocupado. As histórias de horror que meu pai contava a respeito de antecessores aposentados que ficaram na cidade pareciam maiores do que a sincera promessa deste predecessor. Eu sabia que ninguém podia conceder doze anos de sua vida a uma congregação como aquele pastor fizera e subitamente abandonar esse investimento sem uma palavra, um pensamento ou gesto. Especialmente quando essa pessoa morava na casa ao lado do templo!

No entanto, a promessa de meu predecessor ficou entre as suas últimas palavras ditas nesta vida. Ele morreu dentro de uma semana — antes de eu dar início ao meu ministério. Sua viúva mudou-se para a casa ao lado do templo, onde serviu de agradável vizinha e sábia conselheira. Seu apoio particular e público nunca me faltou, mas quando a igreja começou a crescer e o Espírito a operar poderosamente, ela me disse que se sentia preocupada.

"Por que", ela pensava em voz alta, "essas bênçãos de Deus não vieram quando meu marido era pastor?". Quando a atuação do Espírito operou em toda a comunidade, alcançando muitas igrejas, ela fez a mesma pergunta em uma reunião de ministros e suas esposas. Ela estava genuinamente preocupada. Em termos humanos, eu tivera sucesso onde o seu amado marido não fora bem-sucedido. Ela fazia a sua dúvida muito humana parecer espiritual; mas, mesmo espiritualizando, era realmente a mesma coisa. Eu recebera a bênção de Deus negada ao meu predecessor, o seu marido. A igreja estava em pleno avivamento espiritual. A congregação me amava e pensava que eu era simplesmente maravilhoso. Eles me diziam isso. Naturalmente, eu amava cada minuto disso tudo. Nem é preciso dizer que seu falecido marido ficava prejudicado com a comparação.

Nosso ministério ouviu em silêncio, enquanto ela falava. Acho que todos nós sentimos a sua dor. Finalmente, e pareceu-nos que relutantemente, ela fez uma pausa e disse: "Eu (Paulo) plantei, Apoio regou; mas Deus deu o crescimento" (1Co 3:6). Com um pouco de relutância, eu mesmo admiti que ela estava absolutamente certa. O mover da graça de Deus é sempre um mistério diante do qual nos inclinamos, mas não uma fórmula arquitetada por nós.

Também comecei a perceber que os doze anos nos quais o seu marido havia fiel e amorosamente servido à igreja fizeram parte inerente da bênção que eu recebia. Na verdade, eu permanecia sobre os ombros de todos os meus predecessores, pois cada um deles formava parte daquela grande história. E nenhuma parte dela teria acontecido sem as centenas de leigos fiéis que deram sua contribuição: orações, energia, amor e dólares para a obra do Senhor naquele lugar. E, no meio de tudo isso, "Deus deu o crescimento".

A luta dessa viúva e a citação de 1 Coríntios 3:6 permanecem comigo através dos anos. Minha própria experiência e conversas com pastores indicam que a inveja, a rivalidade e as fofocas são uma praga para os pastores e as igrejas hoje, como foram em Corinto há mais de 1900 anos. Os predecessores têm dificuldade em abençoar seus sucessores, e os sucessores têm ciúme de seus predecessores. Os colegas de ministério são freqüentemente rivais, e as conversas entre eles incluem aquelas mesmas fofocas que odiamos entre os membros de nossas igrejas.

Ainda aguardo que algum dos meus predecessores me abençoe ou me diga que estou no caminho certo. Naturalmente não quero lhes pedir isso, nem solicitar qualquer outro conselho. Estou cansado de rumores a meu respeito e de minha congregação que circulam entre os meus colegas; mas admito que meus ouvidos estão muito abertos para ouvir as más notícias a respeito deles e de suas igrejas.

Somos muito parecidos com os membros da igreja em Corinto. Como Paulo diz, avaliamo-nos uns aos outros e ao ministério cristão, "segundo os homens" (1Co 3:3). Com demasiada freqüência, nossa visão pastoral e eclesiástica carece de conhecimento bíblico. Os capítulos 3 e 4 de 1 Coríntios dão-nos um vislumbre da Igreja e seu ministério que é tanto apostólico quanto divino. Esta palavra pode, realmente, ser necessária e profética para as denominações evangélicas e os pastores da atualidade.

UMA IGREJA EM CONFLITO

Desde o início, o conflito entre o humano e o espiritual fez parte das congregações cristãs. É óbvio à primeiríssima vista que conversão não significa perfeição e que trazemos nossa humanidade pecadora conosco para a Igreja. É o lado negro da vida congregacional.

Uma igreja cativa de sua cultura

A igreja em Corinto trazia todos os sinais da humanidade. Convertidos do paganismo greco-romano, seus membros trouxeram os recantos mais profundos e escuros do coração humano à luz de sua nova fé cristã. Muitos comentaristas observam que o verbo grego "corintianizar" significava corromper a moral de alguém. Uma "mulher coríntia" descrevia alguém de baixos padrões morais.

Os lendários baixos padrões sexuais de Corinto eram incentivados pela prostituição cultuai associada com a adoração dos deuses gregos e romanos da fertilidade. A promiscuidade sexual não era uma questão de humanismo secular em Corinto; fazia parte da ordem divina das coisas. Nessa cidade, a sexualidade era espiritualidade.

Embora convertidos, alguns daqueles cristãos não abandonaram toda a imoralidade existente em suas vidas. A igreja fazia vista grossa, até mesmo encorajava um estranho caso de incesto proibido mesmo entre os pagãos (1Co 5:1). Alguns evidentemente ainda visitavam as prostitutas dos templos (6:12-20). Todo o capítulo 7 é dedicado ao casamento, ao celibato e à vida de solteiro. Mas é interessante, talvez até mesmo profético, que a preocupação principal de Paulo a respeito dessa igreja desordenada não fosse o seu desvio sexual. Muitas de nossas igrejas atuais começam a exercer disciplina a partir das transgressões relacionadas ao sexo. Parece que só nos preocupamos com o comportamento sexual de nossos membros e líderes.

Recentemente assisti a uma conferência de pastores na qual dois dos oradores de destaque falaram poderosamente a respeito da má conduta sexual, trágica e vergonhosa, que parece ser epidêmica atualmente. De acordo com o que cada orador destacou eloqüentemente, as transgressões sexuais dos líderes das igrejas são terrivelmente destrutivas. Os homens e as mulheres de Deus, junto com as igrejas, as denominações e os movimentos cristãos são devastados com a queda dos pastores e dos líderes.

Contudo, pode ser que a má conduta sexual seja um sintoma de um mal maior e ainda mais destrutivo. Pelo menos Paulo deu a entender isso. O primeiro assunto que ele destacou em 1 Coríntios e um tema que mantém toda a epístola coesa é a desunião e os conflitos na congregação. Tal comportamento nega a

própria natureza do Evangelho e da Igreja que essa mensagem apresenta.

Conflito: a igreja em guerra contra si mesma

Os coríntios reuniram-se ao redor de diversos líderes do movimento cristão. Eles formavam partidos e vangloriavam-se de que pertenciam a Paulo, a Pedro e a Apoio. Se essas agremiações fossem formadas ao redor de plataformas teológicas ou personalidades humanas, o resultado seria o mesmo. Com isso, eles transgrediam o caráter do Evangelho, de modo que Paulo os advertiu de que Deus poderia destruí-los (1Co 3:17).

O caráter destrutivo do conflito

Observe que a terrível ameaça da destruição divina está orientada para o conflito na Igreja. E essa ameaça vem antes da orientação de Paulo para entregar a Satanás o homem envolvido no incesto (1Co 5:1). Não tenho certeza de que alguém saiba o que esses atos de destruição possam ser, mas uma coisa é certa: Deus e os apóstolos levavam a sério os conflitos na Igreja — pelo menos tão seriamente quanto os desvios sexuais, talvez até mais. Nossa classificação de pecados raramente reflete este método bíblico.

Quando Paulo faz a lista das obras da carne, os opostos polares do fruto do Espírito, ele cita "discórdias", "invejas", "ciúmes" e "dissensões" junto com "prostituição", "idolatria", "feitiçarias" e "orgias", como algumas das perigosas e destrutivas tendências humanas que o Evangelho veio erradicar. O apóstolo conclui o pensamento, ao declarar que pessoas que praticam tais coisas não têm lugar no reino de Deus (Gl 5:19-21). Essas são palavras assustadoras e muito relevantes em qualquer século. Quem entre nós considera com tal seriedade os pecados "menores" como discórdia ou inveja?

Há dez anos, quando fui chamado para pastorear uma grande igreja, conversei com quem pude a respeito do ministério em congregações diferenciadas. Um pastor simplesmente me disse: "Pastorear uma igreja grande é gerenciar uma variedade de grupos de interesses especiais que competem entre si".

Bem, pensei, *não é muito diferente do que fiz durante esses últimos quinze anos!* E não foi. Eu apenas gerenciava um maior número deles, e muitos pareciam estar em perigo. As pessoas eram mais veementes quando falavam do seu "caminho" na igreja e mais

dispostas a lutar por seus direitos espirituais e eclesiásticos. As linhas entre os ministérios e as causas eram claramente traçadas.

Alguns desses grupos reuniam-se em volta dos nomes de ex-pastores. Um dos meus predecessores permaneceu na comunidade e era membro ativo da congregação. Embora fosse muito ético e apoiasse o meu ministério, era bastante evidente que seus fiéis seguidores nunca me considerariam o pastor deles. Eles não sabiam transferir a lealdade para um homem bastante jovem, que tinha idade de ser filho deles.

Nós dois fomos oradores em um retiro em que o seu pessoal era a maioria. A dinâmica de grupo foi fascinante. Podia dizer que fui respeitado e ouvido, mas ele era o seu pastor e o seu líder dez anos depois de ter-se aposentado. Eles me chamavam de "Davíd". Eles o chamavam de "pastor". Eu não me importava. Eu e ele tínhamos um bom relacionamento e, na verdade, ele era um membro voluntário da diretoria que oferecia liderança e cuidados pastorais para uma parte da congregação. Não obstante, é uma triste observação da tendência humana reunir-se em torno de homens, dos quais nos orgulhamos e aos quais queremos pertencer.

Igrejas menores e seus pastores fazem a mesma coisa de forma diferente. Quando eu fazia doutorado, pastoreei uma pequena igreja rural em tempo parcial. Essa congregação ficava a quase 6 km da cidadezinha onde vivia a maioria dos membros. Outra igreja da mesma denominação, também com um pastorado de tempo parcial, ficava à mesma distância, do outro lado da cidade. A sede desta denominação, na cidade, era maior do que as duas congregações rurais, mas não suficientemente grande para pagar um pastor em tempo integral. Todas as três igrejas tinham mais de um século de existência e foram organizadas quando as pessoas iam a cavalo e de carroça ao culto. Quase 6 km era uma grande distância para viajar até a igreja, e essas "primas caipiras" resolviam o problema.

Logo de início, sugeri à minha junta que a distância já não constituía mais um problema, pois todos morávamos na mesma pequena cidade, e poderíamos pensar em alguma forma de fusão. As três igrejas unidas seriam capazes de pagar um pastor em tempo integral e talvez até dar uma ajuda de custo a um líder de jovens. Parecia-me algo sem sentido continuar daquele jeito, pequenas e fracas demais para andar, muito menos correr.

Quando apresentei a idéia pela primeira vez, um dos diáconos rapidamente jogou água fria nela. Ele disse que nunca iria à igreja nem se sentaria no mesmo banco com aquela gente da sede! "Além disso", ele continuou, "quem tomaria conta do cemitério local?". Com isso, a discussão acabou.

Nosso senso de lealdade tem limites muito humanos que cerceiam o poder do Evangelho. De acordo com as Escrituras, esse Não é um assunto sem importância. Em nosso dicionário de pecados, o conflito e o espírito partidário são pecados permitidos, mas a Palavra de Deus diz outra coisa.

A causa dos conflitos

Os coríntios defendiam um ponto de vista perigosamente defeituoso e humano a respeito da Igreja e do ministério. Duas vezes Paulo chama-os de "carnais", quando fala da visão que tinham de sua igreja e seus líderes (1Co 3:3,4). Eles reduziram a igreja a uma instituição humana e definiram e avaliaram o seu trabalho por padrões humanos. As aparências tornaram-se mais importantes do que a realidade. A agenda do homem substituía a de Deus para o seu povo, e o Evangelho ficou reduzido a dimensões simplesmente humanas.

Paulo, Apolo e Pedro eram figuras às quais era dedicada a devoção. O estilo de liderança, a capacidade de pregar e as posições teológicas tornaram-se quesitos para ganhar pontos. Membros de cada grupo consideravam-se superiores aos outros. A adoração aos heróis acompanhava o culto ao Senhor Jesus Cristo, e a igreja perdeu o seu foco. A lealdade a seres humanos separou as pessoas umas das outras e destruiu a unidade do Espírito criada pelo poder do Evangelho.

Gordon Fee observa que a visão que os coríntios tinham do ministério era ao mesmo tempo muito baixa e muito alta. Eles valorizavam demais seus líderes e davam-lhes *status* e autoridade, independentemente do ensinamento apostólico a respeito da igreja. Sua visão do ministério era baixa demais, pois eles julgavam seus pregadores e líderes pelos padrões humanos de excelência e sucesso. No processo, ignoravam toda razão de ser do ministério pastoral e perdiam de vista a devida missão de sua igreja.[1]

O cenário contemporâneo

A Bíblia é notavelmente relevante e 1 Coríntios parece atualizada como qualquer texto das Escrituras. Na verdade, parece que a carta foi escrita no final do século vinte.

Paulo, Apolo e Pedro em roupagens modernas. Os cristãos da atualidade reúnem-se ao redor dos pregadores de rádio e das personalidades evangélicas da TV. Ouvi um cristão bem-intencionado declarar: "Eu sou um homem do Swindoll!". Um líder em minha igreja pensou que apresentara um assunto importante em uma reunião da diretoria, quando declarou: "John MacArthur disse ontem...". Muitos pastores dos nossos dias *conhecem o castigo, por* discordar de grande parte do que James Dobson diz. Estou certo de que muitas celebridades cristãs (um paradoxo cristão, se é que existe!) não têm a intenção de criar partidos. Apesar disso, por ser a natureza humana o que é, a divisão torna-se inevitável. Parecemos exatamente com os coríntios — "Eu sou de Paulo", "Eu sou de Apoio", pois julgamos por meio dos padrões humanos.

Na atualidade, dividir-se por personalidades evangélicas pode ser muito mais perigoso do que antes. Nos últimos dias de nosso século, de extremo individualismo e comunicação eletrônica, uma visão sutilmente herética da Igreja entra sorrateiramente em nosso meio. As pessoas seguem líderes que nunca viram e jamais conhecerão. Sua fonte de alimentação já não é mais "a carne e o sangue" (a presença real do pregador), mas uma voz desencarnada. Na verdade, muitos ficam impacientes com as imperfeições dos pastores e das igrejas e preferem viver em um esplêndido isolamento espiritual, sem uma igreja concreta e um ministério para estabelecer sua visão sobre a fé.

Cristianismo de interesse especial. As igrejas continuamente encontram meios criativos de se dividir em facções informais, cada uma reivindicando ter a sanção divina. Adquirimos algumas de nossas "fórmulas" na sociedade moderna, que é incrivelmente dividida em grupos de interesses especiais, cada um lutando por poder e/ou dinheiro. "Eu primeiro" é um modo de vida em nosso mundo e, com demasiada freqüência, na Igreja.

Algumas pessoas julgam todo o meu ministério de acordo com sua agenda política. Querem que eu assine os seus pontos de vista e os transforme no prato principal do ministério na Igreja. Minha resistência à política delas não pode ser considerada simplesmente uma diferença de opinião. A discussão sempre sobe

até o conflito que envolve acusações, ira e, finalmente, rejeição. Acho que a principal tragédia é quão pouco esses "zelotes" anseiam pelos elevados valores do Evangelho, como amor, alegria e paz.

Para minha tristeza eterna, tenho visto até o programa missionário de uma denominação evangélica transformar-se em um grupo de interesse especial, que luta contra o restante da congregação por dinheiro, lealdade e energia, pois julga todos, inclusive a equipe pastoral, de acordo com sua lealdade ao programa missionário. A missão da Igreja é confundida com um programa particular para missões, e ai do pastor que pensar diferente.

Os pastores facilmente caem na mesma armadilha. Uma agenda dirigida por nossa visão para a Igreja pode tornar-se uma vara de medir idolatrada, pela qual julgamos os valores dos membros da congregação ou da sua ortodoxia. Às vezes confundimos a lealdade para conosco com a fidelidade ao Evangelho. Também nos inclinamos a medir nossos colegas por padrões que pouco têm que ver, se é que têm, com os valores bíblicos.

Lealdade pessoal e a igreja. Igrejas com muitos departamentos vivem com a sua liderança dividida. As pessoas geralmente não compartilham sua lealdade pastoral de maneira eqüitativa. Isso não é necessariamente ruim. Nós, seres humanos, ministros e leigos, inclinamo-nos para o favoritismo. Um dos meus sucessores em uma igreja com um só pastor disse que são necessários quatro ministros evangélicos para que uma congregação experimente um pastorado completo. Paulo planta, Apoio rega, Pedro ensina e Deus dá o crescimento. Cada um de nós tem seus dons e destaques. Igrejas com muitos departamentos podem ter diversos pastores simultaneamente. Parece que as comunidades cristãs do Novo Testamento tinham múltiplos líderes, e isso era bom.

Contudo, com demasiada freqüência, a liderança dividida na congregação transforma-se em guerra civil na igreja ou na diretoria, O poder entra em luta e as batalhas para ganhar terreno são comuns. Já vi ambas as guerras, aberta e fria, de membros de departamentos que protegem o seu campo. Tive alguns leigos que utilizavam os inadvertidos membros da equipe, jogando-os uns contra os outros e contra mim. Felizmente, só vi isso a distância, mas alguns membros de departamentos ajuntam seguidores fiéis e

os utilizam contra o pastor titular ou a diretoria da igreja, a fim de criar uma situação de derrota para ambos os lados.

Medidas segundo padrões humanos. Os pastores também se avaliam e às igrejas por meio de padrões humanos. O sucesso pastoral ou eclesial em nosso tempo é inevitavelmente o tamanho da congregação. Estou cansado da pergunta: "Qual é o tamanho de sua igreja?". Parece que o meu valor ou o de minha congregação é determinado por números. Também fico triste quando me meço por esse padrão. Gosto do crescimento numérico e inclino-me a pensar que é a grande bênção de Deus para uma igreja. Sei que não é bem assim, mas muitas vezes a minha humanidade salta sobre minha convicção.

As conversas pastorais são incrivelmente orientadas pela técnica. Os especialistas em gerência administrativa substituíram os pastores sábios em nossos postos de escuta. A teologia da igreja e seu ministério perderam-se em uma confusão de esforço e técnicas humanas. Apresso-me a acrescentar que nem tudo isso é ruim. Precisamos ouvir aqueles que sabem liderar e gerenciar instituições humanas, porque a igreja é uma realidade sociológica. Porém, ela marcha atrás de outro tambor. Nós obedecemos às normas do Evangelho e organizamos nossa vida e obra em torno dos padrões apostólicos.

Os ministros não estão sozinhos. As diretorias das igrejas pensam cada vez mais de maneira corporativa. Acho cada vez mais difícil fazer a diretoria da igreja pensar biblicamente. As discussões inevitavelmente derivam para o pensamento corporativo. Em certa igreja tivemos uma longa discussão relacionada com a organização eclesiástica. Durante horas falamos de estruturas contemporâneas e processos gerenciais. Quando me referi às normas apostólicas ou bíblicas para a organização da igreja, um homem, que provavelmente pensava saber mais, disse: "Gostaria de saber por que discutimos um livro que tem dois mil anos de idade".

Ele jamais diria isso a respeito de qualquer uma das doutrinas-chave da fé. Provavelmente ele pensa que devo ser um defensor da ortodoxia bíblica. Mas, como tantos líderes da Igreja, ele removeu a congregação e o seu ministério da discussão teológica ou bíblica e colocou-os sob normas e idéias humanas.

Há algum tempo, a eclesiologia e a teologia pastoral foram removidas do cânon da Teologia Geral e colocadas sob o título da sociologia e psicologia. (Já discuti essa involução mais

detalhadamente no capítulo 4.) Os capítulos 3 e 4 de 1 Coríntios são uma discussão clássica e profética das conseqüências de tal ponto de vista. Podemos transformar-nos em igrejas gigantescas, produzir celebridades evangélicas, atrair os olhos da mídia e a admiração dos líderes gerenciais; mas, se todo esse falso progresso for ativado pela força humana, captado por sua própria imanência e medido por padrões humanos, significará pouca coisa ou nada. É apenas outra fase na longa história da Igreja.

PARA UMA VISÃO ADEQUADA DO MINISTÉRIO CRISTÃO

O texto de 1 Coríntios 3:5 dá início à réplica de Paulo ao ponto de vista defeituoso daquela igreja sobre o ministério. Se essa maneira humana de considerar os líderes cristãos é errada, como deveríamos considerá-los?

Servos e cooperadores de Deus

Paulo responde com uma simples palavra. Somos "servos" de Deus (na versão da Bíblia Viva). A palavra traduzida para "servos'" é *diakonos.* O apóstolo utiliza este termo com freqüência para descrever o ministério cristão. Mais tarde, passou a ser o ofício dos diáconos na igreja, mas o significado que Paulo lhe dá aqui é mais simples. Desde que servos são aqueles que servem aos outros, por natureza eles ocupam um lugar inferior ao de seus senhores. Como servos, Paulo, Apoio e Pedro estão sob as ordens de Deus e são, portanto, simplesmente instrumentos por meio dos quais o Senhor trabalha para a eternidade. Nós, pastores, somos apenas aqueles por meio de quem Deus opera (1Co 3:5). O crédito e a dedicação são ao Senhor. Os servos de Deus, pela natureza de seu trabalho, refletem louvor e lealdade ao Senhor. Reunir-se à volta de líderes humanos e avaliá-los independentemente de Deus, que opera por meio deles, é um erro fundamental de julgamento.

Paulo resume o seu pensamento no v. 9 com outra palavra: "Pois nós somos *cooperadores* de Deus". O apóstolo utiliza o termo muitas vezes, geralmente para se referir aos seus cooperadores no ministério. A ênfase passa do trabalho feito *para* o Senhor ao realizado de uns *para com* os outros. Uma vez que todos trabalhamos para Deus, a rivalidade e a inveja são desnecessárias. Na verdade, o conflito entre os ministros nega a natureza do Evangelho e inibe a obra do Senhor. Novamente a força do pensamento de Paulo lança a ênfase sobre os trabalhadores

humanos de volta para Deus. O Senhor designa para cada um de nós uma tarefa (v. 5), e Ele é o responsável por ambos: o papel que desempenhamos e os resultados desse ministério. O que Deus faz na Igreja e por ela é uma realidade. O que podemos realizar juntos no trabalho para o Senhor deveria eliminar qualquer conflito que nossa humanidade cria.

Mas o que é esse trabalho de Deus feito por nosso intermédio, e como pode ser avaliado? Paulo desenvolve seus pensamentos com o emprego de duas metáforas.

Lavradores de Deus

Sou descendente de uma longa linhagem de lavradores e servi em igrejas rurais cheias de agricultores, durante uma década; mas nunca ouvi um lavrador assumir o crédito de uma colheita. Eles são cônscios de que plantam, fertilizam, cultivam e colhem, mas que a germinação e o crescimento até a maturidade estão totalmente fora de seu controle. Nos sítios e fazendas, há conversas a respeito disso e do valor dado aos cuidados especiais. A marca de um principiante é um sulco torto, e o sinal de um lavrador preguiçoso é o mato em seus campos. Mas todo agricultor, apesar dos sulcos retos e campos limpos, sabe que não é capaz de dar crescimento às plantas.

Todo ministério é uma questão de graça. Paulo considerava o seu trabalho apostólico como uma lavoura de Deus. Ele plantou a semente que se tornou a igreja em Corinto, mas o Senhor fez o grão germinar e brotar da terra. Ele também sabia que a obra do ministério precisava continuar depois de seu trabalho terminado. Apoio assumiu onde o apóstolo parou e regou a crescente igreja. Mas Deus é que deu o crescimento. Paulo é cuidadoso ao observar que todo o crescimento era um dom da graça (1Co 3:7). Além do Senhor dar vida à igreja, a vocação e os talentos do apóstolo para o ministério também eram dons. Como sempre, Paulo transfere todo o louvor a Deus.

O ministério aponta a glória de Deus. O apóstolo pergunta, então, qual a razão dessa atenção despropositada aos lavradores. Não poderia o louvor, o crédito e a glória ir para Deus que fez a Igreja crescer? Paulo e Apoio, um apóstolo capaz e um pastor eloqüente, serviram a um fim maior do que eles mesmos ou seus dons. Aquela igreja deveria canalizar toda a sua energia e

atenção para esse mesmo alvo. A congregação e o ministério servem para o crescimento da Igreja de Jesus Cristo. Qualquer coisa que retarde esse desenvolvimento, seja a atenção indevida aos servos de Deus, rivalidade entre os cooperadores do Senhor ou conflito na congregação por questões triviais ou importantes, revela um ponto de vista deficiente da Igreja e do seu ministério.

A unidade do ministério. Cada servo de Deus tem um ministério especial. Um planta, outro rega e, expandindo a metáfora, outro cuida, fertiliza e colhe. Deus atribui o trabalho a cada um (1Co 3:5). Mas esses ministérios diferentes são, de fato, um só trabalho (v. 8). Literalmente traduzida, a primeira parte do v. 8 diz: "O que planta e o que rega *são um..."* Que maneira revolucionária de considerar o pastorado! Todos os ciúmes, rivalidade e inveja ficam eclipsados pela realidade do Evangelho de que todos nós formamos um só ministério sob a graça e o poder de Deus.

Nossa possessividade também desaparece. Paulo enfatiza que a Igreja é uma "lavoura de Deus e edifício de Deus" (v. 9). Todo nosso trabalho pastoral, junto com o ministério de qualquer outro pastor na terra, vai numa única direção. O Senhor faz crescer a sua Igreja. Deus nos dá a honra de plantar, regar e colher, mas essas tarefas não têm nenhum valor inerente. O crescimento pela graça do Senhor é a soma total de nosso trabalho. Não temos *status,* significado ou poder separados de Deus, que opera em nós e por nosso intermédio. Jamais deveríamos julgar-nos ou aos outros por algum padrão que não seja o do Senhor. Os pastores de igrejas pequenas das cidadezinhas servem exatamente ao mesmo fim que o mais famoso pastor no mundo. Os bem-conhecidos não têm mais destaque diante de Deus do que o que será ouvido por apenas alguns poucos. O ministério deles é um só. Nós existimos para fazer crescer a Igreja de Cristo pelo poder de Deus. Qualquer outro motivo é antibíblico, e qualquer outro alvo não é totalmente cristão.

Os edificadores-mestres de Deus

Paulo muda abruptamente a metáfora da lavoura para a do edifício de Deus (1Co 5:9). O ministério do apóstolo e o nosso devem ser de edificadores-mestres de Deus. A palavra que Paulo emprega é *architecton. Tekton* é um carpinteiro, mas um

architecton é um perito que trabalha como arquiteto, empreiteiro e engenheiro.

Um único fundamento para o ministério. A obra apostólica de Paulo não era simplesmente formativa, mas normativa. Seu papel específico era lançar os propósitos sobre os quais a Igreja seria edificada. Esses fundamentos eram Jesus Cristo. Qualquer obra pastoral em todo o tempo deve ser feita com esse pensamento cristológico como ponto de referência. Jesus é o centro integrante de toda a vida da Igreja e do ministério pastoral. Ele é o foco da atenção, a fonte de nosso empenho e o alvo de todo o nosso trabalho. Seja o que for que o ministério pastoral possa significar, ele foi resumido pelo apóstolo em Colossenses 1:28: "...para que apresentemos todo homem perfeito em Cristo". Em última análise e no mais elevado nível possível, o crescimento da Igreja, que movimenta o povo de Deus na direção de Cristo, é a unidade que vem do amor. Esse é o argumento da carta de Paulo à desestruturada igreja em Corinto. Pela natureza das coisas — a do Senhor, quero dizer -— a Igreja é una (1Co 12:12-31). Jesus ensinou que tal unidade visível seria o certificado à humanidade de que Deus enviou Jesus AO mundo (Jo 16.22,23).

Essa unidade corporativa e visível é o resultado natural da obra final do Evangelho, o amor de Deus que é derramado em nossos corações (Rm 5:5). O texto de 1 Coríntios 12 a 14, no qual Paulo ensina que todos os dons espirituais e energia divina deveriam proceder da unidade da Igreja e contribuir para ela, tem no centro o grande hino de amor do apóstolo no capítulo 13. Em outra passagem, Paulo declara que toda a Lei e os Profetas cumpriram-se no mandamento do amor (Rm 13:8-10). Ele citava o Senhor Jesus, que dizia que o amor divino é a marca registrada da Igreja (Jo 13:35).

O resultado do ministério autêntico. A obra da Igreja e o seu ministério apontam para o comportamento específico do cristão — isto é, unidade nascida do amor. Como lavradores de Deus e edificadores-mestres, a unidade amorosa deveria formar a soma e a substância de nosso trabalho. Tudo mais é um meio para alcançar esse grande fim bíblico. Mas essa verdade raramente é ouvida na Igreja, nos dias atuais. O critério para o sucesso e as técnicas para alcançar grandes coisas para Deus raramente incluem amor e unidade. As conferências e os seminários de

pastores falam muito a respeito de métodos, mas pouco se prega sobre o grande alvo de um ministério verdadeiramente apostólico.

E, devo admitir, os lavradores e edificadores de Deus facilmente perdem o amor como sua motivação principal. A realidade espreme o amor das nossas almas e o substitui por uma variedade de motivações humanas. Mais do que tudo, para alcançarmos o sucesso, compramos os critérios fundamentados em realizações que caracterizam a sociedade pecadora. Combinamos a agenda de interesses especiais da igreja com o nosso próprio desejo pessoal. Inevitavelmente, esta combinação empurra a verdadeira missão do ministério, que é o crescimento da Igreja de Cristo, para um local por trás da luta, para obtermos a supremacia em nossas agendas pessoais.

Muitas disfunções da Igreja e do ministério poderiam ser corrigidas neste ponto. A questão por trás de muitas discussões e conflitos na Igreja é realmente o poder: quem o detém e como ele é manejado. Na verdade, somos todos servos de Deus e deveríamos ficar satisfeitos em dar ao Senhor o crédito. O que Deus deseja realizar por meio de nós, lavradores e edificadores, é fazer crescer/edificar a sua Igreja. O fundamento desse crescimento é o mesmo que o seu fim, a unidade que brota do amor — não qualquer amor, mas o de Deus derramado em nossos corações. E devemos sempre lembrar que não podemos servir àqueles que não amamos.

A IGREJA DO ESPÍRITO SANTO

Quando eu estava no seminário, trabalhava como zelador em uma igreja luterana nas proximidades. O pastor era um mentor e amigo. O nome da denominação era "Igreja do Espírito Santo", um título que eu achava estranho naquele tempo. Quando a secretária atendia ao telefone e dizia "Igreja Luterana do Espírito Santo", eu sorria intimamente e às vezes me encolhia. Esta igreja conservadora Não falava muito a respeito do Espírito Santo. Além disso, Não era um nome comum para uma denominação evangélica. Parecia até teologicamente perigoso.

A Igreja como templo de Deus

Agora, compreendo melhor. Paulo leva a sua discussão a respeito do ministério pastoral como edificação da Igreja a uma poderosa conclusão que defende um ponto teológico necessário nos dias atuais. A Igreja, Paulo argumenta, é o templo do Espírito

Santo (1Co 3:16). O edifício que nós, pastores, trabalhamos para construir, de maneira bela e habilidosa — a Igreja de Cristo — é, de fato, a residência do Espírito.

Paulo com freqüência é mal-entendido aqui. Nós geralmente pensamos que ele se refere aos nossos corpos individuais como templos do Espírito. Esse argumento vem depois (1Co 6:19). Aqui, a Igreja é o templo do Espírito. Paulo faz uma analogia com o templo do Antigo Testamento. O vocábulo que ele utiliza para templo, *naos,* tem uma referência especial no Antigo Testamento escrito em grego, a Septuaginta, onde se refere não a todo o complexo do templo, mas ao Lugar Santo, onde Deus habitava. Essa referência especial parece ser o ponto defendido por Paulo nesta poderosa imagem da Igreja.

Na Nova Aliança, a Igreja é o local onde Deus habita por meio da presença do Espírito Santo. O povo de Deus, especialmente quando reunido em adoração, é o Santíssimo Lugar sobre a terra, o local onde o Senhor vem se encontrar com o seu povo. Por isso, Paulo estava tão preocupado a respeito da decência e da ordem nos cultos da congregação, em sua carta (1Co 12 a 14). Quando a igreja adora como deveria, ele escreve, a presença de Deus é tão óbvia que até os visitantes são afetados. Eles cairão de joelhos em arrependimento (14:25). Nem é preciso dizer que precisamos conduzir nossos cultos nessa direção.

Os pastores como sacerdotes no templo de Deus

Paulo defende outro ponto de vista igualmente forte. A obra do ministério, quer seja dos leigos ou dos pastores, não é um assunto sem importância. Como os sacerdotes e os levitas no templo hebreu, todos os dias lidamos com itens santos e trabalhamos no Santíssimo Lugar. A Igreja não é uma organização humana para ser manipulada de acordo com a vontade ou a agenda de alguém. A Noiva de Cristo é o templo de Deus; é onde o Senhor habita na terra. Assim, a presença e o poder do Espírito devem marcar toda a vida da Igreja e cada tarefa do ministério pastoral. Uma vez que cada um de nós é um templo do Espírito Santo e coletivamente formamos o templo de Deus, pastores e líderes devem lidar gentil e cuidadosamente com a Igreja de Cristo. A atitude, o caráter e as técnicas do ministério pastoral têm um ponto de referência e um padrão divinos. Tudo deve ser apropriado à natureza e ao caráter da Igreja como templo do Espírito Santo.

A natureza da Igreja como habitação do Espírito Santo deveria forçar-nos a olhar de maneira diferente para o Espírito como a marca registrada da Igreja. O caráter dela como o templo do Espírito Santo põe em dúvida um ministério orientado por técnicas e elimina a visão contemporânea da Igreja como um pouco mais do que uma organização humana, que existe para atender às necessidades e agendas pessoais.

Uma solene conclusão

Paulo conclui o seu pensamento com uma palavra devastadoramente profética tanto para os líderes da igreja em Corinto como para os do nosso tempo: "Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; pois o santuário de Deus, que sois vós, é sagrado" (1Co 3:17). A. T. Robertson, o grande intérprete batista do Novo Testamento, parafraseia esta passagem assim: "Deus destruirá o destruidor de igrejas".[2] O que ele quer dizer está claro: a divisão em partidos formados em volta de personalidades, por mais maravilhosa, brilhante ou bem-sucedida que a pessoa seja, é essencialmente destrutiva. Desvia do Senhor a visão da congregação e frustra o propósito da Igreja, que é o crescimento para a piedade e o plano de Deus, conforme a capacitação do Espírito Santo. Os membros da congregação precisam tremer diante desta palavra profética.

O inverso também é verdadeiro. Os pastores devem tomar cuidado para não se tornar o centro de especial interesse e poder. Robertson comenta esta passagem: "Temos aqui advertência suficiente para fazer cada pastor parar antes de dividir uma igreja, a fim de defender seus próprios interesses".[3]

Paulo se dá ao luxo de descer do trono em Corinto enquanto, ao mesmo tempo, recupera sua verdadeira autoridade apostólica, que é bíblica e não vem da capacidade pessoal ou liderança capaz, mas do poder do Evangelho e da presença de Cristo na vida do pastor. Essa é uma atitude difícil de se manter, especialmente quando Deus dá ao ministro grandes talentos. Por isso, as Escrituras estão cheias de advertências inequívocas a respeito das conseqüências do orgulho e do poder mal-direcionados. Precisamos repetir muitas vezes: "Glória seja dada a Deus somente" — e sermos sinceros.

Em vez de se dividir em categorias humanas, a Igreja deveria viver e crescer para a unidade do Espírito, que o amor de Cristo estabelece. As agendas humanas e as preferências pessoais

desaparecem por trás deste propósito maior para a Igreja. Os métodos pastorais e as estratégias de liderança devem todas apontar para a edificação da Igreja como o templo do Espírito Santo. Ser Igreja vai muito além do que a visão do nosso tempo, e o ministério pastoral é muito mais sagrado — e perigoso — do que muitos de nós queremos admitir.

ALGUMAS NOTAS A RESPEITO DA TEOLOGIA PASTORAL

A visão que Paulo tinha da Igreja e do seu ministério opera contra as tendências do século passado. Pelo fato de a visão eclesial dele ser apostólica, ela permanece como crítica de nossos métodos pastorais e oferece a todas as gerações um fundamento apropriado para a Igreja e o seu ministério, para qualquer pessoa, denominação ou época.

A obra essencial do pastor

Embora o nosso ministério pastoral envolva uma grande variedade de tarefas e responsabilidades, e o nosso papel na igreja e na comunidade nos ofereça muitas oportunidades de utilizar talentos e habilidades, todo o nosso trabalho é apenas um meio para um fim divino. Nós mesmos somos um meio que o Senhor utiliza para realizar um propósito divino. Deus chama pastores para cultivar ou edificar a Igreja.

Quando cheguei ao local onde atualmente sirvo como pastor, juntei-me a uma linhagem de pastores que serviram ao mesmo fim. Somos todos diferentes e temos ênfases, oportunidades, dons e resultados diversos; mas o nosso alvo é o mesmo. Existimos para edificar o templo do Espírito Santo. Fomos chamados para fazer a Igreja de Cristo crescer.

É fácil confundir os meios e os fins. Todo indivíduo e igreja faz isso. Porém, os resultados podem ser trágicos. Uma congregação na qual servi teve um programa de evangelismo leigo bem-sucedido e muito conhecido. Parece inevitável, os líderes e os participantes desse ministério pensaram que esse era o trabalho mais importante da igreja. As pessoas foram julgadas por sua fidelidade ao programa e outras denominações evangélicas foram avaliadas por sua prontidão em aprender com o nosso programa.

Com o passar do tempo, a finalidade do evangelismo foi substituída pelos meios de um programa particular. Quando este perdeu o gás e não funcionava mais como antigamente, a

discussão foi sempre limitada ao compromisso com este método. Não podíamos falar de evangelismo sem esta fórmula. Ele não podia ser questionado nem mesmo avaliado honestamente. Começaram a buscar os culpados. Os leigos foram acusados de falta de zelo. Os ministros e a liderança foram citados por sua falha em promover e participar do programa. Eu não conseguia levar seus líderes a falar sobre as mudanças ou a implementação de outros meios de evangelismo. Sua lealdade aos meios os cegou. No fim, o programa e o evangelismo fracassaram.

Os pastores também são meios, e não fins. Nos negócios e na igreja longos períodos de posse cegam excelentes líderes. Um dos melhores pastores que conheço ficou em sua comunidade além do limite do tempo estipulado por Deus. A igreja ultrapassou sua capacidade de liderar, e ele se recusou a olhar para a mão que escrevia na parede. Provavelmente, ele pensava que era o fim, e não um meio de Deus. Ele não queria ouvir, mudar ou crescer. O final do episódio foi muito triste. O pior de tudo é que a igreja sofreu terrivelmente.

A verdadeira natureza da Igreja

A discussão de Paulo indica a natureza trinitária da Igreja. Ele se refere a ela como lavoura e edifício de Deus, templo do Espírito Santo e fundamento de Cristo. O significado não poderia ser melhor. A essência da Igreja é a sua própria natureza divina.

No que se refere a integridade, a vida e a obra da Igreja devem dar testemunho da pessoa e do caráter do Deus triúno. Tudo o que fazemos como pastores e líderes na Igreja deve apontar para o desenvolvimento do povo de Deus em uma comunidade que reflita o Senhor e se revele em Jesus. A Igreja sempre carrega em si uma certa transcendência que a torna diferente de seu ambiente. Nós damos testemunho da eternidade em um mundo que permanece de costas para Deus e está apaixonado por si mesmo.

A liderança apostólica pastoral compreende que, embora a Igreja viva encarnacionalmente e se torne propícia para todas as pessoas, a fim de ganhar alguns (1Co 9:22), jamais devemos abandonar o que nos torna relevantes para o mundo — somos a habitação do Deus Todo-poderoso. Ser adequadamente contemporâneo ou relevante não implica que devamos esvaziar nosso culto, nossa pregação ou nosso estilo de vida corporativo do que é divino. Na verdade, para sermos realmente sensíveis aos nossos vizinhos, precisamos tomar posse do transcendente. Quem

mais poderia falar àqueles cujas vidas foram reduzidas ao nada pela impiedade, por causa do vazio do humanismo?

Meu filho com mais de 20 anos me pegou de surpresa um dia destes. Fie está afastado da igreja, à procura do caminho de volta. Ele ama a Deus, mas tem um problema com as denominações. Em nome do Senhor, alguém de uma igreja o feriu profundamente. Mas, ainda assim, ele deseja dar à congregação mais uma oportunidade.

Eu lhe falava sobre uma igreja perto da casa dele e mencionei que ela realizava cultos tradicionais e contemporâneos. Imediatamente ele me disse que não estava interessado em cultos modernos. Ele falou que lhe parecia uma tentativa dos cristãos de serem "amenos". "O cristianismo não é ameno", disse ele. "Ele tem de ser diferente."

Vale a pena pensar nisso. Como pastor comprometido, que lidera formas contemporâneas de ministério, penso nisso bastante. Tradicional ou contemporânea, a verdadeira questão é a presença real do Deus Onipotente.

O papel do pastor cristão

No início, parece que Paulo deprecia o ministério apostólico e pastoral, quando diz que os lavradores e os edificadores nada são, enquanto Deus é tudo em todos (1Co 3:7). Algumas tradições pastorais destacam no apóstolo uma autodepreciação acompanhada de uma visão desvalorizada do ministério. Contudo, não é isso que Paulo defende. Antes, ele combate uma opinião errada e devastadoramente elevada do ministério. Os coríntios admiravam e honravam os líderes por sua capacidade humana. Apoio era o grande orador e Paulo um exímio teólogo. Outros admiravam Pedro, por causa de uma teologia alternativa que alguns lhe atribuíam. A natureza da Igreja e o caráter do ministério não eram considerados. Uma autêntica visão do pastorado flui de uma correta doutrina da Igreja e do caráter de seu Evangelho.

Meu cunhado é construtor e, de vez em quando, me leva para apreciar o seu trabalho. Ele gosta de ver a obra de suas mãos e fica justificadamente orgulhoso de sua arte. Sempre fala como se constrói e como as coisas funcionam. Mas em nenhum momento pensa que é dono das casas que edifica. Elas pertencem àqueles que pagaram por elas. Sua tarefa é construir e ele fica orgulhoso com o trabalho bem executado. Da mesma forma, a Igreja deve ser edificada com grande perícia e cuidado. Nada satisfaz mais que o

ministério que realiza algo nas vidas das pessoas e constrói o edifício vivo de Deus.

Quando olho para trás e contemplo meus 25 anos de ministério, fico orgulhoso do trabalho que realizei. Mas, pela graça de Deus, não penso que alguma coisa ali foi obra minha. Fui o fiel lavrador, que regou o que outros plantaram, enquanto Deus deu o crescimento. Eu não sou dono de nenhuma igreja e não vou deixar que meus lábios enunciem a expressão "minha igreja". Deus é o seu dono, pois Cristo pagou por ela com a sua própria vida, e ela é a residência do Espírito Santo. Deus me escolheu para trabalhar em seu campo, para edificar a sua casa. E isso é tudo.

O perigo que todos nós enfrentamos é a focalização indevida. Os que trabalham para Deus merecem ser honrados. Paulo fala dos seus "direitos" como apóstolo em 1 Coríntios 9; em 1 Tessalonicenses, exige que os crentes honrem os seus líderes: "...que reconheçais os que trabalham entre vós... e vos admoestam. Tratai-os com grande estima e amor, por causa da sua obra" (5:12,13). Como a natureza do Evangelho exige que amemos, respeitemos e honremos uns aos outros, o caráter da igreja exige que os líderes atuem e sejam respeitados e honrados por isso. Mas, infelizmente, ter os nossos pastores em alta estima já não é mais o padrão. Talvez porque toda autoridade e todas as instituições sejam suspeitas na atualidade. De qualquer forma, um tratamento defeituoso deixou os pastores bastante desanimados.

Um homem sábio me disse certa vez que o ministério pastoral é um ambiente de muito trabalho e pouca remuneração. Sinto isso cada vez mais, conforme caminhamos para o início do novo século. Diversos estudos mostram que os pastores, após certo tempo de ministério, têm menos auto-estima do que antes de entrar para a atividade pastoral.

Há pouco tempo eu falava com um líder leigo de uma grande igreja. Ele me perguntou como eu estava e então disse que se preocupava com o seu pastor. Tivemos alguns momentos de confidências a respeito das dificuldades da liderança na igreja, especialmente da solidão dentro dela.

Finalmente, ele disse: "O que devemos fazer pelos nossos pastores, afinal de contas?'[1]. Fiquei surpreso — nunca alguém me havia feito uma pergunta dessas. "Apenas nos amem", respondi. Em todas as expectativas, exigências e pressões da vida da igreja, o que mais falta é o amor. Parece irônico, dada a natureza do Evangelho, concorda?

Suponho que todos nós, pastores, sabemos que somos amados. Se não, pelo menos descobrimos a profundidade do amor, quando pedimos demissão. Algumas pessoas fazem questão de nos dizer que nos amam e dão-nos apoio; mas raramente sentimos uma fonte de encorajamento amoroso que nos sustente no calor da batalha. Veio ao meu pensamento, certo dia, que grande parte do louvor e da honra que recebo da congregação acontece porque sou bom no que faço. Imagino o que aconteceria se, subitamente ficasse gago ou horrivelmente desfigurado. *Viriam para me ouvir? Será que se sentiriam "orgulhosos" do seu pastor? Esperariam que eu tivesse o bom senso de procurar um lugar de menos destaque para servir? Poderia sentir-me feliz e confortável comigo mesmo, se subitamente não fosse mais excelente no que faço, apenas fiel?*

O outro lado da moeda é igual, embora destrutivo de outra maneira. Uma vez que alguns pastores são muito bons em atender às expectativas, trabalhar em alto nível e produzir o que passa por sucesso, recebem notas altas, demonstrações de louvor, até mesmo com momentos de prestígio. Uma vez que este mundo fundamenta-se na realização, os que são excelentes nas tarefas recebem recompensas — humanas, eu acrescentaria.

Talvez seja impossível não ficarmos orgulhosos de maneira errada, por causa das obras de nossas mãos, ou não nos apoiarmos em nossa capacidade para fazer as coisas. Francamente falando, quanto mais sucesso tenho e quanto mais tempo exerço bem o ministério, mais me inclino a depender de minha sabedoria acumulada e de minhas realizações. Foi um imenso choque na primavera de 1995, quando, pela primeira vez em 25 anos, não fui capaz de realizar uma coisa que achava necessária para o futuro da igreja. Eu simplesmente imaginava que a congregação veria a luz, porque eu a via, e seus membros me seguiriam, porque deviam me acompanhar.

Não que o que fazemos e somos não tenha significado. O ministério em si mesmo e fora dele tem um grande significado, porque traz o nome do Senhor. E todos nós temos imenso valor, porque somos filhos de Deus e chamados para ministrar. A dificuldade está no equilíbrio. Às vezes, nós esquecemos que o que somos e temos é um dom e que, portanto, nada do que realizamos possui qualquer significado real independentemente do poder de Deus no Evangelho. O maravilhoso é que o Senhor continua a honrar o Evangelho, mesmo quando tocamos nossa própria trombeta. Isso acontece mediante a graça. Desde o começo até o

fim, é a Igreja de Deus, o Corpo de Cristo, o templo do Espírito. Nós proclamamos o Evangelho de Jesus, não o nosso. G. K. Chesterton disse certa vez: "Os anjos podem voar porque não se sobrecarregam pensando em si mesmos". É uma boa sabedoria para os pastores.

UM POUCO DE SABEDORIA PARA OS MINISTROS

Logo depois que me tornei pastor da Igreja em Park Street, assisti a uma pequena reunião de ministros evangélicos em que John Stott foi o orador. Ele se interessou por mim, por causa de seu prolongado relacionamento com a Igreja em Park Street. Enquanto conversávamos sobre o fardo das igrejas tradicionais e os seus notáveis pastores, ele colocou a sua mão sobre o meu ombro e disse-me gentilmente: "Seja apenas você mesmo, querido irmão". Foi o melhor conselho para mim naquela ocasião, eu penso, e para todos os pastores em qualquer lugar. Contudo, como grandes porções de excelente sabedoria, ser eu mesmo é mais fácil de dizer do que fazer. Requer uma boa medida de autoconhecimento, uma compreensão dos próprios dons e um profundo senso da singularidade da vocação de Deus.

Compreenda seu papel singular e cumpra-o

Conforme já mencionei antes, meu primeiro convite pastoral foi junto ao leito de morte do meu antecessor. Ele viera para essa igreja em particular para se aposentar. Ele dera o melhor de si, mas ficou doente grande parte de seus últimos anos naquela congregação. Morreu depois que eu fui contratado como seu sucessor, mas antes de eu me mudar para a cidade.

O legado desse pastor para mim foi extraordinariamente positivo. Ele fora um bom e meigo ministro e a congregação o amara e cuidara dele em seu declínio físico. Além disso, meu predecessor não era um grande orador, o que fazia a minha pregação parecer melhor do que era na verdade. Sua enfermidade fez a minha juventude parecer mais vigorosa do que era. E meu forte estilo de liderança rapidamente preencheu a lacuna deixada por ele. Eu tinha consciência de que éramos dois pastores diferentes em tudo, inclusive em nossas próprias vocações. Nosso chamado para o ministério e para a referida igreja era o mesmo, mas o papel que nossas vocações específicas exigiram durante os nossos períodos de posse foram muito diferentes. Ao edificar sobre o fundamento de meu predecessor, lancei algumas pedras do

ministério que edificaram essa igreja como a imagem de Deus, conforme revelada em Cristo. Entendi que o Senhor me levara ali a fim de conduzir um bom e maravilhoso grupo do povo de Deus, que estava cansado e voltado para si mesmo, a uma nova direção. Meu ministério e meu chamado específico estavam diretamente relacionados com o trabalho do meu predecessor, o caráter da igreja e minha singularidade como pastor. Nada seria ganho e tudo estaria perdido se eu diminuísse ou desacreditasse o meu predecessor ou o trabalho dele. Eu reguei o que ele plantou, e Deus deu o crescimento.

Ficou claro para mim quando esse capítulo terminou. Levei a igreja até onde podia e entreguei o bastão ao meu sucessor, que ajudei a escolher. Ele levou a igreja a dar outro passo gigantesco em seu crescimento e, quando seu tempo terminou, ele passou o bastão para o seu sucessor, que escreveu um novo capítulo.

Durante o período de pastorado de meu segundo sucessor ali, visitei aquela igreja. Quase dez anos haviam-se passado e Deus escrevia linhas maravilhosas no novo capítulo da vida daquela congregação. Durante um culto, em uma manhã de domingo, o pastor falou um pouco a respeito de sucessão e ministério. Foi ele quem disse: "Eu acho que são necessários três ou quatro pastores para uma igreja ter um ministério completo".

Acho que ele tem razão. Os longos períodos de pastorado certamente têm grandes vantagens, mas uma sucessão sadia pode, de fato, oferecer à igreja um ministério e uma liderança melhor e mais completos. Eu sei que essa igreja ficou melhor por isso. Saber quando o seu tempo terminou é tão importante quanto entender o seu papel e cumpri-lo. Não compreender o momento certo de sair pode causar a destruição de tudo de bom que foi realizado. Um de meus sucessores nessa igreja concorda que ficou além do tempo determinado por Deus e que prejudicou o bom trabalho que todos nós havíamos executado.

Edificar a Igreja de Deus com muito cuidado

Graças a Deus por tudo o que é feito em prol do crescimento das igrejas. Paulo ensinou princípios importantes do comportamento humano e institucional; porém, o que é mais interessante, levou pastores, leigos e teólogos a dar mais uma olhada para a doutrina eclesiástica. Apesar de a retórica ter ficado um pouquinho mais aquecida, a revelação atual do que significa ser e fazer crescer a Igreja é esclarecedora.

Em toda discussão, as definições são cruciais. O desenvolvimento, como Paulo o define, vai muito além do emprego *popular* do *termo na igreja contemporânea.* O crescimento numérico chegou quase até o *status* divino no nosso tempo. As pessoas e os pastores estão demasiadamente preocupados com o tamanho das igrejas ou a rapidez com que elas crescem.

Jamais vou-me esquecer da minha primeira descoberta a respeito do desenvolvimento de uma igreja. Estava com dois pastores amigos meus que mostravam um ao outro seus gráficos de crescimento. Eles o faziam meio de lado, porque a minha congregação não crescia *como* a deles. Parecia que o sucesso ou o fracasso, e certamente o significado, dependia do rápido crescimento. De alguma forma, além de tudo, indicava a bênção de Deus.

Talvez. Mas, o rápido crescimento pode indicar com a mesma facilidade uma programação habilidosa, personalidades atraentes e momento sociológico apropriado, até mesmo satisfação de desejos humanos. "Fácil ganhar, fácil perder" geralmente é a regra das grandes igrejas. Se as pessoas são atraídas por fatores humanos, se afastarão pelo mesmo motivo. Certa vez ouvi Chuck Swindoll afirmar que, se usasse uma gravata feia, poderia perder até trezentas pessoas. Ele não falava sério, mas destacou bem o que queria dizer.

O Novo Testamento, principalmente o livro de 1 Coríntios, adequadamente define o crescimento da igreja, que sempre envolve a movimentação das pessoas em direção à Cristo (1 Co 2:16; Cl 1: 28, 29). Paulo não fala do tamanho; antes elogia as grandes e pequenas igrejas pelo seu caráter semelhante ao de Jesus, por motivos espirituais como o amor, a esperança e a fé. Apenas Deus dá o crescimento e deveríamos ficar contentes com isso.

A linha de partida dos pastores, conforme sabemos e ensinamos, é o objeto de nossa confiança. Apoiamos em nossos dons, habilidades e experiências, ou no Senhor da Igreja? Nossa confiança está nas técnicas ou no Deus vivo? A maior parte do tempo ando nas duas direções. Confio no Senhor mas, ao mesmo tempo, me apóio em meu poder. Paulo renunciou ao que era dele próprio, por mais valor que tivesse, pois preferia o genuíno poder de Deus. Inevitavelmente, os objetos da fé humana falham e, depois caem.

Entenda o poder da sucessão pastoral

Como já disse antes, meu primeiro predecessor foi um pastor fiel e amoroso. Penetrei em um mundo de confiança e afeto, que foi o legado de seu ministério. Minha congregação esperava que eu fosse um homem bom e exercesse um excelente pastorado. Suas expectativas criaram um clima para um ministério poderoso. Até mesmo a enfermidade final de meu predecessor fazia parte desse legado, pois a igreja aprendeu a cuidar de um ministro. Minha energia de jovem era um contraste tão dissonante com seus últimos anos, que criou por si só um grande impulso.

Meu segundo pastorado não podia ser diferente. Substituí um pastor que, por uma variedade de motivos, criou um legado de suspeitas. Seu ato final no pastorado foi liderar um pequeno grupo de membros em uma divisão da igreja. Eles organizaram uma nova congregação na mesma rua. Era uma cidade pequena, e as conseqüências dessa luta foram devastadoras.

Nem é preciso dizer que o capítulo que escrevi na vida dessa congregação foi bem diferente do meu primeiro pastorado. Eu agora estava em um ministério de "cura". Fui enviado a um pequeno grupo de cristãos feridos, desiludidos e zangados. Precisava ouvi-los com muita atenção, tomar cuidado com as palavras e guardar segredo. Necessitava de apoio e, em alguns casos, fracassei. A desconfiança penetrara muito profundamente para ser removida com facilidade. Cinco anos de ministério não apagaram os estragos do pastorado de dois anos de meu predecessor.

Muitas vezes, nesse meu segundo pastorado, aprendi que um predecessor determina grandemente percepções prematuras do novo pastor, especialmente quando houve conflito. Também é verdade que, depois de um longo pastorado, o predecessor se torna o quadro referencial pelo qual o novo pastor é avaliado. O que aconteceu no passado determina *como* e *onde* lideramos e a textura do nosso ministério. Nessa segunda igreja, precisei andar devagar, ser cuidadoso e continuamente reafirmar à congregação que eles tinham valor e eu era digno de confiança. Foi exaustivo, mas valeu a pena. Meu sucessor é um pastor bem-sucedido e está em um longo pastorado. A igreja recuperou um pouco de sua antiga saúde e novamente alcança a comunidade.

Também devo acrescentar que um predecessor pode atrapalhar e até mesmo destruir o ministério de alguém. Conheço uma igreja onde o pastor aposentado luta para desmoralizar o seu sucessor. Ele mora na mesma comunidade, o que não é

recomendável. Discorda da nova direção que a congregação tomou sob a liderança de seu sucessor e intromete-se nos negócios internos da igreja há mais de dois anos. A diretoria eclesiástica já lhe disse que ficasse afastado, mas ele continua a espalhar veneno e solapar seu sucessor, que está profundamente ferido e talvez não sobreviva.

Seja ético e cuidadoso com a sucessão

Um pastor é, afinal, apenas um ministro em uma igreja de Deus. Nós não somos proprietários do povo. Quando nosso tempo termina, devemos honrar nosso sucessor e confiar em que a congregação resolverá com ele seus problemas. Poucas coisas debilitam tanto um ministério como a influência externa, especialmente a de um ex-pastor a quem as pessoas continuam leais.

Aprendi depressa que é bom honrar meus predecessores e sucessores cuidadosamente, monitorando minha atitude para com eles. Tento evitar conversas que sejam negativas e, quando possível, faço elogios. Meu pai me ensinou que, quando deixamos uma igreja, tudo se acabou em relação a ela. A ética pastoral exige que fiquemos de fora do campo de trabalho, quando Deus tem um novo lavrador, a não ser que sejamos convidados a entrar. Jamais realizo qualquer atividade em uma igreja que dirigi, a não ser que seja convidado pelo seu pastor. As convenções regionais deveriam saber isso e reforçar este padrão ético. Digo aos meus amigos que discussões negativas a respeito de uma congregação e de seu pastor estão fora de cogitação. Se realmente amo a Cristo e confio no Senhor, deveria ficar contente em apoiar o ministério de uma igreja e orar pelo seu pastor — apesar de tudo!

Uma palavra final acerca da rivalidade

Um dos aspectos negativos da vida pastoral é a competição entre pastores. Por ser o ministério pastoral assustadoramente masculino, julgo que carregamos nosso espírito competitivo para dentro do trabalho.

Um pastor vizinho me convidou para almoçar um dia e disse-me que queria se encontrar comigo para avaliar nossa competição. Desse momento em diante, por mais que me esforçasse, ele me pareceu mais um rival do que um irmão em Cristo.

Reuniões de pastores costumam parecer-se com uma jaula de gorilas no zoológico, quando os machos fazem manobras continuamente para descobrir qual o mais forte no grupo. Eles batem no peito e de outras formas tentam demonstrar sua bravura. No fim, um sempre prevalece. Nós, pastores, nos reunimos e, por causa de nossa insegurança e do nosso impulso competitivo, fazemos manobras para tomar posição, mostrar nossa força, nos vangloriarmos de nossas realizações e nos medirmos uns aos outros. Gostamos de ouvir histórias a respeito dos companheiros e de suas igrejas. Inclinamo-nos especialmente para as más notícias sobre alguns pastores e suas congregações.

Um amigo meu esteve com um pastor de nossa denominação que não tinha conhecimento de nossa amizade. Ele disse ao meu companheiro que ouvira falar que eu era adepto da Nova Era. Ao escutar isto, meu impulso competitivo entrou em funcionamento, e eu estava pronto para brigar. Mas, ao refletir, e por causa da restrição do Espírito Santo, apenas fiquei triste, pois um irmão que eu nem conhecia dera ouvidos a uma mentira e espalhara uma fofoca. Fiquei mais triste ainda porque ele não averiguou se o rumor era falso ou verdadeiro. Que diferença da imagem de Paulo sobre um só ministério com muitos edificadores que trabalham juntos para construir uma grande casa para Deus! Já é hora de agirmos como um só ministério, concedermos total apoio uns aos outros e nos recusarmos firmemente a participar das tendências de nossos próprios corações para as más notícias.

Precisamos ouvir a advertência profética de Paulo e tremer diante da Palavra de Deus. A Igreja pertence ao Senhor e não a nós. Somos chamados para um ministério único, e juntos edificamos o templo do Espírito Santo. Se alguém destruir a morada de Deus, Ele o condenará. Essa é a Palavra do Senhor.

10. SERVOS E MORDOMOS:

O PODER DA INTEGRIDADE PASTORAL

A vida de um pastor causa desilusões e, muitas vezes, esmaga. Com certeza esvaziei meus ideais pastorais rapidamente. Deveria saber melhor — sou filho de um pastor. Mas, com a arrogância dos jovens e dos fortes, concebi a igreja à imagem do meu curso de eclesiologia no seminário.

EXAMINANDO-NOS

Averiguação da realidade

A liderança de minha primeira congregação, como todas as comissões examinadoras, não me contou a realidade; em vez disso, venderam-me os lados positivos. Comprei a loja inteira! Queria que a igreja fosse como os meus sonhos do seminário. E, naturalmente, também não lhes falei de meus defeitos.

O fim de semana em que me candidatei a ser seu pastor foi um redemoinho maravilhoso de boa vontade, reuniões, sorrisos e bom humor. Adorei. Eles retribuíram o meu amor. Era delicioso, embora não fosse de todo realista.

Um domingo de manhã, preguei com a casa lotada. Eles bebiam cada palavra minha, e empenhei-me com satisfação e grandes esperanças. À noite, os membros reuniram-se e votaram unanimemente em me convidar para ser o seu pastor. Fiquei perplexo. Papai dissera-me que era difícil alguém receber votação

unânime. Voltei de avião a Chicago, mas minha alma parecia voar sozinha, carregada pelas asas do otimismo.

Três meses depois, retornei. O primeiro culto que dirigi foi uma reunião de oração tradicional de quarta-feira. Imaginava que uma multidão de ansiosos membros da igreja viria para aprender e orar. Caprichei em um ensinamento sobre a oração. Aguardei em meu escritório, quase sem respirar por causa da expectativa. *Quem sabe,* eu pensava, *talvez fosse* o *início de um imediato reavivamento!*

Entrei no templo, para me encontrar com minha congregação que me aguardava ansiosamente. Treze pessoas estavam sentadas nas cadeiras. Doze eram senhoras idosas. Senti-me traído. Onde estava a comissão examinadora? Onde se encontrava a igreja lotada, da qual me lembrava tão vivamente? Mais que tudo, lamentava e perguntava onde estava a oração? Aquelas pessoas diziam palavras, mas tinham o som de rotina, de coisa banal e mecânica. E as orações não refletiam a maravilhosa lição que eu acabara de dar. Voltei para casa silencioso e ferido.

Minha primeira reunião de diretoria aconteceu na semana seguinte. Eu jamais participara de uma em toda a minha vida; por isso, realmente não sabia o que aconteceria. Na verdade, não me lembro de uma simples discussão a respeito de reuniões da diretoria ou membros da diretoria nos meus três anos de seminário. Não sabia nem mesmo o suficiente para fazer uma agenda, e nada encontrei nos arquivos da igreja que me ajudasse.

Cheguei primeiro e me sentei, para aguardar nervosamente os membros da diretoria, alguns dos quais ainda não conhecia. Apenas três apareceram, e chegaram juntos. O mais jovem, um senhor de 65 anos de idade, ajudou os outros dois a entrar no recinto. Nenhum deles tinha firmeza nas pernas e já não freqüentavam mais a igreja. Sorri e os cumprimentei. Então, morri por dentro. Não havia muita coisa para se falar. Eles me contaram que um dos diáconos juntara-se a uma seita e já não estava mais na igreja. Conversamos um pouco e encerramos a reunião. Fui para casa naquela noite imaginando a confusão da qual agora eu estava participando.

Na semana seguinte, houve a reunião mensal da tesouraria. Infelizmente, todos apareceram, inclusive os três que não freqüentavam mais a igreja. O presidente tinha uma agenda totalmente sem conteúdo religioso. A discussão parecia áspera. Naquela noite fui para casa amedrontado.

Em seguida, houve a reunião da comissão de educação cristã. A discussão mais prolongada foi se permitiríamos que uma senhora, da seita dos mórmons, ajudasse o seu marido a lecionar em uma classe da Escola Dominical. Eles achavam que essa participação nesta atividade poderia atraí-la à fé cristã. Porém, havia mais — muito mais. Dois oficiais da igreja tinham um caso extraconjugal. Um casal componente do coral me contou que eles costumavam manter os pés acima do assoalho durante o sermão, para lutar contra a ressaca e permanecer acordados. Havia ainda os inevitáveis rancores encruados e feridas comuns na vida de uma pequena cidade — ou em qualquer comunidade eclesiástica.

Eu fui muito feliz. Os obreiros não eram elementos típicos do âmago da igreja. Nenhum deles me manipulou, a *congregação gostava* de mim e o Espírito *Santo* me assistiu poderosamente. Pessoas converteram-se e vidas foram transformadas, inclusive o casal que tinha um caso; e as pessoas da cidade perceberam.

Mas, no meio da bênção de Deus, a natureza humana levantou a sua voz. Diversas pessoas vieram partilhar suas "preocupações". Aprendi que essa palavra costuma significar crítica a caminho! Alguns não tinham certeza se eu era cheio do Espírito Santo. Um grupo declarou total apoio, mas exigiu que mudássemos o estilo de música. Outro disse que, se a mudássemos, iria embora. Alguns achavam que alguém me controlava; outros diziam que um grupo de pessoas tinha domínio sobre mim. Um afirmou que eu pregava alto demais; outro se queixou que *não* conseguia me ouvir. Uma senhora que primeiro me apoiou concluiu que eu odiava as mulheres e privou-me de sua bênção.

Eu não conseguia acreditar. A igreja estava em plena transformação. Nós tínhamos o salão lotado todos os domingos. O círculo de oração era bem freqüentado e dinâmico. As pessoas na comunidade estavam-se convertendo. Mas alguns dos que se declaravam os mais espirituais nada conseguiam enxergar senão as coisas negativas. Minha humanidade dava pontapés com toda força. Registrei em meu diário:

Assim é este pastorado. Durante três anos, vivi em um mundo de sonhos. Agora vejo a realidade. Ouço que alguns se ressentem porque os L. me idolatram. Outros Não querem que passemos tempo com os P. Alguns oram por mim, porque meus sermões são muito chatos. C. declarou-me que sou uma pessoa "dura", desprovida de compaixão. K. falou que, por minha causa,

nunca mais vai colocar os pés na igreja. L. disse que sufoco o Espírito Santo. Este é o meu ministério? Para ser mal-entendido, depreciado, ficar sozinho, ser mal-interpretado, sem esperança de retratação? Este é um negócio doloroso, solitário. O que posso fazer?

Às vezes, preferia o passado, quando a igreja estava morta e tudo não passava de agradável rotina religiosa.

Uma questão de integridade

Apesar da autopiedade em meu diário, descobri uma coisa. O ministério pastoral é a estranha combinação de ser amado e desprezado, aceito e criticado, seguido e rejeitado. É parte entusiasmo, parte depressão. Satisfação calma misturada com descontentamento destrutivo. Muita afeição e, às vezes, até ira. É o poder do Evangelho e a fraqueza da humanidade, tudo envolto em uma só experiência.

A desilusão pastoral é filha da deslealdade. Vivemos e trabalhamos no Corpo vivo de Cristo, uma comunidade nascida do Evangelho que, por sua natureza, é chamada para demonstrar o amor, a graça e a santidade que marcam o Evangelho de Jesus. A igreja é o meio pelo qual o Senhor mostra o seu caráter ao mundo. Portanto, esta virtude divina é essencial à vida da Igreja de Cristo. E ali jaz o problema.

Uma vez que apresenta o caráter inequívoco da humanidade, a Igreja carece muito de seu Senhor. As pessoas que deveriam saber mais substituem a retidão necessária ao Evangelho por pequenas formas humanas de religião. Os pastores são totalmente humanos e também carregam o peso da queda. Esta humanidade universal faz parte do fardo de alegria do ministério. O que é essencial à Igreja, o caráter de Deus e o Evangelho de Cristo, não é natural nos seres humanos decaídos. A falha entre a nossa profissão e a realidade desafia a integridade da igreja e do ministério.

O capítulo 5 de Gálatas descreve o caráter da humanidade em contraste com a obra do Espírito Santo. É notável e freqüentemente ignorado que o pecado e a retidão nesse texto estão muito relacionados. Quando a Igreja falha em seu relacionamentos, o local do pecado original em seu meio, isso machuca profundamente. Alguns cristãos e denominações reforçam vigorosamente a doutrina correta, mas deixam livres a amargura, a hostilidade e a fofoca. Isso é fracasso no nível mais

básico: o grande mandamento (Jo 13:34,35). A falta de amor destrói os pastores e suas famílias, mas também destrói a igreja. As pessoas por quem Cristo morreu parecem menos importantes do que interesses insignificantes. Valores institucionais regularmente parecem derrotar os do Evangelho. Esta traição não apenas desfigura a Igreja de Cristo, mas frustra o progresso do Evangelho. Esse não é um assunto sem importância. É, na realidade, uma questão de integridade.

O inverso é igual e profundamente verdadeiro: os pastores regularmente desiludem as congregações. Nossa deslealdade à Palavra que pregamos, por meio de atos e atitudes, destrói as pessoas pelas quais Cristo morreu. Essa traição é, muitas vezes, uma tragédia que chamamos de fracasso moral. Meu pai pastoreou uma igreja onde um de seus predecessores fugiu com uma senhora da igreja. Vinte cinco anos depois, as conseqüências ainda permaneciam.

Nossa traição é muito sutil, mas igualmente destrutiva. A arrogância e outras formas de orgulho solapam a obra de Deus. Meu sogro, um líder e oficial da igreja há muito tempo, ajuda-me a ver as coisas do outro lado da vida da igreja. Uma vez, ele observou que os pastores agiam como se fossem infalíveis. Talvez exagerasse, mas, se não tomarmos cuidado, daremos a impressão de que apenas nós conhecemos a vontade de Deus para a congregação.

Integridade pastoral

O poder suscita grande capacidade de corrupção. A vida pastoral envolve autoridade. Os pastores têm o poder organizacional, pessoal, espiritual e financeiro — o poder da confiança, do ofício e das almas.

Abuso de poder é o mais básico de todos os males, e ele jaz no coração do fracasso pastoral. O antídoto é o fundamental valor cristão da submissão. Todo pastor necessita estar submisso não apenas a Deus, mas também à Igreja de Cristo. Um corpo dentro da congregação precisa zelar por nossas almas. As denominações deveriam gastar menos tempo tratando de assuntos organizacionais e mais tempo pastoreando os pastores. E muitos precisam fazer amizade com outros ministros de fora da congregação, a fim de que sejam auxiliados nas difíceis questões de suas vidas e sua fé. Por uma questão de integridade, nossas existências devem combinar com o Evangelho que proclamamos,

exatamente como a vida interior da congregação deve refletir o caráter de Cristo.

No passado, quando enfrentei pela primeira vez o muro da desilusão, lembrei-me de procurar nas obras de Paulo uma palavra que me encorajasse a enfrentar a montanha russa de minha vida, repleta de altos e baixos. Certamente não queria entregar o meu espírito ao cinismo e desenvolver um coração amargo dentro de mim. Eu vira isso acontecer com outros companheiros de ministério, e isso me assustava. Voltei-me para as cartas aos coríntios, pois sabia que a experiência do apóstolo com eles era muito pior do que qualquer coisa que eu enfrentara. E, com certeza, Paulo sentiu todos os altos e baixos que eu experimentei. No capítulo 4 da primeira carta, depois de um longo discurso sobre o que significa o ministério apostólico, ele diz que era injuriado, caluniado e perseguido. Considerava-se "o lixo deste mundo, e como a escória de todos" (v. 13). Meu diário nunca refletiu tal intensidade.

Paulo lidou bem com a sua própria desilusão. Ele disse: "Quando somos injuriados, bendizemos; quando somos perseguidos, sofremos; quando somos difamados, consolamos" (w.12,13). Aparentemente, o apóstolo era capaz de oferecer a outra face do rosto, quando estava sob o senhorio de Cristo. Sua submissão a Jesus estabeleceu um triunfo em seu coração. Seu remédio para a desilusão dos pastores e das igrejas é uma palavra adequada para o nosso tempo. Os ministros do Evangelho por vezes sentem-se traídos por sua educação no seminário, pelos oficiais da denominação e por suas congregações. Os leigos, jovens e velhos, sentem a traição por toda parte, até mesmo dentro da igreja.

A desilusão é uma oportunidade para a integridade. Outra dupla metáfora paulina ajudará os pastores de hoje na luta pela integridade. Paulo disse à igreja em Corinto que o considerasse e aos seus colegas ministros como "servos de Cristo, e mordomos dos mistérios de Deus" (1Co 4:1, minha paráfrase).

SERVOS DE CRISTO

O pastor de certa igreja enfrentava uma grande luta. Embora sempre fosse bem-sucedido em outros locais, as coisas não iam bem em sua nova igreja. Na verdade, havia rumores de que ele seria demitido. Eu e um pastor amigo o levamos para almoçar, a fim de lhe dar um conselho. Nós dois ficamos pasmados

com a sua notável calma e aparente autoconfiança. O grande ataque aos seus dons e estilo não pareciam tê-lo abalado de maneira alguma. O motivo, ele disse, era um senso inabalável de que Deus o havia chamado para aquela igreja.

Eu e meu amigo conversamos depois. Concordamos que éramos diferentes. Sob ataque, questionávamos tudo, inclusive nossa vocação para o ministério pastoral. Desde então, freqüentemente tento imaginar de onde vinha o calmo senso de chamado daquele homem, especialmente porque a igreja o mandara embora!

Paulo também ficava notavelmente calmo sob os ataques. A igreja em Corinto não gostava de sua aparência, de sua pregação, de seu estilo (2Co 10:10; 11:5,12). Sob todas as críticas, havia uma desconfiança das motivações do apóstolo. Eles duvidavam de sua integridade (1:15-2.4), e Paulo questionava a deles (11:1-15). Mas em 1 Coríntios 3 e 4, ele está muito seguro de si. Sua identidade pastoral é certa, apesar dos ataques. No capítulo 4:1-5, ele usa a dupla imagem do servo e mordomo para revelar o caráter de seu ministério e dele próprio.

O vocábulo servo

Paulo com freqüência refere-se a si mesmo como "servo" *(diakonos)* ou "escravo" *(doulos)* de Cristo. Ambos os termos são generalizados para servo. Os dois vocábulos utilizados em 1 Coríntios 4:1, *huperetes* ("servo") e *oikonomos* ("mordomo", ou como a NVI a traduz, "encarregados"), dão conteúdo específico à idéia do serviço pastoral.

O termo *huperetes* é relativamente raro no Novo Testamento, mas comum no grego popular. Com muita freqüência, fica mal-entendido na pregação ou no ensino popular. Com base na etimologia, o termo geralmente é ligado ao escravo das galés greco-romanas que remavam no navio de seu senhor. Literalmente, a palavra significa "remador subalterno". A imagem transmitida é de humildade e servidão,

Contudo, no uso comum, a palavra significava uma coisa totalmente diferente.[1] O termo descrevia alguém comissionado a falar e executar as ordens de outro. Na literatura grega, Hermes e os profetas de Delfos, em seu papel de porta-vozes de Zeus e Apoio, são chamados de *huperetai.* Os filósofos cínicos e pitagóricos também eram *huperetoi* que serviam como porta-vozes para a maior autoridade de sua filosofia. Um médico-assistente era um

huperetes que tratava os pacientes em nome de e sob as ordens do médico titular. A literatura judaica helenista fornece um exemplo ainda mais explícito deste vocábulo. O historiador Josefo descreve Moisés como o *huperetes* de Deus, que levou Israel à Terra Prometida.

O Novo Testamento utiliza este termo de forma semelhante. Nos evangelhos, *huperetes* é utilizado para descrever alguém que transmite os editais de uma corte legal (Mt 5:25). Em Atos, João Marcos é *huperetes* de Paulo e Barnabé, ou assistente deles. Em todos os casos, o *huperetes* presta um serviço, quando executa a vontade de outra pessoa. Em 1 Coríntios 4:1, o apóstolo explica com esta palavra o papel pastoral executado por ele mesmo e por Apoio. Paulo, um apóstolo, e Apoio, um pastor, ambos eram *huperetai* de Cristo. Eles representam e falam pelo Senhor. São assistentes do Filho de Deus na Igreja. Não falam nem agem em seu próprio nome, mas no de Jesus.

O líder pastoral como servo

Paulo utiliza a imagem do servo para se defender contra os ataques. À vista da rejeição dos coríntios, eles precisavam conhecer alguns fatos básicos da vida pastoral. Primeiramente o apóstolo prestava contas a Cristo, não a eles. Observe com que força ele completa o quadro em 1 Coríntios 4:3-5 (a paráfrase é minha):

Não serei julgado por vocês. Não trabalho para vocês. Sou ajudante de Cristo. Se não gostam de minha liderança ou de minha mensagem, *vocês* têm um problema! Sou agente e porta-voz de Cristo, Não de vocês. Além disso, o que o mundo observador pensa de minha pessoa e ofício também é um assunto que não me interessa. Não presto contas à opinião pública. Na verdade, nem mesmo me julgo! A única avaliação acertada de qualquer coisa vem de Cristo e de sua Palavra. Não posso confiar na opinião de vocês, na opinião pública ou na minha própria opinião.

Isso não é anarquia profissional. Paulo não alardeia arrogantemente a sua independência apostólica da autoridade exterior; ele era profundamente submisso a Cristo. Toda opinião humana, inclusive a sua própria, ele escreve, fica diante desse solene tribunal. O apóstolo também era submisso à tradição apostólica que ensinou às igrejas. A primeira epístola aos Coríntios,

particularmente, é um chamado para a igreja prestar atenção a essa tradição autorizada (11:16,23; 15:3).

Essa imagem e seu contexto não devem também incentivar os pastores a desafiar a autoridade da igreja local ou da denominação. Submissão mútua e prestação de contas sob o senhorio de Cristo são controles necessários da tendência humana de servir aos seus próprios fins pessoais.

Contudo, este quadro oferece um profundo senso de identidade e integridade pastoral. Paulo sabia quem era, e compreendia que sua consciência estava limpa. Mais importante ainda, toda a questão estava sob o poderio de Cristo. A igreja em Corinto tinha aparentemente fugido dessa autoridade, a fim de servir a seus próprios interesses. O apóstolo traz a igreja de volta aos seus princípios iniciais.

A correção de uma auto-imagem pastoral defeituosa acontece por meio daquele a quem servimos. Focalizar o Senhor que nos chama para o ministério também deveria aquietar grande parte do descontentamento dentro da igreja, de um modo geral.

"Lembrem-se de quem são"

Há alguns anos, um pequeno mas ousado grupo da igreja resolveu demitir-me da função pastoral. Nunca soube quantos havia no grupo, uma vez que o segredo era a chave de suas manobras. E nunca realmente entendi quais eram os motivos, embora soubesse que eles não gostavam do meu estilo e da minha liderança. Alguns até mesmo duvidavam de minha fé cristã. Eles se recusaram a falar abertamente ou a se identificar. Apenas sei que alguns porta-vozes me disseram que representavam "muitos" membros preocupados. (Mais tarde, aprendi que é preciso perguntar os nomes e o número exato, uma vez que os críticos raramente passam de um punhado e não devem ser levados a sério, se não quiserem falar publicamente.)

Fiquei literalmente doente. Lembro-me de que estava sentado na varanda da casa de um obreiro e conversávamos a respeito disso com um grupo de diáconos. Eu tremia todo e minha voz embargava, enquanto tentava falar. A diretoria deu-me apoio unanimemente, a congregação confirmou tal apoio e esses diáconos haviam-se reunido para me encorajar; mas, no calor da batalha, o seu apoio era pequeno para mim. Uma vez que a rejeição me pegara de surpresa, no meio de um período pastoral bom sob todos os aspectos, fiquei bastante abalado.

Sentia-me horrível e desprezado. O instinto pastoral de preocupar-me profundamente começou a me obcecar. Acontece muitas vezes. Quanto mais nos preocupamos, mais a rejeição machuca. É assim que acontece com o amor. Os pastores têm grandes corações, e esse profundo afeto parece criar uma pele fina. Eu estava pronto para fazer as malas. Sabia que havia chegado no fundo do poço quando uma tarde dei por mim diante dos anúncios de "precisa-se", para encontrar outro meio de vida.

Meu retorno à tranqüilidade incluiu uma conversa telefônica com meu pai, que trilhara o caminho da rejeição mais de uma vez. Seu conselho foi sábio e enraizado na autocompreensão pastoral de Paulo.

"Lembre-se de quem você é", ele disse. "Você é o pastor aí, até que Deus o tire. Aja assim!" Ele não disse que eu deveria ser teimoso, arrogante ou insubmisso à autoridade. Ele quis dizer que eu devia lembrar para quem trabalhava. A realidade cristológica é estonteante. Eu não devia murchar com autopiedade ou me retrair para dentro de mim mesmo, pois a natureza do chamado pastoral exigia autoconfiança nascida de minha identidade como ajudante de Cristo.

A exortação de meu pai foi simples, mas difícil de ser colocada em prática. Em vez de seguir a tendência natural de ganhar confiança com as nossas próprias realizações, precisamos entender que todos os nossos dons e aptidões repousam sobre o fundamento da pessoa, das palavras e da obra de Cristo. Se eu receber minhas ordens dele e falar a sua verdade, nenhum tribunal humano será essencialmente relevante. A integridade pastoral está fundamentada em nosso relacionamento com Aquele que nos vocaciona.

Se não formos controlados pelo senhorio de Cristo, essa pode ser uma imagem perigosa. Não devemos utilizá-la para justificar a estupidez, os erros, dizer coisas erradas ou liderar prejudicialmente. Podemos estar totalmente equivocados e a congregação, certa. Naquela tarde, na varanda, ouvi dois homens em quem eu confiava. Sua sabedoria dava apoio ao senhorio de Cristo. Como irmãos e presbíteros da igreja, éramos responsáveis uns pelos outros. Eles confirmaram o que eu sabia ser verdade: Deus me chamara para ser o porta-voz de Cristo naquele lugar. Eu precisava agir como tal. Meu chamado me obrigava a permanecer diante da igreja em nome e no poder do Senhor Jesus.

Há alguns anos, encontrei uma citação de C. H. Spurgeon, que emoldurei e pendurei na parede junto à minha mesa de trabalho. Ouça o seu firme senso de ser um homem de Cristo:

Tenho lutado, com todas as minhas forças, para obter a posição da completa independência de rodos os homens. Tenho descoberto, às vezes, que, quando fui muito elogiado, se o meu coração cedeu um pouquinho, e prestei atenção às lisonjas, e fiquei satisfeito, na próxima vez em que fui censurado e maltratado senti a censura e a maldade muito profundamente, pois o próprio fato de ter aceitado o elogio me deixou mais sensível à censura. Por isso, tenho tentado ultimamente não me importar com o louvor do homem mais do que com sua censura, mas simplesmente repousar sobre esta verdade — sei que tenho uma motivação pura no que tento fazer; estou consciente de que me empenho em servir a Deus com vistas apenas à sua glória; portanto, não preciso receber o louvor nem a censura do homem, mas permanecer independentemente sobre a rocha do fazer o que é certo.

Lembre-se de quem é o Senhor

Qualquer teologia ou prática pastoral com integridade bíblica será cristologicamente centralizada. Isso não é simples proposição teológica. A presença e o poder de Cristo formam o coração e a alma da Igreja. A própria força da vida do cristianismo em suas formas individual e corporativa é a presença real de Jesus. A liderança na igreja, leiga ou ministerial, recebe sua identidade e suas orientações de seu Senhor.

Gordon Fee lembra-nos que 1 Coríntios 3 e 4 não é apenas um trecho profundamente cristológico, mas igualmente escatológico.[2] A escatologia apostólica significava muito mais do que a focalização dos tempos do fim. Paulo e a igreja primitiva viviam na poderosa consciência de que para os cristãos o futuro está garantido, por causa do passado. A morte e a ressurreição de Cristo introduziram a nova época do Espírito Santo. O futuro está ancorado na obra de Deus realizada no passado. Portanto, o presente, apesar de suas dificuldades, está garantido por esse futuro. Ou, como Paulo o expõe em outra passagem, "aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Cristo Jesus" (Fp 1:6).

Confiar em Cristo é, por sua própria natureza, ter esperança. Descansar na obra de Jesus é, ao mesmo tempo, a firme confiança de que a morte e a ressurreição de Cristo determinam toda a

história humana. Em um mundo sem esperança, por trás dos próprios sonhos que se desvanecem, a mensagem que pregamos é realmente poderosa. E, se a proclamamos, temos de ser formados por ela. Nós, que nos levantamos no nome do Senhor do universo, sabemos quem é o Senhor da Igreja. Apesar das aparências, Deus Não completou sequer uma igreja. Ele faz tudo funcionar para o nosso bem e sua glória. Não nos atrevemos a viver por qualquer outra visão além do senhorio de Cristo. Nem a congregação deve servir a qualquer outra visão. A esperança é quem somos e como vivemos.

Esse mesmo senhorio determina nosso trabalho e forma a nossa integridade — pelo menos deveria. Não estamos abandonados aos nossos próprios expedientes. Contra os principados e as potestades aliados às muitas realidades humanas que nos fazem chorar, falamos em nome de um Senhor que triunfará em nós, na Igreja e na História.

Conversei com um leigo que simplesmente Não conseguia encontrar uma solução para o seu problema. Suas circunstâncias no lar e no trabalho o mantinham espiritualmente abalado, e ele não conseguia crescer na fé. Por isso, desejava saber o que fazer.

Mesmo confuso, procurei desesperadamente em meu arquivo mental encontrar uma palavra de esperança. Finalmente, disse: "Harold, você é um homem que Cristo ressuscitou dos mortos. Aja como tal!".

Fiquei admirado com a sua resposta: "Muito bem![1]'. Fiquei ainda mais satisfeito quando sua vida começou a mudar. O que eu realmente havia dito era: "Viva na fé daquele que o reivindica para si".

Os pastores cristãos são servos do Deus Altíssimo. Nós carregamos e proclamamos o nome do Senhor Jesus. Agora, aja como tal! Acredite no que você diz crer!

MORDOMOS DE DEUS

Paulo novamente altera as metáforas para enriquecer a descrição de seu ministério pastoral. Ele queria que os cristãos em Corinto vissem o seu pastor de maneira diferente. O apóstolo chama Apoio e ele mesmo de "mordomos" (gr. *oikonomos).*

Mordomos na Bíblia

Em ambos os testamentos, mordomo é uma pessoa a quem foi confiada a gerência da riqueza de outra pessoa. Comumente, no

mundo antigo, os mordomos eram escravos domésticos que gerenciavam toda a propriedade. José, por exemplo, era mordomo de Potifar. Ele era responsável pela gerência de tudo o que seu senhor possuía. A responsabilidade de José era tão completa que Potifar não se preocupava com coisa alguma, exceto comer (Gn 39:4,6). A única pessoa da casa que não ficava sob a autoridade de José era a esposa de Potifar (v. 9). O jovem hebreu era o encarregado dos outros escravos, das finanças do estado, dos negócios de Potifar e da administração de toda a casa. Como resultado da sábia mordomia de José e da bênção de Deus sobre a casa de Potifar por causa daquele servo (v. 5), a riqueza de Potifar aumentou e sua casa foi bem gerenciada — exceto por sua esposa! Nem é preciso dizer que poucos cidadãos eram mais importantes na cultura antiga que os mordomos, pois formavam a estrutura administrativa da sociedade. Eles dirigiam a riqueza das nações e supervisionavam as prósperas casas que sustentavam a civilização. No Novo Testamento, o papel dos mordomos era o mesmo. A parábola do chamado Mordomo Injusto é um exemplo disso (Lc 16:1-18). Na verdade, ele não era propriamente injusto (observe que a NVI a chama de parábola do "Administrador Astuto"). A parábola parece estranha aos nossos ouvidos. Um mordomo foi acusado de administrar mal, e o seu senhor o chamou para o acerto de contas. Ele rapidamente avaliou a situação e fez planos para sobreviver, caso perdesse seu emprego. Seus atos parecem indicar que ele era um mordomo pobre em busca de um novo emprego. Convocou os devedores de seu senhor e ofereceu-lhes negócios que eles não poderiam recusar. Ele cortou a dívida de um pela metade e ofereceu a outro uma redução de 20%. Todos os devedores de seu senhor receberam ofertas que não podiam recusar. Aquele patrão soube dos arranjos do mordomo e, surpreendentemente — nós achamos — elogiou o seu servo desonesto, por seus astutos arranjos.

Os intérpretes ficam confusos com o que parece ser uma justificativa de Jesus para a desonestidade. Contudo, esta atitude do mordomo está mais ligada às suas ações anteriores do que aos acordos que fez. Como J. Duncan Derrett destaca, as leis operacionais que regulamentavam o comportamento dos mordomos davam-lhes privilégios e poderes quase absolutos. Eles, como agentes, podiam fazer e cancelar dívidas, independentemente do conhecimento do proprietário. Estipulavam juros e combinavam pagamentos. A autoridade do mordomo era tão grande, que suas

decisões ficavam legalmente atribuídas ao seu senhor.[3] Assim, o mordomo na parábola de Jesus agiu totalmente de acordo com os seus direitos de mudar juros e cancelar dívidas. Ele se utilizava de seus atributos para melhorar sua própria posição. Ele Não foi injusto nem fez algo ilegal nesse aspecto de sua mordomia. O elogio de sua esperteza pelo seu senhor provavelmente foi uma repreensão, por não fazer prosperar a fortuna da propriedade de maneira semelhante.

Uma qualidade necessária aos mordomos

A principal qualidade do mordomo na parábola de Jesus é o seu crédito de confiança. Os que são confiáveis no pouco, que são espertos como o mordomo na parábola, serão confiáveis no muito (Lc 16.10). O mordomo dirigia toda a propriedade, administrava escravos, supervisionava a educação dos filhos do senhor e controlava cada entrada e saída de dinheiro e os investimentos da família. Ele estava encarregado do capital e das pessoas. Ele era o homem mais importante da casa, depois do seu senhor. Portanto, tinha de ser digno de confiança. Muita coisa estava em jogo para o mordomo, para que ele não fosse um homem íntegro.

Paulo defende os dois lados da metáfora. Os mordomos têm enormes privilégios; portanto, devem ser dignos de confiança. A eternidade está em jogo.

O PASTOR COMO MORDOMO

A metáfora do mordomo talvez fosse mais poderosa para os primeiros leitores de Paulo do que para nós. *Oikanomos,* ou mordomo, faz parte de um grupo de palavras que os autores do Novo Testamento usam com freqüência para descrever a Igreja e a economia de Deus. O vocábulo que deu origem ao grupo é *oikos.* Geralmente traduzido por "casa", o termo significa muito mais do que essa palavra em português. Uma tradução melhor seria "família". Significa uma família mais extensa, até mesmo um clã, incluindo os escravos e os servos.

Paulo chamava a Igreja de "casa de Deus" *(oikeioi tou theou),* pessoas criadas juntas, no templo do Espírito Santo (Ef 2:19-22). A Igreja de Cristo é uma família estendida de Deus. Mais que isso, toda a história humana está sob a mordomia *(oikonomian)* do Todo-poderoso e dirige-se para a sua consumação em Cristo (Ef 1:9,10).

Não é de admirar que Paulo diga ser a mordomia dos apóstolos e dos pastores o gerenciamento de um mistério (1Co 4:1).

Como submordomos do Senhor, fazemos pane do drama dos séculos, conforme lideramos o povo de Deus para o seu futuro em Jesus Cristo. Esse é o mistério das sementes pastorais que plantamos e às quais o Senhor dá o crescimento (3:6). Nós trabalhamos, e Deus edifica sua casa (3:10-14). Nós pregamos a mensagem considerada loucura pela modernidade, mas que é a sabedoria divina para as mulheres, os homens e as crianças que receberam ouvidos pelo Espírito (2:6-10). Falamos em fraqueza que se transforma em poder de Deus (1:18). Enquanto isso, o Senhor toma pessoas comuns como nós mesmos e as nossas congregações e edifica uma casa para o seu Espírito (1:25-30). Isso é realmente um mistério!

Em Efésios 3, Paulo amplia o conceito dos mistérios de Deus, para incluir todo o empreendimento do ministério do Evangelho. Oculto durante séculos, este mistério agora é revelado na Igreja, o que inclui gente de todas as línguas, tribos e nações. O apóstolo era um mordomo deste mistério que levava o progresso do Evangelho para o Ocidente, através do mundo mediterrâneo. Apoio era um mordomo desse mistério em Corinto.

A obra do ministério cristão é o gerenciamento de um mistério. Deus coloca os seus pastores na responsabilidade de suas propriedades aqui na terra. A riqueza da eternidade, o poder do reino, a grande responsabilidade de vidas humanas e os próprios oráculos de Deus que se encontram nas Escrituras Sagradas nos são confiados para investimentos sábios. Não nos admiramos de que os mordomos devam *ser* dignos de confiança (1Co 4:2).

O formato da mordomia pastoral

A metáfora de Paulo sobre o mordomo refere-se também à desilusão da Igreja e seu ministério. Ela deve reajustar sua perspectiva, pois com demasiada freqüência tenta colocar os pastores em um molde de expectativas estranhas ao espírito das Escrituras, da história da Igreja e da vocação de Cristo.

Expectativas de competição. *Depois de passar mais ou* menos um ano com a minha primeira congregação, a mãe de uma adolescente disse-me que tinha realinhado suas expectativas em relação a mim. Ela estava na comissão examinadora que me havia chamado e confessava que desejara um pastor jovem como eu,

porque os adolescentes precisavam de alguém com quem pudessem identificar-se.

Embora nada houvesse de errado em desejar um pastor que ministrasse aos jovens da igreja, as expectativas daquela senhora foram uma séria distorção das realidades pastorais. É interessante que a comissão examinadora nunca trouxesse à tona esse assunto em nossas conversas. Portanto, como acontece muitas vezes, as expectativas pelas quais eu seria julgado não foram reveladas. Soube delas quando quebrei o molde.

Mais importante ainda, minha vocação para o ministério pastoral e meu chamado para essa congregação era muito maior do que o ministério para um grupo específico na igreja. Fui para cuidar da alma de todos, sem distinção. Pela graça de Deus, essa mãe aprendeu a verdade maior e me agradeceu por isso.

Anos mais tarde, eu estava em um grupo de pastores que conversavam sobre os cultos tradicionais da noite. O consenso era que o de domingo não havia servido bem ao seu propósito e precisava de reformas substanciais ou um "funeral" decente. Falamos a respeito de algumas opções e sobre as experiências daqueles que haviam mudado ou acabado com culto da noite. Depois de algum tempo, um dos pastores fez um comentário que mudou a discussão. Ele disse: "Estou incomodado com esta discussão. Deus me chamou para ser um professor na igreja. O tipo de reformas das quais falamos acabam com uma parte significativa do que Deus me chamou para fazer".

Acho que meu amigo estava errado em sua análise, mas correto em seu senso de identidade. Talvez haja, de fato, meios melhores de ensinar à igreja do que o tradicional culto de domingo à noite. Não obstante, ele estava certo em uma coisa: avaliava as discussões do ministério à luz de seu senso de chamado. Como mordomo da Palavra de Deus, recusou-se a ser forçado a aceitar um molde de ministério estranho à sua vocação.

Formato adequado para o ministério. Paulo queria que a igreja em Corinto soubesse que tinha uma visão distorcida do ministério (1Co 4:1). Eles desejavam eloqüência, estilo e liderança de padrão elevado. Fizeram um molde humano, o qual o apóstolo não aceitou. Por isso, não atendeu às expectativas deles. Em resposta, defendeu o seu estilo, bem como o de Apoio, muito diferente se definirmos o ministério pastoral em termos do Evangelho de Cristo.

Expectativas adequadas podem ser substancialmente diferentes do que desejam algumas pessoas na congregação. Por exemplo, Paulo lembra à igreja em Corinto que a poderosa espiritualidade junto com a liderança carismática não validam necessariamente o ministério da mesma forma. Se a eloqüência e o poder espiritual não forem acompanhados de amor, ele escreve, o resultado não passará de barulho. O sucesso financeiro e a capacidade de liderança sem o amor é igual a zero (1Co 13:1-3).

Paulo expõe o amor de maneira brusca em 1 Timóteo 1:5, onde ele resume o ministério do ensino: "Ora, o intuito deste mandamento é o amor que procede de um coração puro, de uma boa consciência, cie uma fé não fingida". A linha fundamental do pastorado é simplesmente o fruto comportamental que apenas o Evangelho produz. O ministério genuíno das boas novas de salvação cria o fruto do Evangelho. Essa deveria ser a expectativa das congregações para conosco e nosso ministério. Meu amigo, que mede o seu ministério por sua vocação para ensinar a igreja, precisa acrescentar um ponto importante: o ministério do ensino, como qualquer outra forma de trabalho, é um meio para um fim evangélico.

Muita desilusão com os pastores (e talvez não poucos), por parte do rebanho, desapareceria se a igreja mudasse o seu molde de expectativas pastorais. Contudo, os ministros do Evangelho precisam também de uma averiguação da integridade. Precisamos admitir que o comportamento de alguns líderes da igreja envergonharam o seu rebanho e despertaram suspeitas contra todos nós. Precisamos confessar que carecemos da glória de Deus e da integridade exigida dos mordomos dos mistérios divinos. Os que ainda estão de pé prestem atenção e humildemente se arrependam diante de Deus e do nosso povo, antes que caiam de uma vez.

A integridade dos mordomos de Deus

O Senhor nos confiou a administração de sua propriedade. Todos os dias moldamos vidas de pessoas e o caráter da igreja, enquanto gerenciamos a obra de Deus na Terra. Deixamos nossas marcas indeléveis sobre toda a igreja (veja capítulo 7, "Os Secretários de Deus"). O ministério relaxado, negligente ou frio trai o caráter de nosso trabalho e está carente de integridade.

Repetidas vezes digo aos nossos seminaristas que tomem muito cuidado no momento de dirigir o culto. Quando as pessoas

se reúnem na presença de Cristo e abrem suas almas diante do Deus vivo, elas são muito vulneráveis. Portanto, é necessário pensar antes de falar, avaliar as palavras e ministrar-lhes no espírito do Senhor Jesus. A natureza da igreja exige isso.

Mais importante ainda, os que foram chamados para administrar os mistérios de Deus precisam estar sob a autoridade da verdade divina. Não podemos fazer do "amor que procede de um coração puro, de uma boa consciência, de uma fé não fingida" o alvo de nosso ministério, se os valores *do* Evangelho não operarem em nós. O erro que mais cometemos no ministério é o de examinar Deus e as Escrituras como objetos, para ensinar a respeito deles, em vez de torná-los sujeitos que conhecemos e amamos. O mais perigoso da educação no seminário é passarmos três ou mais anos objetivando Deus e a sua Palavra como coisas a serem inspecionadas, entendidas e apreciadas, em vez de reservarmos um tempo para conhecermos e amarmos o Senhor e a sua Palavra pessoalmente. Inclinamo-nos a amar a verdade objetiva e a revelá-la no ensino à custa de nosso amor pelo próprio Deus. Na maioria das vezes, passam-se anos para nos recuperarmos da educação teológica. De alguma forma, nós nunca o conseguimos, porque sempre outra mensagem ou lição estão à nossa espera. Nós estudamos, falamos e, às vezes, nunca paramos para estar intimamente com Deus ou refletir profundamente sobre o que o texto significa para nós.

Ouvi Howard Hendricks falar a respeito de uma ocasião, no início de seu ministério do ensino, quando elaborou uma série de estudos a respeito da oração, No final daquele seminário, ele sabia mais a respeito do assunto do que teria imaginado entender. Ele trabalhara para uma grande apresentação e não agüentava esperar o momento de ensinar. Quando se dirigia ao púlpito para apresentar o primeiro estudo, veio-lhe o pensamento de que não orara em prol daquela lição. Isso acontece conosco muitas vezes. Conhecemos a verdade e a ensinamos, mas ainda não fomos transformados por ela. Não somos tão bons quanto a nossa palavra.

A condição essencial de um mordomo é a sua fidelidade. Em grego, "fé" e "fidelidade" são o mesmo vocábulo *(pistis).* O português dificilmente mantém a conexão. Originalmente, fiel significava "cheio de fé" — isto é, o que aparece na vida corresponde ao que cremos. Um mordomo fiel é aquele cuja vida interior combina com o que ele proclama como verdade.

Em seu ponto mais elementar, o significado é bastante simples: a soma e a substância da proclamação cristã e, portanto, do ministério cristão, é Jesus. Porque Fie é o objeto de nossa fé e o sujeito de nossa mensagem, também é o critério para o nosso comportamento. O amor que proclamamos pertence a Cristo. Por isso, precisamos nos perguntar: ''Este amor desenvolve-se em mim?".

Koch, ex-prefeito de Nova Iorque, costumava perguntar a todos que encontrava: "Como estou me saindo?". É uma pergunta muito sábia para qualquer um na vida pública. Os pastores deveriam ter a coragem de perguntar constantemente ao seu povo: "Como estou me saindo?". Precisamos nos interessar em saber se nossos sermões atingem as pessoas. Seria melhor que soubéssemos se elas acompanham a nossa liderança. Em um mundo onde a percepção determina tanta coisa, os líderes sábios querem saber como são assimilados.

Mais que tudo, deveríamos expor nossas almas. Â linha básica da questão "Como estou me saindo?" é a da integridade. É assustador ficarmos espiritualmente submissos às pessoas que fomos chamados para liderar, mas a outra alternativa é mais assustadora. Se não prestamos contas, facilmente traímos a verdade que proclamamos, por meio de nossos atos e atitudes. Na maior parte do tempo, não temos consciência do que é óbvio para os outros. Ganância, belicosidade, espírito contencioso e orgulho invadem nossas almas e transformam nosso caráter disfarçadamente. Essas coisas aparecem, mas raramente as vemos. Precisamos de alguém que nos ame o suficiente para nos dizer a verdade.

Algumas boas novas para os mordomos de Deus

A metáfora de Paulo implica que os mordomos deveriam ser bem-sucedidos. Afinal, a riqueza do Senhor é dada ao mordomo para que a administre bem, o que inclui crescimento e desenvolvimento da propriedade. Os pastores são chamados para edificar e desenvolver a Igreja (1Co 3:5-16; veja o capítulo 9, "Lavradores e Edificadores"). Deus não nos confia sua verdade e sua Igreja para mantermos o nosso *status quo.* A própria natureza do Evangelho exige crescimento e expansão. Os apóstolos falam de crescimento, mas não em termos materiais e, sim, espirituais.

A metáfora do mordomo concorda claramente com o ensinamento de Jesus de que a fidelidade é a grande essência. Na

Parábola dos Talentos, na qual a boa mordomia exige resultados, observe o elogio do senhor: "Bem está, servo *bom e fiel"* (Mt 25:21,23, grifo acrescentado).

Os requisitos de um pastor relacionados em 1 Timóteo 3 apresentam as qualidades da fidelidade. Os padrões humanos de sucesso não foram apresentados. São principalmente qualidades de caráter que combinam com a natureza do Evangelho: "Irrepreensível,... vigilante, sóbrio, honesto, hospitaleiro, ... não dado ao vinho, não espancador, mas moderado, inimigo de contendas, não ganancioso" (vv. 2 e 3). As únicas habilidades relacionadas são a capacidade de ensinar e gerenciar bem. E novamente os sinais objetivos de sucesso são rodeados por um contexto de integridade. O caráter de um pastor deve corresponder à mensagem que proclama.

Apesar disso, Deus exige resultados de seus mordomos. O evangelho é inerentemente ambicioso, e tais são os seus mordomos. Como podemos viver bem na tensão da demanda de um lado e as grandes exigências da fidelidade de outro? O que Deus realmente deseja?

Acho que a resposta está no devido relacionamento entre a nossa ambição pelos resultados e a nossa paixão pela integridade. O testemunho do Novo Testamento apresenta claramente a integridade como algo prioritário e deixa os resultados com Deus. A natureza humana inclina-se a inverter a ordem da prioridade. Naturalmente, penso mais sobre o meu progresso do que no estado de minha alma. Gosto de resultados porque eles fazem que eu me sinta bem a respeito de mim mesmo e criam credenciais que destacam minha posição na categoria dos elogiáveis da igreja.

Outra maneira de expô-lo é dizer que precisamos reformar a nossa compreensão de sucesso. Talvez o pastor mais bem-sucedido que conheci tenha sido um membro de minha equipe. Ele viera trabalhar conosco depois de toda uma vida de fiéis serviços pastorais. Estava próximo de ser aposentado e veio ajudar-nos em tempo parcial. Dizíamos a ele que sua tarefa seria a de sair por aí amando as amando as pessoas. Ele o fazia maravilhosamente. Era um desses homens notáveis nos quais a graça opera tão poderosamente que a gente simplesmente tinha que amá-lo. Toda a congregação olhava para ele como modelo do que Deus desejava de nós.

Este homem jamais havia pastoreado uma grande igreja e não era um pregador notável ou um excelente professor. Não

tinha uma aparência uma aparência notavelmente viçosa. Na verdade, era de pequena estatura e tinha um físico comum.

Não era elegante, nem tinha aquela "classe", tão valorizada em nossa vizinhança. Era, entretanto, conformado à imagem de Cristo. Era maravilhosamente bem-sucedido na única coisa que realmente conta na vida. E era um esplêndido sucesso no ministério pastoral. Todos na congregação olhavam para ele como um modelo de fé — e fidelidade. Na verdade, determinei que, quando fosse idoso, gostaria de ser daquele jeito, pela graça de Deus.

Ele tinha notáveis ambições para o reino de Deus e fazia parte da equipe de uma grande e crescente igreja. Seu desejo, entretanto, repousava confortavelmente sobre a graça do Senhor que fazia dele um discípulo de Cristo e, portanto, uma pessoa de impacto cristão. Ele conhecia seus dons e vocação e, embora trabalhasse muito, deixava os resultados com Deus. No final de uma carreira pastoral, que melhor epitáfio poderia ser dado a uma pessoa assim, além deste: "Servo bom e fiel"?

De que o mundo precisa agora

Em um mundo desonesto e uma Igreja que luta para ser fiel ao seu Senhor, a integridade é a pérola pastoral de grande preço. O governo, os negócios, a educação e, freqüentemente, as famílias falham em viver segundo os seus princípios originais. Em resultado disso, poucos são os sonhos que não são esmagados, quando o cinismo prevalece.

Uma figura política muito conhecida mudou-se para o meu bairro em Boston. É um dos locais mais densamente habitados do país e também um lugar histórico, onde os prédios antigos são mais importantes do que as pessoas. A maioria dos edifícios do quarteirão *não* está conectada aos cabos de televisão, porque a companhia responsável não à mensagem que ele proclama.

Apesar disso, Deus exige resultados de seus mordomos. O Evangelho é inerentemente ambicioso, e tais são os seus mordomos. Como podemos viver bem na tensão da demanda de um lado e as grandes exigências da fidelidade do outro? O que Deus realmente deseja?

Acho que a resposta está no devido relacionamento entre a nossa ambição pelos resultados e a nossa paixão pela integridade. O testemunho do Novo Testamento apresenta claramente a integridade como algo prioritário e deixa os resultados com Deus.

A natureza humana inclina-se a inverter a ordem da prioridade. Naturalmente, penso mais sobre o meu progresso do que no estado de minha alma. Gosto de resultados porque eles fazem que eu me sinta bem a respeito de mim mesmo e criam credenciais que destacam minha posição na categoria dos elogiáveis da igreja.

Outra maneira de expô-lo é dizer que precisamos reformar a nossa compreensão de sucesso. Talvez o pastor mais bem-sucedido que conheci tenha sido um membro de minha equipe. Ele viera trabalhar conosco depois de toda uma vida de fiéis serviços pastorais. Estava próximo de ser aposentado e veio ajudar-nos em tempo parcial. Dizíamos a ele que sua tarefa seria a de andar por aí amando as pessoas. Ele o fazia maravilhosamente. Era um desses homens notáveis nos quais a graça opera tão poderosamente que a gente simplesmente tinha de amá-lo. Toda a congregação olhava para ele como modelo do que Deus desejava de nós.

Este homem jamais havia pastoreado uma grande igreja e não era um pregador notável ou um excelente professor. Não tinha uma aparência particularmente vistosa. Na verdade, era de pequena estatura e tinha um fisico comum. Consegue entender-se com a política da sociedade histórica local. Há pouco tempo, uma empresa de serviços públicos esburacou toda a rua para introduzir fibras óticas na casa de nosso vizinho proeminente. Ninguém na vizinhança parecia surpreendido — o poder serve ao poder, e a política tem pouco que ver com os que são servidos.

Em Boston, dirigi uma congregação repleta de jovens aborrecidos com esse tipo de mundo. Eles não confiavam nas instituições, porque já tinham visto muito coisa errada. Estavam também cansados da igreja, porque desiludiram-se com o povo de Deus. Preocupo-me quando um homem de mais de 50 anos consegue comunicar-se com uma congregação de 20 anos, em média. Mas eles me consideram um modelo de integridade, porque permaneci 25 anos no ministério e estou casado há 30 anos. Eles não vêem muito disso por aí. Quando os ensino, muitos deles vêem em mim o pai que nunca tiveram.

É uma grande responsabilidade, mas os mordomos devem ser fiéis. Será que a próxima geração encontrará uma igreja tão boa como o seu evangelho e pastores tão bons como a sua palavra? O ministério pastoral no futuro exigirá cada vez mais integridade de seus praticantes e de suas congregações.

Uma palavra amiga

Este é o século dos livros autodidáticos e da espiritualidade do tipo faça-você-mesmo. Queremos fórmulas para o sucesso na vida e na fé. Os pastores desejam os métodos para o sucesso no ministério. Preferimos que uma ou outra pessoa faça o trabalho cansativo, em vez de nós mesmos assumirmos a responsabilidade. Não possuo fórmulas úteis para a fidelidade, nem listas para garantir que a integridade seja preservada. Já ouvi muito sobre isso para saber que, embora sejam reais, nenhuma lista humana pode resolver o problema do coração do homem.

Recentemente, assisti a uma conferência de pastores onde um orador após o outro atacava o desmoronamento moral entre os ministros e oferecia maneiras de evitar a tentação. Creio que cada uma de suas advertências e palavras de sabedoria era verdadeira. Mas, quando enfrentamos uma Dalila, a sabedoria humana voa pela primeira janela que estiver aberta. Ficamos sozinhos com a nossa alma e a tentação. Quando uma longa lista de sucessos infla o nosso ego e nos cega, todos os conselhos do mundo sobre a humildade fracassam, por melhores que sejam. Ou, quando o ferrão da crítica nos atinge tão profundamente que não podemos encontrar palavras para descrever a ferida, o que vai guardar o nosso coração da amargura ou ira? O conselho humano e, naturalmente, os esforços do homem falham.

A palavra final deve ser a da graça do Senhor. A santificação não é mais realizável pelo esforço humano do que a justificação é obtida pela retidão do homem. Minha pobre alma necessita da graça de Deus, capaz de me tornar digno de olhar para Dalila, o orgulho e a ira bem nos olhos e dizer: "Não, obrigado!".

Diante de um mundo cada vez mais secular e hostil, os pastores precisam desenvolver um espírito aberto e profundo, desconhecido da maioria. Devemos abandonar as formas de espiritualidade que realizam atividades mecânicas e descobrir poços do Espírito que nutram e enriqueçam a alma. Nossos corações devem tornar-se de tal forma o caráter e o espírito de Cristo, que não encontremos em nós o modo de trair o Evangelho.

John Stott disse, certa vez, que todos os dias de manhã em sua vida, desde o seu tempo de estudante universitário, meditava sobre o fruto do Espírito Santo, em Gálatas 5:22,23. Se este é o fundamento da graça de Deus, faz sentido meditar, orar e dedicar-lhe a atenção. Você não acha que grande parte do poder e da integridade do caráter e ministério de John Stott flui diretamente

desse exercício para a expansão da alma? Não é o método da meditação que faz o homem. Antes, é o Espírito e a Palavra de Deus que transformam qualquer um de nós ã semelhança da imagem de Cristo.

No ministério pastoral, como em nenhum outro lugar, a integridade é essencial. Os homens e as mulheres que usam o nome de Deus e proclamam a sua Palavra devem, pela própria natureza das coisas, exibir os valores e o caráter divinos.

Quando falo aos jovens nos dias de hoje, impressiono-me pelo número de vezes que eles mencionam as palavras *integridade* e *autenticidade.* A geração que surge deseja que a igreja e o seu ministério andem de acordo com o que pregam e sejam fiéis ao que dizem. Eles querem que sejamos tão bons quanto a nossa palavra — e a Palavra de Deus. E eles têm razão.

11. EMBAIXADOR E PREGADOR:

A AUTORIDADE DO PASTOR

De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. Rogamo-vos da parte de Cristo, que vos reconcilieis com Deus.

2 Coríntios 5:20

"Frank" parecia um urso pardo. Anos de trabalho na lavoura enrijeceram o seu corpo, enquanto uma severa religião rural petrificara a sua alma. Ele era diácono em uma igreja que servi. Nunca lhe faltava uma resposta; ele sempre dizia a verdade. Podia ser brutal. Sua esposa e filhos encolhiam-se diante de sua rudeza e detestavam-no por isso.

Um domingo depois do culto, eu e os diáconos fomos almoçar juntos, para discutir os problemas da igreja. As coisas não estavam bem. Frank não desperdiçou tempo nem palavras. Ele comeu rapidamente, colocou o garfo sobre a mesa e extravasou: "O problema com a igreja é que o pregador não faz sermões evangelísticos".

Frank falou muito mais do que pensava. Eu estava sentado ao seu lado, mas ele preferiu dizer '"o pregador", como se eu estivesse ausente. Ele se distanciara de meu ministério, e suas palavras comprovavam isso. Por "pregação evangelística" queria dizer que eu devia dedicar meus sermões aos pecadores e àqueles cristãos que precisavam acertar suas vidas com Deus. Ele achava que não estava em um desses campos; portanto, queria que a minha pregação o deixasse em paz. Ele costumava zangar-se

quando eu tocava em problemas de sua vida, tais como a ira, o racismo e a compaixão.

Certo domingo, preguei sobre o texto: "Bem-aventurados os pacificadores..." (Mt 5:9). Achei que a passagem era relevante, pois a ordem do tribunal sobre a integração racial nos ônibus escolares criara condições conturbadoras perto de Louisville, no Kentucky. Pedi que a congregação considerasse qual seria a reação de Cristo a esse tipo de ira e ódio. A igreja era bastante pequena para que pudéssemos conversar, e usei a última parte do sermão para discutir a questão.

Frank falou primeiro. Seu rosto estava vermelho de raiva, e ele mais ou menos gritou uma pergunta para mim: "Por que você precisou levantar essa questão hoje?", ele perguntou. Obviamente não queria pensar nisso.

Frank dava-me muito pouca atenção como seu pastor. Sua estrutura de fé e vida excluía qualquer ser humano de supervisionar espiritualmente a sua alma.

UMA CRISE DE AUTORIDADE

Frank é um símbolo do nosso tempo. Vivemos em uma cultura em que submissão à autoridade, especialmente a moral ou espiritual, é anátema.

Uma cultura resistente à autoridade

O mundo ocidental está no término de uma longa batalha contra a autoridade. Há muito tempo, os direitos individuais e a soberania pessoal sobrepujaram a autoridade moral centenária que residia no Estado e na Igreja. Agora, o melhor que nossa cultura consegue fazer pela autoridade moral é oferecer algumas noções vagas de padrões comunitários partilhados e determinados pela sociedade. A voz moral da Igreja é ridicularizada como irremediavelmente irrelevante para um mundo semelhante ao nosso.

Outras autoridades também estão sob ataque. Parece que ninguém mais confia no governo. As pessoas públicas, governamentais ou não, têm vida curta sob o sol, antes de serem descartadas por figuras mais "adaptadas". Os que falam com autoridade moral são considerados irremediavelmente fora de contato, até mesmo perigosos. De qualquer forma, Billy Graham escapa do cinismo de nosso tempo, mas poucos americanos o consideram como autoridade moral para suas vidas. O papa, uma

figura proeminente, de força moral para muitas pessoas da fé cristã, é ridicularizado na mídia e em alguns setores de sua própria Igreja. Vivemos uma tremenda evasão cultural de autoridade.

Os líderes nos negócios, na educação e no governo concordam que é mais difícil liderar nos dias de hoje do que em qualquer época de que se lembram. Os que vivem sob os olhos do povo sofrem de hiperexposição e das reações de um público volúvel, e raramente sobrevivem mais do que uma década. Acrescente a essa inquietação cultural mista, abastecida por conflitos étnicos e raciais, a incerteza econômica e o desmoronamento moral e familiar. Não é de admirar que alguns pensem que estamos ã beira de uma "guerra cultural". Tal ambiente naturalmente cria uma resistência a todas as reivindicações da autoridade moral.

Uma Igreja resistente à autoridade

Naturalmente, profundas tendências transbordam sobre a Igreja. O conflito cultural e a resistência à autoridade do nosso tempo torna o ministério pastoral cada vez mais difícil.

Através da história cristã, uma certa autoridade foi garantida ao clero. O poder e a autoridade são inerentes ao ofício de pastor. E embora a liderança pastoral tenha sofrido abuso em todas as gerações, ela é, apesar de tudo, considerada necessária — até agora. O ofício de pastor encolhe dentro das expectativas da congregação, formuladas por uma cultura que está profundamente comprometida com os valores dos consumidores e seus direitos naturais inalienáveis.

Os resultados são profundamente perturbadores. Pesquisas de opinião entre pastores indicam o trauma de liderança do nosso tempo. A auto-estima cai verticalmente, enquanto o conflito e as dúvidas elevam-se sempre. Em quantidades alarmantes, os pastores são demitidos ou deixam o ministério pastoral. Tudo isto é, em parte, o resultado de uma desvalorização do ofício e da autoridade do pastor evangélico.

Lloyd Rediger, conselheiro pastoral, inventou a expressão "abuso ministerial", que ele diz ser o resultado natural de um movimento social na América que se caracteriza pelo aumento da violência e pela falta de civilidade. Sua definição de abuso ministerial é simplesmente "prejuízo intencional", que é físico, sexual, verbal ou emocional. Ele destaca que, quando os tradicionais exemplos de virtude em uma sociedade são

intencionalmente colocados em mira, essa cultura está com profundos problemas.[1] A Igreja, portanto, está com problemas ainda mais graves. Vivemos uma crise eclesiástica de falta de autoridade.

Na melhor das hipóteses, a Igreja neste contexto cultural desvaloriza o trabalho e a autoridade dos pastores. O surgimento e o domínio da tecnologia criam normas e expectativas que tradicionalmente os ministros treinados nunca atingirão. Alguns membros das igrejas tecnicamente treinados têm dificuldade em respeitar e ouvir os ministros educados em linguagem e idéias. A crescente confiança em modelos de gerência junto com o nosso pragmatismo americano nativo corroem a base teológica e bíblica sobre a qual os pastores sempre fizeram o seu trabalho. O triunfo do individualismo na América criou uma igreja cheia de pessoas que se recusam a aceitar que alguém lhes diga em que devem crer ou o que devem fazer. O consentimento dos governados, um sinal de democracia, tornou-se o senhor de muitas igrejas e seus pastores.

Recentemente, conversei com diversos membros de uma congregação evangélica. Perguntei-lhes a respeito de seus sonhos e esperanças para a sua igreja. A maioria demonstrou um profundo anseio de renovação espiritual. Um jovem, entretanto, fez uma interessante e reveladora observação. Ele disse que desejava uma igreja em que os mestres apenas *sugerissem* o que deveria ser feito. Ele estava cansado de pregadores e professores que lhe *diziam* como comportar-se e no que devia crer. É um sinal dos tempos. A modernidade deseja os "dez mandamentos" transformados em "dez sugestões"!

Certo membro de uma comissão de exame pastoral disse-me logo no início do processo de seleção que, em sua opinião, o ato de pregar não era muito importante. Ele afirmou que todo o crescimento vinha dos relacionamentos pessoais com amigos cristãos. Ele me dava o sinal em termos explícitos de que não se submeteria à minha autoridade, nem permitiria que eu o pastoreasse, se não fosse de acordo com os seus termos. Uma vez que ele era líder na igreja, significava para mim uma resistência institucional à autoridade do pastor.

Recentemente, um professor universitário deu uma nota baixa a uma reportagem preparada por uma comissão da diretoria de nossa igreja. Seus componentes não deram a devida atenção ao método, em sua tentativa de encorajar os alvos bíblicos para a

diretoria. Ele disse que em sua instituição tal reportagem seria ridicularizada por toda a escola. Portanto, afirmava à nossa equipe que era soberano sobre ela e, para respeitar o trabalho da igreja, este precisava ser feito sob um modelo de gerência de sua escolha. Suponho que jamais terei alguma influência sobre a sua alma.

Há muito tempo aprendi uma importante lição a respeito da igreja, do ministério e do crescimento espiritual. Apenas os que abrem os seus corações e as suas almas para mim e meu ministério crescerão em decorrência da minha atividade ministerial. Os que resistem a mim ou à minha autoridade pastoral, além de se tornarem infelizes, excluem-se da nutrição espiritual que há no centro da igreja. Ninguém pode ser servido bem por alguém a quem não abre a sua alma.

Os líderes sábios diferenciam cuidadosamente a autoridade conferida por um cargo e a adquirida com o passar do tempo. Um homem de visão me disse certa vez que na igreja apenas um louco utiliza a autoridade oficial sem a suficiente liderança adquirida para apoiá-la. É triste dizer isso, mas a extensão de tempo necessária para adquirir o consentimento dos governados está cada vez mais longa e, em alguns casos, nunca se chega lá.

Ao se aproximar o século 21, o exercício de ministério pastoral fica cada vez mais difícil. Isso se deve principalmente à redução da autoridade do ofício pastoral a uma mera sombra do que foi há apenas uma geração ou duas.

UMA CRISE DE PREGAÇÃO

Em nenhuma área a autoridade é mais significativa para o ministério pastoral cio que na pregação, pois é no púlpito que falamos a Palavra de Deus. O tom de nossa liderança é estabelecido na autoridade moral e espiritual que exibimos em nossas pregações. Pregar é a demonstração pública de que a Palavra de Deus opera em nós e é o instrumento que o Senhor utiliza para falar à Igreja e ao mundo. Pregar sem autoridade rouba a a essência da Palavra de Deus; é como um exército sem armas. O Evangelho de Cristo exige a autoridade que lhe pertence.

Uma cultura sem ouvidos

É cada vez mais difícil pregar atualmente. O século tecnológico, em particular a televisão, opera poderosamente contra o ponderado discurso oral. *Bytes* de imagens e sons caracterizam a comunicação eletrônica que nos bombardeia todos os dias. E

quanto mais jovem o auditório, mais difícil se torna a comunicação. Os que cresceram na cultura MTV pensam em imagens vivas e repetidas que explodem em suas imaginações.

Pregamos a pessoas jovens e idosas cuja capacidade de atenção está cada vez mais curta. Nosso auditório senta-se diante de nós com um controle remoto oculto em suas mentes. Recipientes cada vez mais passivos de estímulos eletrônicos poderosos, os auditórios americanos raramente ouvem com vontade de se tornar ativamente interessados em nossos sermões. A atenção é mais difícil de captar e até quase impossível de se manter.

Além do desafio eletrônico de nosso século, nossa sociedade conspira contra a pregação. A idéia de uma simples pessoa com autoridade moral falar uma verdade que exige obediência é ridicularizada. O verbo *pregar* em uma conversa informal é um termo negativo. Entre as piores coisas a serem ditas a respeito de alguém é que ele é "pregador". Essa mentalidade não escapa aos que sentam nos bancos de nossas igrejas aos domingos. Eles trazem um preconceito consciente ou inconsciente contra a autoridade da pregação. Assim, raramente nos atrevemos a dizer às pessoas o que elas devem fazer e ficamos relegados à gentil persuasão.

Mais ainda, nossas congregações consomem cada vez mais religião com menos gosto pela meditação profunda, pelos desafios às suas pressuposições e pelo raciocínio teológico. Os sermões em nossos tempos refletem essa aversão pela meditação, pelos desafios e pela teologia.

Um amigo meu é padre católico em uma grande e próspera paróquia. Ele me disse que um jovem casal em sua igreja recentemente o informou que decidira freqüentar uma igreja batista, porque ela tinha um ministério melhor para as crianças. Mas, eles lhe asseguraram, voltariam quando seus filhos completassem a escola primária. Que desafio para ele!

Quando eu dirigia uma igreja no subúrbio, quase todas as semanas alguns jovens casais vinham à congregação, para entrevistar o líder de nossas crianças e inspecionar nossas instalações. Eles não estavam muito interessados no que críamos ou em qualquer outra coisa além do melhor ensino religioso que pudessem encontrar para os seus filhos. Eu ficava satisfeito porque atraíamos essas pessoas indiscriminadamente interessadas em Deus — que oportunidade'. Mas, ao mesmo tempo, a pregação

tornou-se mais que um desafio, quando a congregação ficou muito diversificada. Pregação e ensino foram forçados para o denominador comum mais baixo. Eu nada mais podia presumir enquanto me preparava. Esse é o mundo religioso no qual vivemos.

Uma Igreja com comichões nos ouvidos

Os cristãos sempre quiseram torcer nossas pregações às suas próprias conveniências. Paulo advertiu Timóteo desse fato da vida pastoral (2Tm 4:3,4). Nenhum de nós gosta de ouvir verdades perturbadoras ou ter nossas pressuposições desafiadas. Enquanto todos nós gostamos de ouvir nossos temas favoritos e ter nossas pressuposições confirmadas, inevitavelmente a igreja deseja que seus ministros tornem-se capelães de suas expectativas religiosas e guardiões de suas queridas tradições. Muitos de nós aprendemos com a dura experiência que, quando violamos os valores institucionais, somos machucados. É um fato triste da vida da Igreja que esses valores institucionais sejam geralmente guardados com mais cuidado do que o Evangelho de Cristo.

Eu estava certa vez em uma reunião de uma comissão, na qual um membro da equipe sugeriu que mudássemos o local da biblioteca da igreja. Ele apresentou uma lista de alguns bons motivos para tal fato, cada um deles incrementando o propósito da existência da biblioteca. De repente, um membro que estivera silencioso durante a longa discussão precedente sobre o futuro de nossa missão como igreja quase pulou da cadeira. Com paixão nada característica, ele argumentou contra a mudança da biblioteca, uma vez que isso desgostaria os membros mais antigos da igreja.

Estive em centenas de reuniões de diretoria e de comissões em meu ministério e ouvi longas e apaixonadas discussões sobre o nome da igreja, tipo ideal dos introdutores da igreja e a cor do carpete. Mas nunca ouvi uma discussão com o mesmo tipo de emoção a respeito de nossos vizinhos perdidos *ou dos* pobres que batem à nossa porta. Não é por menos que meus apaixonados sermões a respeito da missão da Igreja recebem uma recepção tão fria. Não é isso que move a maioria dos cristãos nestes dias. A pregação da Palavra de Deus perante a preocupação da Igreja contemporânea consigo mesma e seus valores é realmente difícil.

Acrescente os grupos especiais dedicados a essas tendências muito humanas de servir aos nossos próprios interesses, e a pregação e a liderança tornam-se ainda mais difíceis. As pessoas

esperam que seus desejos especiais sejam propagados e então julgam o pastor e a igreja com base nisso. Ouço regularmente os que têm apenas um tema dizerem que não falei o bastante a respeito de seu interesse especial. No primeiro domingo em que pastoreei uma congregação, um dos componentes do coro me encontrou antes do culto e disse: "Desejo que o irmão pregue incisivamente contra o pecado". Acrescentou que eles não ouviam muito esse tema de meu predecessor. Então entendi que ele me julgaria segundo a freqüência com que eu pregasse sobre o pecado.

Nessa mesma igreja, uma senhora ocupava alta posição em um partido político. Durante um ano de eleição, ela telefonou para me consultar se seria possível levar um dos candidatos à presidência da República para falar numa manhã de domingo em nossa igreja. Quando lhe apresentei diversos motivos por que achava ser uma má idéia e que não estava interessado, ela ficou aborrecida e disse-me que eu estava fora de moda. Sua idéia de uma igreja moderna dava destaque a partidários políticos. Não acho que meus sermões ou meu ministério tenham passado da porta da frente de seu coração depois disso.

Esta senhora fazia parte de um grupo especial que continuamente pressionava a liderança e a diretoria da igreja, julgando tudo de acordo com sua visão de uma igreja política. Esse era apenas um de meus grupos impulsionados por agendas, aos quais eu falava todos os domingos. Pregar com autoridade pastoral na igreja contemporânea é muito difícil. Parece-me que é cada vez menor o número de cristãos que deseja uma autoridade espiritual que não esteja sob o seu controle.

Todos nós, pastores e membros das igrejas, trazemos todos os domingos aos cultos nossas próprias agendas pessoais que nos impulsionam e formatam nossos ouvidos e maneira de falar. Como pastor, tenho de me certificar de que minha pregação e minha vida estão sob a Palavra de Deus que prego, de modo que minhas agendas não formatem o que transmito. Minha esposa e minha diretoria ajudam a me manter honesto. Eu não posso criar esse tipo de integridade por mim mesmo.

Aprendi que meu ministério em cada vida cristã depende do desejo dessa pessoa de se submeter à minha autoridade pastoral e de ensino. A resistência a mim ou ao meu ministério cria uma fortaleza ao redor da alma. Conseqüentemente, também compreendi que o nível de satisfação em minha congregação está

diretamente relacionado com o seu desejo de abrir suas vidas e almas aos meus cuidados.

Paulo entendia a dificuldade de se comunicar com uma cultura e igreja resistentes. Corinto, naturalmente, é o laboratório bíblico para se aprender a ministrar em uma igreja anômala. Mais uma vez, o apóstolo apresenta duas metáforas em suas cartas aos Coríntios que nos ajudam em nosso mundo e na igreja contemporânea quanto à devida autoridade pastoral. Uma delas, embaixador de Cristo (2Co 5:20), é rara, utilizada apenas aqui e em Efésios 6:20. A outra metáfora, um pregador ou arauto, é comum no Novo Testamento. Paulo enfatiza sua autoridade como pregador em 1 Coríntios 1 e 2.

Ambas as metáforas juntas são um sadio antídoto para o senso de autoridade pastoral, ausente na maioria de nós, pregadores.

EMBAIXADOR DE CRISTO

Fui um dos diretores administrativos de uma faculdade cristã por vários anos. Durante esse tempo, o governo da Suazilândia queria recrutar professores cristãos, para que fossem ao seu país e os ajudassem a criar um novo sistema escolar. A Suazilândia é uma monarquia, e esse era o desejo do rei.

O embaixador da Suazilândia nas Nações Unidas, Nelson Malinga, veio à faculdade para entrevistar os estudantes. Tive o privilégio de, junto com outro membro da diretoria, servir como seu anfitrião por dois dias. Foi uma experiência reveladora. Toda a minha vida em uma democracia não me preparara para enfrentar o poder de uma monarquia. Nunca conhecera um representante oficial de governo e descobri que os embaixadores são um tipo muito especial de representantes governamentais. Embaixadores de um rei são ainda mais incomuns.

A primeira coisa que notei foi o senso de dignidade do sr. Malinga. Ficou rapidamente visível que ele era o legítimo representante do rei. Seu ofício trazia um poder inerente que lhe dava grande confiança. Era patente, de acordo com seu modo de agir, que estava consciente de que falava em nome de um rei. Ele repetia: "Bem, o rei diz..." Se alguém questionasse sua autoridade ou sua palavra, ele simplesmente respondia: "Falem com o rei!". A confiança do sr. Malinga repousava em sua certeza de que falava em nome de um monarca que tinha poder quase absoluto.

Uma vez que o embaixador falava pelo rei, certa autoridade acompanhava tudo o que ele fazia ou dizia. Ao mesmo tempo, entretanto, ele era bastante reservado. Em todos os momentos mencionava o nome do rei, do qual vinham sua confiança e poder, pois nem a mensagem que enunciava nem a missão que tinha eram suas próprias.

À noite, quando as reuniões terminaram e voltamos para o hotel, o sr. Malinga ainda tinha uma tarefa a executar. Ele ligou para casa, a fim de falar com o rei. Ele conhecera o monarca por toda a sua vida e representava o soberano que tanto amava e respeitava. Penso que grande parte da dignidade do embaixador e seu calmo senso de autoridade vinham não apenas de seu elevado cargo, mas também de sua amizade com o rei. Ele sabia o que o monarca pensava e desejava. E vivia para que a vontade do rei se realizasse.

Paulo, embaixador de Cristo

Paulo tinha a certeza de que era um embaixador de Cristo, o Rei. Ele permanecia diante de seus críticos e inimigos em Corinto com o poder e a dignidade de alguém que o enviara. Apesar da oposição ao seu ministério, na igreja, e ao Evangelho, na sociedade, o apóstolo falava e agia com autoridade, porque era um homem sob a autoridade do Rei.

Paulo precisava do poder e da autoridade de Cristo, em Corinto. A igreja namorava as aparências. Ela colocara seus ministros nos moldes de suas expectativas, e os resultados pareciam bons. O apóstolo revelou-se deficiente (2Co 5:12). Por isso, Paulo lembrou os coríntios de que o Evangelho vem com o seu próprio poder de persuasão, por meio dos apelos de homens comuns como ele (v. 11).

Embora alguns pensassem que Paulo fosse louco (2Co 5:13), ele queria provar que sua única motivação para o ministério era o amor de Cristo que o "constrangia" a pregar o Evangelho (v. 14). Este dom divino constituía o seu ministério, porque o amor é a natureza do Evangelho, que é a mensagem da reconciliação (v. 19). Por isso, o apóstolo não mais considerava a si mesmo nem ao seu ministério do ponto de vista humano (v. 16). Ele era impulsionado por uma energia divina, o amor de Cristo, e uma missão eterna, a reconciliação da humanidade com Deus e uns com os outros.

Paulo assim termina esta parte sobre a reconciliação: *"De sorte que* somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus

por nós rogasse. Rogamo-vos da parte de Cristo, que vos reconcilieis com Deus" (2Co 5:20, grifo acrescentado). O uso que *o* apóstolo faz da expressão "de sorte que" indica que ele chegava a uma conclusão. Estava diante do mundo e da Igreja como embaixador de Cristo, como se Deus fizesse o seu apelo por meio dele. Por isso, Paulo "rogava" aos coríntios que se reconciliassem com Deus, uns com os outros e com ele. A reconciliação cheia de amor é inerente ao Evangelho, está na natureza da Igreja e é o alvo do ministério pastoral.

O pastor como embaixador

A missão pastoral do embaixador jaz em grande tensão. De um lado, falamos em nome do Rei dos reis e Senhor dos senhores. Quando a sua Palavra e vontade são explícitas, não podemos deixar de pregar com ousadia, haja o que houver. Nossas próprias idéias ou interpretações não podem ser enunciadas com a mesma ousadia. Paulo mesmo fazia diferença entre a palavra do Senhor e suas próprias opiniões (1Co 7:25). Mesmo assim, ele falava com confiança pastoral, como alguém com experiência na igreja e com o Senhor. Os pastores precisam conhecer a diferença entre a verdadeira palavra de Cristo e nosso próprio conselho, e precisamos mostrar às nossas congregações a diferença.

Por outro lado, nós, embaixadores do céu, vivemos na terra e damos testemunho do Senhor que se encarnou. Cristo transmitiu a sua divina Palavra de uma maneira adequada à sua cultura. Ele foi sensível ao seu ambiente e, mesmo quando enunciou palavras duras de julgamento, disse a verdade em amor.

Há alguns anos, visitei Burkina, um país da África Ocidental. Nossa pequena delegação viajou para Uagadugu, capital daquela nação, a fim de encontrar-se com o embaixador americano. Ele foi muito gentil e solicitou que tomássemos o café da manhã com ele no dia seguinte. O tema da conversa foi como poderíamos ajudar essa pobre nação africana ao sul do Saara em suas necessidades econômicas e sociais.

O embaixador era um veterano no corpo diplomático e passara grande parte de sua carreira nas nações mais pobres daquele continente. A África Ocidental é o quintal da diplomacia americana. O Departamento de Estado opera na pressuposição de que poucos assuntos do interesse nacional americano estão em jogo na região. Por isso, o embaixador disse que pouca ajuda ou atenção americana é dispensada a países como Burkina.

Enquanto falava, fiquei atônito com a sua profunda compreensão e compaixão pela África. Ele parecia importar-se genuinamente com as pessoas e o seu futuro. Recusou-se a desistir por causa das enormes, até mesmo intransponíveis dificuldades. Ele recebia bem o auxílio das igrejas e ajudou-nos a entrar em contato com as devidas fontes, para que pudéssemos dar assistência ao país.

Enquanto eu o observava e ouvia, não me esqueci dos embaixadores de Cristo. Representamos o Deus Todo-poderoso neste planeta falido. Muitos pastores podem até pensar que servem em postos esquecidos do reino de Cristo, onde pouca atividade estratégica acontece. Mesmo assim, somos chamados a ministrar para Jesus, de modo a demonstrar a dignidade do nosso Rei, com a confiança apropriada aos enviados de Deus e com a preocupação cheia de amor do nosso Rei que morreu pela humanidade.

Nosso trabalho exigiu que apreciássemos e compreendêssemos os cidadãos deste país tão distante. Nós enunciamos a Palavra de Cristo em um conjunto muito específico de circunstâncias a pessoas ligadas pelo tempo e espaço. Nossa mensagem também deve transmitir profunda sensibilidade e amor pelos pobres cidadãos perdidos da Terra, aos quais fomos enviados para ajudar.

Eu sei que estou em dívida em ambas as áreas. Com demasiada freqüência, fico com receio de ofender alguém. No inverno passado, desengavetei os sermões do começo do meu ministério e fiquei surpreso com a minha ousadia juvenil. Através dos anos, tornei-me mais acanhado e tenho até embotado a afiada espada do Espírito. Aprendi que é mais seguro atacar certos assuntos indiretamente, e talvez tenho agido menos como embaixador de Cristo e mais como um hábil político.

Precisamos lembrar em nome de quem falamos e fazê-lo com a dignidade, a autoridade e o devido respeito apropriado aos embaixadores. Não é necessário nos encolher diante desta cultura anticristã nem diante dos mercadejadores do poder na Igreja. Nossa conduta deveria receber o respeito que Paulo diz ser apropriado aos embaixadores do grande Rei (1Ts 5:12,13). Lembro de vez em quando que Cristo deu o poder das chaves do reino à sua Igreja e ao seu ministério. Às vezes, me esqueço disso e penso que as chaves do reino repousam nas opiniões da congregação ou nas pessoas poderosas. Chegou a hora de os pastores cristãos agirem como embaixadores de Deus.

Contudo, os embaixadores de Cristo devem manter o equilíbrio em sua posição de autoridade. Paulo diz que ao servo do Senhor "não convém contender, mas sim ser brando para com todos, apto para ensinar, paciente; corrigindo com mansidão os que resistem, na expectativa de que Deus lhes conceda o arrependimento" (2Tm 2:24,25). É um equilíbrio difícil de manter. Na verdade, apenas sob o poder do Espírito podemos agir como embaixadores do rei e ser mansos pastores ao mesmo tempo (1Pe 5:1-3).

Quando vou ao hospital, ou aconselho, ou estou em uma reunião da diretoria, ou prego, ou encontro-me em uma conversa informal, lembro-me de quem eu sou e quem represento. Sou embaixador de Cristo, o Rei, enviado para representá-lo entre os filhos do Deus Todo-poderoso.

PREGADORES/ARAUTOS DE DEUS

O trabalho do pastor atinge o seu auge no púlpito. Quando pregamos a Palavra de Deus no templo do Espírito Santo, o Senhor cria um momento que é especialmente divino e não pode ser repetido.

O ministério dos apóstolos é igualmente resumido na palavra *pregadores.* A pregação era a sua prioridade máxima e nela simplesmente continuavam a obra de seu Senhor (Mc 1:14).

Certa vez ouvi Dick Lucas, pastor da igreja em Sta. Helena, Londres dizer: "Deus tinha um único filho, e fez dele um pregador". É verdade, e isto é uma fonte de grande encorajamento nestes dias de hostilidade à pregação e aos pregadores.

A importância da pregação no Novo Testamento

O vocábulo grego do qual se originaram os termos em português *pregar, pregador* e *pregação* está entre os mais significativos no Novo Testamento.[2] Basta dizer aqui que o conceito da pregação subsiste no coração da fé apostólica. João Batista e Jesus vieram ''pregando" e Pedro levantou-se e "pregou" no dia de Pentecostes. A pregação é a obra característica dos apóstolos e profetas no livro de Atos. Paulo declarou que Deus resolveu salvar os perdidos por meio da "loucura da pregação" (1Co 1:21). Ele comissionou o pastor Timóteo com estas palavras: "Conjuro-te, pois, diante de Deus e de Cristo Jesus... prega a palavra, insta a tempo e fora de tempo, admoesta, repreende, exorta, com toda a longanimidade e ensino" (2Tm 4:1,2).

Através da história cristã, a pregação tem consistentemente executado um papel fundamental na obra da Igreja. Embora o termo *pregador* possa ter o sentido de zombaria nos dias atuais, Paulo ficou satisfeito ao referir-se a si mesmo como o "pregador e apóstolo" designado (1Tm 2:7).

Embora os intérpretes do Novo Testamento tenham discutido extensamente a diferença entre os verbos *pregar* e *ensinar* na tradição apostólica, está claro que no NT e na vida do pastor estes termos estão profundamente entrelaçados. Se, como os eruditos contemporâneos sugerem, a pregação no Novo Testamento é principalmente a proclamação das boas novas para os descrentes e o ensino é a instrução para a igreja, também é verdade que ambos os termos estão unidos pelo mesmo sujeito, Jesus. Proclamamos Cristo aos perdidos, mas ao mesmo tempo a pregação também é uma anunciação das reivindicações de Jesus aos crentes. O ensino à igreja é instrução, mas é também proclamação, pois transmitimos a verdade encontrada em Cristo. Todo o nosso trabalho como pastores é o de proclamar e ensinar sobre o Filho de Deus.

A autoridade da pregação

O pregador ou arauto no mundo do Novo Testamento era um membro da corte real e um porta-voz de um príncipe ou rei (mais tarde do Estado). Os arautos carregavam um cetro, para indicar sua dignidade e majestade real e falavam tipicamente com uma voz elevada, a fim de declarar a palavra ou as ordens do rei. Ocupavam uma posição religiosa como porta-vozes dos deuses e eram chamados para exercer elevadas funções no Estado. Em resumo, os arautos, como embaixadores, eram enviados pelo rei; portanto, agiam e falavam em nome do soberano. Portanto, os arautos carregavam em si mesmos o poder e a autoridade do monarca.

Os apóstolos descreveram suas obras e as da Igreja como pregação. Eles tinham certeza de que o Rei dos reis os comissionara para declarar ao mundo e ao povo de Deus as boas novas contidas na revelação final do Senhor Jesus Cristo. Mais ainda, eles estavam igualmente convictos de que, quando falavam em nome do Rei Jesus, Ele mesmo falava "como se Deus por nós rogasse" (2Co 5:20).

Tal proclamação ou ensino deve ser feito com autoridade, para que não subtraia a dignidade e a soberania de Deus. Os

pregadores dos nossos dias precisam recuperar essa confiança. Não nos atrevemos a vacilar diante da hostilidade do mundo que nos observa, nem das agendas egocentralizadas das igrejas contemporâneas, Pregamos em nome e na autoridade de Cristo, o Senhor, Enquanto isso, nós, pregadores, precisamos recordar o que Jesus disse e como os apóstolos interpretavam suas palavras, para que a nossa mensagem seja autenticamente uma palavra cristã.

Muito se disse a respeito do estado deplorável da pregação nos dias atuais. Estou convencido de que a raiz do problema tem fundo teológico. Pastores acham incrivelmente difícil levantar-se e falar como arautos do Senhor. Sofremos de falta de confiança porque dependemos de nossa própria capacidade e aceitamos grande quantidade de informações do nosso auditório. Com demasiada freqüência, pregamos como se pedíssemos permissão aos ouvintes. A pregação tímida nega a natureza daquele em nome de quem falamos e o caráter de sua Palavra.

O poder da pregação

Para um mundo e uma Igreja que questionam a propriedade ou a eficácia de uma pessoa diante de um grupo com autoridade moral, a tradição apostólica oferece o milagre da Palavra. De alguma forma, misteriosamente e sob a mão de Deus, os pregadores levantam-se a cada domingo e com titubeantes mensagens humanas encarnam novamente a Palavra, a qual avança com poder e atinge corações humanos de maneira que nós, pregadores, nem conseguimos imaginar. A Palavra de Deus é afiada e poderosa, e nunca volta vazia (Hb 4:12,13).

Fico estupefato diante do poder da Palavra pregada com o objetivo de tocar em um mundo programado para rejeitá-la. Regularmente, prego a uma congregação em que a maioria é constituída de pessoas mais jovens do que eu. É uma igreja culta, e os membros mais jovens refletem os valores e os sonhos perdidos desta geração. Mas eles me ouvem, um homem suficientemente idoso para ser pai deles. E uma vez após a outra, quando lhes comunico a Palavra de Deus de minha própria maneira humana, ela transforma vidas por caminhos discretos e fenomenais. Uma vez um casal à beira do divórcio foi tocado pelo poder da Palavra em um sermão e decidiu dar outra oportunidade ao seu casamento. Com freqüência, as pessoas contam que minha pregação ou uma

mensagem em particular mudou sua vida completamente. Isso é maravilhoso e um privilégio.

Recentemente, viajei para o interior. A vida lã é simples, e da mesma forma a igreja. Certo domingo, o pregador levantou-se, com a Bíblia na mão, diante de uma congregação de gente humilde como ele. Seu sermão foi simples — e adequado também — e destacou a profundidade do Evangelho de uma maneira bem singela. Deus veio da eternidade, penetrou em meu coração orgulhoso e sofisticado, e destacou o que queria. Fui transformado. Foi o milagre da pregação, a loucura que está no poder de Deus.

Chegou a hora de os pregadores lembrarem quem são e se levantarem no nome e na autoridade de Cristo diante das congregações que são céticas em relação às suas pregações. Sem pedir desculpas ou titubear, devemos levantar-nos como enviados e arautos de Cristo, para fazer a obra de Deus. E pela graça do Senhor o faremos.

Em seu excelente livro *How Shall 'They Preach?* (Como Pregarão?), Gardner Taylor define a pregação em uma esplêndida aplicação da história do vale de ossos secos, em Ezequiel 37.

Sinistramente espalhados por todo o silente deserto estavam os esbranquiçados ossos dos que já foram um exército orgulhoso e elegante. Espadas enferrujadas, bandeiras dos regimentos apodrecidas e carruagens sem rodas contavam sua história de esplendor marcial e de alguma grande batalha levada a efeito neste cenário agora tão desolado... Agora nada mais há além da imobilidade agourenta, quietude de morte e um homem e alguns ossos e, sim, lá na outra ponta um Deus que inicia uma conversa.

A vida é só isso, vales verdes que se transformam em pó e silêncio? Nossas esperanças de conquista e nossos sonhos vibrantes destinam-se a nada mais do que jazer finalmente inúteis e parados? É isto que o pregador enfrenta na interrupção da vida humana, das grandes resoluções e dos reais votos que terminam em nada? Tudo isto se destina a perecer nas pessoas que se transformaram em pigmeus e se enfearam em sua própria ganância, egoísmo, e intolerância?

O homem é interrogado por Deus... É essa a voz que soa em variadas tonalidades de alegria e tristeza no íntimo de cada pregador, desafiando, convocando, examinando, acusando, encorajando... "Filho do homem, poderão viver estes ossos?"

A vida pode surgir onde a morte soprou o seu hálito gelado? Pode a primavera aflorar onde o inverno congelou a terra em suas

garras de gelo? Podem homens velhos ter os sonhos dos jovens? ..."Filho do homem, poderão viver estes ossos?" Haverá os que enfrentam cada púlpito e sabem que fracassaram para com o seu Senhor de trabalho em trabalho... Do seu próprio jeito, eles perguntam o que Deus perguntou a Ezequiel: "Filho do homem, poderão viver estes ossos?" É a pergunta de Deus...

Uma resposta rápida e fácil, "sim", é mais do que uma meia mentira, pois o pregador não pode titubear. Por outro lado, se ele se submete a essa dúvida e diz "não...", o pregador impugna o poder do Deus Eterno. Assim, é preciso que haja uma verdade central na enunciação do pregador, pois ele permanece no meio das questões de vida e morte, com Deus certamente no meio de tudo...

Além disso, é uma gloriosa tarefa ser chamado para pregar o Evangelho. Essa terra-de-ninguém que acabamos de descrever simplesmente destaca e dulcifica a missão do pregador. Sempre que o destino de um mensageiro é estabelecido, haverá homens e mulheres há muito cativos, com os olhos desacostumados à luz que pertence aos que conhecem a gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Nas celas escuras do espírito, meio mortos, permanecem estagnados. E, então, graças a Deus, no perfil da montanha, eles vêem os pés ligeiros do mensageiro e sabem pelas suas roupas que ele é o arauto do Rei. Eles compreendem também que ele traz a palavra bem-vinda e muito esperada da poderosa batalha e de uma grande conquista, e que, por causa dessa vitória, logo as portas de sua cela se escancararão e eles se levantarão livres à luz do sol novamente. Que os pés do mensageiro não sejam bem formados, a estrutura óssea não seja simétrica, haja feias deformidades, as quais apareçam através do couro de seus sapatos, nada disso significa. Ele traz boas novas e alegres notícias. Causa admiração que um grito ecoe através da prisão? De vez em quando, mensageiros do grande Rei, vocês ouvirão isto ou alguma variação disto: "Quão formosos são sobre os montes os pés do que anuncia boas novas... que diz a Sião: O teu Deus reina!".[3]

BÊNÇÃO

Apresentamos aqui um resumo do ministério cristão. Somos pessoas sacramentais e carregamos em nosso ser e palavras o próprio poder de Deus. Somos bênçãos do Senhor para o povo do Rei. No mundo bíblico, as bênçãos eram muito mais do que

palavras bonitas. Elas carregavam o peso da eternidade, porque eram enunciadas em nome do Deus Altíssimo.

É o que nós, pastores, somos e fazemos. Fomos enviados pelo Rei para abençoar o seu povo com suas palavras e seus atos. Ultimamente, tenho levado mais a sério as bênçãos — e a mim mesmo como abençoador. Deliberadamente, coloco as mãos sobre as pessoas e dou-lhes a bênção do Senhor e a minha. Mudei a maneira de ver o povo de Deus e meu trabalho como arauto do Senhor.

Para a Igreja de Jesus Cristo e todos os pastores que estão entre o povo de Deus, eu digo:

O Senhor te abençoe
e te guarde.
O Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti,
e tenha misericórdia de ti.
O Senhor sobre ti levante o seu rosto,
e te dê a paz.
(Nm 6:24-26)

NOTAS

Introdução:
Bem-vindos ao ministério

[1] Walt Russell, "What It Means to Me" (O Que Significa para Mim?), *Christianity Today,* 26 de outubro de 1992, 30.
[2]Russell Chandler, *Racing Toward 2001* (Correndo para o Ano 2001) (Grand Rapids: Zondervan, 1992); Leith Anderson, *A Church for the 21st Century* (Uma Igreja para o Século 21) (Minneapolis: Bethany House, 1992); Leonard Sweet, *Faith Quakes* (Terremotos da Fé) (Nashville: Abingdon, 1994).
[3] George Hunter, *"Communication to Secular People"* (Comunicação com Pessoas Seculares), The Church in the 21st Century Conference (Conferência da Igreja do Século 21), Dallas, Texas, 15 de junho de 1993.
[4] Loren Mead, *The Once and Future Church: Reinventing the Congregation for a New Mission Frontier (A* Igreja Antiga e Futura: Reinventando a Congregação para uma Nova Fronteira Missionária) (Washington, D.C.: Alban Institute, 1991).
[5] Greg Asimakoupoulos, *"lhe New Endangered Species"* (A Nova Espécie em Extinção), *Leadership* (Liderança) (Inverno de 1994), 123-
[6] Ibid.
[7] Louis McBurney, *"A Psychiatrist Looks at Troubled Pastors"* (Um Psiquiatra Examina Pastores com Problemas), *Leadership* (Liderança) (Primavera de 1980), 109, 114.
[8] H. R. Niebuhr, *The Pnrpose of the Church and Its Ministry* (O Propósito da Igreja e o seu Ministério) (New York: Harper & Row, 1956), 48.
[9]James Smart, *Rebirth of Ministry* (Renascimento do Ministério) (Philadelphia: Westminster, 1960).
[10] Seward Hiltner, *Preface to Pastoral Theology* (Prefácio à Teologia Pastoral) (1956; segunda edição, Nashville: Abingdon, 1979).

2. Qual é o meu endereço?
O significado da geografia

[1] Roy Oswald, *Crossing the Boundary Between Seminary and Parish* (Cruzando a Fronteira entre o Seminário e a Igreja) (Washington, D.C.: Alban Institute, 1980).

3. Que horas são?
A questão da data

[1] Tom Peters, *Thriving on Chaos: Handbook for a Management Revolution* (Sobrevivendo ao Caos: Manual para uma Revolução de Gerência) (New York: HarperCollins, 199D, xiii.
[2] Loren Mead, *The Once and Future Church: Reinventing the Congregation for a New Mission Frontier* (A Igreja Antiga e Futura: Reinventando a Congregação para uma Nova Fronteira Missionária) (Bethesda, Md.: Alban Institute, 1991).
[3] John R.Stott, *The Contemporary Christian* (O Cristão Contemporâneo) (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1992).
[4] Robert Bellah, *Habits of the Heart: Individualism and Commitment ín American Life* (Hábitos do Coração: Individualismo e Compromisso na Vida Americana) (New York: Harper & Row, 1986).
[5] Martin Seligman, "Boomer Blues", *Psychology Today* (Psicologia Hoje), outubro de 1989;
[6] Ibid.
[7] Vance Packard, *A Nation of Strangers* (Uma Nação de Estrangeiros) (New York: McKay, 1972).
[8] James D. Hunter, *Culture Wars. The Struggle to Define America: Making Sense of the Battles over the Family, Art, Education, Law and Politics* (Guerras Culturais: A Luta para Definir a América: Entendendo as Batalhas pela Família, Arte, Educação, Lei e Política) (New York: Basic Books, 1991).
[9] Daniel Patríck Moynihan e Nathan Glazer, *The Melting Pot* (O Cadinho) (Cambridge: MIT Press/Harvard University Press, 1963).
[10] Daniel Patrick Moynihan, *"Pandemonium"* (Pandemônio), *Newsweek,* 4 de janeiro de 1993.
[11] *Fortune,* 12 de dezembro de 1993.
[12] *Forbes,* 14 de setembro de 1992.

4. De quem é esta Igreja?
A questão da eclesiologia

[1] Citado por John Jefferson Davis, *Foundations for Evangelical Theology* (Fundamentos para a Teologia Evangélica) (Grand Rapicls: Baker, 1984), 6.

[2] Os Guiness, palestra intitulada *"The Challenge to Faith of Modernity"* (Desafio à Fé da Modernidade), Dallas, Texas, 21 de agosto de 1991-
[3] Robert Patterson, "In Search of the Visible Church" (Em Busca da Igreja Visível), *Christianity Today,* 11 de março de 1991, 36-40.
[4] Ibid, 38.
[5] Míllard Eríckson, *Christian Theology* (Teologia Cristã) (Grand Rapids: Baker, 1985), 3:1025.
[6] Ibid.
[7] Helmut Thielicke, *'The Evangelical Faith* (A Fé Evangélica) (Grand Rapids: Eerdmens, 1982), 3:203.
[8] Hans Küng, *The Church* (A Igreja), trad. Ray e Rosaleen Ockenden (New York: Sheed & Ward, 1968), 25.
[9] P. T. Forsyth, *lhe Church and the Sacraments* (A Igreja e os Sacramentos) (1917; 2- edição, Naperville, Ill.: Allenson, 1955), 93.
[10] Karl Barth, *Church Dogmatics* (Dogmática Eclesiástica), ed. G. W. Bromiley e T. F. Torrance (Edinburgh: T. & T. Clark, 1936 -), 4:66.
[11] Ibid, 4:679.
[12] Jürgen Moltmann, *The Church in the Power of the Spirit; A Contrihution to Messianic Ecdesiology* (A Igreja no Poder do Espírito: Uma Contribuição para a Eclesiologia Messiânica), trad. M. Kohl (New York: Harper & Row, 1977), 6.
[13] Thielicke, *Evangelical Theology* (Teologia Evangélica), 3:244.
[14] Küng, *The Church* (A Igreja), 23.
[15] Stanley J. Grenz e Roger F. Olson, *20th Century Theology: God and the World in a Transitional Age* (A Teologia do Século Vinte: Deus e o Mundo em um Século de Transição) (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1992).

5. Prisioneiros de Cristo:
A vocação do pastor

[1] *Charles Grandison Finney: An Autobiography* (Uma Autobiografia) (1876; reedição, Westwood, N.J.: Revel, s.d.), 27.
[2] Timothy George, "From the Senior Editor", *Christianity Today,* 13 de dezembro de 1993, 15.
[3] Alfred Plummer, *A CriticaL and Exegetical Commentary on the Second Epistle of St. Paul to the Corinthians* (Uma Crítica e um Comentário Exegético sobre a Segunda Epístola de São Paulo aos Coríntios) Internacional Criticai Commentary (Edinburgh: T. & T. Clark, 1956), in loc.

[4] A. T. Robertson, *The Glory of the Ministry: PauVs Exaltation in Preaching* (A Glória do Ministério: A Exaltação de Paulo na Pregação) (1911; reedição, Grand Rapids, Baker, 1967), 40.
[5] Scott Hafemann, *Suffering and Ministry in the Spirit* (Sofrimento e Ministério no Espírito) (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), 21.
[6] Hafemann, *Suffering and Ministry* (Sofrimento e Ministério) 19-34.
[7] Plutarch, *Aemilius Paulus* (Paulo Emílio), 33.3—34.2: citado por Hafemann, *Suffering and Ministry* (Sofrimento e Ministério), 24.
[8] Victor Paul Furnish, *Second Corinthians* (Segunda Coríntios), Anchor Bible Series 32A (New York: Doubleday, 1984), 173

6. Vasos de barro:
O fardo do pastor

[1] Richard Baxter, *The Reformed Pastor* (O Pastor Reformado), rev. e ed. Hugh Martin (1656; reedição, Richmond: John Knox, 1956). Veja também John T. McNeill, *History of the Cure of Souls* (História da Cura das Almas) (New York: Harper & Row, 1951), para uma história instrutiva do ministério pastoral.
[2] W. G. T. Shedd, *Homiletics and Pastoral Theology* (Homilética e Teologia Pastoral) (1873; reedição, London: Banner of Truth Trust, 1965), 323,24.
[3] *Lectures to My Students* (Palestras para Meus Alunos) (reedição, Grand Rapids: Zondervan, 1954).
[4] Leonard Sweet, *Faithquakes* (Terremotos da Fé) (Nashville: Abingdon, 1994), 9.
[5] Richard Jackson, *Leadership* (Liderança).
[6] *Leadership* (Liderança), verão de 1995.
[7] Peter Drucker, conforme citado por Russell Chandler, em *Racing Toward 2001* (Correndo para o Ano 2001) (Grand Rapids: Zondervan, 1992), 216.
[8] Lloyd Rediger, "The State of the Clergy" (O Estado do Clero), *Clergy Journal* (Jornal do Clero), 20 de março de 1995, 48.
[9] Peter Drucker, conforme citado por Sweet, em *Faithquakes* (Terremotos da Fé), 18.

7. Secretários de Deus:
O impacto do pastor

[1] Frederick Beuchner, A Roam Called Remember: Uncollected Pieces (Um Quarto Chamado Lembranças: Pedaços Esparsos) (San Francisco: HarperCollins, 1984).

9. Lavradores e edificadores: Zelando pela Igreja de Cristo

[1] Gordon Fee, 1 Corinthians (1 Coríntios), New International Bible Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1987), 4.
[2] A. T. Robertson, Word Pictures in the New Testament (Figuras de Palavras no Novo Testamento) (Nasville: Broadman, 1930—33), 4:99. 3 Ibid.

10. Servos e mordomos: O poder da integridade pastoral

[1] Cf. K. H. Rengstorf, "ὑηρὲτηζ, ὑπηρετὲω", em Theological Dictionary of the New Testament (Dicionário Teológico do Novo Testamento), ed. Gerhard Kittel, trad. Geoffrey W. Bromiley (Grand Rapids: Eerdmans, 1964-76), 8:533,34.
[2] Gordon Fee, 1 Corinthians (1 Coríntios), New International Bible Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1987), 157.
[3] J. Duncan Derrett, Law in the New Testament (A Lei no Novo Testamento) (N.P.: s.d.), 48-77.

11. Embaixador e pregador: A autoridade do pastor

[1] Lloyd Recliger, "Beyond the Clergy Killer Phenomenon" (Por Trás do Fenômeno do Matador do Clero), Clergy Journal, 19 de agosto de 1995, 19-24.
[2] Cf. Gerhard Friedrich, "κηρυξ", em Theological Dictionary of the New Testament (Dicionário Teológico do Novo Testamento), ed. Gerhard Kittel, trad. Geoffrey W. Bromiley (Grand Rapids: Eerdmans, 1964-76), 3:683-718.
[3] Gardner Taylor, How Shall They Preach? (Como Pregarão?) (Elgin, Ill.: Progressive Baptist Publishing House, 1977), 52-56. Usado com permissão.